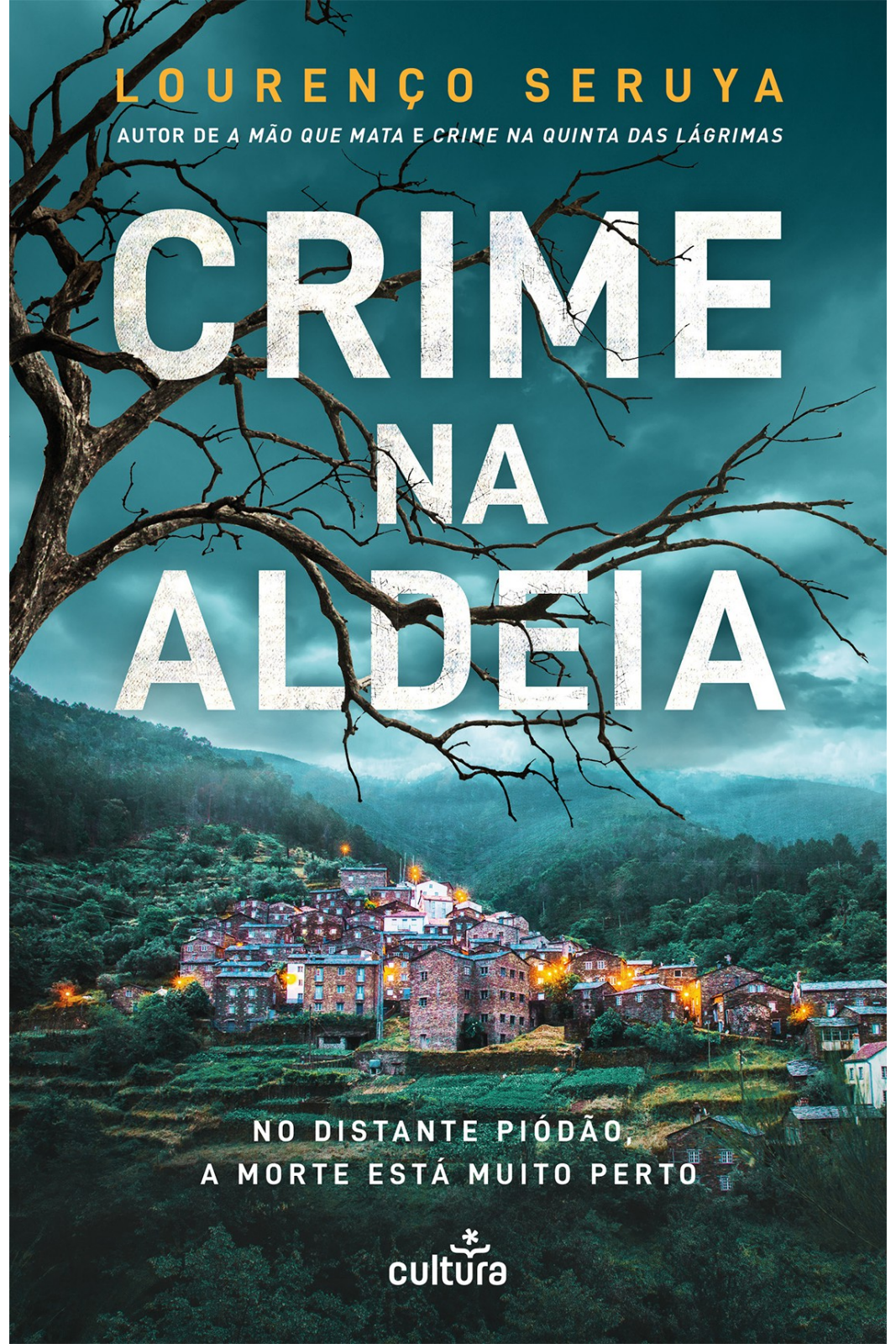




LOURENÇO SERUYA

AUTOR DE *A MÃO QUE MATA* E *CRIME NA QUINTA DAS LÁGRIMAS*

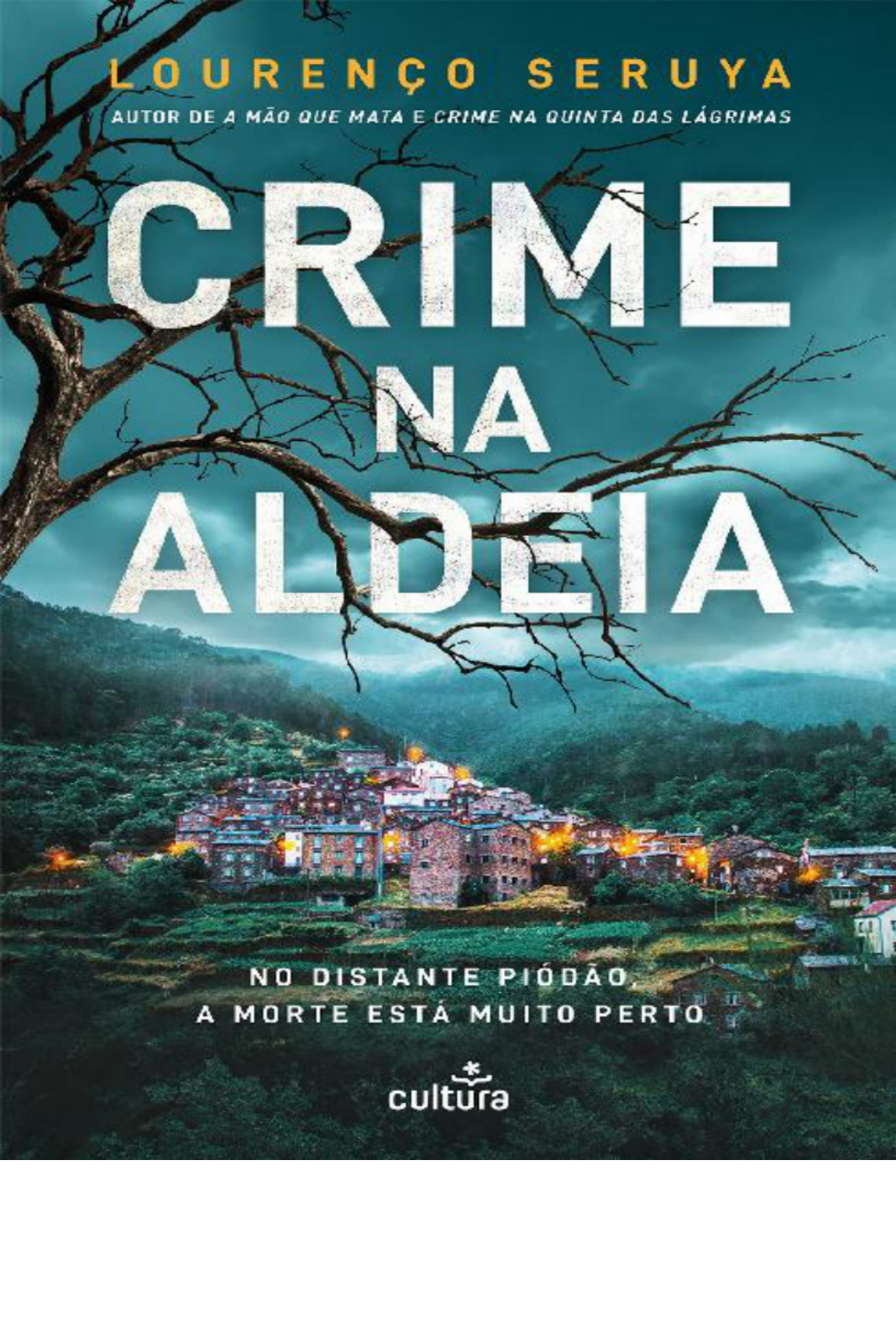
CRIME NA ALDEIA

NO DISTANTE PIÓDÃO,
A MORTE ESTÁ MUITO PERTO


cultura

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



LOURENÇO SERUYA

AUTOR DE A MÃO QUE MATA E CRIME NA QUINTA DAS LÁGRIMAS

CRIME NA ALDEIA

NO DISTANTE PIÓDÃO,
A MORTE ESTÁ MUITO PERTO.


cultura

Soltou uma expiração mais longa e pressionou a ponta aguçada contra o tubo repetidas vezes, com a mesma facilidade com que cortaria um pedaço de carne. A lâmina raspava a borracha com firmeza e foram aparecendo fissuras cada vez mais significativas, até que o movimento vertical foi interrompido de súbito. Já não havia resistência ao corte. O tubo tinha agora um buraco no meio que o separava em duas partes e delas escorria um fio de líquido viscoso. A tarefa estava concluída.

CRIME NA ALDEIA

LOURENÇO SERUYA

CRIME NA ALDEIA

NO DISTANTE PIÓDÃO,
A MORTE ESTÁ MUITO PERTO


cultura

© Lourenço Seruya e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *Crime na Aldeia — No distante Piódão, a morte está muito perto*

Autoria: Lourenço Seruya

Revisão: Miguel Cardoso Pereira

Paginação: Ana Gaspar Pinto

Capa: Vera Braga

Imagem de capa: © Shutterstock

ilustração do mapa: Marta Pedroso

FOTOGRAFIA DE AUTOR: © João Silveira Ramos

ISBN: 978-989-577-083-0

1.ª edição em papel: abril de 2024

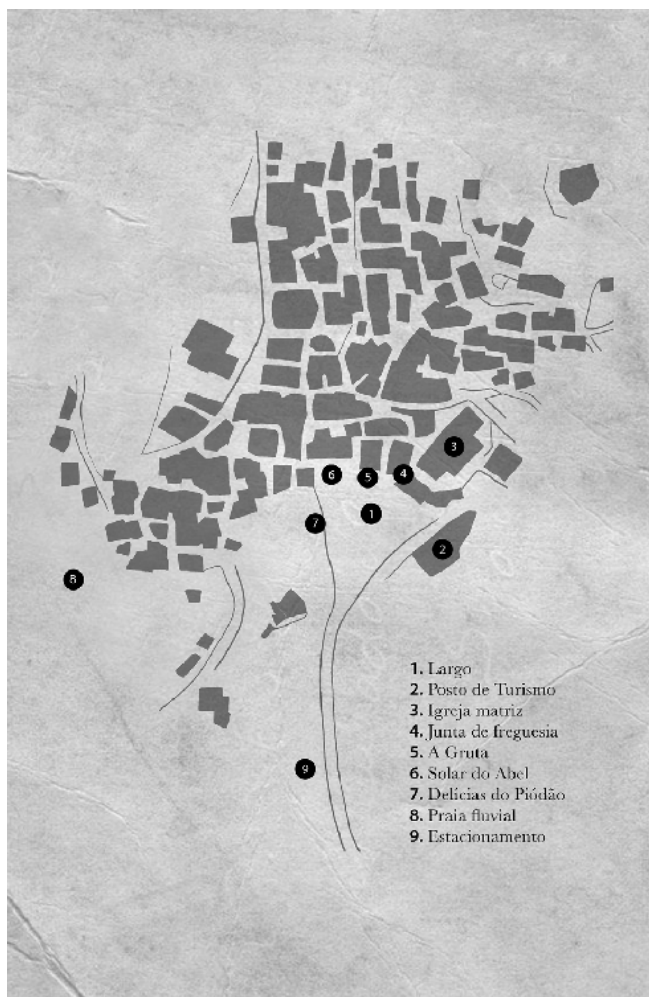
Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cultura Editora é uma chancela


infinito particular
Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Para o meu sobrinho e afilhado Xavier



1. Largo
2. Posto de Turismo
3. Igreja matriz
4. Junta de freguesia
5. A Gruta
6. Solar do Abel
7. Delícias do Piódão
8. Praia fluvial
9. Estacionamento

NOTA DO AUTOR

A história deste livro decorre na aldeia do Piódão, um dos locais mais pitorescos e deslumbrantes do nosso país. Fica situada na Serra do Açor, no município de Arganil, no distrito de Coimbra, e é uma das Aldeias Históricas de Portugal.

Por lá vivem cerca de sessenta pessoas, e as casas são todas em xisto acastanhado, com portas e janelas azuis. Vista à noite, iluminada, parece uma autêntica aldeia-presépio.

Apesar de o sítio ser real, este livro é uma obra de ficção. Todas as personagens e situações aqui descritas são fruto da minha imaginação e, por isso, qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

Por questões de conveniência do enredo, tomei a liberdade de alterar ligeiramente o nome de um dos restaurantes da aldeia.

Abril de 2023

—Chega! Acabou-se a conversa, Lucas, o assunto está encerrado!

Gabriela elevou a voz e bateu com as mãos no tampo da mesa da cozinha. O filho conseguira esgotar-lhe a pouca paciência que ainda lhe restava no final daquele dia. Saíra do trabalho na Junta de Freguesia do Piódão com a cabeça a latejar e a ansiar por um banho quente e sossego, mas, assim que entrara em casa, Lucas resgatara o tema recorrente das últimas semanas.

— Mas o avô já disse que me oferece a mota no aniversário! Tu só tinhas de me pagar a carta de condução.

— Eu já te expliquei que não tem que ver com dinheiro. Andar de mota é perigoso, sobretudo nas estradas aqui da zona, e eu não quero que tenhas um acidente. Sabes a quantidade de miúdos que...

— Eu vou fazer dezasseis anos, mãe! Não achas que eu sei que tenho de ter cuidado?! — Lucas expirou e suavizou o tom de voz. — Se eu tiver mota, tu e o avô não precisam de continuar a levar-me e a ir buscar-me à escola todos os dias. Até posso começar a ir para os treinos sozinho. Já viste como isso vos vai ajudar?

Era o único ponto em que Gabriela concordava com o filho. A escola e o campo onde ele jogava futebol ficavam em Arganil, a uma hora de distância da aldeia, o que implicava uma logística diária desgastante. Mesmo repartindo a tarefa com Raimundo, era demasiado avultado o que ela gastava em tempo e combustível naquelas deslocações. Se Lucas tivesse mota, a vida de Gabriela ficaria com certeza mais facilitada. Mas os argumentos contra tinham um peso ainda maior.

— E como é que vais pagar a gasolina? Não estás à espera que seja eu a chegar-me à frente, pois não?

— E qual é o mal?! Tu és minha mãe, porque é que não me pagas a gasolina? Todos os meus amigos recebem dinheiro dos pais.

Gabriela exalou, enervada, e virou as costas à mesa. Pousou as mãos na bancada do lava-louça e respirou fundo antes de prosseguir. Ser mãe solteira de um filho adolescente tinha tanto de exasperante como de inglório. Era a única figura de autoridade na vida do filho, recaindo apenas sobre si a responsabilidade de tomar decisões e de impor limites.

— Não me interessa o que os pais dos teus amigos fazem — disse, voltando-se para o encarar. — Se queres ter dinheiro, vai trabalhar. Até porque uma mota não precisa apenas de gasolina, tens de pagar também o seguro, as revisões...

Lucas abriu a boca para responder, mas os pensamentos interromperam-lhe a fala. Não contava com aqueles encargos adicionais que uma mota implicava, mas a solução surgiu-lhe com facilidade:

— Tudo bem, o avô paga-me essas cenas.

— Não paga coisa nenhuma!

— Porra, mas qual é o problema? — berrou Lucas, levantando-se e empurrando a cadeira. — O dinheiro é do avô, não é teu!

— Acabou! Não quero ouvir nem mais uma palavra sobre este assunto! — Gabriela tinha as faces coradas e os maxilares cerrados. — Sou tua mãe e quem decide sou eu! Para além do perigo que é andar de mota neste sítio, és um miúdo irresponsável e imaturo. Não vais ter mota, ponto final!

Lucas soltou uma gargalhada seca enquanto abanava a cabeça. O mais provável era não conseguir levar a melhor em relação àquele assunto, mas pelo menos sabia quais as palavras que tinha de dizer para conseguir magoar a mãe.

— Irresponsável, eu? Essa é boa. Que eu saiba, quem engravidou de um gajo qualquer aos dezasseis anos foste tu.



Elsa e Raimundo não se aperceberam de que eram quase oito da noite.

Abril ia a meio e a primavera já se fizera anunciar, mas eram muito poucos os sinais exteriores da sua chegada. Os dias na aldeia continuavam gelados e ventosos, pelo que a lareira continuava a ser acesa todas as manhãs.

Era precisamente no pequeno sofá defronte do fogo que Elsa e

Raimundo se aninhavam naquele momento. De mãos dadas e os corpos colados, observavam as labaredas e sussurravam sobre o que tinham feito naquele dia. O tom confidente surgia-lhes por impulso e não por imposição — estavam sozinhos em casa. Cada palavra murmurada ressoava de forma calorosa e envolvente, formando uma melodia doce da qual nenhum se cansava.

— Hoje comi as torradas com a compota de laranja que me ofereceste — disse ele, fazendo uma pausa para acicatar a curiosidade. Sabia que Elsa estava desejosa de saber a sua opinião, pelo que decidiu prolongar o silêncio.

— E que tal? — perguntou ela, franzindo o sobrolho.

Raimundo desencostou-se e desviou o olhar. Agitou a mão livre no ar, como se procurasse as palavras certas. Quando percebeu que Elsa ficara desanimada com a hipótese de receber uma crítica negativa, desmanchou a farsa e respondeu:

— Estavam uma delícia!

O suspiro de alívio que Elsa soltou foi seguido de um estalido de língua reprovador.

— Pensei que ias dizer que não tinhas gostado.

— Nada disso, a compota é maravilhosa — elogiou ele. — Nem demasiado doce nem demasiado amarga.

— É a parte mais complicada nesse doce, acertar na dose de açúcar para que o sabor fique equilibrado. Sendo assim, amanhã vou fazer mais. O Abel pediu-me para lhe vender algumas lá para o restaurante.

Elsa redescobrir o prazer da culinária assim que se reformara. As horas passadas em casa sem uma ocupação criaram-lhe ansiedade e sentimentos de culpa, consequência de uma educação rígida e antiquada que considerava o ócio como uma semente de pecados. Fora preciso ouvir vários raspanetes da filha para aceitar que merecia aquele descanso e aquela ausência de obrigações. Atingira uma idade em que lhe era permitido não ter afazeres, podia finalmente dispor do tempo com liberdade e dar-se ao privilégio de não fazer nada.

Num desses dias isentos de compromissos, dera por si a folhear o caderno de receitas da sua mãe e a mergulhar num conjunto de memórias bastante saborosas. As páginas amareladas e a caligrafia irregular tornavam quase ilegíveis as descrições e listas de ingredientes, mas lá conseguira pôr em prática alguns cozinhados. O que começara por ser um passatempo, acabara por se revelar um pequeno — mas útil — complemento

da magra reforma que auferia. Um dos restaurantes do Piódão começara a encomendar-lhe sobremesas e compotas, e as críticas dos clientes eram excelentes.

— Que boa notícia. Espero que contes sempre comigo para ser o primeiro provador.

Elsa acenou com a cabeça e respondeu que sim. Aproximou-se do rosto dele e deu-lhe um beijo demorado. Raimundo fez-lhe uma festa no cabelo e os lábios de ambos curvaram-se num sorriso, o sorriso cúmplice de quem partilha o mesmo laço de amor. Abraçaram-se durante um longo momento, o fogo crepitante a testemunhar uma ternura que se revelara tarde na vida de ambos.

Entre muitos pontos em comum, tinham ambos setenta anos. Se alguém lhes dissesse que a verdadeira felicidade apenas chegaria naquela idade, nenhum dos dois acreditaria. Ela, por falta de esperança. Ele, por desconhecer que os afetos eram a ponte mais direta para uma existência feliz.

Da casa ao lado, chegou-lhes o som de vozes altas.

Raimundo desfez o abraço e inclinou o corpo na direção da parede de pedra. A proximidade dos edifícios permitiu-lhe identificar com facilidade as vozes de Gabriela e Lucas.

— Outra vez a discutirem... — queixou-se ele.

Ultimamente, parecia que a filha e o neto eram incapazes de trocar palavras sem ser aos berros, obrigando-o a intervir como mediador todos os dias. Lucas tinha quinze anos, mas era alto, e o desporto estava a fortalecê-lo, despertando no avô um receio que o fazia ir até casa da filha sempre que as vozes subiam de tom.

— O que será desta vez? — perguntou Elsa, preocupada.

— Deve ser o costume, a mota. — Raimundo apoiou-se no braço do sofá e levantou-se. — É melhor ir lá pôr água na fervura.



— Mas o que é que se passa aqui?

Lucas aproximou-se do avô e pôs-lhe o braço à volta das costas, uma pose infantil de quem se preparava para fazer queixinhas. Fisicamente, o rapaz parecia um pouco mais velho, mas algumas das suas atitudes ainda espelhavam com nitidez a imaturidade.

— A mãe continua a dizer que não me deixa ter mota!

Raimundo esboçou uma expressão apaziguadora na direção da filha, que ficou ainda mais enervada. De faces vermelhas e punhos cerrados, foi incapaz de responder logo.

— Vá lá, Gabriela. O miúdo merece.

— A mãe dele sou *eu*! E não admito que continues a intrometer-te nas minhas decisões.

— O avô disse que tu ias deixar — atirou Lucas, agarrando-se com mais força a Raimundo. A sua presença fazia-o sentir-se cada vez mais seguro —, e que já tenho idade para começar a ser independente.

— A independência conquista-se com responsabilidade, coisa que tu nem sabes o que é. Não confio em ti para andares sozinho numa mota por estas estradas — repetiu Gabriela, com firmeza.

— Tens de dar uma oportunidade ao miúdo — tentou apaziguar Raimundo. — Não podes ser tão pessimista, estás sempre a pensar que o pior vai acontecer.

— Eu estou a ser *realista*! O Lucas está-se nas tintas para a escola, não estuda, todas as semanas recebe ocorrências de comportamento e faltas disciplinares, só quer saber do futebol. Diz-me, onde é que tu vês maturidade nestas atitudes?! Achas que com esta postura ele merece que lhe ofereçam uma mota?! E com que dinheiro é que vai sustentá-la?

— Acalma-te, não fales assim co...

— Não me acalmo coisa nenhuma! — berrou Gabriela. — Eu sou a mãe dele e eu é que tomo decisões! Não vou admitir nem mais uma palavra sobre este assunto — ameaçou, apontando o dedo indicador na direção de Raimundo.

Este não ousou responder, o que irritou Lucas. Como é que o avô se deixava vencer assim tão facilmente? Como é que um ex-militar da GNR se acobardava perante a própria filha? Lucas não entendia. Achava que a presença do avô seria milagrosa, que faria a mãe mudar de ideias. Perante esse falhanço, decidiu usar a única arma de que dispunha. Pôs as mãos na cintura, encheu o peito de ar e disse, de olhos fixos na mãe:

— Se ao menos tivesse um pai... Mas nem isso tu me dás. Vá lá que tenho o avô.

Lágrimas de raiva assomaram aos olhos de Gabriela, de tal forma que nem conseguiu emitir um som. As palavras estavam-lhe travadas na garganta pela fúria e a dor aguda no peito fê-la sair da cozinha e correr até ao quarto, batendo com a porta.

Sentou-se na cama e juntou os joelhos no peito, abraçando-os com força. As lágrimas caíam em catadupa, vertendo-se de uma fonte inesgotável de dor e tristeza. Que mágoa tão extensa aquela que a cobria desde os dezasseis anos... Um sentimento que a rasgava por dentro e lhe aniquilava a capacidade de encontrar alegria na vida. O esforço que fazia para encontrar prazer no dia a dia, em pequenas coisas, era sobre-humano. Nunca mais fora capaz de se sentir feliz. Todas as sensações alegres eram fugazes e tinham o fim à vista.

Gabriela perdeu a conta ao tempo que passou, podia ter sido meia hora, duas horas, não sabia. A única certeza que tinha era de que o choro aliviara um pouco a dor, como se se tratasse de um anestésico. Quando desceu as escadas e retornou à cozinha, encontrou Raimundo e Lucas sentados à mesa, este último a acabar de jantar. Ergueram o olhar para ela, que se encostou à ombreira da porta com os braços cruzados.

— Não vais comer nada? — perguntou Raimundo.

— Amanhã saímos às sete e meia — informou, olhando para Lucas. — Tenho uma reunião às nove em Arganil.

— Amanhã só tenho aulas à tarde — disse o filho.

— De manhã tens explicação com a Sofia — interveio Raimundo.

Lucas soltou um esgar de desprezo:

— Vês? Até o avô sabe. Estamos quase no final do ano letivo e ainda não decoraste que à terça-feira só tenho aulas da parte da tarde. Bela mãe...

Gabriela descruzou os braços e avançou pela cozinha:

— Acabaram-se as explicações!

Raimundo expirou fundo e abanou a cabeça. De cotovelos apoiados na mesa, disse:

— Filha, tu não andas bem. Tens mesmo de te acalmar. Que ideia é essa de acabares com as explicações do miúdo?

— Cala-te! — O berro dela fê-los saltar de susto. Lançou um olhar gélido para Raimundo e ordenou: — Sai daqui! Estou farta, farta! Acabou-se a paciência. Vais-te embora imediatamente e não voltas aqui! Só sabes estragar a educação que dou ao meu filho. Dizes-lhe que sim a tudo, por isso é que ele está assim! — Gabriela fez uma pausa para recuperar o fôlego. Apontou para a porta e repetiu: — Desaparece. E tu, Lucas, vais-te deitar imediatamente. Amanhã à tarde, quando voltar para casa, vamos ter uma conversa muito séria.

2

Elsa deixou a casa de Raimundo e seguiu com pressa pela rua, aconchegando o cachecol para se proteger do ar frio. Àquela hora não se via viva alma nas ruas da aldeia, a maior parte dos habitantes estaria a preparar o jantar ou já a comê-lo. O percurso demorou cerca de um minuto e, antes de entrar em casa, passou a mão pelo cabelo, alisando-o.

A casa estava escura e silenciosa. Despiu o casaco e tirou o cachecol com satisfação no rosto, calculando que Vicente ainda estaria no restaurante em convívio de fim de dia. O Solar do Abel era o poiso regular do marido, que só costumava retornar a casa para jantar pelas oito e meia. Elsa pendurou o casaco no bengaleiro junto à porta e, de repente, ouviu um clique atrás de si e as luzes da sala acenderam-se.

— Boa noite — disse Vicente, com a mão no interruptor.

O coração de Elsa disparou e sentiu as faces aquecerem.

— Assustaste-me.

— Onde é que andaste até esta hora?

— Achei que não estavas em casa, como vi tudo apagado. Vou fazer o jantar.

Atravessou a pequena sala na direção da cozinha, mas o marido barrou-lhe a passagem.

— Fiz-te uma pergunta. Não me obrigues a repeti-la.

Elsa recuou um passo e sentiu o corpo tremer. Estavam juntos há mais de quarenta anos e em momento algum ela sentira medo do homem com quem escolhera casar. Os conflitos que surgiam pautavam-se apenas por elevações de voz de ambos os lados, nada mais que isso. Contudo, nos últimos meses crescera nela uma insegurança que a retraía nas conversas

com Vicente. Apertou as mãos trémulas e deu mais um passo atrás, incapaz de manter os olhos no marido. A cabeça baixou e o olhar fixou-se no chão de pedra, a voz interior a recomendar-lhe que respondesse com rapidez. Era a única forma de camuflar a culpa.

— Estive em casa da Inácia. Fui lá entregar-lhe uma compota — disse Elsa, com a voz por um fio. O medo fê-la impulsionar ligeiramente o corpo para a frente, mas o marido continuava junto à porta da cozinha, de mãos na cintura.

— Curioso. Acabei de a ver no Solar do Abel.

— Ah, pois... — gaguejou Elsa, as mãos cada vez mais agitadas. — Ela disse-me que ia para lá. Bom, se me dás licença, tenho de ir preparar o jantar — disse, apontando para a cozinha.

Vicente não se moveu um centímetro e manteve os olhos cravados na mulher. Elsa sentia o coração em batidas insistentes contra o peito e não teve outra opção a não ser permanecer no sítio. Quando a ideia de se dirigir ao quarto lhe veio à cabeça, afastou-a de pronto. Sair dali naquele momento seria a confirmação de que estava a mentir. E o marido não estava disposto a deixá-la sair da divisão.

Elsa gelou ao sentir a frieza com que Vicente a olhava. Desaparecera qualquer resquício de respeito que ele ainda pudesse ter por ela. O marido avançou. A fúria silenciosa que emanava do corpo dele fê-la erguer os braços e franzir o rosto, preparando-se para o pior. Tinha a certeza de que Vicente *sabia*, e que iria ajustar contas com ela ali mesmo, naquele instante. O corpo de Elsa contraiu-se e ela susteve a respiração, antecipando a primeira pancada. Culpou-se pelos encontros furtivos com Raimundo. Cedera a uma tentação e agora iria ser castigada por isso. Não poderia responsabilizar ninguém a não ser ela própria.

Os segundos passaram e Elsa ainda não tinha sentido nada. Atreveu-se a entreabrir os olhos e vislumbrou Vicente dar um passo para o lado, depois de ter feito um indecifrável compasso de espera. Elsa baixou os braços e o corpo aliviou um pouco a tensão. Ainda de cabeça baixa, aproveitou o desvio dele e seguiu para a cozinha, pegando de imediato numa panela e enchendo-a com água. Pô-la ao lume e foi abrindo os armários, colocando os pratos e talheres sobre a mesa. Fazia tudo por virar as costas à porta, consciente de que o marido a observava de lá. Assim que se preparava para pôr o esparguete na água a ferver, a voz dele fê-la tremer de novo:

— Pensas que sou estúpido?

Elsa deixou cair o pacote, espalhando os fios de massa pelo chão da cozinha. Agachou-se para os recolher, aproveitando o gesto para não ter de responder.

Vicente entrou na divisão e pôs-se à frente dela, pisando o esparguete cru ainda estava por apanhar. Elsa levantou o olhar e a desvantagem da sua posição aumentou o medo. O marido parecia muito maior e a rigidez do seu rosto fê-la encolher-se. Assim que ele inspirou fundo, Elsa largou o pacote e ergueu as mãos junto à cara, antecipando a dor que ia sentir.

— Não me magoes... — gemeu.

O marido manteve-se na mesma posição durante algum tempo. Sabia o que ia dizer e sabia qual o efeito de prolongar o silêncio. Inclinou ligeiramente o tronco e aproximou-se de Elsa. O hálito azedo dele impregnou-lhe as narinas, mas, naquele momento, isso era o menor dos seus desconfortos. Nesse instante, ouviu-o rosnar entredentes:

— Ou acabas com isto, ou dou cabo de ti...

3

— Abel, põe aqui mais um pedaço — pediu Raimundo, erguendo o copo.

O dono do restaurante foi até à sua mesa com a garrafa de licor de castanha.

— Olha que estou a apontar a despesa — avisou Abel, vertendo o líquido. — Já é o terceiro.

— Mas alguma vez te fiquei a dever alguma coisa? Larga-me da mão, que tive uma noite difícil.

O Solar do Abel ficava no largo da aldeia e, além de servir refeições, tinha uma loja adjacente onde se vendiam todo o tipo de produtos regionais: artesanato, enchidos, compotas, licores e até camisolas e casacos de lã. Pairava no ar um agradável cheiro a presunto e queijo, que de imediato abria o apetite a quem lá entrava.

As paredes brancas eram encimadas por um teto em madeira, na qual troncos compridos e envernizados serviam de traves. Àquela hora, os jantares já tinham sido servidos e as pessoas distribuíam-se pelas mesas a beber café ou digestivos. As conversas desenrolavam-se animadas e confidentes, o clima familiar dos sítios onde todos se conhecem.

Raimundo cumprimentara um grupo de homens ao chegar, mas depois optara por ficar sozinho numa mesa. Queria recapitular as últimas conversas com a filha. Gabriela estava descontrolada, explodia à mínima coisa. E a resistência que fazia à possibilidade de Lucas ter mota... Um exagero, na sua opinião. A negatividade da filha deixava-o desconcertado, não entendia porque é que ela achava sempre que o pior ia acontecer. Era verdade que o desempenho escolar do miúdo deixava bastante a desejar, mas talvez a oferta da mota constituísse um incentivo para ele se aplicar

mais.

Deu mais um gole no licor e, no momento em que pousou o copo, viu a filha de Abel entrar. Sofia tinha dezanove anos e uma figura atraente. Rosto luminoso, cabelo louro e liso, movia-se com o à-vontade e a confiança de quem tem consciência dos seus atributos. Sendo uma das poucas jovens que habitavam a aldeia, eram constantes os olhares que se viravam à sua passagem. Abel, atento à filha e às atenções que despertava, certificava-se de que ninguém pisava o risco com piropos ou comentários.

Sofia trabalhava no restaurante e na loja, e desde há uns meses também ocupava o tempo a dar explicações de matemática ao neto de Raimundo. A jovem dirigiu-se ao balcão e inclinou-se para dizer algo ao pai. Abel assentiu com a cabeça e, quando Sofia se virou e viu Raimundo na mesa do canto, o sorriso com que entrara desapareceu. O homem fez-lhe sinal com a mão e disse:

— Chega aqui, rapariga.

Sofia aproximou-se devagar e sentiu os joelhos a tremer a cada passo.

— Boa noite, senhor Raimundo — cumprimentou, em voz baixa.

— Quero ter uma conversa contigo, senta-te aí.

A rapariga olhou para trás na direção de Abel, que estava ocupado a repor latas de refrigerantes na montra por baixo do balcão.

— Eu... prefiro ficar de pé.

— Tens medo que o teu pai te dê uma reprimenda? Deixa isso, só te quero falar por um minuto ou dois.

Sofia hesitou, de boca entreaberta, e voltou a fixar-se em Abel.

— É que tenho de o ajudar a arrumar o restaurante...

— Mas ainda falta uma hora para fecharem. Pronto, fica aí de pé — acedeu Raimundo, bebendo de um trago o resto do licor de castanha. — O que eu vou dizer também não demora nada. A minha filha informou-me há bocado de que vai acabar com as explicações que estás a dar ao meu neto.

Sofia esfregou as mãos uma na outra e apenas conseguiu articular um monossílabo:

— Pois...

— Tem calma, rapariga. Não concordo nem um pouco com o que a Gabriela está a fazer. Acho que ela perdeu o juízo, e amanhã vamos ter uma conversa como deve ser. Não te preocupes que não vais perder o trabalho, eu sei que este dinheirinho extra te faz falta.

— Deixe estar, senhor Raimundo, não é preciso.

— Não é preciso? É preciso, sim. O meu neto não entende patavina de

números nem de contas, as explicações são muito importantes para ele ter melhores notas. Não sei por que raio foi ele escolher a área de Economia, mas isso é outro assunto.

— Não vale a pena... Eu agradeço-lhe, mas não precisa de se incomodar.

— Não é incómodo nenhum, rapariga. A Gabriela precisa de ser chamada à atenção. Onde é que já se viu castigar o miúdo desta forma? Tirar-lhe as explicações de Matemática?! Ela está muito... Nem sei que palavra utilizar. Louca? É isso mesmo, a minha filha enlouqueceu.

— Prefiro que este assunto fique por aqui, senhor Raimundo. Eu fico bem. Tenho trabalho aqui com o meu pai, por isso...

— Tens receio de que a Gabriela ache que me vieste pedir para falar com ela? Fica descansada, eu explico-lhe bem direitinho que não tiveste nada que ver com isto.

Sofia preparava-se para insistir no esquecimento daquele assunto, mas foi interrompida pela abertura repentina da porta do restaurante. A força com que o fizeram cessou as restantes conversas e o Solar do Abel mergulhou no silêncio, as atenções voltadas para a entrada. Vicente estava em pé, de mãos na cintura, e percorreu a sala com o olhar, fixando-se com firmeza no canto onde estava Raimundo.



Lucas subira para o quarto sem abrir a boca. A mãe ainda murmurara *boa noite*, mas nem sequer lhe respondera. Gritara com ele e com o avô, e recusara-se a ceder no assunto da mota. Portanto, daí em diante, Lucas não lhe dirigiria a palavra. Até Gabriela mudar de ideias, a única coisa que receberia da sua parte era silêncio.

O quarto era pequeno e a cama e a secretária mal cabiam. Por toda a divisão se viam objetos relacionados com futebol: uma caderneta de cromos alusivos a um campeonato, cachecóis, uma camisola da Seleção, um par de chuteiras e alguns *posters*. Quer fosse durante as aulas quer fosse fora delas, os pensamentos de Lucas eram povoados por jogadas, fintas, remates e golos.

Contudo, naquela noite o seu imaginário divergira para outra zona. A raiva que sentia pela mãe ocupava-lhe cada poro do corpo, só lhe apetecia pontapear objetos. Sentado na cama, apertava as mãos e batia com elas nos joelhos, à procura de uma ideia que lhe devolvesse o ânimo.

Tinha o telemóvel ao lado, sobre o edredão, e pegou nele. Deslizou até ao WhatsApp e abriu a conversa. Enviou uma mensagem rápida, ansiando que a resposta surgisse com a mesma rapidez. Mas teve de esperar alguns minutos. Antes de responder, Lucas olhou para as horas no canto superior esquerdo do ecrã. Eram dez e meia.

Remoeu na hipótese apenas por uns segundos e respondeu, enfim, os dedos a alternarem com destreza entre as teclas no ecrã. Dessa vez, a resposta surgiu mais rápida:

Tens a certeza?

Lucas inspirou fundo e rodeou o quarto com o olhar, cada parede a trazer-lhe de volta uma onda de memórias. Aquele cantinho testemunhara-lhe o crescimento, vira-o chegar à adolescência e servira-lhe de refúgio nos momentos mais duros, quando ansiava por respostas que a mãe não lhe dava. Voltou a focar-se no telemóvel e escreveu:

Sim, tenho a certeza.

Quando enviou a mensagem a confirmar a sua convicção, sentiu de imediato um formigueiro percorrer-lhe o corpo. O coração batia-lhe com tanta força contra o peito que parecia querer saltar dali para fora.



Abel largou a lata de *Ice Tea* e enrugou a testa, fechando o vidro da montra refrigerada.

— Mais cuidado, Vicente, isto não é o portão do estábulo.

O homem continuava de olhos postos em Raimundo e ignorou o comentário do dono do restaurante. Assim que Vicente se sentou a uma mesa junto à porta, as conversas retomaram e o Solar encheu-se do habitual burburinho. O ecrã plasma no alto da parede transmitia mais um episódio de novela, mas nenhum dos clientes parecia interessado.

Sofia estava agora atrás do balcão, ao lado de Abel, que a instruía sobre os produtos que iriam receber do fornecedor na manhã seguinte.

Raimundo ponderou beber mais um licor, mas a pontada que começara a sentir na parte de trás da cabeça fê-lo mudar de ideias. Não era uma dor aguda, mas sim um latejar insistente que pedia sono e descanso.

Arrastando um pouco os pés, foi até ao balcão e retirou a carteira do bolso do casaco. A mesa à qual Vicente se sentara estava bastante perto.

— Tira aí a despesa — pediu Raimundo. Abel disse o montante e ele

estendeu-lhe uma nota. — Aqui está. Fica com o troco.

— Obrigado. Vai com jeitinho, bom descanso.

— Mal chegue, vou encostar-me, que amanhã de manhã tenho consulta na Covilhã. Vou ver se a máquina continua a funcionar bem — disse, apontando para o peito.

Vicente rodou na cadeira, ficando de frente para a zona do balcão. Dada a proximidade, não precisara de se esforçar para ouvir a conversa.

— Tem cuidado.

Raimundo olhou para ele e franziu a testa. Partilhavam o mesmo grupo de amigos, mas era mais uma relação de circunstância do que uma amizade. Num espaço tão pequeno como o Piódão, ninguém era estranho ou desconhecido, havia um mínimo de conhecimento sobre as vidas de todos os habitantes. Pelo que Raimundo sabia, apesar de Vicente não primar pela simpatia, sempre fora uma figura pacata. O tom sugeria algo bastante longe de uma preocupação bem-intencionada.

— Cuidado com o quê? — questionou Raimundo.

Vicente empurrou a cadeira devagar e levantou-se, aproximando-se do balcão com passos vagarosos. Os dois homens encararam-se, separados por uma curta distância, e a voz de Vicente fez-se ouvir num tom duro:

— Parece que amanhã dão chuva torrencial. Tem cuidado na estrada.

4

Era uma da manhã quando a sombra cruzou o largo da aldeia.

A iluminação era ténue e não se ouvia um único ruído. Os poucos candeeiros pendiam solitários das fachadas dos edifícios, mal conseguindo projetar luz pela extensão da praça.

Olhou em volta para confirmar que o silêncio correspondia realmente à ausência de movimento. O ar gelado da noite feria-lhe os ossos e a pele da cara enquanto rodava a cabeça. Não viu ninguém. Observou com mais rigor as janelas que circundavam o largo e não descortinou um único sinal de presença humana.

Avançou mais um pouco, pisando com desvelo o chão de xisto. As mãos enluvadas dentro dos bolsos do casaco abriam-se e fechavam-se com força, não conseguindo perceber se esse movimento se devia ao frio ou à antecipação do que ia fazer dentro de segundos.

Assim que ultrapassou o limite do largo e pisou o alcatrão da estrada, os passos e a pulsação aceleraram, ciente de que o destino estava cada vez mais próximo. A fila de carros estacionados que se apresentava à sua direita prendeu-lhe a atenção e bastaram-lhe apenas mais alguns passos até chegar ao *Peugeot 406* prateado.

Ajustou ainda mais as luvas às mãos e deitou um último olhar ao percurso que acabara de percorrer. A mudança na respiração fez com que o vapor de água lhe saísse com mais intensidade pela boca.

É agora.

O *capot* foi aberto e a vareta colocada de forma a mantê-lo vertical. Retirou a pequena lanterna do bolso junto ao peito e apontou-a ao motor do veículo. As peças e cabos aglomeravam-se num emaranhado sujo e

confuso que exigia uma redobrada atenção. O carro tinha mais de vinte anos e a sua utilização diária acumulara manchas de óleo e pó por todas aquelas peças.

Assim que identificou o tubo que procurava, a mão direita deslizou até ao bolso e retirou o canivete, soltando a lâmina com a rapidez de quem já conhece aquele movimento. Aproximou-a do tubo e encostou-a à superfície de borracha, sentido um ligeiro tremor na mão quando a lâmina procedeu ao primeiro corte.

Soltou uma expiração mais longa e pressionou a ponta aguçada contra o tubo repetidas vezes, com a mesma facilidade com que cortaria um pedaço de carne. A lâmina raspava a borracha com firmeza e foram aparecendo fissuras cada vez mais significativas, até que o movimento vertical foi interrompido de súbito. Já não havia resistência ao corte.

O tubo tinha agora um buraco no meio que o separava em duas partes e delas escorria um fio de líquido viscoso. A tarefa estava concluída.

Devolveu o canivete fechado e a lanterna aos bolsos, depois retirou a vareta e baixou com cuidado o *capot*, que emitiu um ruído metálico ao voltar à posição horizontal. Havia ainda outra coisa que tinha de fazer. Espreitou mais uma vez em volta, certificando-se de que continuava a não haver ninguém por perto. Nada. Começou então a executar a segunda tarefa.

Minutos mais tarde, quando a concluiu, a sombra afastou-se dos carros e desapareceu pelo caminho de volta à aldeia, a sua presença a esfumar-se no ar frio da noite.

No dia seguinte

Terça-feira

5

Gabriela rodou a chave na ignição pela quarta vez, mas o carro não pegou.

— Merda!

Bateu com as mãos no volante e olhou para o relógio de pulso. Eram oito e dez da manhã.

Desligara sem querer o despertador e dormira mais trinta minutos, atrasando todo o seu planeamento. Tomara um duche a correr, vestira a primeira coisa que lhe aparecera no armário e saíra de casa sem comer. O céu estava encoberto e prometia chuva a qualquer momento.

Queria ter saído pelas sete e quarenta e cinco, para percorrer com calma o caminho até Arganil, mas, tendo em conta a hora, já não iria estar na reunião às nove. Aliás, se o carro não pegasse, nem sequer conseguiria lá chegar.

Isso não é opção, disse para si mesma. Expirou o ar com irritação e deu mais uma pancada no volante. O *Opel Corsa* vermelho tinha dez anos, mas nunca lhe dera problemas. Por que raio tinha de avariar precisamente naquele dia?!

Gabriela pegou na mala com o computador e saiu do carro. Atravessou a correr a praça da aldeia, percorreu duas ruas e foi de imediato bater à porta ao lado da sua casa. Raimundo ainda devia estar a dormir, fazendo-a premir com insistência a campainha. A demora do pai fê-la ficar ainda mais nervosa e praguejar até esgotar os insultos. Ele lá abriu a porta, em roupão e chinelos, e a diferença de luz do interior da casa para o exterior fê-lo franzir os olhos.

— Preciso que me emprestes o teu carro. O meu não pega e já estou

atrasada para a reunião — atirou Gabriela.

— Bom dia para ti também.

— Vá lá, dá-me a chave que eu não tenho tempo.

Raimundo fez um esgar irritado.

— Que modos são esses? Ainda não te passou a birra de ontem? — Esfregou os olhos e soltou um bocejo. — O que se passou com o teu carro?

— Não sei, deve estar sem bateria ou algo assim, tentei ligá-lo várias vezes e não deu. Dá-me as chaves do teu — pediu ela, com urgência.

— Não posso, vou daqui a pouco à Covilhã para uma consulta com o cardiologista. Devias ter-me avisado com mais antecedência, agora já não posso desmarcar. O doutor Pimenta tem um lista de espera que...

— Mas tu achas que eu sabia que a merda do carro ia ficar assim?! — interrompeu Gabriela. — Eu nunca te peço nada, deixa-me levar o teu!

Raimundo ponderou durante uns segundos. Começar o dia a discutir com a filha era tudo o que não lhe apetecia.

— Então e a minha consulta?

Gabriela exalou, enervada, e disse:

— A reunião que vou ter é muito mais importante do que isso. O meu trabalho na junta está dependente dela. Portanto, remarca a consulta, pede boleia a alguém, sei lá, inventa. Queres ser um bom pai? Tens aqui a tua oportunidade: dá-me a chave do carro.

Raimundo olhou para ela sem conseguir reagir. Àquela hora da manhã não tinha capacidade para prolongar a discussão, pelo que virou costas e entrou em casa. Regressou com a chave do carro na mão e, antes de a entregar à filha, disse:

— Fiquei muito preocupado com o que disseste ontem ao Lucas.

— Não! — rosnou Gabriela, com o dedo em riste. — Nem te atrevas a voltar a falar disso, o assunto da mota está encerrado.

— Estou a falar das explicações de Matemática — corrigiu Raimundo. — Não acabes com isso, é uma ajuda tão importante para a escola. Se queres castigá-lo, tira-lhe o telemóvel ou o computador, mas não termines as explicações com a Sofia.

— Era só o que me faltava...

— Tens de ser mais ponderada. Se refletires bem, vais perceber que não faz sentido...

— Chega! Para de te meteres na nossa vida, a mãe do Lucas sou *eu*!

Raimundo suspirou com desalento. As nuvens por cima deles formavam um amontoado cada vez mais escuro.

– Foi apenas um conselho. Só quero o melhor para o Lucas.

– Dispensos os teus conselhos – respondeu Gabriela, arrancando-lhe a chave da mão. Segurando a pasta com firmeza, desapareceu pela rua e apressou-se até ao estacionamento a seguir ao largo da aldeia, vendo de imediato o *Peugeot 406* prateado de Raimundo.

Entrou no carro, atirou a pasta do computador para o banco do passageiro e consultou as horas. Eram oito e trinta e dois.

– Merda para isto tudo! – resmungou, amaldiçoando o despertador, o carro e Raimundo.

O melhor que tinha a fazer era tentar não se atrasar muito mais. Apertou o cinto, rodou a chave na ignição e arrancou a fundo no preciso momento em que desatou a chover uma carga de água.

6

Passavam poucos minutos das nove da manhã.

A confusão que se instalara na estrada perto do Piódão fazia adivinhar que acontecera algo de muito grave. Uma ambulância amarela fluorescente do INEM, carros da GNR e dos bombeiros, várias vozes a gritarem ordens e uma necessidade urgente de desviar o trânsito que se acumulara em ambos os sentidos.

A chuva abrandara e caía em pequenos pingos sobre os paramédicos e bombeiros, que se articulavam com os guardas para encontrarem a solução mais eficaz para aquela tragédia.

Dois elementos da GNR aproximaram-se da berma da estrada, observando a abertura na barreira metálica por onde o carro se despistara.

— As pessoas não têm cuidado nenhum — comentou o mais velho. — Açam que conduzir com chuva é o mesmo que conduzir em piso seco.

Deram mais uns passos e espreitaram lá para baixo. No fundo da ribanceira, estava um *Peugeot* prateado completamente destruído. O carro ficara de lado, contra uma árvore, e tinha a chapa amolgada e riscada em várias zonas. O tejadilho abatera e os vidros estavam partidos, havendo vários ramos e folhas a cobrir a viatura. Não havia um único sinal de vida no interior.

Os guardas voltaram-se para a estrada e olharam com atenção para o piso, fazendo um cálculo de qual teria sido a trajetória do carro.

— É estranho... Não há marcas de travagem no chão — apontou o mais novo.

A estrada estava húmida, algumas das poças a refletirem o céu cinzento, mas não viram um único traço escuro da borracha dos pneus. Ficaram em

silêncio durante alguns minutos, equacionando velocidades, distâncias e ângulos de viragem. Mesmo com o piso molhado, se o condutor tivesse travado, haveria evidências disso.

— Pode ter sido suicídio — sugeriu o colega. — Ou então sentiu-se mal e desmaiou.

— É capaz. O acidente não parece ter envolvido mais nenhum carro — comentou, olhando à volta.

Estando o veículo no fim da ribanceira, foi pedido um camião-grua para o remover.

Entretanto, um bombeiro e um paramédico iniciaram a descida para identificação de possíveis sobreviventes, processo efetuado com cordas e arneses e observado com atenção pelos outros elementos de intervenção. Dois dos guardas já se encontravam a desviar os carros para um sentido alternativo.

Viram o bombeiro e o paramédico calçarem luvas de látex e debruçarem-se com cuidado sobre o interior do veículo, evitando os cacos pontiagudos das janelas. Minutos mais tarde, o bombeiro retirou uma pasta coberta de terra e sangue e abriu-a. Para além de um computador portátil deformado, encontrou uma carteira igualmente suja e consultou o interior. Trocou umas impressões com o paramédico e apontou para cima na direção da estrada.

Assim que subiu a ribanceira enlameada, o bombeiro partilhou o veredicto:

— O carro tem apenas uma pessoa, sentada no lugar do condutor. Deve ter morrido logo com o impacto da queda.

A notícia foi recebida com pesar e ninguém comentou.

— Conseguimos recuperar a carteira e alguns pertences dela — prosseguiu, exibindo um cartão de cidadão vincado e com vestígios de terra. — A vítima chama-se Gabriela Tavares.

Bruno pôs a cápsula vermelha e pressionou o botão da máquina, observando o fio de café a deslizar para a chávena. Deixou a espuma acastanhada acumular-se no topo e foi-se sentar no chão junto à porta envidraçada da sala.

Coimbra estava a amanhecer. A luz pálida da madrugada entrava pela janela, anunciando um novo dia. As águas-furtadas onde morava ficavam no centro da cidade e garantiam uma vista desafogada sobre ela.

Bruno começava as manhãs sempre com aquele ritual de silêncio e caféina — um dos privilégios de viver sozinho. A cada gole ia sentindo o cérebro a despertar, os pensamentos começavam a deslizar-lhe pela cabeça e as vontades despontavam-lhe pelo corpo.

Passara um mês e meio desde o desfecho do caso na Quinta das Lágrimas.

Um mês e meio desde que se envolvera pela primeira vez com Carolina, a inspetora com quem partilhara a investigação na Quinta. Ninguém na Polícia Judiciária sabia do seu relacionamento, não só por nenhum deles querer ser tema de conversa entre os colegas, mas também pela imposição irrevogável do inspetor-chefe: *Nesta brigada não há namoros. Quem se envolver com um colega vai para o olho da rua.*

Ninguém ousava questionar as suas diretrizes, muito menos a sua autoridade, pelo que Bruno e Carolina assumiam uma postura fria e distante no trabalho. Era difícil conter os impulsos de ternura e carinho, mas não cediam, pois o mínimo deslize plantaria a desconfiança em quem os rodeava. Não havia ninguém mais difícil de enganar do que inspetores da PJ.

Aquele molde dissimulado não era o que Bruno idealizara para um

namoro, mas acabara por se conformar. Gostava de Carolina, e isso era o mais importante.

Deu o último gole no café e pousou a chávena. A bebida quente deixara-lhe um sabor agradável na boca e inspirou fundo. Uma corrente de entusiasmo percorria-lhe o corpo e um sorriso sereno desenhava-se no seu rosto. Estava calmo e feliz como há muito não acontecia.



O som da campainha ecoou pelo pequeno apartamento. Bruno levantou-se e foi abrir, antecipando o abraço que ia dar. Tinha combinado com ela encontrarem-se antes de ir para o trabalho e ansiava por aqueles minutos com fulgor, queria prolongar cada segundo por um tempo infinito.

Carolina vinha ligeiramente ofegante e Bruno atribuiu o semblante sério a ela ter acabado de subir quatro lanços de escadas.

— Bom dia, amor — murmurou, envolvendo-a. Deu-lhe um beijo na cabeça e assim permaneceram, entrelaçados.

A pouco e pouco, Carolina foi desfazendo o abraço, fitando o rosto sonolento que se apresentava diante de si. Os olhos dele eram castanhos e ligeiramente rasgados, a barba da mesma cor, e via-se uma pequena cicatriz diagonal na bochecha esquerda. A testa tinha uma marca igual, consequência do final da sua última investigação em Lisboa. O cabelo moreno e ondulado estava espetado em algumas zonas.

Do outro lado, Bruno via um rosto bastante mais desperto que o seu, no qual se evidenciavam uns olhos escuros e brilhantes que não se cansava de admirar. Carolina tinha cabelo castanho, liso, e ele sentiu com gosto o aroma do champô de alperce. Fora o primeiro cheiro que lhe associara, assim que se conheceram.

— Apetecia-me um café — disse ela, puxando-o para a cozinha.

Enquanto preparava a máquina e a chávena, Bruno sugeriu:

— Hoje podíamos jantar.

— Não me dá muito jeito, combinei jantar com os meus pais.

— Vem cá ter depois, então. E dormimos juntos.

— Não sei a que horas vou sair de casa deles.

Nesse momento, o sorriso de Bruno esmoreceu. Virou as costas à máquina do café e fitou-a. Carolina estava encostada à parede, de braços

cruzados, e tinha a cabeça baixa, concentrada num qualquer ponto no chão.

— Mesmo que seja tarde, podes vir — disse ele. — Já não dormimos juntos há vários dias.

Carolina assentiu, mas faltaram-lhe as palavras. Fugiu com o olhar para a parede em frente e fungou, passando o dedo pelo nariz.

— Desculpa, ando cansada... E a verdade é que consigo sempre dormir melhor na minha cama. Se o jantar não acabar tarde, venho aqui ter.

Bruno observou-a durante um tempo e depois voltou a atenção para a máquina. Entregou-lhe a chávena de café e ela agradeceu, fazendo-lhe sinal para que fossem até à sala. Sentaram-se no sofá, de frente para a janela, um silêncio amargo a pairar sobre eles.

— Já lhes falaste sobre nós? — perguntou Bruno.

Carolina levou a chávena à boca e bebeu mais um pouco.

— Ainda não. Dá-me tempo, Bruno... As coisas com o João Pedro terminaram há pouco mais de um mês. Os meus pais não vão reagir bem se lhes contar que já estou a conhecer outra pessoa.

Carolina e Bruno tinham-se envolvido no dia seguinte ao término da relação dela. Fora tomada de assalto por um sentimento de culpa, mas rapidamente dissera a si própria que não tinha motivos nenhuns para se arrepender. Não estava a ser infiel a João Pedro, estava simplesmente a seguir uma vontade, um desejo de envolvimento.

— *A conhecer outra pessoa?* — repetiu Bruno. — Acho que somos um bocado mais do que isso... Não?

— Sim, claro.

Silêncio de novo. O discurso dela não transparecia convicção.

— Carolina, aquilo que temos feito neste último mês e meio é convívência de namorados. Que eu saiba, não nos encontramos apenas para ter sexo. Há carinho, há afetos, preocupamo-nos com o bem-estar um do outro, fazemos planos.

— Sim, Bruno. Mas vamos com calma... Tem sido tudo tão rápido. Acho que não devíamos encarar já a nossa relação como um namoro.

Carolina só rodou o corpo para ele no fim da frase. Ficaram vários segundos a olhar um para o outro, e algo se aquietou dentro de Bruno. Os pensamentos surgidos nos últimos dias ecoaram-lhe pela cabeça, confirmando a mudança na atitude da namorada. Namorada? Sim, no seu entendimento, eram namorados.

As subtilezas que preferira ignorar estavam agora espelhadas no rosto

de Carolina, demasiado evidentes para que ele continuasse em negação.

— Então, somos o quê? — questionou. — O que significa para ti isto que temos vivido?

Carolina suspirou e massajou as têmporas. Tentou coordenar o que lhe ia na mente com o discurso, mas as palavras atropelavam-se nas suas próprias ideias. Ser honesta com Bruno e não o magoar eram duas situações incompatíveis, uma conjugação utópica que a dilacerava. Nunca sentira tanta empatia pela mentira como naquele momento. A mentira não era uma escolha de pessoas más, bem pelo contrário. A mentira surgia, quase sempre, da vontade de não magoar o outro. Haveria melhor indício de bondade e carinho do que esse? Esconder a verdade para proteger uma pessoa do sofrimento.

— Tu sabias que eu tinha acabado o meu namoro há muito pouco tempo... E disseste que tinhas consciência de que o mais provável era eu não assumir nenhum compromisso neste momento — lembrou ela, num tom acusatório.

— Sim, eu sabia disso — retorquiu Bruno. Também houve uma mudança no seu tom quando prosseguiu: — Mas a tua atitude comigo ao longo deste tempo mostrou-me exatamente o contrário.

— Estás a exagerar. Eu nunca disse que íamos namorar ou casar.

— Pois não. Mas as ações dizem muito mais do que as palavras. A maneira como falavas comigo, como me tocavas, a forma como me abraçavas, o carinho com que sugerias combinarmos programas, tudo isto me fez acreditar que íamos construir um namoro.

Carolina levantou-se e foi até à janela, a respiração acelerada.

— Quiseste ver significados que não existiam.

— Não, Carolina, tu é que deste sinais dúbios! Quando se investe tanto tempo numa pessoa é porque há vontade de algo mais, ou estou errado?

— Bruno, não me pressiones...

— Não te estou a pressionar. Nem estou a dizer que quero casar amanhã contigo, só estou a partilhar aquilo que senti ultimamente. Tens sido uma companhia tão boa... Não acredito que não sintas o mesmo. Diz-me... — Ele quis continuar, mas a emoção toldou-lhe a voz.

Carolina foi incapaz de manter a frontalidade. Fixou um ponto no chão e inspirou fundo, procurando a coragem para terminar a conversa.

— Eu gosto de estar contigo, Bruno...

Ele ergueu-se do sofá e caminhou na direção dela, um sorriso esperançoso por entre os olhos marejados.

— Então, vamos continuar. Não tens estado feliz comigo?

Carolina desviou-se e retornou à zona do sofá.

— Desculpa, Bruno. Eu... Eu estava muito carente naquela altura. O final da relação com o João Pedro foi péssimo, sentia-me abandonada, confusa... Mas agora sei o que quero.

Ele fungou e limpou o nariz com as costas da mão. Não fez a pergunta implícita, pois antevia com clareza qual seria a resposta.

— Há coisas que só nos apercebemos com o passar do tempo. Se pudesse voltar atrás, não teria estado contigo — disse ela. — Não é que não tenha gostado. Gostei. Mas não queria ter-te feito criar falsas expetativas. Desculpa... Desculpa mesmo, Bruno. Neste momento quero estar sozinha. *Preciso* de estar sozinha.

Ele engoliu em seco. Pela cabeça passaram-lhe tantas memórias do último mês, tantas imagens caídas por terra, e, em simultâneo, uma irritação por se sentir em choque com aquele final. A vida não lhe ensinara já a sua inexorável fragilidade? O quão pouco cada pessoa conseguia controlar sobre a sua própria existência? A única verdadeira certeza era a morte. Tudo o resto eram aproximações do conceito de certeza, uma amálgama de convicções e vontades que o ser humano tendia a chamar *certezas*.

Bruno acabou por assentir, em silêncio. Tinha um nó na garganta.

Carolina estava aliviada por ter conseguido desabafar, mas foi assolada de novo por um rasgo de culpa. Uma culpa que não a abandonaria facilmente.

— Vou andando — disse ela, em voz baixa.

Era uma despedida estranha, já que se iriam encontrar uma hora mais tarde na sede da PJ. Bruno acenou com a cabeça e limpou as lágrimas. Foi até à porta e abriu-a. Carolina sentiu o lábio tremer e mordeu-o, deitando-lhe um último olhar antes de sair. Apesar de ter a voz por um fio, murmurou:

— Desculpa...

Passou por ele e desceu as escadas com rapidez, fugindo de uma eventual resposta, cada degrau a aumentar-lhe o aperto no estômago.

¹ Ver *A Maldição*, segundo livro da série.

—Bruno e Carolina, cheguem aqui.

A voz grave do inspetor-chefe César Vidal ressoou pela sala, fazendo-os levantar o olhar dos computadores portáteis. Já passava das onze da manhã e não houvera qualquer troca de palavras entre eles, parecia que a divisão não tinha ocupantes. Os ocasionais ruídos dos dedos no teclado eram os únicos sons que preenchiam o espaço.

Caminharam com o semblante carregado até ao gabinete do inspetor-chefe, onde deram de caras com um homem alto, de farda azul-escura, e que aparentava os mesmos cinquenta e poucos anos de César Vidal. O uniforme indicou-lhes que se tratava de um elemento da Guarda Nacional Republicana. Tinha o cabelo grisalho e sobrelhas da mesma cor, e estendeu-lhes uma mão larga assim que os viu:

— Bom dia. Sargento Negrão, sou o comandante do Posto Territorial de Arganil.

Apresentações feitas, o inspetor-chefe fez-lhes sinal para que se sentassem à mesa oval do gabinete.

— Eu e o Negrão fomos colegas de escola, há muito tempo — comentou ele, num tom informal. — Nos últimos anos temo-nos cruzado nalgumas situações profissionais.

O sargento assentiu com a cabeça e olhou na direção de Bruno e Carolina. A expressão que viu em ambos fê-lo questionar se estariam a ter um dia mau, ou se simplesmente não se sentiam confortáveis na presença do chefe de brigada.

— Tivemos uma ocorrência há dois dias na estrada de acesso ao Piódão — começou, apoiando os cotovelos na mesa. — Um veículo despistou-se e

caiu pela ribanceira, embatendo numa árvore. Havia apenas uma ocupante e teve morte imediata. Chamava-se Gabriela Tavares, tinha trinta e três anos e morava na aldeia. Era secretária na junta de freguesia de lá e estava a caminho de Arganil para uma reunião.

— Era casada? Tinha filhos? — perguntou Bruno. O facto de a vítima ter apenas mais um ano do que ele provocou-lhe um formigueiro pelo corpo.

— Solteira. Tinha um filho chamado Lucas, com quinze anos.

Houve um momento de silêncio. A perspectiva de um rapaz tão novo ficar sem mãe não era uma novidade na realidade laboral daquelas quatro pessoas, mas não deixava de os impressionar.

— De início, calculámos que tivesse sido um acidente — prosseguiu o sargento. — Estava a chover e a estrada é sinuosa, pelo que a conclusão mais óbvia era a de que o veículo se despistara pela má aderência ao piso molhado. No entanto, os militares no terreno partilharam comigo a suspeita de que talvez não tivesse sido um acidente, dado que não havia marcas de travagem na zona acidentada.

Bruno descruzou os braços e inclinou-se sobre a mesa. Começara a intuir o motivo da visita daquele sargento da GNR.

— Equacionou-se a possibilidade de a condutora se ter sentido mal e perdido os sentidos. Um desmaio durante a condução, sobretudo estando sozinha... Não haveria grande hipótese de sobrevivência.

— Não seria a primeira vez — comentou o inspetor-chefe.

— Pois não, ainda há um mês tivemos uma ocorrência dessas — respondeu o sargento. Depois pigarreou e acrescentou: — Também pensámos que a condução para fora de estrada pudesse ter sido propositada e consciente. Não é o método de suicídio mais comum, mas já aconteceu. Perante estas suspeitas, abrimos um processo de averiguação e foi feita uma peritagem ao carro.

— O que descobriram? — perguntou Carolina.

— O relatório indicou um corte no tubo de óleo dos travões dianteiros, que provocou perda de pressão no sistema de travagem. É comum as pastilhas e discos dos travões terem de ser substituídas, pelo desgaste de utilização dos veículos, mas o mesmo não se verifica com o tubo de óleo, é uma peça resistente.

— Sabotagem? — questionou Bruno.

O sargento acenou com a cabeça e respondeu que sim.

— A precisão e profundidade do corte revelam que o tubo foi cortado propositadamente, com intenção de danificar os travões do veículo — disse

Negrão, estendendo uma pasta preta com várias folhas. — A partir de agora este processo é vosso. Não se tratou de um acidente, mas sim de uma tentativa de homicídio. Uma tentativa bem-sucedida.



Bruno e Carolina consultaram, à vez, as páginas do processo, fazendo uma leitura rápida da documentação. A pasta continha o auto da ocorrência, os relatórios da peritagem e o da autópsia. Havia uma descrição pormenorizada do corte feito ao tubo do *Peugeot 406*, apresentando evidências de ter sido feito com uma lâmina de comprimento entre dez e quinze centímetros e uma espessura de cerca de três milímetros.

— O veículo tinha vinte e um anos mas estava em boas condições, com as inspeções em dia e as revisões feitas sempre na marca — disse o sargento. — Recolhemos amostras de ADN e impressões digitais do *Peugeot*. Algumas pertenciam à vítima, evidentemente, mas em relação às outras não encontrámos correspondência na nossa base de dados. Sugiro que recolham amostras dos habitantes da aldeia, de forma a poderem compará-las com as que estavam no carro. O mais provável é ter sido alguém de lá.

— Se o autor da sabotagem usou luvas, as amostras de impressões digitais não nos servem de nada — comentou Carolina, com secura. — Já ninguém comete estupidezes dessas hoje em dia.

O inspetor-chefe censurou-a com o olhar e declarou:

— O que a inspetora Camacho está a dizer é que vai recolher amostras de todos os habitantes do Piódão e certificar-se se há correspondência com as do veículo. A minha brigada pauta-se pelo rigor.

— Permita-me discordar, chefe. Não do rigor, mas da parte em que referiu que vamos recolher amostras de todos os habitantes — apressou-se a acrescentar. — Considero isso um desperdício de tempo, ainda por cima...

— Ainda bem que estamos de acordo — interrompeu o chefe, elevando a voz. — Assim que você e o inspetor Saraiva chegarem à aldeia, é a primeira coisa que vão fazer. Agora, vamos continuar a ouvir o sargento.

Negrão aclarou a garganta antes de prosseguir:

— A autópsia revelou que a vítima era saudável e não foram encontrados vestígios de álcool ou estupefacientes no sangue. Encontraram cabelos compridos, de cor clara, que deverão pertencer a outra pessoa, dado que a vítima tinha cabelo escuro. Todas as amostras que recolhemos

já foram enviadas para o vosso Laboratório de Polícia Científica, assim como o computador e o telemóvel da vítima, ambos danificados pelo acidente.

— E em relação ao filho? — perguntou Bruno. — O pai já foi notificado?

— É uma situação complicada — começou o sargento, cruzando os braços. — A vítima engravidou aos dezasseis anos, foi mãe com dezassete, e ninguém sabe a verdadeira identidade do pai do miúdo. O nome que está nos registos é de um homem que mora lá no Piódão. Informaram-nos de que se trata do melhor amigo da vítima e que foi ele quem acabou por assumir a paternidade, dado que o verdadeiro pai fugiu.

— Ninguém sabe? — comentou Bruno, com estranheza. — Nem os pais da vítima?

— A mãe da vítima morreu há vários anos, o pai também não sabe. Ele foi nosso camarada, ainda o conheci lá no Posto de Arganil. Não te lembras do Raimundo Tavares? — perguntou, voltando-se para o inspetor-chefe.

Ele pensou durante uns segundos, mas depois abanou a cabeça.

— Creio que não.

— Bem, ele já está reformado.

— Como se chama esse homem? O tal amigo da vítima? — questionou Carolina.

O sargento franziu a testa e desviou o olhar para o teto.

— Manuel...? Não, acho que é Miguel. Miguel... Não me recordo do apelido, mas está tudo aí na documentação — respondeu, apontando para a pasta preta. — Entretanto, já foi destacada uma assistente social para tomar conta do caso, irá à aldeia ainda esta semana para perceber se o avô do miúdo tem condições para ser o tutor legal dele.

— Então e esse Miguel?

— Ele era muito amigo da vítima, mas não é o pai do rapaz. O único familiar de sangue é o avô, o Raimundo — apontou o sargento.

— Como é que o miúdo está? — perguntou Bruno.

— É difícil dizer. Ontem fui ao Piódão e estive um tempo com o Raimundo e com o rapaz, mas não consegui identificar o que lhe passava pela cabeça. Parecia ainda em estado de choque com a situação.

— O que é que esperava? É apenas um miúdo — respondeu Carolina.

O inspetor-chefe voltou a olhá-la com dureza. O sargento consultou o relógio de pulso e apressou-se a dizer:

— Antes de me ir embora, há mais uma coisa que precisam de saber. —

Fez uma pausa e descruzou os braços, apoiando os cotovelos na mesa. — O carro onde a vítima seguia não era o dela, era do Raimundo.

Ficaram um momento em silêncio.

— Porque é que ela que estava a conduzir o carro do pai? — questionou Bruno.

— O dela não pegou nessa manhã. Como estava com pressa para chegar a Arganil, pediu o carro emprestado ao pai — contou o sargento. — Agora, há aqui mais uma situação que tem de ser considerada: houve outro incidente na aldeia, nessa manhã. Quando fomos ao Piódão para informar o Raimundo e o miúdo sobre a morte da Gabriela, não os encontrámos em parte nenhuma.

— Porquê? Onde estavam?

— No Hospital de Seia, porque o Raimundo tinha caído na rua uma hora antes. Estatelou-se ao comprido no chão e está neste momento acamado em casa, com uma perna partida e um braço ao peito.

— O Raimundo caiu na mesma manhã em que a filha teve o acidente?

— Exato.

Durante uns instantes, ninguém falou. Aquela informação fez despontar de imediato uma hipótese nas cabeças dos inspetores. O sargento retomou a palavra:

— Quando estávamos a voltar para o carro, apareceu uma mulher, insistindo que precisava muito de falar connosco. Chama-se Rita Braz, mora lá na aldeia, e foi a pessoa que encontrou o Raimundo no chão. Estava bastante nervosa, atrapalhou-se muito ao falar, e disse-nos que achava que a queda não tinha sido acidental. Quando lhe pedimos para se acalmar e respirar fundo, afirmou com toda a certeza que alguém o empurrara.

Bruno decidiu almoçar num pequeno restaurante na Praça da República, a poucos metros de distância da PJ. Engoliu sem vontade as fatias de piza de *pepperoni*, enquanto nas mesas ao lado vários grupos de jovens conversavam e riam-se alto. Calculou que, pela proximidade à universidade e pelos preços em conta, aquele seria um dos poisos habituais dos alunos àquela hora.

Sentiu-se deslocado, mas não pela diferença de idades. Tinha trinta e dois anos, não era assim tão mais velho que os universitários. No entanto, naquele dia a sua disposição destoava, a expressão triste e abatida fazia-o sentir como se estivesse a mais. Fragmentos da conversa com Carolina naquela manhã teimavam em reproduzir-se na sua cabeça.

Passavam cinco minutos das duas da tarde quando regressou à sede. Ela já lá estava e não levantou a cabeça do computador quando lhe disse:

— O chefe quer falar connosco.

Foram mudos até ao gabinete de César, que estava ao telefone mas lhes fez sinal para que entrassem na mesma. Sentaram-se defronte da secretária e fitaram os objetos em cima desta: o computador portátil cinza, um calendário, um pisa-papéis de bronze, um agraphador e um furador, duas canetas de prata e um bloco de notas A4 onde o chefe escrevinhava algo que estava a ser dito do outro lado da chamada. Bruno pousou o olhar na folha e os gatafunhos fizeram-no questionar se César seria capaz de descodificar a própria caligrafia.

Não havia molduras com fotografias nem quaisquer outros objetos que remetessem para a vida pessoal do chefe, como se a existência de César Vidal se resumisse à Polícia Judiciária. Bruno estava em Coimbra há dois

meses apenas, enquanto Carolina já contava com seis anos naquela brigada, mas nem sequer ela sabia detalhes sobre a vida do chefe. Não que procurasse ou quisesse saber, mas em seis anos de trabalho seria expectável que nas conversas informais surgissem pormenores sobre o estado civil, onde morava, se praticava algum desporto ou tinha algum passatempo. No caso dele, não havia um único indício acerca de como ocupava o tempo fora da PJ ou se partilhava a vida com alguém.

— Acabei de fazer uma reserva — informou, assim que desligou o telefone.

— Uma reserva? — indagou Carolina.

— Para a vossa estadia no Piódão.

Nem Bruno nem Carolina se atreveram a olhar um para o outro. Tinha ficado claro que o caso do Piódão lhes fora entregue, mas não houvera qualquer referência a uma *estadia*.

— Vamos ficar lá?

— A aldeia fica a uma hora e meia de Coimbra. Portanto, nos próximos dias vão ficar lá instalados — explicou o inspetor-chefe. — Pelo menos, durante uma semana. Poupa-se tempo e energia, para além de que fazer todos os dias a viagem de ida e volta é dispendioso. Os indícios são muito óbvios: a vítima ia no carro do Raimundo Tavares, cujos travões foram sabotados, pelo que significa que o alvo pretendido era ele. Além de que foi agredido nessa mesma manhã.

— Empurrado — corrigiu a inspetora.

— Não me volte a interromper. Poderá ser feita uma nova tentativa de homicídio, e com ele acamado, está ainda mais vulnerável. Convosco lá, quem estiver por detrás disto pensará duas vezes antes de fazer alguma coisa.

Houve um silêncio grande, suficiente para perceber que nem Bruno nem Carolina estavam satisfeitos com a decisão. Para além disso, enervava-os a certeza de que nem valia a pena contestarem-na.

— Vão ficar num apartamento perto do largo central, a dona remodelou o interior há pouco tempo e transformou-o em alojamento local. Estava a falar com ela agora, é a tal Rita Braz que o Negrão referiu. O apartamento tem um quarto e um sofá-cama na sala — acrescentou o chefe.

Um pormenor que os aliviou, mas muito pouco. Iam partilhar o mesmo espaço durante sete dias seguidos, juntos durante vinte e quatro horas. Até à noite anterior, aquela perspetiva teria sido recebida com uma alegria e entusiasmo enormes, mas, naquele momento, não havia pior

cenário.

— Levem os portáteis, uma impressora e um disco externo — continuou César. — Mantemo-nos em contacto, quero um relatório diário de todas as vossas diligências e interrogatórios. Quero este caso resolvido o quanto antes. O acidente saiu nas notícias mas sem grande destaque. Quando a comunicação social descobrir que afinal não se tratou de um acidente, sabemos muito bem o que vai acontecer.

Bruno e Carolina assentiram com a cabeça.

— Estou desde manhã a tentar contactar a presidente da junta de freguesia, mas não me atende. Quero que falem com ela assim que chegarem, não só por representar o poder local, mas porque era a chefe da vítima. Terá certamente um conhecimento útil sobre toda a população e a logística de funcionamento da aldeia. O Raimundo nasceu e vive lá desde sempre, trabalhava ali perto, portanto, quero que investiguem o Piódão de fio a pavo. Falem com todos os moradores, sem exceção. Há uma equipa forense que seguirá convosco para revistar a casa da vítima e obter amostras de ADN.

César calou-se e viu outro aceno afirmativo por parte dos inspetores. As indicações tinham sido claras. Bruno e Carolina fizeram menção de se levantar, mas o chefe ergueu a mão e interrompeu-lhes o movimento.

— Antes de irem, quero esclarecer um assunto convosco.



César começou por se fixar em Carolina, que se mantinha rígida e inexpressiva. Bruno foi o alvo seguinte e percebeu que o olhar do chefe se deteve primeiro na sua cicatriz da testa, depois desceu para a marca na bochecha esquerda, e só depois se cravou nos olhos, dando a entender que esperava que ele ou Carolina dissessem algo. Como nenhum abriu a boca, disse:

— Constatou-me que a vossa convivência não se resume à sede da PJ.

A frase foi dita com firmeza, proferida com o mesmo tom de uma acusação, e tanto Bruno como Carolina tiveram de fazer um esforço para manter a expressão neutra. O chefe não precisava de uma confirmação, e seria inútil gastar energia e tempo a negar o que ele dissera. O silêncio que se seguiu aniquilou qualquer dúvida que César pudesse ter.

— Quando cada um de vocês entrou para cá, fui muito claro sobre o

nível de intimidade que pode existir entre colegas: nenhum. São parceiros de trabalho, ponto final. O envolvimento compromete as investigações e, consequentemente, a credibilidade da instituição.

Tanto Bruno como Carolina discordavam. Havia um número sem fim de colegas que se relacionavam em diversos graus de intimidade, e isso não prejudicava a eficácia do respetivo trabalho. Bem pelo contrário, nalguns casos.

— O que quer que seja que se passa entre vocês, acabou.

Bruno reprimiu uma gargalhada seca. O que quer que fosse que se passava entre eles tinha, de facto, acabado nessa manhã.

— Acabou-se — repetiu o inspetor-chefe. — Fui claro? Se tiver de voltar a este assunto, um de vocês vai conseguir um passe direto para o centro de emprego.

Eram três e meia da tarde quando Bruno e Carolina deixaram Coimbra em direção à aldeia do Piódão.

O sol espreitava pela primeira vez nesse dia, projetando feixes dourados através das nuvens compactas. A ausência de diálogo tornara-se confortável para ambos, quase como uma necessidade. Nenhum queria conversar e tanto um como outro antecipavam em pensamentos como seria o desenrolar da próxima semana. Só desejavam que passasse depressa.

Carolina ia ao volante e o percurso ondulante e estreito fê-la redobrar a atenção na condução. A estrada tinha uma encosta muito verde de um lado e uma ribanceira do outro, havendo zonas em que a falta de barreiras metálicas lhes dava calafrios. Ali, qualquer distração, por pequena que fosse, teria um preço muito alto a pagar.

Bruno aproveitou para pesquisar na Internet sobre a aldeia. No ecrã do telemóvel apareceram várias páginas alusivas ao Piódão, e, por entre as descrições da arquitetura e materiais típicos dos edifícios, deparou-se com um facto que o fez recordar-se da investigação na Quinta das Lágrimas: de acordo com a lenda, fora naquele recanto da Serra do Açor que se refugiara Diogo Lopes Pacheco, um dos assassinos de Inês de Castro.

A pesquisa também revelara que «Piódão» poderia significar: *a gente que anda a pé*, dado que a primeira estrada de acesso fora construída depois de 1970. A aldeia tinha uma pequena praia fluvial, onde a ribeira do Piódão fizera nascer uma piscina natural de água límpida e fresca.

Bruno premiu o botão lateral e o ecrã apagou-se, guardando o telemóvel no bolso. Já viajavam há mais de uma hora e calculou que estariam muito perto do destino. Ao olhar pela janela e observando a

estrada, deu-se conta do quão fácil seria um carro despistar-se naquela zona, sobretudo se o piso estivesse molhado. Será que Gabriela tivera tempo para se aperceber de que ia morrer? Fora uma questão de poucos segundos entre a saída de estrada e o primeiro impacto da queda. Talvez ela tivesse perdido logo os sentidos. A peritagem determinara que o veículo seguia a cerca de 70 km/h no momento do acidente. Num percurso estreito e com tantas curvas, nem o condutor mais experiente conseguiria guiar com segurança um carro àquela velocidade. A piorar a situação, acrescia a inexistência do sistema de travagem — a cereja no topo daquele catastrófico bolo.

Naquele momento, a inclinação da estrada acentuou-se e perceberam que estavam na descida final do percurso. Carolina abrandou, o carro descreveu uma curva apertada e, pela janela do lado esquerdo, viram ao longe um pequeno amontoado de casinhas acastanhadas. Era o primeiro vislumbre do Piódão, uma mancha encaixada no meio da encosta verde.

Alguns metros abaixo, chegaram a uma estrada de sentido único com uma zona de estacionamento do lado esquerdo onde não foi difícil arranjar um lugar.

Pegaram nas malas e nas pastas com os computadores e desceram a pé o resto da rua, parando como estátuas assim que entraram no largo da aldeia.



— Uau — comentou Bruno. Foi estranho ouvir a própria voz, depois de tanto tempo seguido em silêncio. Aquilo que via diante de si apaziguara, por momentos, a mágoa que sentia. — Que sítio incrível.

As casas tinham paredes de xisto castanho, telhados de ardósia e as portas e janelas eram de um azul-vivo. Os edifícios tinham dimensões pequenas e o bom estado de conservação conferia-lhes um aspeto rústico. Parecia uma aldeia saída de um conto infantil.

Até Carolina deu por si a murmurar uma interjeição, perante a imagem pitoresca da praça central. Sensivelmente a meio, uma escadaria larga dava acesso à igreja, que se destacava pelas paredes caiadas de branco. Na fachada principal, havia quatro torres cilíndricas encimadas por cones.

No centro do largo, quatro amendoeiras faziam sombra aos bancos de repouso e a um busto que homenageava o cónego Manuel Fernandes Nogueira, pároco da aldeia no início do século xx. Na zona esquerda da

praça havia esplanadas e quadros com ementas registadas a giz, bem como algumas bancas de venda de produtos regionais: licores, compotas, ímanes com as casinhas típicas, biscoitos, carteiras e porta-moedas de cortiça.

Eram cinco da tarde e os inspetores não viram uma única pessoa.

As portas dos três restaurantes da praça estavam abertas, mas não se ouvia qualquer som. Parecia uma aldeia fantasma, como se todos os habitantes tivessem sido obrigados a abandoná-la de repente. Uma rajada de vento rodopiou pelo largo e foi de encontro a eles, provocando-lhes um arrepio que os fez estremecer. O ar esfriou e as nuvens esconderam os poucos raios de sol. Bruno e Carolina cruzaram o olhar, algo que não faziam desde o encontro daquela manhã em casa dele. Leram a mesma inquietude na expressão um do outro. O que será que se tinha passado? Onde estariam as pessoas?

Momentos depois, a lembrança da rutura nessa manhã fê-los desviar de novo a atenção para a praça. Era uma ferida que estava longe de sarar.

Assim que o fez, Bruno vislumbrou um movimento rápido no edifício ao lado da escadaria da igreja. Uma mão acabara de puxar a cortina, que oscilava devagarinho por detrás da janela. Afinal, não estavam sozinhos na aldeia.



Quando Carolina pegou no telemóvel para contactar a dona do apartamento, saiu um homem do edifício do lado direito, cuja placa azul e branca ao lado da porta dizia *Informação Turística*. O senhor tinha cabelo branco espesso e andava devagar, a cabeça ligeiramente inclinada pela curiosidade em relação àqueles «estranhos» à aldeia.

— Ora muito boa tarde, caros jovens. Cândido Alves — apresentou-se, estendendo uma mão com a pele engelhada. O sorriso aberto manteve-se depois dos cumprimentos, apontando para o edifício de onde acabara de sair: — Sou o responsável pelo posto de turismo. Posso ajudá-los?

— Estamos à procura do caminho para o Apartamento Nascente — explicou Carolina.

— Ah, sim, sei muito bem. É o apartamento que a Rita arrenda — informou Cândido, com uma ligeira mudança no tom de voz. — E vão ficar cá quanto tempo? Formam um belo casal, deixem-me dizer-vos!

— Nós não so...

— Não somos um casal.

Bruno e Carolina atropelaram-se na resposta, provocando um pequeno divertimento no outro homem.

— Estou a entender — comentou Cândido, piscando-lhes o olho. — Depois logo me contam melhor essa história. Então e vêm de onde? É a primeira vez no Piódão?

Os inspetores hesitaram. Não tinham ordens para esconder as identidades, mas a intuição recomendava-lhes que retardassem um pouco a revelação de que estavam ali para investigar o homicídio de Gabriela Tavares.

— Sim, é a primeira vez — respondeu Bruno, apressando-se a dizer: — Pode indicar-nos o caminho, por favor?

— Claro, devem estar cansados. Depois de arrumarem as coisas, podem passar aqui no posto e conversamos melhor. Posso indicar-vos vários sít...

De súbito, uma voz grave e nasalada interrompeu Cândido:

— Boa tarde!

Bruno e Carolina voltaram-se e viram uma mulher que aparentava trinta e muitos anos, de cabelo louro e lábios vermelhos sorridentes. Usava calças vermelhas justas e uma camisa amarelo-canário, e calçava sapatos de salto da mesma cor da camisa.

— Sejam bem-vindos! Sou a Rita Braz, com zê.

Precipitou-se sobre os inspetores e deu dois beijos sonoros em cada um.

— Viva, Rita. Ia agora mesmo indicar o percurso até ao seu apartamento — cumprimentou Cândido, observando-lhe de alto a baixo a indumentária. — Esses saltos devem ser bastante úteis para andar aqui pela aldeia.

— Meta-se na sua vida.

O senhor continuou de olhos presos nela, parecia ter detetado algo novo no visual.

— Cortou o cabelo?

— Não, caiu.

Cândido franziu o olhar, mostrando uma expressão desagradada.

— Sempre tão simpática — comentou, em tom azedo.

— Obrigada.

— Se houvesse um concurso de simpatia, mesmo que você fosse a única participante, ia ficar em último. — Depois virou-se para Bruno e Carolina.

— Os jovens não se preocupem, que ela com os hóspedes é bastante

educada. Só é pena...

— Bom, a conversa está ótima, mas os inspetores têm mais que fazer — interrompeu Rita, erguendo a voz. — Para além de que devem querer descansar um pouco — acrescentou, sorrindo para Bruno.

A referência ao trabalho deles produziu uma corrente de inquietude em Cândido, que abriu a boca de espanto.

— Inspetores?

— Sim, são inspetores da Polícia Judiciária — informou Rita, orgulhosa pela posse daquela informação.

— Credo! Porque é que estão aqui? Tem algo que ver com... com a morte da Gabriela?

A inspetora abriu a boca para responder, mas Rita antecipou-se:

— Meta-se na sua vida. O trabalho da polícia é confidencial.

Dito isto, esticou o braço e fez sinal a Bruno e Carolina para que a seguissem. Rita posicionou-se entre eles e conversou alegremente, fornecendo-lhes indicações vagas sobre o Piódão enquanto atravessavam o largo, os saltos dela produzindo um batucque contínuo no chão de pedra.



A conversa foi curta, pois o Apartamento Nascente ficava a pouco mais de um minuto da praça. Enquanto subiam as ruas estreitas, os inspetores observavam com encanto as casas de arquitetura semelhante, algumas com vasos e plantas nas janelas e nas portas.

Entre alguns edifícios, viram regatos de água fresca deslizando pelo xisto, pequenas cascatas que produziam efeito sonoro reconfortante. A conjugação entre as construções e os elementos da Natureza era sublime, um encaixe suave que atraía o olhar por um longo período de tempo. Uma vista que não cansava, de tão bonita que era. Das fendas dos muros e paredes acastanhados, espreitavam pedaços de musgo muito verdes.

— Chegámos! — exclamou Rita, apontando para uma pequena casa com a mesma traça de xisto e porta azul comum ao resto da aldeia.

Assim que entraram, depararam-se com um interior moderno que contrastava — mas não destoava — da fachada exterior. O chão e as paredes eram revestidos de madeira clara, havendo também algumas de xisto.

O piso térreo era em espaço aberto, dominado por uma mesa de refeições, um sofá creme e uma televisão. Ao lado, a cozinha, onde havia na

bancada escura uma máquina de café, um micro-ondas e um espremedor de fruta. A única porta do piso, além da da rua, dava acesso à casa de banho. Estava decorada em tons cinza e tinha um lavatório feito de pedra branca.

A escada junto à parede levou-os ao piso de cima, ao quarto. Era um espaço pequeno, um mezanino com uma cama de casal e um armário branco, bem como uma mesinha com candeeiro, e uma poltrona.

De volta ao andar de baixo, Rita perguntou-lhes, com entusiasmo:

— Que tal? É muito acolhedor, não é?

— Sim — confirmou Bruno, reparando num pacote transparente em cima da mesa. Sentiu o estômago revolver-se pela fome.

— Biscoitos de azeite — explicou Rita, seguindo-lhe o olhar. — Sirva-se! É um presente de cortesia, para adocicar a sua... a vossa estadia. Deixei também um frasco de mel silvestre, um de doce de mirtilo e uma broa. Tudo feito aqui na aldeia!

Bruno sorriu-lhe e agradeceu. A descrição fez-lhe crescer água na boca, pelo que abriu o pacote e mordiscou um biscoito. Ofereceu a Rita e a Carolina, mas ambas declinaram. A inspetora estava com as mãos na cintura e olhava para a dona do apartamento com o semblante carregado. Ainda agora conhecera Rita, e já se apercebera de que não simpatizava com ela.

— Queremos falar com a presidente da junta — disse, ansiosa por a ver sair. — Onde poderemos encontrá-la?

— A Verónica? Deve estar na junta, é aquele edifício ao lado da escadaria.

Bruno estacou, com o biscoito no ar. Fora precisamente nessa casa que ele vira alguém correr a cortina da janela.

— Certo, muito obrigada — respondeu Carolina, abrindo a porta para a rua.

Rita levantou o dedo indicador e soltou uma exclamação.

— Só uma coisinha antes de ir. Sei que estão aqui por causa da Gabriela, mas tenho de vos contar algo que aconteceu nesse dia. Foi anteontem, na terça. Uma coisa muito esquisita... Deviam ser umas nove e meia da manhã, eu tinha saído de casa e ia tomar café ao largo. Estava a choviscar, aquela chuva miudinha muito irritante, sabem? A minha casa fica um pouco acima da rua da Gabriela, e quando estava a descê-la vi lá ao fundo uma pessoa estendida no chão!

Rita gesticulava enquanto contava a história e, naquele momento, calou-se, esperando que os inspetores fizessem a pergunta óbvia. Não a

fizeram.

— Era o Raimundo — continuou ela. — Estava a gemer de dores, tinha a perna inchada e uma ferida com sangue na testa. Fui logo ajudá-lo, calculei que tivesse batido com a cabeça, porque não dizia coisa com coisa. Disse-lhe para não se levantar, que era melhor manter-se imóvel até vir alguém para o levar para o posto médico. As ambulâncias demoram a chegar aqui.

— Não viu ninguém na rua? — perguntou Bruno.

— Ninguém. Estava deserta.

— E o que fez a seguir?

— Liguei para a enfermeira do posto médico e para a Verónica, da junta, que apareceram poucos minutos depois. Trouxeram uma maca e levámo-lo para o posto. Ela limpou-lhe as feridas e chamámos a ambulância, era evidente que o Raimundo precisava de ser tratado no hospital. Ele protestou, berrou, disse que não queria sair daqui, que os hospitais eram um antro de bactérias e doenças, mas lá o levaram. Só o vieram trazer hoje de manhã.

— O que disse ele em relação à queda?

— Não explicou grande coisa — respondeu Rita, encolhendo os ombros. — Só gania de dores e dizia que não precisava de ir ao hospital. Nunca vi homem mais teimoso. Disse que estava a descer a rua para ir ao Solar do Abel e que escorregara. Este chão, quando chove, é um perigo, parece manteiga. Mas, nessa tarde, dei por mim a pensar que era estranho.

Rita fez outra pausa, mas desta vez parecia realmente perdida em pensamentos.

— O que é que era estranho? — questionou o inspetor.

— Eu não acredito em coincidências — recomeçou ela, num tom pausado. — Na mesma manhã, a Gabriela tem um desastre de carro e o pai dela cai na rua. O Raimundo vive cá desde que nasceu e, que me lembre, nunca se espatifou no chão. É certo que já vai nos setenta anos, mas ainda tem agilidade. É esquisito...

Um longo momento de silêncio. As palavras de Rita fizeram os inspetores ponderar.

— Enfim, foi apenas uma ideia que tive. Somos uma aldeia tão pacata, nunca acontece nada. E, de repente, dois familiares sofrem acidentes ao mesmo tempo. Talvez até não seja importante, mas deixo isso convosco. Afinal, os investigadores são vocês — murmurou, sorrindo a Bruno. — Vou andando. Se precisarem de alguma coisa, é só ligarem. Até já!

Carolina ofereceu-se para dormir no sofá-cama, mas Bruno insistiu para que ela ficasse no quarto do piso superior.

— Assim ficas mais confortável.

— Mas porque é que tenho de ser eu a ficar com o sítio mais confortável? — questionou ela.

— Não há problema — disse ele, com firmeza. — Eu ajeito-me no sofá, não me custa.

— Podemos tirar à sorte.

— Não é preciso. Fica no quarto.

Carolina acabou por aceitar, murmurando um agradecimento quase inaudível antes de subir ao mezanino para arrumar as coisas.

Bruno serviu-se de água e de mais uns biscoitos e quinze minutos depois deixaram o apartamento. O céu continuava pesado e parecia que o sol já não se faria notar naquele dia. Caminharam em silêncio. O facto de ainda estarem no início da estadia debaixo do mesmo teto deixou-os incomodados e sem vontade de conversar. A obrigação de convivência próxima prolongar-se-ia por vários dias. Carolina ficara irritada com a insistência dele em oferecer-se para ficar a dormir na sala. Fora um gesto de grande cortesia, mas não a deixara satisfeita. Sentia-se em dívida para com Bruno, como se estivesse em desvantagem perante ele.

Quando chegaram ao largo, viram algumas pessoas espalhadas pelos bancos e esplanadas. Havia um tom efusivo nas conversas e a excitação fazia-os falar alto e ao mesmo tempo, todos ansiosos por expressar as suas opiniões. A notícia de que tinham chegado dois polícias à aldeia espalhara-se com a rapidez de um fósforo a arder. Assim que Bruno e Carolina

surgiram, todos se calaram e olharam para eles. Avaliaram-nos em silêncio, simultaneamente curiosos e desconfiados. A maior parte dos habitantes ficou surpreendida por ver que os inspetores eram novos, pensavam que quem viesse da Polícia Judiciária teria uma idade mais avançada, mais experiência.

O inspetor acenou com a cabeça às pessoas e curvou a boca num sorriso, suavizando a sensação de hostilidade que pairava no ar. Depois voltou-se e bateu à porta da casa onde funcionava a junta de freguesia. Enquanto esperava, ouviu um burburinho nas costas. As conversas tinham retomado.

A porta abriu-se devagar, e viram um rapazinho muito sorridente, de rosto redondo e olhos rasgados.

— Olá! Sou o Pedrinho.

— Olá — cumprimentou Bruno, com simpatia. — Gostávamos de falar com a Verónica Falcão.

— É a minha mãe! Está lá dentro com o meu pai.

Os inspetores entraram e ouviram ao fundo vozes altas, uma conversa cujo tom estava longe de ser pacífico. O rapaz parecia alheio à discussão que ecoava pelo edifício e continuava a sorrir-lhes. A última frase ressoou pelo corredor como um estrondo:

— Assunto encerrado!

Segundos depois, ouviram barulhos de passos e viram aparecer um homem alto na casa dos quarenta anos, de cabelo e barba grisalhos. O semblante carregado desapareceu assim que os viu:

— Ah, estás aqui Pedrinho. — Pousou a mão no ombro do filho e fez-lhe uma festinha no cabelo. — Posso ajudá-los? Vasco Falcão, sou o tesoureiro da junta.

Bruno e Carolina estenderam os braços e apresentaram-se.

— Somos da Polícia Judiciária. Gostávamos de falar com a Verónica.

Vasco fitou-os durante algum tempo e depois respondeu:

— A minha mulher está no gabinete — informou, apontando para trás.
— Podem entrar.

Sem mais palavras, pegou na mão de Pedrinho e encaminharam-se para a porta, ouvindo-o dizer à saída:

— Pai, posso comer um gelado antes dos cavalos?



O gabinete era uma sala ampla ao fundo do corredor. O chão era de pedra e havia cartazes afixados nas paredes brancas, referentes às festas da aldeia, excursões turísticas e sessões de esclarecimentos aos habitantes. Três secretárias com computadores e papéis ocupavam a maior parte do espaço.

Verónica estava em pé, a escrever algo no telemóvel, e deu um salto quando os viu entrar. Guardou de imediato o aparelho atrás das costas e lançou-lhes um olhar inquiridor:

— Quem são vocês?

— Boa tarde, sou o...

Ela ergueu uma mão, interrompendo-o.

— Peço desculpa. São os inspetores, certo? Que cabeça a minha... Verónica Falcão, sou a presidente da junta de freguesia. Sentem-se, estejam à vontade.

Bruno e Carolina instalaram-se numas cadeiras de madeira à frente da secretária maior e esperaram que a presidente fizesse o mesmo. Viram-na pousar o telemóvel com o ecrã para baixo e juntar num monte as folhas que estavam espalhadas pelo teclado do computador.

— Falei há pouco com o vosso inspetor-chefe, que me informou de que já estavam a caminho da aldeia. Parece que me ligou várias vezes desde manhã, mas andei ocupada com umas questões aqui da junta e não consegui atender nenhuma chamada. O que precisam da minha parte?

Verónica aparentava a mesma idade do marido, mas não se via um único tom grisalho no cabelo. Era negro-asa-de-corvo, a mesma cor das sobrancelhas, e os olhos verdes alternavam com rapidez entre Bruno e Carolina. Parecia-lhes uma mulher de convicções fortes, determinada, para quem o tempo era precioso e que, por isso, atacava os assuntos com prontidão e sem rodeios. Não sabiam quem teria sido o outro candidato — ou candidatos — na corrida à presidência, mas intuíram que Verónica teria sido um opositor difícil.

— Gostávamos que nos informasse relativamente aos acontecimentos da terça-feira passada — começou Carolina. — E que nos falasse sobre a Gabriela Tavares. Sabemos que ela trabalhava aqui consigo.

Verónica anuiu e viram uma ruga formar-se-lhe na testa.

— A Gabriela era a nossa administrativa, cumpria sobretudo funções de secretariado — explicou. — Estava responsável pela correspondência, pelo *e-mail* e redes sociais da junta, telefone, processamento de documentos, elaboração de atas, marcação de reuniões, enfim, esse tipo de coisas. Como o Piódão é um sítio muito pequeno, somos apenas três funcionários fixos:

eu, o meu marido e a Gabriela.

— Há quanto tempo trabalhava aqui?

— Há três anos, desde o início do meu mandato. Antes disto, ela já tinha desempenhado um trabalho semelhante numa fábrica de confeções, em Arganil.

— Estava satisfeita com o trabalho dela?

— Sim.

Durante uns segundos, ninguém falou. Uma nota de impaciência trespassara na resposta dela, o que levou Bruno a pensar que aquela afirmação fora muito pouco honesta.

— E como é a família dela? Quem são os amigos mais próximos? — quis saber Bruno, que entretanto pegara no bloco e tomava notas.

— A Gabriela vivia com o filho na casa ao lado do Raimundo, o pai dela. Pelo que me é dado saber, não tinha nenhum companheiro. Era relativamente reservada, mas por aqui todos conhecemos as vidas uns dos outros. Sei que a Gabriela e o Miguel Viana eram muito próximos. Foram colegas de escola, conhecem-se desde pequenos. Ele faz excursões com turistas aqui pela serra.

Bruno levantou os olhos do bloco. Reconheceu aquele nome da documentação que lhes fora entregue pela GNR. Miguel Viana era o tal rapaz que assumira a paternidade do filho de Gabriela.

— Quão próximos?

— Eram muito amigos.

Verónica calou-se e, pela primeira vez, desviou o olhar dos inspetores. Pegou na pilha de papéis à sua frente e arrumou-a dentro de uma pasta transparente.



Os inspetores sentiram que o discurso de Verónica estava longe de poder ser considerado honesto, mas não conseguiam identificar o que a levava a agir dessa forma. Optaram por mudar ligeiramente o rumo da conversa.

— E em relação ao Raimundo Tavares, o que nos pode dizer? Sabemos que o foi assistir depois da queda.

— O Raimundo é dos habitantes mais antigos do Piódão. Trabalhou toda a vida na GNR de Arganil e foi nosso vigilante até há pouco tempo.

Houve uma série de assaltos no verão passado e, na sequência disso, montou-se um sistema de vigilância noturna pela aldeia. O Raimundo foi dos primeiros a voluntariar-se para o fazer. — Verónica fez uma pausa. — Hoje está reformado e costuma passar a maior parte do tempo no Solar do Abel, ou com o neto. Sei que era uma grande ajuda para a Gabriela, vai buscar o miúdo à escola várias vezes. É viúvo, a mulher morreu há coisa de catorze ou quinze anos.

— E tem boas relações por aqui?

— Não sei de ninguém que se tenha incompatibilizado com ele. É uma figura popular na aldeia, prestou auxílio a muita gente enquanto esteve na Guarda. E sossegou os ânimos depois daquela vaga de roubos no ano passado. A verdade é que, graças à vigilância dele, nunca mais tivemos assaltos por aqui.

— Não há nenhuma zanga, nenhum conflito antigo?

Verónica abanou a cabeça e respondeu que não. Depois reconsiderou, e apoiou os cotovelos no tampo da secretária.

— Na verdade, sim. Soube que há um mês ou dois houve um desacato entre ele e o Abel do restaurante. O Raimundo passa lá muitas horas por dia, e de vez em quando bebe mais do que deve. Não sei muitos detalhes, mas constou-me que fez uns comentários desagradáveis sobre a Sofia, filha do Abel. A miúda trabalha no restaurante. Alguém acabou por levar o Raimundo à pressa dali para fora. Pareceu-me que depois disso, ficou uns tempos sem lá ir.

Bruno apontou no bloco a informação.

— E o que se passou na terça-feira?

— Por volta das nove da manhã, a Rita Braz ligou-me a dizer que o Raimundo tinha caído e estava estendido no chão. Eu e a enfermeira fomos logo ter à rua onde ele mora e levámo-lo para o posto médico. O inchaço na perna era enorme e a ferida que tinha na cabeça estava cheia de sangue, o que nos fez ligar de imediato para o 112. O Raimundo estava furioso, mas creio que era por uma questão de orgulho. Gemer de dores em frente a três mulheres doía-lhe mais do que ter a perna partida.

A presidente abriu as mãos de forma enfática, considerando que não tinha mais nada a dizer. Bruno recordou-se da conversa com Rita momentos antes e questionou-se se a presidente da junta partilharia do mesmo pensamento:

— Pareceu-lhe uma queda accidental?

Verónica voltou a enrugar a testa.

— Claro. Que outra razão poderia haver para ele estar estendido no chão? O piso estava escorregadio e a rua é inclinada. Mais propício para quedas do que isso, é impossível.

Os inspetores ficaram em silêncio. Instantes depois, a presidente perguntou:

— Contam ficar cá muito tempo?

— Até resolvermos o caso.

A sala ficou outra vez muda. Do telemóvel de Verónica soou uma notificação, mas ela não lhe pegou.

— Se precisarem de alguma ajuda, estou por aqui.

— Pode fornecer-nos um mapa da aldeia, por favor? — pediu o inspetor.

— E, se possível, gostávamos que assinalasse o sítio onde morava a Gabriela Tavares.

A presidente abriu uma gaveta e retirou de lá um panfleto desdobrável. Abriu-o sobre a secretária, pegou numa caneta vermelha e fez uma cruz numa rua perto do largo principal.

— É aqui a casa dela — informou, estendendo-lhes o mapa. Pigarreou, sem conseguir disfarçar uma alteração no tom de voz: — Cruzaram-se com o meu filho e o meu marido? Pareceu-me que saíram ao mesmo tempo que vocês chegaram.

— Sim — confirmou Bruno, dobrando o panfleto. Uma olhadela rápida permitiu-lhe ver que, para além de ilustrar todas as ruas da aldeia, tinha também uma série de informações turísticas.

— O Vasco foi com o Pedrinho à hipoterapia, num centro hípico de Arganil. Às quintas-feiras à tarde é ele que o leva. A equitação é uma grande ajuda no desenvolvimento das competências motoras e cognitivas das pessoas com síndrome de Down.

Verónica confirmou aquilo que os inspetores tinham depreendido pela fisionomia de Pedrinho.

— É um rapazinho muito simpático — disse Bruno. — Foi ele quem nos recebeu à porta.

O olhar da presidente manteve-se frio, mas os lábios esboçaram um pequeno sorriso.

— O meu filho é um doce. Apesar de não parecer, já tem dezoito anos. Falaram com o Vasco?

De facto, as feições e a voz do rapaz sugeriam uma idade mais nova.

— Trocámos apenas umas palavras. Mas também gostávamos de lhe fazer algumas perguntas — afirmou a inspetora.

— Só poderão fazê-lo amanhã. Eles regressam de Arganil à hora de jantar.

— Podemos reunir-nos depois disso? — propôs Bruno.

— Não. O Pedrinho chega sempre muito cansado nos dias de terapia, e é essencial termos sossego em casa.

— Peço desculpa por insistir, mas é mesmo importante falarmos com o seu marido. Para além de si, ele também convivia diariamente com a Gabriela, pelo que poderá dar-nos informações relevantes.

— Já vos expliquei que hoje não vai ser possível — declarou Verónica, assertiva. — O meu filho precisa de calma quando chegar. Não quero confusão nem barulho.

— Será uma conversa breve, prometo que não lhe tomaremos muito tempo.

Verónica ergueu-se da cadeira.

— Não insistam. O Vasco não vai fugir, amanhã falam com ele. De qualquer forma, tenho a certeza de que não terá nada a acrescentar ao que já vos disse.

Ao saírem da junta, Bruno reparou que tinha duas chamadas não atendidas no telemóvel.

— Devem ser os do laboratório.

Remarcou o número e foi informado de que os dois especialistas forenses já tinham chegado ao Piódão, e esperavam no carro por indicações. Bruno pediu-lhes para se encontrarem ali no largo e conversaram durante uns minutos, os inspetores explicando em traços gerais os contornos daquele caso. A chegada de mais dois homens, ainda por cima carregando malas prateadas, redobrou o interesse dos aldeões que por ali estavam.

Os quatro caminharam até ao lado esquerdo do largo e seguiram pela rua nas traseiras do Solar do Abel. O vento lançava rajadas frias, fazendo-os apertar os casacos até cima.

— A casa da vítima fica mesmo ao lado da do pai — explicou o inspetor, assim que entraram na rua.

Os dois edifícios geminados eram tão semelhantes que lembravam os dois lados de uma borboleta. As casas tinham dois pisos e eram revestidas — sem surpresa — por xisto acastanhado. A única diferença entre elas residia nos vasos com giestas amarelas que Gabriela pusera junto à porta azul. Bruno pressionou a campainha, mas não aconteceu nada. Voltou a carregar no botão e, pouco depois, abriu-se a porta da casa ao lado. Um rapaz novo fitou-os com o olhar vazio.

— És o Lucas? — perguntou Bruno, aproximando-se.

Ele acenou afirmativamente e saiu para junto deles. O inspetor alongou a expressão num pequeno sorriso e esticou o braço para o cumprimentar.

— Somos inspetores da Polícia Judiciária. Lamentamos muito o que aconteceu — acrescentou, num tom sereno. — Sabemos que isto não é fácil, mas, se precisares de alguma ajuda, podes contar connosco.

Lucas voltou a acenar com a cabeça, mas não disse nada. Não conseguia fazê-lo. Sabia que ainda iriam ser visitados pela polícia mais algumas vezes, Raimundo explicara-lho nessa manhã, mas continuava a sentir dificuldade em reter e processar informações.

— O meu avô voltou hoje para casa. Tenho estado a tomar conta dele — explicou.

— Gostávamos de falar convosco, podemos entrar?

O rapaz olhou para trás na direção da porta entreaberta.

— Sim. Vou só lá baixo ao café comprar umas coisas que o meu avô pediu. Mas entrem à vontade, ele está na sala.

Os inspetores cruzaram o olhar com os técnicos forenses e Carolina perguntou:

— Tu moras mesmo aqui ao lado, certo? — Apontou para o edifício dos vasos com giestas. — Podemos pedir-te a chave, por uns momentos?

Lucas franziu o olhar, com estranheza. Percebera de imediato o que estava por detrás daquela frase.

— Querem revistar a casa?

— Sim — confirmou Bruno, esclarecendo de seguida: — É importante, para conseguirmos descobrir quem fez isto à tua mãe. Temos de investigar os sítios onde ela costumava estar mais tempo, pode ser que haja alguma informação relevante. Prometo que seremos breves.

— Mas ela não morreu em casa.

— Não, mas era onde ela passava muito tempo — retorquiu a inspetora.

Lucas hesitou durante uns instantes, mas depois levou a mão ao bolso e tirou um porta-chaves com dois itens de tamanhos diferentes.

— A nossa é a mais comprida, a outra é a da casa do avô.

Entregou-as ao inspetor e afastou-se, descendo a rua de cabeça baixa e passos vagarosos.



Os especialistas forenses vestiram os fatos brancos que evitavam a contaminação de provas, cobriram os sapatos com as proteções e começaram a inspeção à casa de Gabriela.

Bruno e Carolina aproveitaram o facto de o rapaz ter deixado a porta da vivenda seguinte encostada e entraram, dizendo:

— Boa tarde! Dá-nos licença, senhor Raimundo? Somos da Polícia Judiciária.

Esperaram no pequeno espaço onde havia um bengaleiro com casacos e uma mesa com chaves. Da divisão ao lado, chegou-lhes uma voz grave e cansada:

— Entrem. Estou na sala, primeira porta à direita.

Os inspetores foram encontrar Raimundo sentado num cadeirão antigo cor de vinho, a perna direita engessada e apoiada numa cadeira almofadada. Tinha uma ligadura na testa a proteger a ferida e envergava um roupão castanho. O braço direito estava igualmente coberto por gesso e uma ligadura, a manga fora arregaçada até ao cotovelo.

— Boa tarde, inspetores. Sentem-se.

— O seu neto abriu-nos a porta — contou Bruno, sentando-se no sofá em frente à lareira.

— O miúdo está tão em baixo... — murmurou, abanando a cabeça. — E eu neste estado. Não sei como vou conseguir fazer alguma coisa por ele. Só tem quinze anos. Tão novo e sem mãe.

Os inspetores deram um tempo a Raimundo para que se recompusesse. As lágrimas tinham-lhe assomado aos olhos azuis, e ele fazia um esforço para segurar a voz.

— Lamentamos muito a morte da Gabriela — disse a inspetora. — Pode descrever-nos o que aconteceu na terça-feira da manhã?

Raimundo inspirou fundo antes de falar. Sabia que a inquirição seria longa e que lhe iriam colocar muitas perguntas.

— Acordei por volta das oito e vinte com alguém a bater à porta. Foram várias pancadas seguidas e fiquei preocupado, achei que se passava algo com o meu neto. Quando descí, dei de caras com a Gabriela. Veio pedir-me a chave do carro, porque o dela não pegava e já estava atrasada para uma reunião. A minha filha estava bastante exaltada... Expliquei-lhe que precisava do carro para ir a uma consulta na Covilhã, mas, como ela insistiu, acabei por lhe entregar a chave.

Trespassei um tom de arrependimento quando Raimundo proferiu as últimas palavras.

— Fiquei aborrecido, pois a consulta fora marcada há vários meses e, se tivesse que reagendar, só conseguiria uma nova data daí a muito tempo. Telefonei ao Igor, que mora aqui ao cimo da rua e, felizmente, ele

prontificou-se a emprestar-me o carro. Tomei banho, vesti-me e passado um bocado fui buscar a chave.

— A que horas foi isso? — perguntou Bruno, levantando a caneta do bloco.

— Deviam ser nove e um quarto, nove e vinte. Saí de casa do Igor e comecei a descer a rua em direção ao largo, estava a chover mas eram só uns pingos, portanto nem levei guarda-chuva. Agora, a partir deste momento, a minha memória ficou um pouco turva. Não me recordo como é que escorreguei... — Raimundo abanou a cabeça e acrescentou: — Quer dizer, como a pedra estava molhada, é óbvio que foi por isso que caí. Mas não tenho presente o momento da queda. Só me recordo de estar deitado no chão, com dores no corpo todo, sobretudo aqui — relatou, apontando para a perna direita.

— Estava alguém na rua nesse momento? Encontrou-se com alguma pessoa?

Raimundo abanou a cabeça negativamente.

— Já revivi várias vezes essa manhã na cabeça e não havia ninguém na rua àquela hora. Despedi-me do Igor, guardei a chave do carro e, quando saí, estava tudo vazio. O que não me espanta, tendo em conta a chuva.

Houve uma pausa e os inspetores entreolharam-se, tentando perceber qual deles prosseguiria com a entrevista. Bruno emitiu um aceno quase impercetível com a cabeça e Carolina avançou:

— Quando foi a última vez que conduziu o seu carro?

— Segunda-feira à tarde, quando fui buscar o meu neto à escola.

— Notou alguma coisa de diferente na condução?

— Não, o carro funcionava como habitualmente. E, antes que perguntem, digo-vos que deixo sempre a chave na mesa da entrada. Por aqui, são poucos os que trancam as portas de casa. Eu nunca o faço. Posto isto, se alguém fez alguma coisa ao carro, só pode ter sido na segunda-feira à noite.

— O que é que o faz dizer isso? — perguntou Carolina, fitando-o com atenção.

O homem inspirou fundo outra vez antes de responder. Pareceu ganhar força.

— Estão a falar com um militar da GNR. Aposentado, sim, mas ainda sei como funcionam as coisas — declarou, erguendo o queixo. — Se a Polícia Judiciária está envolvida, é porque a morte da minha filha não foi acidental. E, tendo em conta as vossas perguntas, já percebi que aconteceu

alguma coisa com o carro. Importam-se de me explicar o que se passou?



Raimundo fitou-os com dureza. Não seria fácil ocultar-lhe o rumo da investigação. Tratava-se de alguém que conhecia a fundo os procedimentos das forças de segurança.

— O seu carro foi alvo de sabotagem — confirmou Bruno. Ponderou se deveria dar mais pormenores ou manter-se por ali. — Mais especificamente, os travões.

Os inspetores aguardaram por uma reação, mas ele manteve-se em silêncio. Viram-no baixar o olhar para a perna engessada e aí permaneceu até Bruno perguntar:

— Deu pela falta das chaves do carro?

— Não.

— Nas últimas semanas, meses, não as perdeu? Não se esqueceu delas em algum lugar? O autor da sabotagem poderia ter uma cópia das chaves há muito tempo.

— Não, inspetor.

— Na segunda-feira à tarde, a que horas chegou com o seu neto e onde estacionou o carro?

— Ele termina as aulas às quatro e nesse dia não teve treino, portanto chegámos à aldeia por volta das cinco. Deixei o carro no sítio do costume, na rua a seguir ao largo.

— E não lhe pegou mais depois disso?

— Não.

— O que fez quando voltou?

— Subi com o Lucas e deixei-o em casa, ele tinha trabalhos para fazer. Depois estive aqui com... Liguei a lareira e estive por aqui a ver televisão. A certa altura, ouvi uma grande discussão aqui ao lado e fui a casa da Gabriela. Ela e o Lucas estavam outra vez a falar sobre a mota. O miúdo faz agora dezasseis anos e queria tirar a carta, mas a minha filha não deixava. Ultimamente, só os ouvia conversar aos gritos — desabafou Raimundo, baixando a voz. — Depois do jantar, descí até ao Solar do Abel. Fiquei lá na conversa até às dez e meia, mais coisa menos coisa.

— A que horas saiu de casa, depois do jantar?

— Por volta das nove.

— E trancou a porta?

Raimundo abanou a cabeça.

— Já vos expliquei que por aqui ninguém tem esse costume. Mesmo na altura em que houve assaltos na aldeia, nunca me deu para trancar a porta. Ainda tenho a arma de serviço, aí de quem se atrevesse a entrar-me em casa! O Piódão é a minha terra, a minha vida foi toda passada aqui. Recuso-me a viver com medo e a barricar-me na minha própria casa.

— Então, quando voltou na segunda-feira à noite, não trancou a porta?

— Não. Deitei-me logo que cheguei e dormi profundamente até a minha filha me bater à porta na manhã seguinte.

— Não acordou durante a noite? Não ouviu nenhum barulho?

— É evidente que não. Já teria informado a polícia caso isso tivesse acontecido.

Bruno segurou a caneta entre os dedos e voltou à página anterior do bloco.

— Enquanto estive no Solar, falou com quem?

— Estavam lá várias pessoas, o restaurante é o ponto de encontro habitual depois do jantar. Conversei com o Abel, naturalmente, com a Sofia, filha dele... E também com o Vicente. É o... — Raimundo fez um esgar com a boca. — É um dos camaradas que se junta ali no Solar quase todos os dias.

— Pode descrever mais detalhadamente o que conversou com cada um?

— Não conversei grande coisa com o Abel, ainda está arreliado comigo por umas coisas que eu disse sobre a filha. Nada de importante, mas ele interpretou mal e... Enfim, adiante. A Sofia chegou a dada altura e eu disse-lhe que ia falar com a Gabriela, para que ela não acabasse com as explicações de Matemática.

Os inspetores lançaram um olhar inquiridor.

— Explicações de Matemática?

— A Sofia dá explicações ao meu neto, ele não tem grande habilidade com números. E a Gabriela andava furiosa por causa do tema da mota, então decidi castigar o miúdo e terminar as explicações. Eu chamei-a à razão e tentei fazê-la ver que aquilo não era correto, mas não surtiu efeito. Daí ter dito à Sofia que ia continuar a insistir com a minha filha para que ela reconsiderasse.

— E em relação a esse Vicente?

— O Vicente... — Raimundo tinha o olhar fixo na parede, como se a memória estivesse lá projetada. — Foi mesmo antes de me vir embora,

estava junto ao balcão a pagar e comentei que na manhã seguinte tinha consulta de cardiologia na Covilhã. Ele disse-me para ter cuidado, que ia chover bastante.



Bruno e Carolina ponderaram sobre o que Raimundo dissera. A inquirição trouxera-lhes um grande volume de informação e era tempo de abordarem o tema que se insinuara durante a conversa.

— A perícia feita ao seu carro não deixou dúvidas relativamente à sabotagem — começou o inspetor. — O que o Raimundo nos relatou também aponta para uma conclusão óbvia.

Bruno não precisou de verbalizar o resto. O rosto de Raimundo contorceu-se e ajustou a posição no cadeirão, aligeirando o desconforto. O inspetor ergueu-se para o ajudar, mas ele recusou.

— Estaria a mentir se vos dissesse que isso não me passou pela cabeça.

— Quem tem motivos para o querer morto?

Se Raimundo não tivesse feito parte de uma força de segurança, as palavras escolhidas teriam sido outras. Naquele caso, não precisavam de suavizar a questão com uma frase menos óbvia. A resposta surgiu bastante tempo depois.

— Não sou homem de conflitos. Não a ponto de me quererem tirar a vida.

— Tem de haver algo — contrapôs Carolina. — Aquela sabotagem tinha uma intenção muito concreta. E o facto de não ter sido você a entrar naquele carro pode estar na origem da sua *queda*. Foi-nos relatado que alguém o tinha empurrado.

— Isso não é verdade.

— Foi o próprio Raimundo que nos disse, ainda agora, que não se lembra bem do que aconteceu nessa manhã quando saiu de casa do seu vizinho.

— Certo, mas não significa que alguém me tenha agredido.

— Tem de admitir que é uma hipótese válida — insistiu a inspetora.

— Não existem provas que confirmem isso.

Calaram-se. Bruno fechou o bloco e apoiou os cotovelos nos joelhos, obrigando Raimundo a fixar-se em si.

— De que é que tem medo?

O homem fechou os olhos e suspirou. A força esvaíra-se-lhe de novo e a expressão evidenciava desgaste.

— Deixem-me descansar. Passem por cá amanhã.

— Ainda precisamos de falar com o seu neto.

— Não o assustem. Peço-vos: tenham consideração. O Lucas é apenas um miúdo. Façam o vosso trabalho, mas sejam cautelosos com as perguntas, não quero que ele fique preocupado. Já basta o que está a sofrer com a morte da mãe.

Bruno e Carolina ergueram-se do sofá.

— Tenha cuidado. Se for preciso alguma coisa, não hesite em telefonar — disse o inspetor, deixando um cartão com o seu contacto na mesinha ao lado de Raimundo. — Estamos hospedados no Apartamento Nascente, conseguimos chegar aqui em dois minutos. Amanhã voltamos para acabar a conversa.

— Está a esconder-nos alguma coisa — comentou Bruno, assim que chegaram à rua.

— E com medo que o neto perceba que ele corre perigo.

Os especialistas forenses saíram da casa ao lado.

— Então, alguma coisa?

— Nada de sangue, nem sinais de luta — respondeu o mais baixo. — Trouxemos alguns objetos pessoais, como a escova de dentes e a do cabelo. Vamos precisar de recolher amostras de ADN de todas as pessoas que conviviam com a vítima, não só para comparar com as impressões digitais do veículo mas também para confirmar a quem pertencem os cabelos que lá encontramos.

— Falem com a presidente e peçam para ela convocar as pessoas até ao edifício da junta.

O técnico mais alto franziu a testa e replicou:

— Já passa das seis da tarde, não sei se vamos conseguir alguma coisa.

— A aldeia não é grande, vivem aqui cinquenta e tal pessoas. Às que não forem hoje ter convosco, marquem-lhes a recolha de ADN para amanhã de manhã. Reforcem que a recusa em colaborar será encarada como tendo algo a esconder.

— De acordo — declarou o mais baixo. — Vamos agora inspecionar o carro dela. O verdadeiro — acrescentou. — É um *Opel* vermelho, estacionámos perto dele quando chegámos.

Bruno assentiu com a cabeça e ia responder, mas parou.

O carro dela.

— Esperem — pediu, pegando rapidamente no telemóvel. — Aguardem

só um momento. — Fez uma chamada para a sede. Falou durante alguns minutos e, quando desligou, tinha Carolina e os técnicos a olhar para ele.

— Porque pediste um reboque e uma peritagem ao carro dela?

— O Raimundo ficou sem carro — começou o inspetor. — O mais natural será ele começar a utilizar o da Gabriela. Quero garantir que não fizeram nada ao dela.

— Tendo em conta o estado do Raimundo, não vai conseguir guiar durante algum tempo.

— Claro. Mas prefiro excesso de zelo, do que o contrário. Quero explorar todas as hipóteses. Olha, vem aí o Lucas — disse Bruno.

O rapaz subia a rua carregando dois sacos cheios, mas não aparentava qualquer dificuldade na tarefa. Os especialistas forenses afastaram-se em direção à junta.

— Podemos conversar contigo por uns minutos? — perguntou Bruno.

— Sim — acedeu Lucas, num tom monocórdico. — Vou só deixar os sacos em casa do meu avô.



Lucas, ao sair da casa do avô, encaminhou-os para a sua, argumentando que Raimundo adormecera e que seria mais fácil falarem noutro sítio.

— Durante os próximos dias vou ficar lá, para o caso de ele precisar de alguma ajuda a meio da noite — explicou, acendendo as luzes da sala.

Bruno pensou que era uma boa opção, não só pelo amparo ao avô, mas porque, estando acompanhado, diminuía-lhe a vulnerabilidade. Lucas era apenas um rapaz, mas possuía uma constituição física que talvez se revelasse útil caso alguém tentasse entrar-lhes em casa.

A disposição da casa era muito semelhante à da de Raimundo, havendo algumas diferenças nas cores da decoração. Gabriela optara por tons cinzentos e verde-secos, tornando a divisão um pouco escura.

Lucas sentou-se numa cadeira de madeira, as mãos no colo e o tronco ligeiramente curvado. Tinha os mesmos olhos azuis de Raimundo, o cabelo escuro e rosto redondo. Observava os inspetores com desconfiança.

— Lucas, estamos aqui para investigar a morte da tua mãe. Mas, como te dissemos há bocado, podes contar connosco se precisares de algum apoio. A polícia não serve apenas para resolver crimes — disse Bruno. — Vamos fazer-te algumas perguntas, precisamos que sejas honesto e que nos

contes o que sabes. Prometo que seremos rápidos — concluiu, com uma expressão leve.

O rapaz descontraíu um pouco e fez sinal que tinha compreendido.

— Quando foi que a viste pela última vez?

— Foi na segunda-feira à noite.

— De certeza que não a viste na manhã seguinte?

— Não, às terças só tenho aulas à tarde. A minha mãe disse que ia sair cedo porque tinha uma reunião, mas, como acordei às nove, já não estive com ela. Eram dez quando a Sofia chegou para me dar explicação.

— A filha do Abel?

— Sim, o dono do restaurante. Ela apareceu, só que... Bem, acabámos por não fazer exercícios. Quando estava a abrir o caderno, apareceu a Verónica a dizer que o meu avô tinha caído e estava no posto médico.

— E foste para lá?

— Sim. Ele devia ter muitas dores, porque fazia uns sons esquisitos. Estava mesmo aflito e não queria ir ao hospital.

Lucas contou que vira pela primeira vez o avô em sofrimento e que ficara perplexo. Raimundo fora sempre tão resistente, tão forte, que mesmo quando estava doente, ninguém dava por isso.

— E o que fizeste depois?

— Quando a ambulância chegou, levaram o avô e pedi para ir com ele. Fiquei no hospital até à tarde e depois já não fui às aulas — contou. Quando começou a falar, o rosto tornou-se vazio e triste: — A certa altura, depois do almoço, chegaram dois homens da GNR ao pé de mim. Fiquei assustado, eles sabiam o meu nome e disseram que precisavam de falar comigo e com o meu avô. Nesse momento, explicaram que a minha mãe tinha sofrido um acidente...

Lucas tinha os olhos marejados e baixou a cabeça. A comoção impediu-o de concluir a frase e começou a soluçar de uma forma contida, o corpo soltando pequenos espasmos entre respirações. Bruno levantou-se e agachou-se junto à cadeira, pondo-lhe a mão no ombro. Os momentos emocionalmente mais difíceis daquela profissão eram as conversas com os filhos das vítimas, sobretudo quando se tratava de crianças ou jovens. Havia uma compaixão imediata pela dor, acentuada pelo facto de ele próprio ter perdido os pais quando tinha nove anos.

— Se quiseres, podemos fazer um intervalo — murmurou Bruno, afagando-lhe o ombro.

O inspetor voltou a sentar-se no sofá junto de Carolina e deixou passar

um tempo até prosseguir com a inquirição. A inspetora decidiu mudar o rumo da conversa:

— Falámos com o teu avô há pouco, vai precisar de ti nos próximos tempos.

— Sim — confirmou Lucas, limpando a cara com as mãos. Fungou duas vezes e levantou-se para ir buscar um lenço de papel.

— Dás-te bem com ele?

— Sim, muito. Melhor do que me dava com a minha mãe.

— Ele tem vários amigos por aqui, não? Pareceu-nos que todos gostam muito dele — comentou Carolina, empregando um tom casual.

— Sim.

— Disseram-nos que ele foi vigilante aqui na aldeia, numa época de assaltos. Bem, para além de ter sido militar da GNR — acrescentou num tom elogioso. — Aposto que te contou várias histórias dessa altura.

— Sim, algumas. Lembro-me de estar com ele no posto em Arganil, quando eu era mais novo. Às vezes, nas férias, passava lá o dia quando a minha mãe não me podia levar com ela para o trabalho.

Bruno e Carolina ficaram calados, na expectativa de que o silêncio fizesse Lucas aprofundar o assunto. Mas os minutos passaram e nada aconteceu. Carolina manteve o registo des preocupado e disse:

— Sabes que o nosso trabalho tem algumas semelhanças com o do teu avô? Também investigamos e resolvemos situações complicadas. Só que há uma diferença grande: nós não temos de utilizar farda. Aqui que ninguém nos ouve, ainda bem... Gosto muito mais de usar roupas destas — confessou a inspetora em voz baixa. Piscou-lhe o olho e depois retomou: — Às vezes temos que ser assim mais rígidos, e as pessoas ficam um bocadinho chateadas connosco. Mas faz parte. Também deve ter acontecido com o teu avô, não?

Lucas estava fixado na janela atrás deles e parecia não ter ouvido a última parte do discurso de Carolina. Os inspetores viraram-se para trás. A janela dava para a rua à frente da casa mas não viram ninguém.

Nesse momento, ouviram duas pancadas na porta de entrada.

Lucas foi abrir e regressou à sala na companhia de um homem magro e de cabelo castanho encaracolado. Aparentava trinta e poucos anos e vestia uns calções pretos e uma camisa com um padrão tropical em tons verdes. Tinha uma argola prateada na orelha esquerda. Parecia ter acabado de chegar de uma praia paradisíaca de algum país quente e distante.

— Boa tarde — cumprimentou, olhando para Lucas com um ar de interrogação.

— São da polícia, estão cá por causa da mãe.

— Ah. Certo. — O homem pigarreou e depois avançou na direção do sofá. — Miguel Viana, sou amigo da Gabriela. Era... — corrigiu, engolindo em seco. — Moro aqui na aldeia e sou guia turístico.

Miguel Viana apertou as mãos do inspetor e voltou para junto de Lucas.

— Vinha cá ver se precisavas de alguma coisa. Queres que te faça o jantar?

— Não, vou jantar com o meu avô. Fico lá com ele durante os próximos tempos.

Miguel assentiu. Parecia aliviado com aquela perspetiva.

— Gostávamos de falar consigo — anunciou Bruno. — Já que aqui veio, quer sentar-se por uns minutos?

— Sim, pode ser.

— Eu vou andando para casa do avô — disse Lucas.

Virou costas e saiu. Miguel tomou o mesmo lugar onde Lucas estivera.

— Coitado do miúdo. Tenho vindo cá todos os dias desde que a Gabriela morreu, mas ele rejeitou todas as ajudas. Parece que não quer dar

parte de fraco. — Fez uma pausa e suspirou. Só depois pareceu perceber que eles se haviam apresentado como inspetores. — Esperem lá... Polícia Judiciária? Mas porque é que estão aqui? A GNR já falou connosco na terça-feira.

— Foi feita uma peritagem ao veículo no qual a Gabriela seguia e descobriram-se indícios de sabotagem. A morte dela não foi acidental, tratou-se de homicídio. Portanto, o caso foi-nos entregue.

Miguel demorou uns segundos a reagir ao que Bruno dissera.

— E já sabem quem foi? Devem ter alguma prova...

— Há quanto tempo se conheciam? — questionou a inspetora, pegando nas rédeas da conversa.

— Há muitos anos, vinte e tal. Fomos da mesma turma desde o primeiro ano. Ficámos muito amigos até hoje.

— Que outros amigos tinha ela?

— Não tinha muitos mais... Na verdade, tirando eu, ela não se relacionava com mais ninguém. A Gabriela era fechada, não gostava de multidões. Aliás, não gostava muito de pessoas — lamentou Miguel.

— Informaram-nos de que foi você quem assumiu a paternidade do Lucas quando ela engravidou.

Miguel acenou afirmativamente mas não respondeu logo. Cruzou os braços e fitou um ponto invisível no tecido dos seus calções.

— A Gabriela e o namorado tinham dezasseis anos. Quando o Lucas nasceu ela já tinha feito os dezassete, mas eram muito novos. Ele não quis assumir responsabilidades e fugiu. Estávamos todos na mesma escola — relembrou, baixando a voz. — Consegui que os pais o transferissem para outra escola, em Coimbra, e nunca mais ouvimos falar dele. Entretanto, a notícia não demorou muito a espalhar-se aqui pela aldeia. A Gabriela deixou de sair de casa e acabou por perder o ano letivo. Foi um período muito duro para ela. Como já éramos muito próximos na altura, assumi a paternidade do Lucas. Apresentámo-nos como casal nas consultas e no hospital, pelo que ninguém questionou se seria mesmo eu o pai.

— E o miúdo sabe dessa história?

— Sim, a Gabriela explicou-lho há uns anos.

— Quando foi que a viu pela última vez?

Miguel fez uma pausa para se lembrar.

— Foi na segunda-feira, cruzámo-nos no largo à hora de almoço. Eu ia começar uma excursão com uns turistas espanhóis, e ela estava a entrar na junta.

— De que é que conversaram?

— Nada de especial, falámos apenas durante uns segundos porque estávamos com pressa.

— Tem uma relação próxima com o Raimundo?

— Não... Não muito — respondeu. — Cumprimento-o sempre que nos encontramos, mas não posso dizer que tenhamos uma relação próxima.

— Apenas o perguntámos pelo facto de ele ser pai de uma grande amiga sua — justificou a inspetora. — Sabemos que o Raimundo é uma pessoa com importância no Piódão.

— Não sei se utilizaria essa palavra, mas é verdade que ele ajudou muita gente enquanto esteve na GNR.

— E também fez vigilância durante um período, certo? Quando houve uma vaga de assaltos.

— Ah, pois. Já nem me lembrava disso. Bom, vou ter de ir andando — disse Miguel, erguendo-se.

— Só mais uma pergunta — declarou Carolina, levantando-se também. — Sabe de alguém que quisesse fazer mal ao Raimundo?

— Ao Raimundo? Por que raio haveria alguém de lhe querer fazer mal?

— Diga-nos você. Conhece-o há bastante mais tempo do que nós. E ele teve um cargo numa força de segurança, o que potencia inimizades e rancores.

— Imagino que sim, mas não tenho conhecimento de ninguém que o odiasse.

— Nenhum vizinho aqui na aldeia com quem o Raimundo tenha tido algum problema?

Miguel abanou a cabeça.

— Que eu tenha ouvido, não. E a Gabriela também nunca me contou nada. — Ele franziu o olhar ao surgir uma hipótese nos seus pensamentos. — Estão a dizer-me que ela foi morta por causa do Raimundo? Alguém a matou para se vingar dele?

Bruno e Carolina trocaram um olhar rápido e decidiram dar a entrevista por terminada.

— Obrigado pela sua colaboração. Entraremos em contacto se for preciso esclarecer mais alguma coisa.

— Certo — respondeu Miguel. Observou-os durante mais uns segundos. De seguida levantou-se, estremunhado, e saiu.

Quando Bruno e Carolina desceram até ao largo da aldeia, já o céu escurecia. Os técnicos forenses tinham telefonado a relatar a conversa com a presidente, informando que esta convocara todos os habitantes para irem na manhã seguinte ao edifício da junta, de forma a se recolherem as amostras de ADN.

Para além do Solar do Abel, havia mais dois restaurantes ali na praça: A Gruta e o Delícias do Piódão. Caminharam para o Solar, aquele que Raimundo mais frequentava. Estava aquecido e havia apenas duas mesas ocupadas. As conversas foram interrompidas e as atenções viraram-se de imediato para os inspetores.

Aproximaram-se do balcão de vidro e Bruno tossicou para chamar a atenção do homem que fatiava um naco de carne sobre a bancada. Abel voltou-se e soltou uma exclamação.

— Boa tarde... Ah! São os tipos da polícia? Aguardem um momento — pediu, pousando a faca comprida e de lâmina afiada. Foi até ao lavatório e passou as mãos por água, secando-as no avental de pano. — Sou o dono do estabelecimento. Abel Jerónimo, prazer. Estamos quase a começar a servir os jantares, tenho alguma pressa. Querem comer alguma coisa?

Os inspetores declinaram.

— Gostávamos de lhe fazer umas perguntas.

— Já calculava. Sofia! Chega aqui!

A filha espreitou da cozinha.

— O que foi?

— Corta o resto da carne, fazes favor.

Abel apontou para a tábua e estendeu-lhe a faca. Sofia fitou os

inspetores por vários segundos, só pegando na lâmina quando o pai acenou com a mão livre.

— Ei! Ouviste o que eu disse? Rápido, que temos mais clientes a chegar.

Levou os inspetores para a loja adjacente e fechou a porta que a ligava ao restaurante. Havia vários expositores com produtos regionais, artigos de cortiça, pantufas com pele de ovelha, postais, azulejos e porta-chaves, todos alusivos à aldeia. Nas prateleiras havia frascos com inúmeros sabores de doces e compotas: abóbora, tomate, amora, figo, framboesa, melão e mirtilo. Um expositor retangular de madeira exibia várias tabletes de chocolate com a palavra «Piódão» em letras garrafais, havendo as opções de chocolate de leite, chocolate negro e chocolate com avelãs. Havia ainda uma tablete com o invólucro cor-de-rosa que correspondia a chocolate com flocos de framboesa.

— Aqui estamos mais à vontade. Já me tinha chegado a novidade de que tínhamos a polícia no Piódão. Só me questionava se ainda viriam cá hoje ou se apenas amanhã. Em que posso ser útil?

O homem já ultrapassara os cinquenta anos e não tinha um único cabelo. De braços largos e mãos grossas, dava a entender que trabalhara bastante o físico desde tenra idade. A pele do rosto estava marcada por linhas fundas, mais evidentes junto aos olhos. A careca reluzia sob os candeeiros da loja. Havia uma bonomia por entre aquela robusteza que não passou despercebida a Carolina, obrigando-a a fazer um esforço para se concentrar no que ele dizia.

— Queremos falar consigo sobre o Raimundo Tavares.

Houve uma mudança na expressão de Abel.

— O que tem ele? Pensei que queriam falar sobre a Gabriela.

— São amigos?

— Ele costuma passar cá todos os dias. O Solar é onde a maior parte da gente se encontra. Aqui ninguém é estranho para ninguém, todos nos relacionamos. É uma terra pequena, como já devem ter entendido.

— Conhecem-se bem, então. O senhor e o Raimundo.

— Conheço-o da mesma forma que os outros todos. Ele é um pouco mais velho do que eu, antigamente relacionava-se muito bem com o meu pai, que Deus o tenha.

— E ele esteve cá na segunda-feira à noite, correto? Na véspera do acidente.

Abel refletiu e depois respondeu que sim.

— Desde que se reformou, encosta-se aqui todos os dias praticamente.

Só sai da aldeia para ir buscar o neto à escola, pouco mais.

— O Raimundo juntou cá? Com quem é que ele conversou?

— Não, apareceu depois para tomar um digestivo. Ainda enfardou uns quantos, até que depois decidiu ir-se embora. E ainda bem, que mais um copo e tenho a certeza de que ia começar a dar espetáculo. — Abel pigarreou e depois continuou: — Há coisa de dois meses, emborcou quase meia garrafa e disse uns impropérios à minha filha. Foi coisa feia, só não aviei nele porque alguém o levou lá para fora. Passaram-se várias semanas até voltar a aparecer aqui.

— O Raimundo estava alcoolizado na noite de segunda?

— Já estava um pouco entornado, mas nada de mais. Ainda conseguiu pôr-se em pé e ir sozinho até casa.

— Ele e o Vicente conversaram, certo? Quando o Raimundo estava a sair.

— Foi. O Vicente Rocha chegou pouco antes disso. É o marido da Elsa — explicou. — Ela tem feito comida aqui para o restaurante, cozinha bem que se farta.

— E de que é que eles falaram?

Abel fez um esforço de memória e recuou à noite em questão. Lembrava-se de estar ao balcão e de ter ouvido qualquer coisa entre eles.

— O Raimundo disse que ia ao médico no dia seguinte, e o Vicente disse-lhe que tivesse cuidado. Foi estranho. O Vicente parecia arreliado com alguma coisa.

— Houve algum desacordo entre eles?

— Creio que não. Não que eles sejam grandes companheiros, mas sempre os vi cordiais.

— E há alguém com quem o Raimundo se tenha zangado? Algum atrito? Por ter tido uma profissão daquelas, talvez haja alguém que lhe guarde algum rancor?

O dono do restaurante cruzou os braços e pensou durante um bocado.

— Não sei de nada.

A porta de ligação abriu-se e Sofia apareceu. O cabelo louro estava preso com um elástico e tinha um avental preto por cima das calças de ganga justas.

— Pai, o Telmo está ao telefone. Quer falar contigo.

Abel resfolegou.

— Em que alhada é que se meteu agora?

Sofia encolheu os ombros e disse que não fazia ideia.

— Inspectores, dêem-me licença.

Abel voltou ao restaurante e Sofia preparava-se para o imitar, mas Carolina fez-lhe sinal para esperar.

— Queremos fazer-lhe umas perguntas. Importa-se de entrar e fechar a porta?



Sofia fechou a porta devagar e voltou-se para os inspetores com a mesma lentidão.

— O Telmo é o meu irmão — explicou, com um ligeiro tremor na voz. — Porque é que... O que querem de mim?

— Trabalha há muito tempo com o seu pai? — começou Bruno.

— Desde miúda... Não sei bem que idade. Acabei o secundário no ano passado e, como não sei que curso quero tirar, decidi trabalhar durante uns tempos. Estou todos os dias aqui na loja e no restaurante.

— Conhece bem a família Tavares, certo?

— Mais ou menos. Quer dizer, acho que sim — disse Sofia, continuando a transparecer nervosismo enquanto falava. — Dou explicações de Matemática ao Lucas.

— Com que frequência vai lá a casa? — perguntou a inspetora.

— Vou uma vez por semana, terças-feiras de manhã. Nesse dia, o Lucas só tem aulas à tarde.

— Costuma ver o Raimundo quando lá vai? — questionou Bruno.

— Não, eu encontro-me com o Lucas em casa da Gabriela.

— Ele nunca apareceu durante as explicações?

— Não. Quer dizer... Só uma vez. Foi lá pedir café, o dele tinha-se acabado. Aconteceu logo no início do ano letivo, talvez em outubro. A Gabriela pediu-me para ajudar o Lucas assim que as aulas começaram, porque no ano anterior ele quase chumbou.

— No início desta semana, o Raimundo esteve cá depois do jantar. Na segunda-feira — especificou a inspetora. — Conversaram, correto?

— Bem, sim... Sobre as explicações — contou Sofia. Rodou a cabeça na direção da porta e fez uma expressão aflita. — Tenho que ir ajudar o meu pai com os jantares.

— Só mais um minuto. O que foi que falaram sobre as explicações?

— Ele disse que a Gabriela queria terminá-las, para castigar o Lucas.

Acho que eles andavam a discutir muito. E o Raimundo insistiu que ia fazê-la mudar de ideias, que não concordava com ela.

— E que mais?

— Foi só isso.

— Conistou-nos que, há uns tempos, houve uma conversa menos agradável com ele.

Sofia baixou a cara e fixou-se no chão.

— Sim, disse umas coisas desagradáveis numa noite — murmurou. — Mas não me interessa mais esse assunto, ele depois pediu-me desculpa.

— E na tal noite de segunda, viu-o conversar com mais alguém?

— Não me lembro, mas é possível. Temos sempre muita gente por aqui àquela hora, há várias pessoas que vêm cá comer uma sobremesa ou beber aguardente. Agora, tenho mesmo de ir, desculpem.

Sofia voltou-se e abriu a porta, reentrando no restaurante com o passo apressado.

Quando Bruno e Carolina voltaram à sala do restaurante, saindo da loja, havia mais mesas ocupadas. O tom das conversas voltou a baixar e os olhos cravejaram-se neles, curiosos. Acharam melhor pedir comida para levar e comer no apartamento. Abel disse que precisaria de vinte minutos para preparar o pedido e os inspetores foram até lá fora esperar.

O céu parecia um manto negro e os candeeiros iluminavam o largo de uma forma ténue, transformando-o numa penumbra povoada de sombras. Bruno tinha mais chamadas não atendidas no telemóvel, desta vez pertenciam aos técnicos que vinham recolher o carro de Gabriela. Os inspetores foram ter com eles à estrada a seguir à praça e identificaram o *Opel Corsa* vermelho, que foi colocado e acorrentado ao reboque.

— Obrigado por terem vindo ainda hoje — agradeceu o inspetor, apertando-lhes a mão como despedida.

— Ora essa. A gente vai deixá-lo no laboratório, mas só amanhã é que lhe vão pegar.

— Claro, entendo. Agradeço-vos mais uma vez.

O reboque seguiu viagem pela estrada escura e os inspetores regressaram ao largo. O ar estava gélido e Carolina envolveu os braços à volta do corpo.

— Queres o meu casaco? — ofereceu Bruno, puxando o fecho para baixo.

— Não.

— Vá, toma. Estás com o corpo todo a tremer.

— Não é preciso — respondeu ela, em tom seco.

O inspetor ergueu as mãos.

— Tu é que sabes.

Carolina pegou no telemóvel e deambulou pelas aplicações, afastando-se um pouco dele. Só queria voltar para o apartamento, tomar um duche quente e deitar-se. Bruno ficou a olhar para ela, mas não disse mais nada. Queria discutir o caso e delinear os próximos passos, só que não via em Carolina a mais pequena abertura para isso.

Minutos depois, viram um casal caminhar na direção deles. A mulher vinha uns passos mais à frente e tinha a mão junto ao cachecol, protegendo melhor o pescoço do frio. Assim que ela os viu, desacelerou e caminhou ao lado do marido, parecendo assustada. Quando chegaram à entrada do Solar, detiveram-se. Bruno apenas ouviu vozes abafadas, mas percebeu que a conversa estava tensa. Pouco depois, a mulher levou de novo a mão ao pescoço e aproximou-se.

— São os senhores da polícia? O meu nome é Elsa.

Carolina reaproximou-se de Bruno e o marido de Elsa fez o mesmo.

— Vicente Rocha — disse, com dureza. A mesma que o apelido sugeria.

— Já descobriram alguma coisa? Ficámos com o coração quebrado quando soubemos da Gabriela.

Bruno observou-os com atenção e, à primeira vista, Elsa e Vicente evidenciavam várias semelhanças físicas. O cabelo no mesmo tom de grisalho, os narizes aquilinos, e ambos tinham uma boca pequena, de lábios finos e rosados. Poder-se-ia dizer que pareciam irmãos.

— Foi terrível o que aconteceu — lamentou Vicente. — Uma moça tão jovem.

— Tinham uma relação próxima? — questionou o inspetor.

— Víamo-la com frequência.

— Gostamos muito deles — acrescentou Vicente. A mulher olhou-o de soslaio, mas não fez comentários. — O Raimundo e a Gabriela são boa gente. E o filho dela também, evidentemente.

Elsa engoliu em seco e baixou a cabeça. Fora ela quem tomara a iniciativa de abordar os inspetores, mas, de súbito, parecia desejosa de sair dali.

— Esteve com o Raimundo na noite anterior à morte da Gabriela, certo? Aqui no Solar.

— Sim. Encontramo-nos sempre aqui ao fim da tarde ou depois da refeição.

— E de que é que conversaram?

— Um pouco de tudo, futebol, política, esses assuntos.

Elsa pigarreou baixinho e interveio:

— Senhores inspetores, vamos entrar, que está frio. Tenham uma boa noite.

— Sabemos que não foi sobre isso que falaram — interrompeu Bruno. — Explique-nos o comentário que fez quando o Raimundo referiu a consulta que tinha no dia seguinte.

Vicente fez um esgar confuso, de quem não estava a compreender a conversa.

— Precisa que lhe avivemos a memória? Disse ao Raimundo para ter cuidado, que davam chuva forte para o dia seguinte.

— Ah, isso. Pois, eu tinha acabado de ver o noticiário em casa e a previsão era de chuva torrencial. Apenas fiz esse comentário para o caso de ele não ter visto as notícias. O que tem isso de errado?

A porta do restaurante abriu-se e fê-los voltarem-se para lá.

— Já aqui têm os sacos com a comida — anunciou Abel. Depois, reparou que os inspetores estavam acompanhados. — Olá, Vicente. Elsa. Entrem, que o tempo não está para conversas na rua.

Bruno e Carolina regressaram com vontade ao apartamento. Estavam tão cansados e com tanta fome que o facto de estarem alojados debaixo do mesmo teto deixara, por momentos, de os aborrecer. Só queriam um duche e uma refeição quente.

Enquanto ela tomou banho, Bruno foi jantando. Depois, trocaram.

Eram dez e meia da noite quando ele saiu da casa de banho, com o cabelo húmido e fato de treino azul-escuro. Sentou-se no sofá, calçando as meias, enquanto Carolina mordiscava um biscoito sentada à mesa. Vê-la de perfil acelerava-lhe o coração, impelia-o a aproximar-se e a abraçá-la. A consciência de que não podia fazê-lo dilacerou-o. Por muito que lhe apetecesse, jamais desrespeitaria a decisão que Carolina tomara naquela manhã. Queria tanto levantar-se do sofá, ir até à mesa e envolvê-la nos seus braços...

— Ah... Estava a pensar escrever agora o relatório para o chefe — disse ele.

— Pois, é boa ideia. Podemos alternar, amanhã faço eu.

— Sim, concordo.

Silêncio de novo. Carolina nem sequer olhara para ele quando falara.

— Quem achas que foi o responsável? — perguntou Bruno, passado um tempo.

— Tenho um palpite que estará relacionado com o trabalho do Raimundo. Algo que terá acontecido enquanto estava na GNR, uma situação que talvez tenha envolvido alguém da aldeia.

— É provável. Talvez valha a pena investigar se, no período em que ele esteve no ativo, houve ocorrências relacionadas com o Piódão. E também

me parece importante perceber melhor o que aconteceu aqui na altura dos assaltos. Ninguém pareceu muito disposto a aprofundar esse assunto.

— Também reparei — retorquiu Carolina. Rodou o corpo na cadeira, ficando de frente para ele, que continuava no sofá. — Se o Raimundo fez de guarda-noturno, pode ter descoberto quem foi o responsável pelos roubos.

— E parece-te que a queda dele foi acidental?

A inspetora refletiu durante uns instantes.

— Até pode ter sido. Mas é estranho ter acontecido na mesma manhã em que a Gabriela morreu. Achas que o empurraram?

— Acho que sim — respondeu Bruno. — Penso que o assassino estava atento às movimentações naquela manhã, e reparou que quem acabou por pegar no Peugeot foi a Gabriela e não o Raimundo. Isso deve tê-lo obrigado a agir rápido.

— Acreditas na perda de memória dele?

O inspetor foi categórico:

— Não.

— Ele tinha uma ferida na testa, deve ter batido com a cabeça quando caiu. Uma pancada dessas pode facilmente causar lapsos de memória.

— Ainda assim, não me convence. Acho que ele sabe quem o agrediu naquela manhã.

— Então, por que motivo não conta quem foi?

Bruno suspirou e abanou a cabeça. Não tinha uma justificação firme para o silêncio de Raimundo.

— Ou está com medo de revelar quem foi, ou talvez suspeite de mais do que uma pessoa — argumentou.

— Isso ainda nos dificulta mais o caminho — queixou-se Carolina. — Achas que pode ter sido o Abel? Talvez pelos comentários que o Raimundo fez à Sofia.

— Terá sido assim tão grave o que disse? A ponto de sabotar o carro dele? Não me parece... No máximo, apanhava-o desprevenido num dia qualquer e dava-lhe uma sova.

— O Abel pode ter querido apenas pregar-lhe um susto — apontou a inspetora. — Mas se calhar não mediu bem as consequências de um despiste, achou que o acidente podia causar só uns arranhões e ossos partidos.

— Lembra-te que o Raimundo foi buscar o miúdo à escola nessa tarde, e estava tudo bem com a condução. Portanto, o carro só pode ter sido sabotado na noite de segunda para terça. Ora, o Raimundo já voltou a

frequentar o restaurante do Abel há um tempo. Não faz sentido ter-lhe cortado os travões nesta altura.

Carolina sentiu-se obrigada a concordar com ele. A hipótese que formulara não fazia muito sentido. Mas seria possível que o envolvimento de Abel naquele caso tivesse outra motivação que eles desconheciam?



— Não achas que devíamos montar um sistema de vigia à casa do Raimundo? — sugeriu ela, pegando noutro biscoito de azeite.

— Isso impossibilita-nos de continuar a investigar e interrogar outras pessoas. O miúdo está lá com ele, para além disso, já toda a aldeia deve saber que estamos cá.

— E achas que isso demove o assassino?

— Talvez — respondeu Bruno, hesitante. — Com a sabotagem ao carro, diria que ele não é de confrontos. Ele, ou ela. Portanto, acredito que a nossa presença tenha algum efeito sobre a pessoa.

— Não vamos ficar aqui para sempre.

— Eu sei. E assim que virarmos costas, o Raimundo corre mais perigo.

— Já percebi que aqui não há coisa mais fácil do que entrar em casa de um vizinho — declarou ela. — Quem sabotou o carro deve ter ido a casa do Raimundo durante a noite, pegou nas chaves e fez o que tinha a fazer. Depois, apenas teve de voltar e deixá-las no mesmo sítio. Deve ter demorado o quê... vinte, trinta minutos? Não creio que precisasse de mais do que isso. Além disso, temos de nos mentalizar que não é qualquer pessoa que tem conhecimentos de mecânica.

— Não é bem assim — contrapôs ele. — Nos dias de hoje, qualquer motor de pesquisa na Internet te ensina a cortar o tubo de óleo dos travões de um carro.

— Sim — acabou por admitir Carolina. — Que merda. E não achas que alguém pode ter visto o sabotador? Ele deve ter passado pelo largo nessa noite.

— O mais provável é ter sido bastante tarde, de madrugada, talvez. E nesse caso, só quem mora nas casas do largo é que o conseguiria ver. Mas acredito que tenha escolhido uma hora em que toda a gente estava a dormir.

— No largo temos: o posto de turismo, a igreja, os três restaurantes —

enumerou Carolina. — E o edifício da junta de freguesia.

— São os únicos com vista direta para o largo. Mas durante a noite nenhum deles está aberto.

— Pois não. Mas espera. Entre a junta e o Solar do Abel há três casas.

— Sim — confirmou ele, fazendo um esforço de memória. — Uma é o café A Gruta. As outras duas creio que são edifícios de habitação.

— Então amanhã vamos falar com esses moradores e perceber se viram alguma coisa na noite de segunda para terça. Para já, é o que podemos fazer.

Dito isto, Carolina levantou-se e foi para o quarto. Bruno ficou a vê-la subir os degraus e conteve novamente o impulso de se levantar e lhe dar um abraço de boa noite. Suspirou, desanimado. Ainda faltavam seis dias para se irem embora.

No dia seguinte
sexta-feira

Bruno acordou ainda antes de o despertador tocar. O sofá-cama era confortável, contrariamente ao que achava, pelo que não o podia responsabilizar pela noite mal dormida. O que o despertara sucessivamente tinham sido pensamentos. Depois de Carolina se deitar, ele pegara no computador portátil e redigira o relatório para enviar para o inspetor-chefe, o que se revelara útil para organizar mentalmente as informações recolhidas.

Pressionou o botão lateral do telemóvel para consultar as horas. Eram seis e vinte da manhã. Puxou o edredão para cima, rodou o corpo para o lado e fechou os olhos, mas o sono continuava a não querer nada com ele.

As conversas do dia anterior rodopiavam-lhe na mente, entrecruzando-se e sobrepondo-se num caos difícil de organizar. Se, por um lado, não conseguia deixar de reviver o diálogo com Carolina em sua casa, por outro, a imagem cabisbaixa de Lucas não lhe saía da cabeça. Interrogar o miúdo na tarde anterior fora doloroso.

Bruno também perdera os pais num acidente de viação, mas nessa altura era ainda mais novo do que Lucas. Tinha nove anos. O filho de Gabriela tinha quinze. A figura encorpada fazia-o parecer mais velho, mas não conseguia disfarçar a fragilidade emocional e tristeza que o assolava. Apetecera-lhe abraçar o miúdo várias vezes durante a conversa, dar-lhe o carinho e o amparo que tanto lhe faltavam naquele momento. Preencher o vazio que a morte da mãe lhe deixara.

Bruno conhecia as camadas que revestiam aquela dor. Chorara a morte dos pais durante semanas a fio, um choro sem fim à vista. Como poderia ter fim, se perdera de forma irreversível as únicas pessoas que o amavam

incondicionalmente? Queria o colo da mãe. Apenas isso. Aninhar-se junto ao seu peito e chorar convulsivamente, soluçar até o corpo cessar os espasmos e soltar um suspiro final de alívio. Depois, a mãe limpar-lhe-ia as lágrimas da cara, sorrir-lhe-ia, dizendo: «Está tudo bem, meu amor», com a voz de veludo que o serenava.

Bruno herdara de Margarida o impulso de cuidar dos outros. Aprendera com a mãe a compaixão perante a dor e o poder do abraço. O seu recurso mais frequente na relação com os outros. Fora o carinho e a ternura dos avós maternos que tinham colmatado a ausência dos pais. Tinham sido eles quem o abraçara e amparara desde aquele dia, assumindo o neto como um filho, multiplicando o afeto e resgatando a alegria roubada por aquele acidente.

Bruno reconhecia a sorte de ter tido os avós por perto naquele momento. E ficava de coração apertado a ver Lucas, que acabara de perder a mãe, e ainda tinha de cuidar do avô. Eram incompreensíveis as provações que a vida impunha a certas pessoas.



Ficou mais uns minutos deitado, mas, assim que percebeu que já não ia conseguir adormecer, levantou-se e começou a preparar o pequeno-almoço. Não ouviu barulho no andar de cima, Carolina ainda deveria estar a dormir. Abriu os armários com cuidado e pôs os pratos e chávenas de mansinho sobre a mesa.

Serviu-se de café e abriu a porta, sentando-se no pequeno degrau com a chávena entre as mãos. O dia amanhecia solarengo e o ar, apesar de fresco, não o incomodou. Foi dando pequenos goles e observando a rua deserta, com as casas alinhadas e próximas. Não havia uma única portada aberta e não se ouvia qualquer ruído. Por momentos, Bruno teve a ilusão de estar sozinho no Piódão.

Quando terminou a bebida, ainda ficou sentado mais uns minutos. Levantou-se e reentrou em casa a sorrir. Soube-lhe bem conseguir despertar com o ritual de silêncio e cafeína, apesar de não estar no seu apartamento.

Assim que se sentou à mesa e começou a barrar manteiga numa fatia de broa, Carolina desceu os degraus junto à parede. Tinha vários penachos no cabelo e os olhos inchados, e murmurou um *bom dia* arrastado quando se encaminhou para a casa de banho.

Bruno serviu-a de café e comeram em silêncio. Nem um nem outro eram adeptos de conversas às primeiras horas da manhã. Quando terminou, o inspetor apontou para o frasco mais largo e sugeriu:

— Prova o mel. É delicioso.

Carolina declinou e mergulhou a colher no doce de mirtilo, espalhando uma camada generosa sobre o pão.

— Proponho que agora de manhã questionemos os moradores das duas casas no largo, e que depois façamos inquéritos porta-a-porta pelo resto da aldeia.

— Combinado — respondeu ela. — Talvez seja melhor dividirmo-nos, para ser mais rápido.

— Sim, é melhor. — Bruno reconsiderou a ideia e disse: — Alguns deles irão à junta fornecer as amostras de ADN, talvez um de nós possa ficar lá e pedir à presidente um cantinho para interrogarmos as pessoas. Assim, despachamos logo uma série delas.

— Parece-me bem. Eu prefiro ficar lá, se não te importares. Baseamos as perguntas na vida do Raimundo, certo? Relações, trabalho...

— Exato, e também temos de perceber melhor a questão dos assaltos no ano passado. O que roubaram, a quem, e de quem suspeitaram. Vou tomar um duche rápido.

Bruno pousou o prato e a chávena no lava-louça e foi até à casa de banho. Carolina pegou noutra fatia de pão e decidiu experimentar o mel. Barrou uma pequena parte e, assim que deu a primeira trinca, bateram à porta. Achou estranho alguém os visitar àquela hora, ainda nem eram oito da manhã. Será que tinha havido mais alguma ocorrência? Levantou-se e foi abrir.



Lucas acordara às sete em ponto e preparara o pequeno-almoço para o avô, levando-o à cama num tabuleiro. Raimundo ficara no quartinho do rés do chão, ao invés do seu no piso superior, já que as manobras para subir e descer as escadas seriam complicadas. O neto acomodara-se no sofá da sala, aproveitando o calor da lareira. Até adormecer, ainda ficara bastante tempo deitado de lado, olhando hipnotizado para as brasas alaranjadas, com a cabeça atafalhada de ideias e pensamentos.

Quando o avô terminou a refeição, instalou-o no cadeirão da sala e

ligou-lhe a televisão. Lucas saiu, dirigindo-se à casa que habitara com Gabriela. Raimundo ficara com o telemóvel na mesinha ao lado, para que pudesse ligar-lhe caso houvesse alguma emergência. Assim que pôs a chave à porta, reparou que Miguel subia a rua, acenando-lhe. O melhor amigo da mãe. O seu *pai*, de acordo com o cartão de cidadão. Nunca o tratara por pai, sempre fora pelo nome próprio, e não era ele quem representava a figura paterna na sua vida. O avô, sim, era o mais próximo que tinha de um pai.

— Bom dia, Lucas.

— Olá.

— Já tomaste o pequeno-almoço?

— Não, vou comer agora.

— Então faça-te companhia. Daqui a bocado tenho uma excursão mas ainda há tempo para um café.

Entraram em casa, que estava gelada. Foram até à cozinha e o miúdo ligou o aquecedor a óleo, deslizando-o até ao centro da divisão. Miguel sentou-se e apoiou os braços sobre a toalha, enquanto Lucas ia abrindo os armários e preparando a refeição.

— Queres ajuda?

— Não é preciso.

— Quando é que vais voltar à escola?

— Não sei — respondeu Lucas, fatiando o pão. — Às oito tenho de ligar o portátil, a diretora de turma deixou-me assistir às aulas por videochamada.

— Menos mal, assim não perdes matéria. Se quiseres, posso ajudar-te no estudo.

Lucas preparou a cafeteira e acendeu o fogão. Naquela semana ainda não tinha ido aos treinos de futebol uma única vez. O treinador fora avisado do sucedido e enviara-lhe uma mensagem para o telemóvel lamentando a morte da mãe, mas terminara com uma nota a referir que contava vê-lo no estádio dentro de poucos dias. E a verdade é que Lucas tinha muita vontade de voltar a jogar.

Trouxe a cafeteira e sentou-se à mesa, pondo fiambre sobre o pão. Miguel serviu-se de café e perguntou:

— Quando o teu avô ficar bom, já sabes o que vais fazer? Ficas a viver com ele?

Lucas mastigou e deu um gole no leite com chocolate. Estava frio, como ele gostava. Mesmo no inverno, não era capaz de beber leite quente.

— Volto para aqui. A minha casa é esta.

— Vais ficar aqui sozinho?

— Não me importo — respondeu, encolhendo os ombros. — O avô está mesmo aqui ao lado, por isso ajuda-me, se for preciso.

— Tens a certeza de que não preferes viver com ele? És muito novo, Lucas. E, se calhar, durante os próximos tempos, vai ser importante teres alguém contigo, uma companhia que de te dê apoio.

— Prefiro ficar sozinho. Assim, estou mais à vontade.

Miguel deteve-se com a chávena entre as mãos. Segundos depois, acabou por baixá-la para a mesa.

— Acho que podia ser bom falares com uma psicóloga. Sei que na tua idade os miúdos acham que isso é coisa de fracos, mas garanto-te que não é. Todos precisamos de conversar com alguém sobre os nossos problemas, há coisas que os nossos amigos e a nossa família não conseguem resolver. Queres que te ajude a encontrar alguém?

Lucas bebeu mais um pouco de leite e pousou a caneca, hipnotizado pela movimentação do líquido acastanhado. A assistente social que o visitara depois da morte da mãe já lhe mencionara a eventual necessidade de uma psicóloga, inclusive deixara-lhe um cartão com os seus contactos, mas não lhe apetecia conversar com ninguém.

— Não quero.

— Vai ajudar-te tanto, Lucas. Pode ser difícil ao início, mas com o passar dos dias vais sentir-te muito melhor. E a psicóloga não vai contar a ninguém o que tu lhe disseres. Aquilo de que falarem nas consultas fica apenas entre vocês.

— A psicóloga consegue trazer a minha mãe de volta? Não. Então, não preciso dela para nada.

— Ouve, é normal que estejas triste. Os rapazes também choram e está tudo bem com isso, não é vergonha nenhuma — disse Miguel, num tom pausado.

— Tenho de ir ligar o computador — comentou Lucas, levantando-se e colocando a louça na máquina. — A aula está quase a começar.

Miguel ergueu-se também e consultou o relógio de pulso. Era hora de descer até ao largo e de se encontrar com o grupo que ia realizar o percurso pedestre pela aldeia.

— Também vou andando. Pensa no que te disse. O que te aconteceu é muito duro e é normal que precisas de ajuda. Prometes que vais pensar nisto?

Lucas acenou com a cabeça e saiu da cozinha.



Quando abriu a porta e viu quem era, Carolina só não a mandou embora por educação.

— Bom dia! — saudou Rita, animada. — Dá-me um jeitinho? Ora com licença.

Carolina afastou-se para a deixar entrar e, aproveitando ela estar de costas, revirou os olhos. Rita envergava um vestido cor-de-rosa vivo um pouco acima de joelho e uns reluzentes saltos brancos. Estava maquilhada e perfumada e tinha ar de quem acordava sempre bem-disposta e enérgica, o que enervou ainda mais a inspetora.

— Queria apanhá-los antes do pequeno-almoço, mas acho que já cheguei tarde — disse, erguendo o saquinho de papel que trazia nas mãos. — Trago aqui doce de abóbora!

Carolina olhava para ela sem qualquer expressão no rosto.

— Já temos vários doces.

— Pois, mas deste sabor não têm. O seu colega já saiu? — perguntou Rita, observando o resto do apartamento.

A inspetora atrasou a resposta o máximo que conseguiu.

— Não.

— Ah, então está por aí? — O olhar de Rita percorreu de novo a divisão, fixando-se nos degraus que levavam ao mezanino.

Houve silêncio de novo. Carolina massajou as têmporas e preparava-se para a convidar a sair, quando a porta da casa de banho se abriu de repente. Bruno surgiu apenas com a toalha à volta da cintura e o sorriso desapareceu assim que viu Rita.

— Ah! Aí está — comentou, de olhos postos no inspetor. A expressão de entusiasmo desapareceu ao reparar nas marcas das queimaduras no peito dele. À primeira vista, impressionavam.

— Bom dia, precisa de alguma coisa? — Era por causa daquele tipo de olhares que Bruno deixara de ir à praia no verão.

Rita subiu o olhar para o rosto do inspetor e voltou a dirigir-lhe um sorriso.

— Vim só trazer-vos um maminho! Este doce de abóbora — explicou, retirando o frasco e exibindo-o. — Também foi feito por mim.

— Obrigado — disse Bruno.

Atrás de Rita, a inspetora pigarreou num tom forçado, chamando a atenção.

— Agradecemos muito. Agora, se não se importa, temos de nos despachar.

— Vou andando, então. — Rita acenou com a mão e desfez o sorriso quando olhou para Carolina e passou por ela.

— Espere — pediu Bruno. Ajustou um pouco a toalha, para garantir que continuava bem presa à cintura. Durante a insónia, tinha-se recordado de algo que o sargento Negrão lhes contara na véspera. — Quero só fazer-lhe uma pergunta.

— Sim? — disse Rita, voltando atrás.

— Por que motivo disse à GNR que o Raimundo foi empurrado naquela manhã? Viu ou sabe de alguma coisa?

— Que ideia, inspetor! Se eu tivesse visto algo, já lho teria comunicado ontem.

— Constatou-nos que a Rita foi bastante insistente nesse ponto.

— Eu... Apenas me pareceu que ele tinha sido empurrado. Tal como vos expliquei, é demasiada coincidência duas pessoas da mesma família sofrerem acidentes à mesma hora. Não vos parece?

Os inspetores chegaram ao largo pouco depois das oito da manhã, no preciso momento em que a presidente apertava a mão aos técnicos forenses em frente ao edifício da junta.

— Bom dia — cumprimentou Verónica. — Ah, inspetores, vêm assistir às recolhas de ADN?

— Mais ou menos — respondeu Carolina. — Como precisamos de fazer algumas perguntas aos moradores, pensámos aproveitar a deslocação deles até aqui. É possível disponibilizar-nos um gabinete para conversarmos com eles?

— Sim, creio que consigo arranjar-vos um espaço para isso. Talvez na copa. É um pouco apertada, mas serve para o efeito.

— Obrigada. Outra coisa: a quem pertencem aqueles dois edifícios? — questionou a inspetora, apontando para o lado esquerdo da praça.

— Aqueles dois a seguir à Gruta? O primeiro é a casa do Cândido Alves, o responsável pelo posto de turismo. O outro é onde mora o Abel, com a filha.

Carolina cruzou o olhar com Bruno. Se, num momento inicial, a revelação de Verónica os surpreendeu, depois começaram a formar uma imagem mais consistente das hipóteses sobre aquele caso.

— Vamos entrando? — propôs um dos técnicos forenses, apontando para as malas pesadas que carregavam.

— Sim, claro — acedeu a presidente, rodando a chave na fechadura.

Os inspetores esperaram que eles entrassem e só depois conversaram.

— Com que então, o dono do restaurante também mora aqui no largo. E o Cândido, *idem*. Vou conversar de novo com ambos — declarou Bruno.

— Pode ser que tenham visto mais do que nos contaram.

— Eu fico por aqui e vou interrogar quem aparecer para as recolhas de ADN.

— Certo. À hora de almoço fazemos um ponto de situação.



Bruno aproveitou que o Solar do Abel já estava aberto e foi até lá. Sofia estava a retirar cadeiras pretas de uma pilha e a compor a esplanada no exterior. Tinha o rosto inchado e o semblante rígido, e a brusquidão com que punha as cadeiras à roda das mesas parecia sugerir que estava irritada com algo.

— Bom dia, inspetor.

— Bom dia. O seu pai está?

— Sim — confirmou, abrindo um dos guarda-sóis de pano. O céu aberto fazia antever que, apesar do frio, vários clientes optariam pela esplanada naquele dia. — Está lá dentro.

— Na noite de segunda-feira, a que horas fecharam o restaurante?

— Não sei de cor, mas deve ter sido pelas onze da noite. É a hora do costume — informou, abrindo mais um guarda-sol.

Tinham passado apenas quatro dias, não deveria ser muito difícil de recordar, pensou o inspetor.

— Você e o seu pai foram logo para casa?

— Fomos. É mesmo aqui. — Sofia apontou para o edifício de três pisos quase colado ao restaurante.

— Não saíram depois disso?

Ela estacou, apertando a vara do guarda-sol. Virou costas e foi até à pilha de cadeiras, falando por cima do ombro.

— Eu nunca saio depois do trabalho. E, como deve imaginar, àquela hora da noite não acontece nada aqui na aldeia.

— Adormeceu por volta de que horas?

— Sei lá. Porque é que está a fazer tantas perguntas sobre essa noite? Não me lembro, mas talvez tenha visto uma série antes de adormecer.

— Faça um esforço. Segunda-feira à noite foi quando o Raimundo falou consigo no restaurante sobre as explicações.

Sofia largou a cadeira com brusquidão.

— Eu sei que isso foi na segunda-feira. — Fez uma pausa e soltou um

suspiro, apoiando as mãos nas costas da cadeira. — Estive a ver uma série da Netflix e depois fui dormir. Devia ser meia-noite e meia.

— E o seu pai, saiu?

— Que eu saiba, não.

— Acordou a meio da noite?

— Não, tenho o sono pesado, nunca acordo durante a noite. É tudo?

Bruno anuiu e entrou no restaurante.



Pediu um café e, quando Abel lho trouxe à mesa, Bruno pediu-lhe que se sentasse por uns minutos. Sofia reentrara no estabelecimento e o pai pediu-lhe para se ocupar dos pedidos dos clientes.

— Preciso de lhe fazer mais umas perguntas.

— Faça favor.

— Sei que mora mesmo aqui ao lado com a sua filha.

— É verdade, estamos a meia dúzia de passos de casa.

— Na noite de segunda-feira, que horas eram quando deixaram o restaurante?

— Segunda-feira... Creio que foi pelas onze e meia. Normalmente, fechamos a caixa, fazemos uma limpezazinha e vamos sempre embora por volta dessa hora.

— Quando saíram, viram alguém no largo? — inquiriu o inspetor, dando um gole no café.

— Ui, isso já não sei precisar.

— Só passaram quatro dias — realçou Bruno. — Pense com calma.

Abel passou a mão pela careca e depois abanou a cabeça.

— Não sei, inspetor, mas é improvável. Aqui as pessoas recolhem cedo. Às sextas e sábados é diferente, mas numa noite de segunda-feira, não é comum ver gente pela praça depois das onze da noite.

— Foram para casa e já não saíram? Adormeceu logo?

— Caramba, tanta pergunta. Quando volto para casa fico de molho no sofá a ver as notícias da edição da noite e vou-me deitar pouco depois.

— Costuma acordar durante a noite?

— Sim, acontece. Desde que fiz cinquenta, que não voltei a dormir noites seguidas. Sei que não parece, mas já levo cinquenta e cinco anos no lombo.

— Nessa noite específica, recorda-se de ter acordado? Levantou-se, ou ficou na cama?

— Às vezes levanto-me e vou trincar qualquer coisa ou ligo a televisão, a ver se me dá sono. Na segunda-feira... — Abel estalou a língua. Parecia-lhe desnecessário fazer um esforço de memória tão grande. — Acho que não me levantei. Mas o que tem de tão importante essa noite?

— São apenas perguntas de rotina.

— Tem algo que ver com o que aconteceu à Gabriela?

Bruno observou-o fixamente. Era evidente que a investigação e respetivos interrogatórios teriam como ponto de partida a vida de Gabriela.

— Sabe se a sua filha saiu de casa nessa noite?

— Não.

— Não sabe, ou não saiu?

— Não saiu. Alguém disse que a viu, foi? Quem é que inventou uma coisa dessas?

— Tenha calma, ninguém disse nada.

— Foi esse bisbilhoteiro do Cândido? Não me admirava, esse gajo só sabe falar da vida dos outros! Falar e inventar.

O inspetor admirou-se com o tom agressivo que a voz de Abel assumira.

— Já lhe expliquei que não me disseram nada sobre...

— Tenha muito cuidado — interrompeu-o. — Esse tipo sonha de noite para contar de dia. Não acredite numa única palavra que ele diga. O café fica por conta da casa — declarou Abel, levantando-se com brusquidão. Parecia que ainda ia dizer mais qualquer coisa, mas estalou a língua e desapareceu para o interior do balcão.

Eram nove da manhã. Raimundo já tomara a medicação para as dores, mas o corpo continuava a ressentir-se da queda de terça-feira. Parecia não haver uma única posição que lhe fosse totalmente confortável. A televisão emitia um dos noticiários matinais, mas o conteúdo era tão desmoralizante que pegou no comando e mudou para um canal de filmes.

No momento em que Kate Winslet e Leonardo DiCaprio faziam um concurso de cuspidelas no convés do *Titanic*, alguém bateu à porta. As três pancadinhas indicaram-lhe quem era ainda antes de ela se abrir.

— Podes entrar.

A chave rodou na fechadura e a porta abriu-se de mansinho, revelando Elsa, que deitou uma olhadela rápida à rua antes de entrar.

— Bom dia — saudou, sorridente, fechando a porta.

— Entra, o Lucas está em casa a assistir às aulas no computador.

— Isso significa que podemos estar à vontade? — perguntou ela, debruçando-se para o abraçar.

Raimundo assentiu e envolveu-a com o braço livre.

— Ele só volta para me dar o almoço. Temos muito tempo.

Elsa beijou-o com ternura e afagou-lhe a nuca. As carícias dela foram para ele o melhor dos antídotos e, por momentos, Raimundo esqueceu-se das dores que o assolavam. Só pelo facto de ela estar ali, parecia que o desconforto se evaporara, dando lugar a uma calma prazerosa que não queria perder.

— Consegui sair sem o Vicente perceber — contou, sentando-se no sofá ao lado do cadeirão. — Ainda estava a roncar quando me levantei.

Raimundo pegou-lhe na mão e fez-lhe festinhas.

— Não te preocupes, meu amor.

— Claro que preocupo. Quantos homens há aqui na aldeia? É óbvio que ele sabe que é contigo que me ando a encontrar.

— Tens receio de que conte à vossa filha?

Elsa acenou com a cabeça e vieram-lhe lágrimas de raiva aos olhos.

— Ele não me procura nem me toca há vinte anos. Vinte anos! Não me dá afeto... Mas depois fica enciumado e desvairado por perceber que me encontro com outra pessoa. Ele não tem o direito de me fazer cobranças! Há anos que não me dá, sequer, um mísero abraço! Porque é que continua comigo se já não existe nada entre nós? Sou apenas um objeto para ele — lamentou, com a voz por um fio. — Só sirvo para lhe fazer comida e limpar a casa.

Raimundo ficou em silêncio.

— Se a minha filha souber, é o meu fim... Estou desgraçada.

— Não digas isso. Se lhe explicares, seguramente irá compreender. Caramba, ela já é adulta e tem filhos.

— Ela nunca me irá perdoar.

— Não tem de te perdoar — contrariou Raimundo. — Tem de respeitar a tua decisão. E de aceitar que o vosso casamento já terminou há muito tempo. Vocês simplesmente moram na mesma vivenda. São companheiros, apenas isso.

— Nem isso somos — retorquiu Elsa. — Que espécie de companhia é que ele me faz? Ficar o dia todo no café e só aparecer em casa para me pedir o almoço e o jantar? Não preciso desse tipo de companhia.

— Vamos encontrar uma solução. Prometo-te.

— Tenho tanto medo...

— Calma, meu amor. Se for preciso, vens viver para cá.

Elsa soltou um suspiro agonizante. O que diriam as pessoas quando soubessem que ela deixara o marido para ir viver com Raimundo? Mudar-se para casa dele não era uma possibilidade. Infelizmente. Agora, o que constituía uma hipótese e a deixava realmente assustada era outra coisa. Tão grave que não conseguia encontrar força para a verbalizar.

— Não estás a compreender... O meu medo é por ti, Raimundo. — Elsa inspirou fundo e secou as lágrimas. Precisava de coragem para dizer aquilo em que acreditava. — Acho que o Vicente matou a tua filha.



Quando Bruno cruzou o largo, já tinham montado duas bancas de venda de artigos regionais. Um dos vendedores abordou-o com uma expressão entusiasmada:

— É o cavalheiro da polícia, não é verdade? Não quer um licorzinho de amora? Frutos vermelhos? Uma aguardente de mel?

O expositor tinha uma profusão de garrafas, azulejos e *pins* em forma de casinha, com as cores castanhas e azuis típicas do Piódão. Bruno declinou a oferta e retomou a marcha até ao posto de informação turística.

— Ora bom dia! — exclamou Cândido, assim que o viu.

Estava sentado atrás de um balcão branco, a mesma cor das paredes. O chão era de madeira clara e todo o interior parecia ter sido remodelado recentemente, havendo um tom contemporâneo subliminar na arquitetura e decoração. O espaço congregava uma zona de esclarecimento de informações e também o Núcleo Museológico.

— Veio visitar o nosso museu? — perguntou, levantando-se. — Temos uma exposição permanente interessantíssima sobre a aldeia, que retrata a vida das nossas gentes desde os primórdios até à atualidade. Posso acompanhá-lo, se desejar.

— Vim fazer-lhe algumas perguntas. Importa-se de que conversemos aqui?

Cândido pareceu surpreendido.

— De maneira nenhuma, inspetor. Estão bem instalados no apartamento da Rita Braz, com zê? — perguntou, imitando a voz dela. — Apresenta-se sempre às pessoas dessa forma, deve achar que é fina. Já lhe expliquei que não há nada de finório naquele apelido igual a um prato de bacalhau.

— Estamos bastante bem instalados, sim — confirmou Bruno, com vontade de rir.

— Essa jovem é uma atrevida. Não tem respeito nenhum pelos mais velhos. Adiante, o que deseja perguntar-me?

— Na segunda-feira, a que horas deixou o posto?

— Pouco depois das dezanove horas, que é o horário de fecho. Dou uma voltinha pelo espaço, desligo as luzes e tranco a porta.

— E foi logo para casa?

Cândido refletiu e depois respondeu que sim.

— Costumo ir ao Solar dar dois dedos de conversa, mas na segunda-feira fui logo para casa, estava com febre. Apanhei um resfriado nessa manhã.

— A sua casa é mesmo aqui no largo, certo? Na segunda, saiu depois do jantar?

— É verdade, é aquele edifício estreito a seguir à Gruta. Paredes-meias com a vivenda do Abel. Nessa noite não saí, não senhor. Fiz uma canja, pus um comprimido no bucho e deitei-me com as galinhas. Por falar em bucho, tem de ir ali ao restaurante Delícias do Piódão provar o nosso prato típico: bucho serrano. É o estômago do porco recheado com arroz e carne. Uma delícia...

— Acordou a meio da noite?

— Não, inspetor. Tenho sessenta e oito anos, mas não tenho nenhuma daquelas queixas dos sexagenários. Durmo bem e a minha memória está fresca que nem um pero. Levantei-me tarde no dia seguinte, às terças-feiras estou de folga. Quando fui até à sala e abri as janelas, percebi que havia uma grande agitação no largo. A ambulância tinha acabado de vir buscar o Raimundo, foi o que me explicaram depois.

Bruno aproveitou a deixa.

— Recorda-se de alguém que se tenha incompatibilizado com ele? Que pessoas lhe guardam rancor?

Cândido pigarreou antes de falar e a voz assumiu um tom mais sério.

— Houve um tempo em que eu e a minha falecida esposa fomos muito próximos dele e da Dulce, a mãe da Gabriela. Tínhamos casado na mesma época, praticamente, e a dificuldade em engravidar acabou por nos ligar. Falávamos muito sobre isso os quatro. Hoje em dia os jovens vão ao psicólogo e resolvem tudo, há quarenta anos as coisas eram bastante diferentes. Fomos um grande suporte uns para os outros.

— Então, a Gabriela foi adotada?

— Não, não. A Dulce teve o privilégio de conseguir engravidar aos trinta e cinco, ou trinta e seis anos. A minha esposa, que Deus a tenha, não teve a mesma sorte. — Cândido fez um sorriso triste e baixou a cabeça. — O Senhor não nos quis dar uma criança, e nós aceitámos isso, com o passar do tempo. Foi uma dor muito grande, mas creio que solidificou a minha relação com a Celeste. Que felizes que fomos... Até ao fim. Ela partiu há cinco anos e não há um único dia em que não pense nela.

Bruno deu-lhe uns segundos para se recompor. Cândido estava comovido e tapava a boca com a mão. Fungou e assoou-se antes de prosseguir.

— Respondendo à sua questão, a Dulce tinha algumas razões de queixa do Raimundo, ele sempre foi amigo da pinga. Falava-se por aí que lhe

chegava a roupa ao pelo... Mas nunca vi nada, inspetor, apenas lhe estou a relatar o que se dizia. De qualquer forma, o Raimundo tinha muito poder na altura, era GNR. Toda a gente lhe tinha um grande respeito. Até porque era a ele que as pessoas recorriam quando havia algum problema.

— Ele teve desacatos com alguém da aldeia?

— Se está a falar do tempo mais antigo, respondo-lhe que não. Relativamente ao passado recente, sei de duas pessoas que não o podem ver nem pintado.



— O Vicente matou a minha filha? — repetiu Raimundo, incrédulo. Nem sequer conseguiu continuar e perguntar por que motivo Elsa dissera aquilo.

— Não vejo outra explicação — respondeu ela, levantando-se e caminhando de um lado para o outro na sala. — Fui ao restaurante entregar umas compotas e o Abel disse-me que os inspetores lhe fizeram muitas perguntas a teu respeito e que desconfiam do Vicente.

Raimundo permaneceu em silêncio durante vários segundos, debatendo-se interiormente sobre se deveria abrir o jogo com Elsa ou mantê-la na ignorância.

— Houve algum problema com o teu carro, não houve? — questionou, estacando em pé no meio da divisão. A respiração fazia o peito oscilar rapidamente e o raciocínio saía-lhe numa torrente agitada. — Por isso é que a polícia está cá! Eu sabia que se tinha passado algo. Primeiro a GNR, agora a Judiciária. Como a Gabriela pegou no teu carro, foi ela que teve o acidente. E isso significa que eras tu quem deveria ter morrido! Não é que... Eu não estou a dizer que queria que tu tivesses... — corrigiu Elsa, expirando, enervada consigo mesma.

— Pronto... Não fiques assim — serenou-a Raimundo, do cadeirão. Fez-lhe sinal com a mão para que se aproximasse. — Eu percebi o que querias dizer, não te exaltes. Vamos conseguir solucionar isto.

— Mas como? Só pode ter sido o Vicente — murmurou, sentando-se de novo junto dele. — Ele quer fazer-te mal. Tem cuidado, Raimundo... Não te quero perder.

Elsa desabou em lágrimas e juntou a mão ao peito. A aflição de poder ficar sem o homem que amava trespassava-lhe o coração.

— Isso não vai acontecer, meu amor. Confia em mim.

— Eu não confio é no Vicente! Ele é bem capaz de...

— Pronto, pronto. Não vamos falar mais sobre isto. A polícia está cá, não vai acontecer nada. E, com o Lucas comigo, fico seguro. Vá, chega-te aqui — pediu ele, erguendo o braço livre.

Elsa abraçou-o e encostou a cabeça à dele. A proximidade acalmou-lhe os soluços e, a pouco e pouco, a respiração retomou o ritmo habitual. Estavam tão felizes juntos que ela repetia para si mesma que aquilo não era errado. Por que motivo uma alegria tão imensa como aquela deveria ser considerada um pecado? O casamento com Vicente apenas existia no papel que haviam assinado há mais de quarenta anos.

Até que a morte os separe, dissera o padre naquele dia. Elsa estremeceu perante a recordação. Lembrava-se de tudo: a cara do sacerdote, o timbre da voz, o cabelo branco e a pele rosada. Só esperava conseguir reunir coragem para se separar de Vicente em breve. Antes que a morte o fizesse por ela.



— Que pessoas são essas? — perguntou Bruno.

— O Abel ficou com o Raimundo entalado depois de ele ter feito uns avanços sobre a filha dele, a Sofia.

— Já soube dessa história.

— A moça tem apenas dezanove anos, inspetor — apontou Cândido. — Ele tem sorte por o Abel o ter voltado a deixar entrar lá no restaurante. E tendo em conta que a miúda dá explicações ao neto do Raimundo... Não sei o que o Abel terá a dizer sobre isso. Se fosse comigo, a minha filha não voltava a aproximar-se daquela família.

— Num sítio tão pequeno, imagino que seja difícil afastar-se de quem quer que seja.

— Tem razão, inspetor. Mas eu tomaria as providências necessárias para que um tipo desses não voltasse a estar perto da minha menina. A Sofia é uma joia, tão dedicada ao negócio da família. O Abel teve sorte com a filha que lhe calhou. Já o filho, o Telmo, é mais desligado, trabalha lá para Arganil numa oficina. É raro vê-lo por aqui. Mete-se em cada sarilho... Normalmente só aparece para pedir dinheiro ao pai, mas o Abel manda-o pastar. Com ele ninguém faz farinha.

— Quem é a segunda pessoa que não tem boa relação com o Raimundo?

— Ah, pois — comentou Cândido, ficando ligeiramente corado. — Ora bem, o Raimundo perdeu a esposa há muito tempo, creio que há quinze anos ou algo assim. Se não me engano, ela faleceu pouco depois de a Gabriela engravidar. Desde aí, nunca mais se lhe conheceu outra companhia. Até agora...

Bruno ergueu as sobrancelhas e enrugou a testa. Daquela história, não tinha tomado conhecimento.

— Ele tem uma relação?

Cândido anuiu com a cabeça.

— Têm feito tudo com alguma discrição, mas já a viram entrar em casa dele várias vezes. Eu, inclusive, há uns dias passei na rua do Raimundo e, por acaso, olhei para a janela da sala e vi-os lá dentro, abraçados.

O inspetor presumiu que aquele olhar não tinha sido tão *por acaso* como ele dissera.

— E de quem estamos a falar?

— Da Elsa Rocha — esclareceu. — A mulher do Vicente.

O casal com quem os inspetores tinham trocado umas breves palavras na noite anterior, à porta do Solar do Abel. Bruno recordou-se de que a mulher estava um pouco agitada, sobretudo no momento em que o marido falara.

— O Vicente sabe desse envolvimento?

— No Piódão não há segredos — afirmou, abrindo os braços. — Aqui sabe-se sempre tudo. Quem quiser esconder alguma coisa, mais vale ir-se embora.

Durante o resto da manhã, o inspetor calcorreou a aldeia de cima a baixo, batendo a todas as portas e fazendo perguntas sobre a noite de segunda-feira dessa semana e sobre as relações de Raimundo com os habitantes do Piódão. Continuava a partir do princípio que fora durante essas horas noturnas que tivera lugar a sabotagem do carro.

Alguns moradores não estavam em casa e ele depreendeu que poderiam estar na junta de freguesia a disponibilizar amostras de ADN. Nesses casos, Carolina asseguraria o interrogatório. Apesar de todo o Piódão já ter conhecimento da presença da Polícia Judiciária, Bruno foi tratado com desconfiança por algumas pessoas. Houve mesmo quem nem sequer o tenha convidado a entrar em casa, forçando-o a proceder às inquirições em plena rua.

Eram duas e meia da tarde quando se reencontrou com Carolina no largo central, tendo ela soltado um longo suspiro assim que o viu:

— Estou de rastos, já não consigo ouvir mais pessoas. Vamos almoçar.

Optaram pelo restaurante A Gruta. Na esplanada comeram pregos no pão com batatas fritas. Dali, alcançavam com o olhar toda a extensão da praça principal. Bruno começou por resumir as conversas com Abel e a filha, bem como o diálogo com Cândido. De seguida, procedeu à explicação sobre os inquéritos porta a porta.

— Foram quatro horas a subir e descer estas ruas... Sem grande sucesso — lamentou, dando mais uma dentada no pão. — Ninguém viu nem ouviu nada na noite de segunda-feira, mas a verdade é que só quem mora na praça é que poderia ter testemunhado algo. E tanto o Abel e a Sofia, como o Cândido, garantiram que não deram conta de nenhuma pessoa a passar por

aqui.

— Podem estar a mentir — retorquiu Carolina, dando um gole no sumo de laranja. — Imagina que viram alguém a passar pelo largo nessa noite e que é uma pessoa próxima deles? Ou talvez até tenha sido o Abel quem se esgueirou de casa nessa noite. Nesse caso, a filha não abriu a boca para o proteger. Já o Cândido, mora sozinho. Entra e sai sem ter de dar justificações a ninguém.

— O Abel até teria motivos para dar cabo do Raimundo, mas o Cândido, aparentemente, não.

— Aparentemente. Se foi ele o responsável pelo homicídio, dificilmente nos diria algo que pudesse incriminar-se a si próprio.

— Em relação à Sofia, houve o assédio sobre ela, mas terá sido razão suficiente para a fazer querer matar o Raimundo?

— Motivo mais do que válido — afiançou Carolina. — Mas não me parece que tenha sido ela. Descobriste se o Raimundo tem algum inimigo?

— Ninguém me relatou nada nesse sentido, bem pelo contrário. Vários moradores contaram-me histórias da época em que o Raimundo ainda estava no ativo, e que os ajudou com questões legais, multas, e outras parecidas. Confirmaram que ele, de vez em quando, perdia a conta aos copos, mas nada que também não aconteça a outros. Ah, já me esquecia. O Cândido disse-me que o Raimundo tem uma companhia — disse Bruno, baixando a voz. Eram os únicos ocupantes da esplanada, mas havia mais pessoas espalhadas pelo largo.

Carolina debruçou-se sobre a mesa de metal, de sobrolho franzido.

— Quem? Ele não nos disse nada.

— Não é uma relação *oficial*. É a Elsa, mulher do Vicente.

A inspetora assentiu. Recordava-se bem do casal que tinham encontrado na noite anterior.

— Depreendo que o Vicente descobriu o que se passa, não? Num sítio tão pequeno, uma coisa destas não tardaria a chegar-lhe aos ouvidos.

— O Cândido acha que ele já sabe, sim. — Bruno fez uma pausa e bebeu o resto do sumo de um trago. — Antes de contares como correram as conversas na junta: não te pareceu estranha a insistência da Rita em relação ao Raimundo ter sido empurrado?

— Toda a existência dessa mulher é estranha — replicou Carolina, em tom azedo. — Nunca fiquei hospedada num alojamento cuja dona fosse tão intrometida. Confesso que não achei esquisita a insistência dela, achei só desnecessária. Pareceu-me que estava a aproveitar-se de ter sido a pessoa

que ajudou o Raimundo, apenas para chamar a atenção sobre si própria.



— Descobriste alguma coisa lá na junta? — quis saber o inspetor. — Apareceu muita gente?

— Sim, foram quase todos os habitantes. A Verónica esteve sempre por ali a rondar e no fim mostrou-me a lista dos residentes, houve doze pessoas que não apareceram. A maior parte são idosos com mobilidade reduzida — justificou a inspetora.

— Ah, sim, falei com alguns no porta a porta.

A empregada surgiu do interior do restaurante e começou a recolher os pratos.

— Vão desejar sobremesa? Café?

— Dois cafés, por favor. — Carolina esperou que ela reentrasse e depois prosseguiu: — Os técnicos forenses já seguiram de volta para Coimbra com as amostras, prometeram informar-nos se houvesse alguma correspondência de ADN. Também não soube de nada em relação à noite de segunda-feira. Alguns presenciaram os tais comentários que o Raimundo fez à Sofia, parece que o Abel ficou desvairado e só não se atirou a ele porque o retiraram do restaurante. Tirando isso, ninguém apontou motivos para se odiar ou guardar rancor ao Raimundo. Tal como tu, também ouvi muita gente dizer que ele foi bastante útil enquanto esteve na GNR, sempre disposto a ajudar quando havia complicações.

Os cafés chegaram e a inspetora despejou o pacote de açúcar, mexendo a bebida com vigor. Deu um gole e soltou uma exclamação, baixando de imediato a chávena.

— Porra, está quente! — Sentiu a língua latejar e franziu o rosto, bebendo um pouco de sumo para aliviar.

— Foi uma manhã quase perdida — concluiu Bruno. — Não rendeu grande coisa.

Carolina ergueu o dedo indicador.

— Calma aí, ainda não terminei. Fiz várias perguntas sobre aquela vaga de assaltos e descobri o que se passou realmente.

— Foi no ano passado, certo?

— Sim, na época do verão. Desapareceram joias, dinheiro e alguns objetos de prata e ouro. A GNR foi chamada mas nunca descobriram

impressões digitais que correspondessem a alguém com cadastro. Os roubos aconteciam sempre durante a noite e ninguém se apercebia da entrada dos ladrões. Só davam pelas coisas em falta no dia seguinte.

— Se ninguém tem o hábito de trancar as portas... Não me admira.

— E não é só isso: no verão, várias pessoas dormem de janela aberta — apontou Carolina. — Como também estava muita gente fora, de férias, havia várias casas vazias. Por outro lado, também há uma grande enchente na aldeia nos meses de julho e agosto. É um destino muito procurado nessa altura e pensou-se que os roubos seriam obra de algum grupo de veraneantes. E é aqui que entra o Raimundo. A GNR explicou que não tinha recursos para manter alguém no Piódão durante toda a noite, e, como ele já estava reformado e com tempo livre, disponibilizou-se para fazer uma vigilância noturna durante um período.

— Mas as pessoas, a dada altura, não passaram a trancar as portas? A esconder melhor os valores que tinham em casa?

— Foi o que perguntei, e eles disseram que alguns começaram a trancar-se em casa, mas outros recusaram-se a fazê-lo. Não lhes passava pela cabeça fazer isso na aldeia onde viviam desde que nasceram.

Bruno recordou-se de que Raimundo utilizara o mesmo argumento quando confrontado com a possibilidade de alguém próximo lhe querer fazer mal.

— Preferiram correr o risco. Não os censuro — refletiu, passado um tempo. — Também não me conformaria com uma situação dessas, não iria ceder ao medo.

— Na verdade, nunca houve agressões, ninguém foi ferido durante os assaltos. Acho que isso também deve ter contribuído para que não tenha havido pânico generalizado.

— Que suspeitas houve? Alguma pista?

— Foram trabalhos limpinhos, não deixaram nada para trás. A Guarda estava perplexa com a falta de indícios, segundo me disse a presidente da junta.

— Quem quer que seja, há de ter registado uma mudança no estilo de vida, não? Carro novo, roupa dispendiosa, artigos de luxo? Nada?

Carolina abanou a cabeça e respondeu que não.

— Nada que fosse assim tão evidente. Se foi alguém que vive cá, camuflou bem as ações. E as quantias roubadas foram na ordem dos quatrocentos, quinhentos euros. Nada tão avultado a ponto de despertar as atenções.

– E o Raimundo esteve de vigia durante quanto tempo?

– Começou em julho e terminou em dezembro.

– Então, a vigilância durou até há quatro meses. Fazia-a todas as noites?

– Quase todas. De forma a conseguir apanhar os ladrões em flagrante, ele nunca revelava a ninguém em que noites ia estar de guarda. E também nunca explicitou que percurso fazia.

– Os roubos pararam depois disso?

– Não foi logo. Segundo me contaram, o último foi no final de agosto, assaltaram a casa da Elsa e do Vicente. Aproveitaram o facto de eles estarem fora, a visitar a filha. Depois disso, não houve mais nenhuma queixa. Portanto, no fim do ano o Raimundo deixou de fazer vigilância.

– Ele nunca se apercebeu de nada? Não descobriu nenhuma pista nessas noites?

– Não, nada. Quem quer que tenha sido, escapou impune.

Bruno fitou o tampo de metal de mesa. Parecia-lhe impossível tamanha falta de provas, como se se tratasse de um ladrão invisível. Alguém teria de saber algo ou de ter visto alguma coisa que indiciasse quem fora o responsável pelos roubos. Cândido declarara que no Piódão ninguém conseguia guardar segredos, tudo se sabia. Mas ali estava uma situação que lhe contradizia a crença. Mais uma verdade escondida por entre as ruas estreitas e as casas de xisto acastanhado e portas azuis.

Ergueu o olhar para a praça diante de si, na qual passavam várias pessoas. Algumas detinham-se e trocavam breves palavras, outras acenavam com a mão e seguiam. Havia turistas debruçados sobre as duas bancas de venda de artigos regionais, apontando e perguntando preços. O movimento humano fluía sob o sol de abril e hipnotizou Bruno, que se questionou sobre quem teria estado por detrás daqueles assaltos. E será que isso estava relacionado com a morte de Gabriela?

Passavam poucos minutos das quatro da tarde quando Bruno recebeu o telefonema. Estavam no apartamento, cada um a escrever o seu relatório sobre as inquirições daquela manhã, e o inspetor atendeu sem desviar a atenção do ecrã do computador.

A chamada durou três minutos e Carolina viu-o arregalar os olhos de espanto perante o que ouvia. Agitou a cabeça, como se perguntando o que se passava, mas ele levantou a mão, indicando que já lho explicaria.

— Certo. Envie-me isso para o *e-mail*, então. Obrigado. — Bruno pousou o computador ao lado, levantou-se do sofá e aproximou-se da mesa onde estava Carolina, rodando o telemóvel nas mãos. — Era o técnico que inspecionou o carro da Gabriela.

O inspetor calou-se, uma nova certeza a preencher-lhe a cabeça. Alguma perplexidade, também, pela mudança que aquele telefonema trazia ao rumo da investigação.

— O que se passou? Também fizeram alguma coisa ao carro dela?

— Não... Quer dizer, sim, mas não foi nada nos travões. — Bruno expirou e massajou as têmporas. — O *Opel* da Gabriela estava intacto, toda a parte mecânica funciona como é suposto, mas há um componente em falta. Alguém removeu a bateria.

Carolina franziu o sobrolho, mas não demorou muito a perceber o significado. Levantou-se e encarou-o, traduzindo na fala a lógica que se desenhava na sua mente:

— Por isso é que o carro dela não pegou na manhã de terça-feira. Não estava avariado, apenas faltava a bateria. E, como tinha de chegar cedo a Arganil, o mais natural seria a Gabriela pedir outro emprestado a alguém.

— E quem seria a pessoa mais óbvia a quem ela pediria um carro emprestado? — prosseguiu Bruno.

— Ao Raimundo, claro.

— Exato. O pai morava mesmo ao lado, portanto o mais provável era a Gabriela pedir-lhe ajuda. E foi o que aconteceu, como sabemos. O carro despistou-se, ela morreu, e a perícia revelou que os travões foram cortados, fazendo-nos acreditar que a vítima pretendida era, na verdade, o Raimundo.

— Dessa forma, desviaram as atenções da Gabriela e a investigação começou a ser feita em torno da vida dele — concluiu Carolina.

Bruno emitiu um aceno de concordância. A premeditação daqueles atos mostrava uma inteligência retorcida e macabra. Alguém que pusera a inteligência ao serviço da morte.

— Mas, para o plano resultar, deviam ter reposto a bateria no carro da Gabriela logo que possível. Assim, caso inspecionássemos o carro, não encontraríamos nenhum componente em falta e iríamos depreender que o carro não pegara porque a bateria se descarregara. E continuaríamos a investigar sobre o pressuposto de que o Raimundo era a vítima desejada. No entanto, não estando lá a bateria, torna-se óbvio que alguém a retirou para que a Gabriela precisasse de pedir um carro emprestado. Desde o início que o alvo foi ela.

— Não acho que tenha sido por negligência que o assassino não repôs a bateria — contrapôs ela. — Acho que foi excesso de confiança. Ele nunca deve ter considerado que a polícia poderia fazer uma inspeção ao carro da Gabriela. E repara: desde terça-feira só passaram três dias. A GNR esteve cá na aldeia, nós chegámos ontem, todos os moradores souberam do que aconteceu e estão mais alerta. Mesmo durante a noite, seria um risco grande aproximar-se do *Opel* dela, abrir o capô e repor a bateria.

— Ainda assim, parece-me demasiado descuidado. Um erro quase infantil.

— Devia estar à espera do momento em que abandonássemos a aldeia para voltar a pôr tudo no sítio.

Só nesse momento Carolina se apercebeu de quão próxima estava de Bruno. De tal forma, que conseguia sentir o odor do perfume dele, um aroma fresco de gerânio e madeira de cedro. Era o cheiro que lhe associava desde que o conhecera, dois meses antes. Girou sobre os calcanhares e sentou-se outra vez defronte da mesa da sala, passando o dedo indicador pela lateral do portátil. O odor despertara-lhe a vontade e sentia agora um

formigueiro pelo corpo, mas a cabeça lembrou-a da decisão que tomara nessa semana. Seria um egoísmo deixar-se levar até aos braços dele, envolver-se, e depois retomar a vida como se nada tivesse acontecido. Ela conseguiu-lo-ia, mas sabia que para ele isso teria um significado diferente. Reacender-lhe-ia a expectativa num abrir e fechar de olhos. Uma expectativa à qual Carolina não queria nem conseguia corresponder. A certeza de que Bruno não merecia ser magoado reprimiu-lhe o desejo e fê-la engolir em seco.



Bruno achara que Carolina lhe ia dizer algo, mas o regresso dela à mesa fê-lo mudar de opinião.

— Ainda bem que insisti para também analisarem o carro da Gabriela — disse ele, ainda de pé.

— Sim.

— Desde o início que a intenção foi matar a Gabriela. Não morreu por engano.

— Temos de repensar a investigação. Proponho que comecemos por falar com o Raimundo e o Lucas, pois são quem lidava diariamente com ela.

— E também com os da junta de freguesia, pelo mesmo motivo — replicou o inspetor. — Temos de fazer um retrato minucioso da vida dela e perceber quem se daria a este trabalho para a matar. Outro ponto importante: descobrir quem sabia que a Gabriela ia sair cedo na manhã de terça-feira e, talvez ainda mais fulcral, saber com quem se ia reunir em Arganil.

— Ela costumava levar o miúdo à escola todas as manhãs.

— Todas menos uma — corrigiu ele. — Lembra-te de que o Lucas nos disse que às terças só tem aulas à tarde. Portanto, o assassino sabia que nesse dia de manhã a Gabriela iria sozinha no carro.

— Tens razão. A data foi escolhida a dedo.

— Anda, vamos a casa do Raimundo.

Guardaram os portáteis, pegaram nos casacos e deixaram o apartamento.

Foi Lucas quem abriu a porta quando os inspetores chegaram a casa de Raimundo. O rapaz tinha o semblante menos carregado do que no dia anterior, parecia até animado. Apertou-lhes a mão e disse-lhes que entrassem.

— Acabei há pouco as aulas, os professores deixaram-me assistir pelo computador. Parece aquela altura dos confinamentos.

— Espero que estejas mesmo atento — advertiu Raimundo, do cadeirão.
 — Este malandro, na altura da pandemia, assim que começava a aula, desligava a câmara e ia passear. Até que os professores começavam a fazer perguntas, e claro está que ele nunca respondia.

Lucas esboçou um sorriso, divertido. O primeiro, desde que a mãe morrera.

— Agora já não faço essas coisas — garantiu, olhando para os inspetores.
 — Querem comer alguma coisa? Acabei de fazer o lanche para o avô.

Bruno e Carolina declinaram e sentaram-se no sofá. Raimundo tinha um prato com torradas e uma caneca na mesinha ao lado.

— Vou ali a casa, já volto — anunciou Lucas.

— Vais estudar?

— Não, vou jogar *Super Mario* na *Nintendo*. É sexta-feira... — argumentou, antevendo que o avô o iria repreender.

Raimundo pensou durante uns segundos, mas depois acedeu. Naquele momento, Lucas precisava mais de distração do que de pegar nos livros da escola.

— Vá, vai lá jogar à vontade.

Lucas soltou uma exclamação e saiu. Raimundo ficou a olhar para a

porta, abanando a cabeça. Ver o neto expressar aquela alegria, por pequena que fosse, acalentou-lhe o coração.

Bruno pigarreou baixinho e apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Precisamos de lhe fazer mais umas perguntas. Houve um desenvolvimento na investigação e acreditamos que a sua filha não tenha morrido por engano. O assassino tinha, de facto, a intenção de a matar.

Raimundo fitou-os durante longos segundos, exibindo um esgar de incompreensão.

— O que se passou? Expliquem-me, que desenvolvimento foi esse?

— Neste momento, não podemos dar-lhe mais pormenores — declarou Bruno. — Mas o senhor, sim, pode fornecer-nos mais informações. A Gabriela tinha algum inimigo? Alguém que a odiasse?

— Estou perplexo — murmurou Raimundo. A perna engessada latejava e ele fez um esgar ao rodar ligeiramente o corpo. — Não é possível que alguém tenha feito isto para matar a Gabriela. Inimigos? Que espécie de inimigos teria ela? A minha filha não era simpática, reconheço isso. Mas daí a haver pessoas que a queiram matar vai uma grande distância.

— Dava-se bem com os colegas da junta? — perguntou a inspetora.

— São só dois, na verdade, a Verónica e o marido. Pelo que sei, tinham uma relação pacata. Não creio que fossem amigos, mas também não precisavam de o ser.

— E que amigos tinha, para além do Miguel?

— Ela não era moça de amizades — respondeu. — A vida dela era toda para o Lucas e o trabalho. De resto, andava quase sempre sozinha. Visitava o Miguel, também, e ele aparecia por aí.

— Relativamente ao pai do Lucas, sabe onde podemos encontrá-lo? — quis saber Bruno.

A face de Raimundo ruborizou-se e a expressão endureceu.

— Não sei, nem me interessa. Esse cobarde que não volte a aparecer aqui! Desgraçou a minha filha e depois pôs-se a andar.

— Como é que ele se chamava?

— Francisco Amaral. Cem anos que viva, não esquecerei esse nome. Um patife da pior espécie. Era colega da Gabriela no secundário. Na altura que ficou de esperanças, ainda fui falar com ele. Assim que percebi que não queria assumir a paternidade do bebé, dei-lhe uma sova de meia-noite. Engravidada a minha filha e depois pôe-se a andar?! Comigo não. Com a *minha* família, não, disse-lhe eu. Foi muito homenzinho para se meter em cima da minha filha, mas, na altura de assumir a responsabilidade, fugiu

com o rabo entre as pernas.

— Como reagiu a Gabriela na altura?

— Como é que havia de ter reagido? Ficou uma lástima, pois claro. Choradeira de manhã à noite, agarrada à minha esposa, pareciam duas carpideiras. Só pensavam no falatório que se ia gerar aqui na aldeia. E eu disse-lhes: a minha família não perde o sono por causa do que os outros dizem. Erguer a cabeça e seguir caminho, sem choros nem mariquices.

— E esse rapaz morava aqui na aldeia?

— Não, morava em Coja com os pais. Nunca mais teve coragem para aparecer aqui. Os papás arranjaram forma de o transferir e mudaram-se de armas e bagagens para Coimbra, ou lá o que foi. Também dei um apertão à minha filha, evidentemente. O que um não quer, dois não fazem. Tão culpado foi ele como ela. Mas temos de proteger os nossos, foi o que repeti vezes sem conta à minha esposa. Ela era muito religiosa, ficou num tormento quando isto aconteceu, só falava no pecado para aqui, pecado para ali, já não podia com essa conversa. Quando as coisas acontecem, temos de encher o peito e seguir em frente. Não merece a pena perder tempo com lamúrias. E o Miguel lá nos disse que assumia a paternidade da criança, portanto fiquei descansado.

— O Lucas sabe desta história?

— Sabe uma parte. A Gabriela apenas lhe contou que o pai namorava com ela, mas que assim que soube que estava grávida, desapareceu. E é o que basta.

— E a sua esposa?

— Pobre Dulce... Acho que sofreu mais com esta situação do que a própria Gabriela. Sempre agarrada à Bíblia e ao terço, a pedir pela salvação da nossa filha. Fiquei viúvo há quinze anos, ela faleceu pouco depois de o Lucas nascer. Tinha cancro nos intestinos, mas, na verdade, foi o desgosto que a matou. Não suportou os olhares e comentários das pessoas.

Houve uma pausa longa.

— Vamos andando — anunciou Carolina. — Também queremos conversar com o seu neto.

Ele anuiu com a cabeça e inspirou fundo.

— Compreendo. Exponham a situação com cautela, não o assustem.

Os inspetores garantiram que continuariam a ser cuidadosos e saíram.

— Lucas, gostávamos de te perguntar mais umas coisas sobre a tua mãe — anunciou Bruno, num tom sereno.

Estavam de roda da mesa da cozinha e o rapaz tinha a consola preta no colo. Quando o inspetor explicou o motivo da conversa, desligou-a e pousou-a no tampo. Havia leveza na expressão e nos gestos dele, o que suavizou a tensão que Bruno e Carolina sentiam.

— Havia alguém que não se relacionasse bem com a tua mãe? Alguma pessoa de quem ela não gostasse mesmo nada?

— Ela estava sempre chateada, a refilar com tudo... Mas acho que não havia ninguém que não gostasse dela.

— Gostava de trabalhar na junta de freguesia?

Lucas encolheu os ombros.

— Mais ou menos. Ela queixava-se muito das coisas do trabalho, na semana passada ouvi-a dizer que qualquer dia mandava tudo pelos ares e ia-se embora. Tipo, mas isso é normal nos adultos, não é? Nunca estão contentes com o emprego.

— Não é bem assim — respondeu Bruno, a sorrir. — Eu e a inspetora gostamos muito do nosso trabalho.

— Pois, mas vocês têm um trabalho bacano, fazem perseguições nos carros e dão-vos pistolas. Isso é fixe.

Bruno optou por não desconstruir a imagem que Lucas criara sobre a realidade da polícia. Lançou mais uma questão sobre a junta:

— A tua mãe dava-se bem com a Verónica e o Vasco?

— Acho que sim.

— Eram amigos? Costumavam vir cá a casa, ou ela à deles?

— Não eram amigos. Nunca os vi aqui.

— Sabes se a Gabriela perdeu a chave do carro, recentemente? — inquiriu a inspetora.

Lucas abanou a cabeça de forma efusiva.

— Não.

— Não sabes, ou ela não perdeu?

— Não perdeu.

— Onde é que ela as costumava deixar, quando chegava a casa?

O miúdo rodeou a sala com o olhar e apontou para uma cadeira junto à porta da rua.

— Ficava ali, com a mala dela e as outras chaves. Punha sempre as coisas naquele sítio quando entrava, até o casaco.

Os instantes que se seguiram foram passados em silêncio. Bruno equacionava qual a melhor forma de abordar o assunto do pai de Lucas, mas a intuição dizia-lhe que era mais eficaz ser direto, em vez de rodear a questão.

— O teu avô contou-nos sobre o teu pai. Gostávamos de fazer umas perguntas sobre ele — disse, acrescentando logo: — Mas, se preferires, falamos sobre este tema noutra altura.

— Tudo bem. Eu sei que o meu pai se foi embora.

A leveza evaporou-se e o rosto de Lucas ensombrou-se. Havia frieza por entre aquela mágoa.

— Tiveste algum contacto com ele?

— Não. Eu tentei, mas a minha mãe não queria. Eu sei que ele a tratou mal, mas é o meu pai.

— A tua mãe costumava falar dele? Sabes se se encontraram alguma vez depois do teu nascimento?

— Ela contou-me a história uma vez e depois disse que não queria voltar a falar sobre aquilo. Andavam na mesma escola, mas em turmas diferentes, e começaram a namorar com quinze anos, a minha idade. Acho que nunca mais se viram desde que ela engravidou. Sempre que eu puxava o assunto, respondia-me mal ou então fugia.

— Deve ter sido difícil para a tua mãe — retorquiu Bruno. O que Gabriela sofrera era algo que Lucas talvez só compreendesse quando fosse mais velho.

— Só gostava de saber como ele é. Ou se somos parecidos...

— Nunca o procuraste?

— Oh, eu sei lá onde ele está. Só me disseram que se chama Francisco.

Há bué gente com esse nome, como é que eu ia saber qual deles é? A minha mãe nem sabia onde é que ele mora. Ou então sabia e não me queria dizer. Ficava lixada quando eu fazia perguntas sobre ele.

— Lucas, lembras-te daqueles assaltos que houve na aldeia?

— Sim, o avô ajudou a vigiar durante a noite, mas nunca descobriram quem era o ladrão.

— Roubaram alguma coisa aqui em casa?

— Tiraram a minha *Nintendo Switch* e dinheiro. O avô ofereceu-me esta depois do assalto — esclareceu, apontando para a consola preta.

— Há quanto tempo foi isso?

Lucas deteve-se, fixado no tampo de madeira da mesa.

— Foi na altura do verão, lembro-me que estava de férias. O avô deu-me logo outra e a minha mãe ficou furiosa, disse que ele devia ter esperado pelo Natal para me oferecer, porque era uma consola muito cara e eu tinha de aprender a dar valor às coisas.

Uma troca rápida de olhares entre os inspetores assegurou que nenhum deles tinha mais perguntas para fazer. Levantaram-se e, enquanto seguiam até à porta, Bruno relembrou-o:

— Liga-nos se precisares de alguma ajuda, Lucas.

O rapaz acenou afirmativamente e estava outra vez com o semblante leve. Por sua iniciativa, estendeu o braço e apertou a mão aos inspetores antes de saírem.

Bruno e Carolina desceram a rua em direção à praça central, absortos com as ideias desencadeadas por aquelas inquirições. O motivo que levara à morte de Gabriela permanecia indecifrável, envolto numa cortina de fumo espesso.

A intenção era interrogarem a presidente da junta e o marido, mas, assim que puseram os pés no largo, depararam-se com Miguel a despedir-se em inglês de um grupo grande de turistas. Acenou para os inspetores e começou a caminhar na direção oposta, mas Bruno pôs as mãos junto à boca para aumentar o volume da voz:

— Miguel! Chegue aqui, por favor.

— Não percebi que me queriam falar — desculpou-se, assim que se aproximou. — Hoje já não tenho mais excursões, só quero ir para casa e tomar um duche.

— Não vamos demorar muito, esteja descansado.

— Digam lá, então — apressou-os, tirando o boné verde-tropa e limpando as gotas de suor da testa. — Hoje o sol está forte.

— Temos razões para crer que o acidente da Gabriela foi planeado e executado ao pormenor. Houve uma intenção clara de acabar com a vida dela. Sabe de alguém que lhe desejasse mal? Alguma pessoa que possa beneficiar da morte dela?

Miguel baixou a cabeça, fitando as tiras de pedra escura do chão.

— Podemos sentar-nos? — ouviram-no dizer, passado um tempo.

Foram até um dos bancos no meio do largo, e Miguel acomodou-se, aproveitando a sombra fresca da árvore. Bruno e Carolina permaneceram de pé.

— A Gabriela não era feliz.

Foi uma declaração convicta e que carregava um peso que nenhum dos inspetores conseguiu identificar com precisão. Seria pena? Desgaste? Parecia haver uma nota de exaustão naquela frase, um cansaço acumulado por ter de lidar com alguém que desistira e se entregara à tristeza.

— E por que motivos não era feliz?

Miguel afundou a cabeça nas mãos e expirou.

— Ter engravidado aos dezasseis alterou muita coisa na vida dela, modificou-a a nível emocional. Tornou-se uma pessoa amargurada, perdeu toda a alegria que a caracterizava.

— Sabe onde podemos encontrar o namorado dela dessa época? Disseram-nos o nome dele, mas nada mais.

— Já vos disse que nunca mais ouvi nada do Francisco. Éramos colegas no secundário, eu e a Gabriela estávamos em Humanidades, ele em Economia. Não se largavam... Sempre agarrados nos intervalos. O gajo morava em Coja com a família e, assim que souberam da gravidez, puseram-se a milhas. Pediram transferência para uma escola secundária de Coimbra e lá foram eles. Aquilo era gente muito rasca.

— Não faz, sequer, ideia se ele ainda vive em Coimbra? Em que área trabalha?

— Não sei. Há umas semanas, o Lucas veio perguntar-me o mesmo mas não consegui ajudá-lo. Ultimamente, parece que andava a insistir com a Gabriela porque queria conhecer o pai. Fazia-lhe muitas perguntas e ela contou-me que estava saturada. Eu respondi-lhe que aquela vontade era natural, o miúdo está a beira de fazer dezasseis anos. Até me admira como é que não quis mais cedo. Hoje tomei o pequeno-almoço com ele e voltei a sugerir-lhe falar com uma psicóloga, mas recusou. Continua a fazer-se de forte, acho que é para impressionar o Raimundo.

— Ela envolveu-se com alguma pessoa, recentemente?

— Não, ninguém.

— Não houve nenhuma pessoa que se tenha aproximado? Ou por quem tenha manifestado interesse?

— Não, inspetor. Como vos expliquei, a Gabriela mudou com o nascimento do Lucas. Fechou-se muito. Que eu tenha sabido, não voltou a estar com nenhum rapaz.

Bruno considerou aquilo invulgar. Ela era nova, tinha apenas trinta e três anos. Tudo bem que a aldeia era isolada, tinha muito poucos habitantes e Gabriela não costumava sair, mas caramba, até a tecnologia

possibilitava muitas alternativas para conhecer pessoas.

— Gostava de trabalhar na junta?

Miguel girou o pescoço e deitou uma olhadela ao edifício da freguesia atrás de si.

— Não estava muito satisfeita, não. Não é fácil lidar diariamente com a Verónica, segundo o que ela me contou. A relação com o Vasco era mais pacífica. Mas acho que a Gabriela nunca se adaptaria bem a nenhum emprego, a realidade é essa. Ela tinha uma pré-disposição para apenas se fixar na parte má das situações. Quando trabalhava na fábrica, também só a ouvia queixar-se dos colegas, da chefe, que pagavam mal, que era um sarilho para marcar férias... — Miguel fez uma pausa e pegou no boné pousado no assento, rodando-o entre as mãos. — Enfim, facilitava-lhe muito a vida trabalhar aqui, tão perto de casa, num ambiente seguro e familiar.

— Esclareça-nos uma coisa — pediu Carolina, chegando ao fim da entrevista. — Roubaram-lhe alguma coisa durante aquela corrente de assaltos no ano passado?

— Sim, na verdade, fui a primeira vítima. Roubaram-me umas peças em prata que herdei dos meus pais.

— Quando aconteceu isso?

— Assim de repente, não me lembro — Miguel refletiu durante uns instantes. — Acho que foi em julho. Já havia muito turista por aqui. Na altura do verão passo bastante tempo fora de casa, só lá vou para tomar banho e dormir, tal é o volume de excursões. Aproveitaram essa minha ausência prolongada e limparam tudo o que havia de valor. Ainda fiz queixa, claro, mas nunca encontraram as peças nem o culpado.

— O assalto foi durante o dia?

— Não sei. Quando falei com a GNR disse-lhes que poderia ter sido a qualquer hora, nunca tranco a porta. Dei pela falta das peças quando voltei à noite para casa, mas, nessa manhã, saí tão apressado que até posso nem ter reparado que elas já lá não estavam. Portanto, também é provável que me tenham entrado em casa durante a noite. É uma incógnita.

— Obrigado pelo seu tempo — despediu-se a inspetora.

— Não têm de quê.

Miguel pôs o boné na cabeça e afastou-se em direção a casa. Mal chegasse, ia direto para a banheira.

Vasco recebeu os inspetores na junta e levou-os até à grande sala que servia de gabinete aos três — agora, dois — funcionários. Verónica escrevia no computador e Pedro, sentado ao lado dela, desenhava com canetas de cor. Assim que Vasco viu Bruno e Carolina, levantou-se de um salto e correu para eles.

— Olá! — cumprimentou, com um grande sorriso. — Os grandes investigadores do Piódão!

— O Pedrinho tem falado muito em vocês — confidenciou Vasco. — É um grande fã de séries de detetives.

O marido de Verónica exibia um sorriso direito e luminoso. O cabelo era forte e grisalho, mas a pele firme não deixava antever os seus quarenta e cinco anos. Os cabelos brancos tinham-se feito anunciar precocemente, aos vinte e poucos. Media quase um metro e noventa, vestia umas calças bege e a camisa azul-clara tinha, no peito, o logótipo de uma conhecida marca.

— Já descobriram muitas pistas? — perguntou o rapaz.

— Algumas — respondeu Bruno, com um ar misterioso. — Mas ainda temos uma grande investigação pela frente.

Pedro acenou, efusivo, e depois fixou-se nas cicatrizes do inspetor.

— O que lhe aconteceu à cara?

Verónica ergueu os olhos do computador e elevou a voz:

— Pedro! Que conversa é essa? O que é que a mãe te explicou?

— Mas o investigador deve ter uma história com explosões para contar!

Foi uma explosão à séria?

Bruno conseguiu sorrir e afagou-lhe o ombro, dizendo:

— Foi uma história à séria, mas sem explosões. Depois conto-te o que

aconteceu, combinado?

— Combinado!

E lá voltou para a secretária, a transbordar de entusiasmo. Verónica levantou-se e foi ter com eles.

— Peço imensa desculpa. Por mais que explique, o meu filho não entende que há coisas que não se dizem — explicou. Apesar de Pedro parecer alheio à conversa, ela baixou a voz. — É muitas vezes inconveniente, mas sem intenção.

— Não tem problema, é normal que haja curiosidade. — Bruno apressou-se a mudar de assunto: — Gostávamos de conversar convosco sobre a Gabriela.

Verónica e Vasco olharam de imediato um para o outro.

— O que é que desejam saber?

— Como era o estado de espírito da Gabriela, ultimamente? — interveio a inspetora.

A presidente e o tesoureiro voltaram a encarar-se. Ele gesticulou, indicando-lhe para responder primeiro.

— Estava agitada. Parece-me que andava de candeias às avessas com o filho, o que não me espanta, estamos a falar de um adolescente. Irritava-se com facilidade, carregava com força nas teclas do computador e passava o dia a suspirar — relatou Verónica.

— Tenho a mesma perceção. Inclusive, ouvi-a gritar com o filho e com o pai ao telefone.

— A Gabriela não tinha bom senso. Havia atitudes que me deixavam com os cabelos em pé, como fazer telefonemas pessoais a qualquer hora, e aos berros. Mesmo quando tínhamos reuniões a decorrer — acrescentou, desagradada. — Dizia cada inconveniência... Era um pouco como o Pedro, com a diferença que o meu filho tem um cromossoma a mais.

— O que fazia a Gabriela para além do trabalho? Praticava algum desporto, tinha algum passatempo?

— Não praticava nenhum desporto e, que eu saiba, gostava de ver documentários históricos. De vez em quando, falava-me de séries e programas a que assistia. Pareceu-me que um dos interesses dela era a História de Portugal — disse a presidente.

— Ela era muito amiga do Miguel Viana, o rapaz das excursões. Talvez vos possa informar melhor sobre os gostos da Gabriela — sugeriu o tesoureiro. — Ah... Há uma coisa que vos queremos dizer. É uma situação estranha.

Verónica adquiriu uma expressão contrariada.

— Pensámos que não era importante — argumentou, cruzando os braços.

— Mas hoje de manhã decidimos que era melhor contar-vos e deixar-vos discernir se é relevante ou não — concluiu ele. Foi até a um armário cinza com porta de correr e retirou uma agenda cor-de-laranja de tamanho A4. — A nossa agenda central, onde todos escrevemos os compromissos relacionados com a junta. Há uns tempos tivemos uns problemas com os *e-mails* e ficámos sem acesso à caixa de entrada, calendário, enfim, um sarilho. A partir daí, combinámos apontar também nesta agenda as reuniões e eventos.

— Foi a forma que encontrámos para centralizar a informação e prevenir estragos, caso voltemos a ter problemas informáticos.

Vasco abriu a agenda na data de terça-feira e mostrou-a os inspetores. Estava em branco.

— Não havia nenhum compromisso no dia em que a Gabriela morreu. Não havia nenhuma reunião de trabalho em Arganil nessa manhã, ao contrário do que ela disse a toda a gente.

Houve um momento em que ninguém falou. Bruno pediu licença e levou a agenda até à janela. Inclinou-a em vários ângulos sob a luz que entrava, confirmando que não tinham escrito nem apagado nada naquela folha.

— Ela era muito meticulosa — garantiu Verónica. — Não falhava uma marcação. A Gabriela não tinha autonomia para representar sozinha a junta, e envolvia-me sempre a mim ou ao Vasco em qualquer reunião. Portanto, se houvesse algum compromisso na terça-feira, nós saberíamos.

— Porque é que não revelaram logo isto à GNR, no dia da morte?

— Foi caótico — argumentou ela. — Não imaginam o pandemónio que se gerou. E o Pedro apercebeu-se de que acontecera algo com a Gabriela e ficou muito agitado. Entre os pedidos da GNR, que assentaram arraiais aqui na junta, o histerismo coletivo das pessoas, o querer sossegar o meu filho, enfim, não me ocorreu sequer esse pormenor da suposta reunião.

— Nós achámos que ela ia a alguma consulta e se esquecera de nos avisar. Foi o que dissemos um ao outro no dia seguinte, quando recapitulámos esta história toda.

— Já está! — exclamou Pedro, fazendo-os saltar. Correu para eles com o desenho na mão e estendeu-o: — Para os meus investigadores favoritos.

Bruno e Carolina sorriram-lhe, com afeto, e a inspetora pegou na folha.

Tinha duas figuras humanas, que depreendeu serem eles, com vários objetos sugestivos ao lado: uma lupa, uma lanterna, um par de óculos, pegadas e umas manchas vermelhas que pareciam gotas de sangue.

— Obrigada! É um desenho muito bonito — elogiou ela.

Bruno igualou o agradecimento e deu a inquirição por terminada.

— Achas que o pai do Lucas está envolvido nisto? — perguntou Carolina, assim que entraram no apartamento.

— É uma hipótese — respondeu Bruno, servindo-se de água. — Queres?

— Não, obrigada. Tenho é fome. Estes biscoitos que a Rita trouxe até são bons.

Sentaram-se no sofá, derreados, e ficaram calados a fitar a parede em frente. Os corpos e os cérebros pediam repouso, mas ainda tinham de organizar as ideias e concluir os relatórios para o inspetor-chefe.

— A Gabriela pouco saía do Piódão — constatou ele, esticando os braços e apoiando a nuca nas mãos. — Portanto, a resposta tem de estar por aqui, nas relações pessoais dela: o pai e o filho, o melhor amigo, os vizinhos ou algo relacionado com o trabalho. Para além disso, precisamos de esclarecer este assunto do pai do Lucas. Não quero pontas soltas nem respostas vagas, quero certezas. Tendo o nome e apelido, não deverá ser difícil chegarmos a ele. Vou pedir à sede que façam uma pesquisa para o conseguirmos localizar.

Pegou no computador e escreveu um *e-mail* breve com um pedido de informações sobre um Francisco Amaral, com idade estimada entre os trinta e os trinta e cinco, que teria morado em Coja e Coimbra. Eram poucos dados, mas suficientes para surgirem algumas opções e lhes permitirem, posteriormente, fazer uma triagem e identificar a pessoa certa.

— Afinal, a reunião da Gabriela em Arganil era mentira — comentou a inspetora. — Quer dizer, ela teria seguramente algum compromisso lá na terça-feira de manhã, mas não se tratava de nada relacionado com trabalho.

— É fulcral descobrirmos o que ela ia lá fazer. Espero que as análises

feitas ao telemóvel e ao computador nos deem alguma luz sobre isso. Vou dar um toque aos peritos das tecnologias e informática, a ver se conseguimos apressar os resultados.

Dessa vez, Bruno foi ao telemóvel e fez uma chamada. Já passava das sete da tarde, mas sabia que era provável que ainda conseguisse apanhar algum colega na sede. Conversou com um dos especialistas, que resmungou perante o pedido de urgência e quase lhe desligou o telefonema na cara.

— Uma simpatia, este Fábio — disse, em tom seco. — O telemóvel e o computador ficaram em muito mau estado depois do acidente, o que tem atrasado a extração da informação. Disse que, na melhor das hipóteses, talvez nos consiga enviar os dados depois de amanhã. Mas não o garantiu, e também não pareceu solidário com a falta de evidências da nossa investigação.

Bruno explicara que havia uma probabilidade grande de o conteúdo do telemóvel e do computador de Gabriela lhes indicar quem fora o responsável pelo crime, mas isso não surtira qualquer tipo de urgência em Fábio.

— Todos os dias deve haver pessoas que lhe ligam a pedir o mesmo, não deve ser fácil — defendeu-o Carolina. — O mais provável é ela ter combinado encontrar-se com alguém em Arganil. Mas quem? O tal Francisco?

— E porquê tantos anos depois? Aparentemente, ninguém sabe dele desde que a Gabriela engravidou.

— Aparentemente, sim. Mas talvez mantivesse contacto com ele sem ninguém saber. Como o Francisco a abandonou na altura, ela pode ter escondido da família a reaproximação, com medo de represálias.

— O Lucas andava a fazer muitas perguntas sobre o pai — lembrou Bruno. — Se calhar, ela procurou o Francisco para que ele conhecesse o filho. Ou então, a Gabriela não ia a Arganil para se encontrar com alguém, mas sim para procurar alguma coisa.

— Ocorreu-me que talvez estivesse relacionado com a saúde dela. Um exame ou uma consulta. Ou talvez fosse receber o resultado de alguma análise.

— A autópsia não indicou nada nesse sentido.

— E se for algo relacionado com saúde mental? Um psicólogo, psiquiatra?

— Caso ela estivesse a ser acompanhada, a família ou os da junta

saberiam, dado que implicaria uma saída da aldeia numa data e horário fixos. A não ser que na terça-feira fosse a primeira consulta.

— Talvez — concordou Carolina. — Pelo que nos informaram, o estado de espírito dela parecia propício à consulta de alguém especializado.

Bruno voltou um pouco atrás no tema:

— Assumindo que ela se ia encontrar com o pai do Lucas naquela manhã, por que motivo alguém a mataria? Haveria algo assim de tão grave no reencontro deles?

A inspetora ergueu-se do sofá e caminhou pelo apartamento, confusa com as possibilidades que se abriam.

— Não faço ideia. Mas atenção, a ida dela a Arganil pode não estar relacionada com a morte. Ela se calhar ia apenas desanuviar, comprar alguma coisa, marcar uma viagem...

— Tem de haver algo, Carolina. Se não houver, por que motivo é que ela mentiria à família a dizer que tinha uma reunião de trabalho lá?

— Mas os da junta é que talvez estejam a mentir. Se calhar havia mesmo algum compromisso de trabalho e eles não querem falar sobre isso.

— Eu verifiquei a agenda, não escreveram nem apagaram nada na data de terça-feira.

— Teria ela marcado um encontro amoroso? — propôs a inspetora. — O Miguel disse que ela não voltou a estar com ninguém desde que engravidou do filho. Passaram o quê... dezasseis anos? Não sei se acredito nele. Quem é que aguenta tanto tempo em celibato? Mas, considerando que isso até possa ser verdade, talvez ela tenha finalmente desbloqueado o que a prendia e conhecido alguém que a encantou.

Não era improvável. Mas Bruno não acreditava que o motivo por detrás da ida de Gabriela a Arganil fosse aquele. Se ela mentira ao pai e ao filho sobre essa viagem, é porque a razão a comprometia. E a intuição fazia-o acreditar que a resposta estaria algures entre o telemóvel e o computador dela.

— Devíamos pedir um mandado de busca às casas, para encontrarmos a bateria. Não acredito que a tenham deitado fora.

Carolina enrugou a testa, de mãos na anca, e questionou:

— Que fundamentos temos para conseguir um mandado extensível a todos os edifícios da aldeia, és capaz de me dizer? Mais valia apelarmos à boa vontade dos moradores e pedir que nos deixassem inspecionar-lhes as casas. O que teria o efeito oposto, porque poríamos de sobreaviso quem tirou a bateria.

O inspetor estalou a língua, irritado, desviando o olhar para a televisão em frente. Estava desligada e viu no reflexo que tinha o cabelo num desalinho. Quando estava profundamente concentrado numa conversa, as mãos deslizavam em piloto automático pela cabeça, fazendo círculos, remoinhos, um prolongamento dos pensamentos que rodopiavam na sua mente. Bruno fazia-o sem tomar consciência, e o resultado era aquele: a ondulação castanha despenteava-se em todas as direções, acumulando penachos.

O vislumbre do cabelo espetado foi interrompido pelo som da campainha.



— Cucu! Boa noite! Bem, na verdade, é boa tarde, ainda não são oito. Ora viva, inspetor!

Rita Braz entrara de rompante pelo apartamento, transportando consigo um odor doce e o já conhecido matraquear dos saltos.

— O que é que está aqui a fazer? — perguntou Carolina, fechando a porta com força.

Rita parou no meio da divisão e exibiu uma garrafa estreita com um líquido escuro, rodando-a na direção de cada um dos inspetores.

— Licor de amora! Produção nossa, uma delícia. Vão adorar...

A inspetora fechou as mãos com força e conteve uma resposta torta. Era a segunda vez naquele dia que aquela mulher aparecia sem avisar. Será que achava que, por ser dona do apartamento, poderia intrometer-se sempre que lhe apetecesse?

— Obrigado — disse Bruno, aproximando-se para pegar na garrafa.

— Ora essa, não tem de quê. Tenho sempre o bom hábito de mimar os meus hóspedes. E como foi o vosso dia? Já descobriram quem foi... — Rita arqueou as sobrancelhas de forma sugestiva.

— O nosso trabalho é confidencial — declarou Carolina, com voz grave.

— Pronto, já cá não está quem falou. Não quero que me contem nada, apenas perguntei por cortesia.

— Já que fala nisso, deixe-me dizer-lhe que aparecer duas vezes no mesmo dia aos seus hóspedes, ainda por cima sem avisar, não é propriamente um exemplo de cortesia.

O apartamento gelou.

— Bom, Rita, agradecemos muito a garrafa — apressou-se Bruno a dizer.
— Ainda temos de trabalhar um pouco antes de jantar...

— Claro, já entendi — respondeu Rita, de olhos pregados na inspetora.
— Já estou de saída.

Carolina abriu-lhe a porta de rosto fechado e expirou com força assim que ficaram sozinhos de novo.

— O teu comentário também não foi grande exemplo de cortesia.

— Vai-te lixar.

— Desculpa? — Bruno franziu o olhar. A frase dela deixou-o desconcertado.

— Vais defender a gaja, é?

O inspetor demorou a digerir as palavras de Carolina. Consoante o tempo passava, questionava-se sobre o que o deixara mais incrédulo: aquelas palavras ou o tom com que haviam sido ditas.

— Vou defender a instituição que representamos. Podes odiá-la à vontade, mas não te esqueças que estamos aqui em trabalho. Não criamos hostilidades nem misturamos emoções com a vertente profissional.

— Ela mereceu ouvir aquilo. Topei-a logo que chegámos, é daquelas que se faz de íntima e se aproveita das pessoas. Se não lhe pomos um travão, qualquer dia entra aqui enquanto estivermos fora e ainda nos mexe nos computadores e nas pastas. Não gosto desta gaja, já te disse que não me inspira confiança.

Bruno tinha uma opinião bastante diferente, mas o bom senso fê-lo dar a conversa por terminada. Sabia o que aconteceria assim que exteriorizasse o que achava e a última coisa que lhe apetecia era entrar numa discussão acesa com Carolina. Calculava que, se Rita fosse um homem, a inspetora não teria ficado minimamente enervada. Nem ciumenta.

Lucas jantara com o avô na sala. Naquela noite, optara por uma lasanha pré-cozinhada, cuja preparação era rápida e simples. Enquanto comiam, Raimundo repreendera-o por estar constantemente agarrado ao telemóvel.

— Nem à refeição tu largas isso.

Constatara que aquele vício era um traço comum a todos os daquela geração. Quando ia buscar o neto à escola e aos treinos, deparava-se com o mesmo cenário: crianças e jovens a conversar, rir, gesticular, mas sempre com aqueles aparelhos nas mãos. Não sabiam conviver sem a presença dos telemóveis.

A conversa originara um certo mal-estar entre os dois, com Lucas a responder, enfadado, e a soltar longos suspiros. Depois de arrumar a louça, preparava-se para sair, mas o avô interpelou-o:

— Já vais?

— Sim. Eu já cá venho para te ajudar a deitar.

— Fica mais um pouco. Não me ligaste nenhuma, estiveste o jantar todo agarrado a essa coisa.

O rapaz deteve-se, de telemóvel na mão, mas depois acabou por se sentar perto de Raimundo.

— Eles foram corretos contigo? — perguntou o avô. Perante o ar confuso do neto, explicou de seguida: — Os inspetores.

— Ah, sim. Eles são bacanos.

— Se forem brutos contigo, avisas-me de imediato, ouviste? És um miúdo, não tens de responder a tudo o que eles perguntarem. E passaste pelo que passaste... Têm de levar isso em consideração.

Lucas anuiu com a cabeça mas não disse nada durante alguns minutos.

— Avô... Achas que o que aconteceu à mãe foi por causa do meu pai?

— Porque é que dizes nisto?

— Os polícias fizeram-me perguntas sobre ele. Achas que a mãe não sabia mesmo onde estava? Eu perguntei-lhe tantas vezes. Se calhar não queria que eu o conhecesse.

Raimundo baixou o olhar para a perna engessada. O neto acrescentara uma almofada ao apoio, o que se traduzira numa redução do desconforto. Por vezes, sentia uma comichão por baixo de gesso que o irritava, pela impossibilidade de se coçar.

— A tua mãe nunca mais soube desse tipo. Ele abandonou-a, é normal que não o quisesse procurar. Um homem como deve ser não faz isso, assume as responsabilidades dos seus atos.

— Eu gostava de o conhecer.

— Esquece isso, rapaz. O teu pai não te merece. Abandonou-vos aos dois ainda antes de tu nasceres.

— Mas não tenho ninguém... — Lucas ficara de lágrimas nos olhos. — Se ao menos conhecer o meu pai...

— Então e eu? Não conto?

— Não é isso, avô. Claro que contas.

— Eu sei que estou neste estado, mas, quando ficar bom, tomo conta de ti. *Não tenho ninguém* — repetiu Raimundo, abanando a cabeça com reprovação. — Que ideia é essa? Claro que tens, tens-me a mim. E ao Miguel, evidentemente. Ele não é o teu pai verdadeiro, mas também está ao teu lado.

A referência ao melhor amigo da mãe deixou Lucas a pensar. O nome de Miguel era o que constava do seu cartão de cidadão na área da paternidade, mas não era o verdadeiro pai. Lucas não se contentava com aquilo, queria mais, queria a verdade. Queria saber quem era o homem que engravidara a mãe e olhá-lo nos olhos, falar com ele cara a cara, saber por que motivo se afastara e ver até que ponto tinham traços em comum. Será que também gostava de futebol? Talvez pudessem ir jogar juntos. E que clube apoiaria? Podia ser que o levasse ao estádio para ver o Benfica.

A referência a Miguel trouxe-lhe outra imagem à cabeça, uma memória recente.

— A mãe e ele eram mesmo amigos?

— Que pergunta, claro que eram. Repara no que o Miguel fez quando o outro cobarde se foi embora. Ele é que deu o nome para a tua paternidade. Não achas que isso é ser amigo? Poucos fariam o mesmo.

— Sim — concordou o miúdo. Estremeceu quando ouviu o avô referir-se ao seu pai como *cobarde*. — Há uns dias, não me lembro bem quando foi, eles estavam abraçados lá em casa.

Raimundo utilizou a mão saudável para impulsionar ligeiramente o corpo para cima no cadeirão.

— Eles eram amigos — justificou. — Os amigos dão abraços.

— Pois. Se calhar tens razão.

— Claro que tenho.

Lucas levantou-se.

— Vou lá a casa um bocadinho. Combinei jogar *online* com os meus amigos, por isso preciso do computador. Quando quiseres ir dormir, liga-me.

— Eu ligo — confirmou Raimundo, apontando para o telemóvel pousado na mesinha.

Lucas saiu de casa do avô e virou à direita, mas em vez de entrar no edifício ao lado, desceu a rua em direção ao largo da aldeia.



Depois do jantar, Carolina despediu-se e levou o portátil para o quarto.

Bruno ficou no piso térreo e sentou-se no sofá a escrever a conclusão do relatório. Fora o segundo dia no Piódão e a investigação registara um progresso importante. Guardou o documento e abriu a caixa de correio eletrónico, começando a digitar o endereço do inspetor-chefe. Tinha vários *e-mails* por abrir, mas a prioridade era enviar aquele.

Assim que terminou, passou os olhos na diagonal pela caixa de entrada e houve um assunto em letras grossas que lhe despertou a atenção.

— Concurso interno... — leu, em voz baixa.

Clicou com o cursor e abriu esse *e-mail*. O remetente era os serviços centrais da PJ e tratava-se de uma nota informativa sobre a existência de uma vaga para inspetores. Bruno releu o texto com as condições de acesso. Era um concurso para a secção de homicídios, noutra cidade, e o primeiro impulso foi negar mentalmente aquela oportunidade. Mas assim que projetou na cabeça a hipótese de mudar de área, algo se aquietou dentro de si.

Porque não?

Se a vaga fosse em Lisboa, não concorreria. A decisão de sair de lá, no

seguimento do caso no Teatro da Passagem, fora tomada com consciência e convicção, não se arrependia nem por um momento. Os contornos dolorosos do final da investigação fizeram-no perder a privacidade de uma forma abrupta e violenta, pelo que não fazia tenções de regressar à capital num futuro próximo. Mas o concurso interno referia-se a outro ponto do país. Uma zona da qual até gostava, e de cujas visitas guardava ótimas recordações.

Porque não?

O que é que o prendia a Coimbra? Estava lá há dois meses apenas.

Ergueu o olhar para os degraus de acesso ao mezanino onde estava Carolina, o único vínculo afetivo que estabelecera naquela cidade. A recordação da conversa no dia anterior deu-lhe um aperto no peito. O que o magoava ainda mais que a rejeição em si era a destruição de todos os planos futuros a dois. Todo o imaginário que fora criando na cabeça e no coração, todas as ideias que queria concretizar com Carolina, tudo isso fora reduzido a destroços. Um número incontável de abraços, beijos, carinhos e afetos que nunca mais teriam lugar. Queria tanto fazê-la feliz. E percebera-a tão feliz na sua companhia...

O seu lado racional assegurava-lhe que a necessidade de Carolina estar sozinha era perfeitamente aceitável e compreensível. Por muito que a relação dela já tivesse esfriado há muito tempo, o luto ainda não fora feito. A quebra de confiança e as constantes cenas de ciúme tinham ditado o fim do namoro com João Pedro. O ex-namorado, inclusive, acusara-a de se ter envolvido com Bruno, algo que só viera a acontecer depois de a relação entre eles ter terminado. Contudo, tinha passado muito pouco tempo desde que esse vínculo se quebrara.

E aí, Bruno também errara. Devia ter priorizado a razão, em vez do afeto, e compreendido que Carolina não estava emocionalmente preparada para assumir um compromisso. Mas a disponibilidade que a inspetora evidenciara ao querer estar com ele todos os dias fizera-o acreditar no contrário. Aumentara exponencialmente a esperança de que a relação anterior dela já estivesse ultrapassada.

Para ele, não era por acaso que tinham sido destacados para o caso do Piódão e ficado instalados no mesmo apartamento. Além de que aquilo sucedera no mesmo dia em que Carolina rompera com a relação. Não podia ser uma coincidência, era o que continuava a repetir para si próprio. A proximidade imposta pela investigação era uma chamada de atenção para ela repensar e reverter a decisão que tomara.

O amor e a sua tendência para nos fazer ver significados em coisas banais... De súbito, as coincidências e os acasos começam a parecer-nos sinais do Universo, de Deus. Mas, infelizmente, não passam disso mesmo: casualidades da vida. Quando amamos, o mais pequeno gesto ou acontecimento pode revestir-se de uma importância enorme.

Valeria a pena insistir? Bruno regressou com o olhar ao portátil e ao *e-mail* do concurso interno. O coração dizia-lhe para ficar e lutar por ela. Mas a cabeça lembrou-lhe de que fora por ter seguido o impulso do coração que se envolvera com Carolina daquela forma. E a dor que daí viera estava bem cravada dentro de si.

Sem vontade, mas com a convicção de que era uma decisão acertada, começou a preencher o formulário do concurso interno. Quando terminou, enviou um *e-mail* ao inspetor-chefe a dar conhecimento de que se candidatara àquela vaga.

No dia seguinte
sábado

—V á lá, Pedrinho, acaba os cereais.

Vasco apontou para a taça à frente do filho, porém o rapaz estava mais interessado na série policial com um pastor-alemão que a televisão transmitia.

Verónica ficara a dormir mais um pouco, aproveitando não ter nenhum compromisso agendado para sábado. Aquele fim de semana assemelhava-se a um oásis: desde o início do ano, era o primeiro em que não tinham eventos relacionados com a junta de freguesia.

Pedro voltou aos cereais de mel, comendo sem tirar os olhos da televisão. A intensidade da banda sonora anunciava que o cão estava prestes a imobilizar o assassino daquele episódio, e ele estava tão concentrado que nem se apercebeu que entornara parte do leite.

— Filho, toma atenção. Olha o que fizeste — disse Vasco, estalando a língua com irritação.

— Desculpa, pai.

Se não estivessem no sofá da sala, não seria tão problemático. Mas Verónica era bastante firme nesse ponto: não se come na sala. Para isso, existia a cozinha. Vasco correu a buscar um pano para limpar as manchas antes que a mulher descesse. Não tinha bom feitio ao acordar, e ver a sujidade no sofá não ajudaria em nada.

O som da água a correr no piso de cima indicou-lhe que Verónica já se levantara. Em menos de nada, viu-a descer os degraus de pedra no roupão de seda cor de pérola, com os olhos semicerrados.

— Bom dia, querida.

Verónica cruzou os braços e fitou-o com dureza.

— O que é que eu já disse sobre comer na sala?

— O Pedrinho queria ver esta série. Ele gosta tanto. Vá, é uma vez sem exemplo. Ainda por cima é sábado, descontrai.

— Pedro, e o beijinho de bom dia à mãe? — perguntou Verónica, perante a falta de reação à sua chegada.

— Agora não posso, a polícia está a explicar como descobriu o assassino!

Vasco sorriu com o entusiasmo do filho em relação ao programa, o que irritou ainda mais a mulher, que virou costas em direção à cozinha. Ouviu o ruído da máquina de café e esperou uns minutos até Verónica beber a primeira chávena. Aí, fez uma festinha na cabeça do filho e levou a taça vazia dele até à cozinha. Calculou que, assim que entrasse, a mulher lhe iria atirar com a frase do costume: *Lá por o nosso filho ter trissomia, não significa que tenhamos de o deixar fazer tudo o que lhe apetece.*

Contudo, Verónica nem reagiu à sua presença. Manteve-se em silêncio encostada à bancada de pedra escura.

— Dormiste bem? — perguntou Vasco, enquanto punha a louça na máquina.

A mulher pegou noutra cápsula e serviu-se de mais café, respondendo sem o encarar.

— Sim. Já não me lembrava do que era acordar sem alarme.

O marido encostou-se à bancada, de braços cruzados, e ficou a observá-la durante longos minutos. Verónica tinha o rosto inchado e um olhar indecifrável, com algo além do cansaço a perpassar.

— O que achas que a Gabriela ia fazer naquela manhã? — questionou ele.

A mulher levou a chávena aos lábios e deu um gole lento.

— O mais provável é nunca sabermos.

— É óbvio que não tinha nenhuma reunião de trabalho. Sabemos isso muito bem. Mas se ela mentiu à família, significa que o assunto era grave.

— Estás com medo de quê, Vasco?

— E tu, porque é que estás a fingir que estás calma?

— Não estou a fingir, eu *estou* calma.

— Não mintas. Vivo contigo há vinte anos.

Verónica expirou, irritada, e pôs mais uma cápsula na máquina. Vasco depreendeu que era apenas um meio para se esquivar à conversa, beber três cafés de seguida não era a conduta habitual da mulher.

— Já que estás tão preocupado — começou ela, retirando o telemóvel do bolso do roupão e deslizando o dedo pela lista de contactos. — Há uma

pessoa que talvez saiba alguma coisa sobre isto.



Bruno e Carolina sentaram-se a tomar o pequeno-almoço ao mesmo tempo. O assunto do concurso interno não saía da cabeça de Bruno e o motivo pelo qual se candidatara pairava sobre a mesa como uma nuvem compacta. Quando já estavam no fim da refeição, lançou, em tom casual, a pergunta que o consumia há dois dias:

— Como é que achas que o chefe descobriu?

Ela ergueu o olhar do prato, confusa, não identificando logo a que é que ele se referia. Assim que percebeu que o assunto eram *eles*, fez uma expressão desinteressada.

— A brigada é pequena. E o mesmo se pode dizer da cidade.

Outro detalhe que o fizera acreditar na disponibilidade afetiva dela para namorar. Nas últimas semanas tinham começado a combinar programas fora de casa, passeios pela cidade, refeições em restaurantes, e sem a preocupação de disfarçar ou evitar gestos de carinho. Dada a dimensão de Coimbra, era muito provável que algum colega os tivesse visto num desses momentos.

— Pois. Deve ter sido isso — respondeu ele.

Carolina fixou-se outra vez nas torradas de pão saloio. Não tinha o menor interesse em identificar a fonte de informação. Bruno bebeu o resto do leite e aproveitou as migalhas em redor do prato para permanecer sentado. Juntou-as com os dedos e empurrou-as até à ponta da mesa, apanhando-as com o guardanapo.

— Hum... Viste aquele *e-mail* dos serviços centrais? Sobre o concurso interno.

— Sim — respondeu ela, monocórdica.

— Pois. Fiquei a pensar e, pelo que li, pareceu-me uma boa opção.

— Eu nem abri o *e-mail*, só vi o assunto e apaguei logo.

— Eu achei que era uma boa oportunidade. Então... decidi candidatar-me — declarou Bruno, o coração a bater com força contra o peito.

Carolina não mexeu um único músculo da cara e assentiu afirmativamente com a cabeça.

— Fizeste lindamente. Espero que consigas.

Bruno fez um esgar de desprezo. Sentiu que aquela indiferença não

tinha um único vislumbre de verdade.

— Escusas de ser hipócrita.

— Estou a ser honesta, espero que sejas aceite e que corra tudo bem.

— Carolina, para de mentir. Porque é que estás a fingir que te é indiferente se eu me for embora?

— Desculpa? Mas qual é o teu problema? — atirou ela, subindo o tom de voz.

— Podes parar de fingir que te estás nas tintas. Porque é que não admites que a minha transferência mexe contigo?

— Sinceramente? Porque não mexe.

— Não acredito nisso.

— Pois, Bruno, problema teu. Estás irritado porque achavas que te ia pedir para ficar? Não te vou pedir isso. Sinceramente, acho que foi uma ótima ideia teres concorrido a essa vaga.

— E eu acho que estás agarrada à decisão que tomaste em relação a nós e tens medo de voltar atrás no que disseste. Aliás, é mais do que isso. Tu não acabaste comigo por querer estar sozinha, acabaste porque estás a morrer de medo de assumir um compromisso.

— Isso é mentira.

— Não é, Carolina. Projetaste em mim todos os defeitos do teu ex-namorado e isso deixou-te assustada com a perspectiva de as coisas entre nós também correrem mal. — Bruno sentia-se enraivecido com a situação. Porque é que ela não se permitia ver que estava perante uma pessoa diferente? Que bloqueio era aquele que lhe cegava o discernimento? — Eu não sou igual a ele. Não podes olhar para mim como se fosse o João Pedro.

Ela levantou-se e afastou-se em direção às escadas, limpando o rosto húmido e os olhos. Ficou de costas para Bruno durante algum tempo, fungando enquanto o choro se soltava.

— Carolina... — murmurou ele, deixando a mesa e aproximando-se dela.

Senti-lo atrás de si foi o suficiente para que o calor se espalhasse pelo corpo. Quando a mão dele lhe afagou o ombro, o rastilho do desejo acendeu-se de imediato e Carolina ainda soluçou mais. Queria tanto que ele a abraçasse e se envolvessem. Sentir os corpos comprimirem-se um contra o outro, as línguas a deslizar pela boca e pela pele, os dedos a irem ao encontro da zona erógena para os gestos voluptuosos, e por fim, senti-lo dentro de si numa movimentação lenta e profunda...

Fisicamente, desejava-o. Mas apenas isso. Não queria um compromisso,

não ambicionava uma ligação afetiva. Queria prazer e liberdade. E queria que Bruno desejasse exatamente essas duas coisas. Mas, infelizmente, a vontade dele era de um envolvimento mais presente e profundo.

Carolina voltou-se e beijou-o, as lágrimas a salgarem os lábios. Demoraram-se no beijo e fixaram-se nos olhos húmidos um do outro, a dor que emanava do coração prendera-se-lhe na garganta. Os braços rodearam os ombros e Bruno e Carolina uniram-se num abraço terno, uma imensidão de carinho que não cabia em palavras. Nenhum saberia dizer quanto tempo passara, mas, quando os corpos se afastaram ligeiramente, as respirações e a pulsação tinham abrandado para um ritmo sereno.

— Acho que é mesmo importante saíres de Coimbra — sussurrou ela.

— Importante? Para quem?

Carolina respondeu com a voz embargada:

— Para os dois, Bruno.



Verónica encostou o telemóvel ao ouvido e aguardava que a chamada fosse atendida.

Vasco sabia que a tranquilidade da mulher não passava de uma capa, um artifício a que recorria várias vezes e que se revelava bastante útil no cargo de presidente da junta do Piódão. Verónica não estava segura e aquela chamada não fora feita por Vasco estar preocupado, mas sim para se sossegar a ela própria.

A destinatária atendeu e Verónica colocou o telefone em alta voz, para que o marido também ouvisse.

— Estou, Rita?

— Bom dia, querida. Que me queres a esta hora de um sábado?

— Saber como tem corrido com os teus hóspedes.

Do outro lado, Rita fez um som de desprezo.

— Aquela inspetora é uma antipática. Mas está tudo bem. Tenho a certeza de que vão cuidar bem do apartamento.

— Eles ficam lá até quando?

— A reserva foi feita para uma semana. Vão-se embora na próxima quinta-feira.

Verónica tossicou e engrossou ligeiramente a voz.

— Sabes se eles têm alguma indicação de quem fez isto? Ouviste alguma

coisa, ou algo assim?

— Não faço a mais pálida ideia. Mas, pelo que me constou, eles pareceram muito interessados no Raimundo. Fizeram muitas perguntas sobre ele.

— Achas que suspeitam dele?

— Não, não é isso. Acho que desconfiam de que poderia ser ele o alvo.

— Esquisito — comentou Verónica. — A nós perguntaram várias coisas sobre a Gabriela. Não viste nada desde que eles chegaram? Afinal de contas, estão no teu apartamento.

— Ó mulher, mas eu por acaso estou a viver lá com eles? Eu tenho a minha casa! O que é que querias que tivesse visto?

— Não sei, podias ter visto algo. Ou ouvido alguma conversa. Eles não sabem ainda o motivo pelo qual a Gabriela ia a Arganil naquela manhã?

— Não sei. Mas olha que até eu tenho pensado nisso. Ela disse que ia a uma reunião de trabalho, mas tu disseste-me que vocês não tinham nenhum agendamento para lá. Porque é que ela terá mentido, então? É cá um mistério.

Houve um momento de silêncio. Verónica cruzou o olhar com Vasco e depois perguntou:

— Tens uma chave extra?

— Claro que tenho, mal seria se não tivesse. Está ali junto ao... — Rita deteve-se a meio da frase. — Verónica, o que se passa? Que perguntas são estas?

— Nada de mais, é apenas curiosidade. Enquanto presidente da junta, tenho a obrigação de zelar pelo bem-estar da nossa aldeia, por isso gostava de contribuir para que esta tragédia se resolvesse o mais rápido possível.

Rita não respondeu logo. Eram amigas há muitos anos mas o telefonema não lhe soava a amizade, parecia-lhe que quem falava do outro lado era a presidente da junta.

— Tudo bem, entendo.

— Bem, tenho de desligar, o Pedro está-me a chamar. Depois falamos.

A chamada terminou e Rita ficou especada a olhar para o telemóvel, a conversa a ecoar-lhe em fragmentos soltos pela cabeça.

Bruno saiu do apartamento ainda com os olhos vermelhos. O céu estava nublado e a temperatura arrefecera comparativamente ao dia anterior, mas ele dispensara o casaco. Até lhe sabia bem o vento fresco contra o corpo enquanto deambulava sem destino pelas ruas da aldeia.

Passou pelas casas de xisto castanho e portas azuis, por regatos de água límpida que corriam entre pedras e musgo, pequenas fontes e chafarizes, cruzou-se com algumas pessoas, mas estava alheado de tudo o que se apresentava diante de si.

Carolina dissera que era importante para ambos a saída dele de Coimbra, o que confirmava a sua crença de que ela não terminara o envolvimento por querer estar sozinha. A incapacidade de lidar com a proximidade era reveladora do laço afetivo que a unia a ele e que Carolina tanto se esforçava por esconder.

O que mais o irritara na conversa fora a consciência de que a decisão dela fora ditada pelo medo. Bruno não gostava de atitudes cobardes. Também tinha receios, como todas as pessoas, mas não deixava que eles o impedissem de viver. É importante conseguirmos dominar os nossos medos, aprender a existir com eles e compreender que, quando nos subjugamos, perdemos muito. A coragem não significa ausência de medo. Ser corajoso é avançar, mesmo com medo. Bruno sabia que as vivências mais felizes e emocionantes se davam quando conseguia suplantar os seus temores. Não era apenas a alegria, era o orgulho pela capacidade de ser superior ao medo.

Que garantias tinha ele de que a relação resultaria? Nenhumas. Ficara preocupado com a possibilidade de correr mal? Sim. Mas isso não o

impedira de se entregar a ela, de se apaixonar e de criar uma dependência emocional. *Amar é criar laços de dependência*, dissera-lhe a avó uns anos antes. Ao início, Bruno não concordara com aquela definição, mas o passar do tempo fizera-o reconsiderar. Era uma forma inesperada — e sublime — de descrever a entrega à pessoa que se ama.

Sentou-se à beira de uma fonte e inspirou fundo, o ar fresco a produzir um efeito reconfortante. Cada inspiração parecia renovar-lhe, devagarinho, a disposição. Olhou em frente para as casas e a forma horizontal do xisto nas paredes fê-lo lembrar-se de fatias empilhadas, como se cada edifício fosse um bolo gigante com camadas irregulares. O pensamento fez-lhe crescer água na boca e ansiar por uma fatia de bolo de chocolate, daquelas a escorrer creme.

Era tempo de regressar à investigação. Deixou todas aquelas ideias de lado e encaminhou a mente na direção da vida de Gabriela. Esperava ainda naquele dia receber informações dos colegas relativamente ao ex-namorado dela. O pai de Lucas. Não deveria haver assim tantos Franciscos Amarais naquele distrito, localizá-lo seria algo relativamente rápido.

Bruno considerava incompreensível o abandono total da parte dele e o facto de nunca ter procurado conhecer o filho. Será que receava ter de assumir custos relativos ao bebé? E, mais tarde, ter de pagar-lhe a educação? Por que motivo Gabriela nunca lhe exigira um teste de paternidade? Com esse resultado, Francisco não teria qualquer hipótese de se esquivar à responsabilidade. É certo que o melhor amigo dela se oferecera para assumir a paternidade, mas por que razão Gabriela não insistira para que fosse Francisco?

Havia ali algo que não batia certo. Bruno olhou para a direita, onde a rua começava a inclinação descendente. Seguindo por ali, num minuto estaria no largo da aldeia. E era lá que estava uma pessoa que talvez o pudesse esclarecer melhor em relação àquele assunto.



— Ora viva, inspetor!

Cândido estava à porta do posto de turismo, onde trabalhava, e acenara-lhe assim que o vira a atravessar a praça.

— Bom dia. Gostava de lhe fazer mais umas perguntas.

— Com certeza. Sentamo-nos? — sugeriu, apontando para o banco

comprido ao lado da porta. — Onde está a sua colega?

— Está em casa, a trabalhar no computador.

— Vocês são como eu, não descansam ao fim de semana.

— O senhor vive aqui na aldeia há muitos anos, correto?

— Ah, sim, desde os meus tempos de menino. Nasci noutra aldeia aqui perto, Monte Frio, conhece? Os meus pais mudaram-se para o Piódão nos anos sessenta, era eu um catraio de sete anos.

— Imagino que a aldeia tenha mudado muito desde essa época.

— Imagina muito bem, mudou e não foi pouco. Estávamos totalmente isolados e afastados do mundo. Mas a gente divertia-se tanto...

Levantaram-se rajadas de vento pelo largo e Bruno recostou-se no banco, cruzando os braços. Começava a arrepender-se de não ter trazido casaco.

— Recorda-se de um jovem chamado Francisco Amaral?

— Oh, então não me recordo? — retorquiu Cândido. — Não passaram assim tantos anos. Era o moço que andava sempre de roda da Gabriela. Não passavam de uns garotos, deviam ter quinze ou dezasseis anos, mas andavam por aí de mão dada, muito apaixonados.

— E o Raimundo, importava-se?

— Quando ele estava por perto, eles continham-se. Não havia cá beijos nem abraços em público. A mãe dela, a Dulce, levava às mãos à cabeça e bradava aos céus quando lhe contavam que tinham visto a Gabriela por aí com o Francisco. Só pensava em proteger a filha do pecado. Olhe, não lhe serviram de nada as orações.

— Foi um grande choque quando ela engravidou?

— Vamos lá a ver, não foi propriamente um grande choque. Eles andavam em grandes intimidades, inspetor. Mas deixou-nos a todos de boca aberta, lá isso deixou. Lembro-me de pensar que era triste que eu e a minha esposa, que Deus tenha, andássemos a tentar há tantos anos ter filhos e nunca o tivéssemos conseguido, enquanto aquela moça engravidou logo à primeira. Ainda por cima, sem vontade de ser mãe. Há situações que não se entendem — Cândido fez uma pausa e fungou, retirando um lenço de pano do bolso da camisa. — A Gabriela quis abortar, mas a mãe não deixou. Já imaginou, a filha cometer um pecado desses? Mal por mal, mais vale ter a criança, foi o que a Dulce pensou. Seria pior fazer um aborto do que levar a gravidez por diante. Sofreu tanto e teve tanta vergonha, que deixou de sair de casa. Aquilo custou-lhe mais a ela do que à Gabriela, acredite.

— Mas isso foi há quinze ou dezasseis anos — salientou Bruno, estranhando aquele comportamento. Os seus avós também eram católicos, mas jamais deixariam de sair de casa por um motivo daqueles.

— Oh, meu filho, isto não é Coimbra. Muito menos Lisboa. Lá nas cidades estas coisas acontecem às claras e ninguém tem tempo para reparar nas vidas dos vizinhos, mas aqui é diferente.

— E a mãe da Gabriela morreu pouco depois, não foi?

Cândido guardou o lenço e baixou um pouco o tom de voz.

— Foi, a Dulce morreu a seguir ao neto nascer, com o maldito cancro. A Gabriela sentiu-se muito sozinha, pois claro. O Raimundo trabalhava muito e não tinha grande habilidade para o bebé, verdade seja dita. E era pouco cuidadoso com a esposa, mesmo quando ela adoeceu. A Gabriela ficava muito triste com o desleixo do pai, parecia não se importar com a saúde da Dulce. Lembro-me de, no funeral, estar cada um em seu canto, não se abraçaram nem nada. Desde essa altura, nunca mais a ouvi chamar-lhe pai. Mas olhe, voltando ao moço que tinha o namorico com a Gabriela, há uma questão que me deixou até hoje com a pulga atrás da orelha.

Bruno rodou o corpo, ficando de frente para Cândido, e perguntou:

— Faz ideia de onde podemos encontrar o Francisco Amaral?

— Não sei onde ele para, inspetor. É o seguinte: quando a Gabriela engravidou e ele desapareceu do mapa, toda a gente dizia que era porque não queria assumir a responsabilidade de ter um filho. Mas, cá para mim, desconfio que o motivo foi outro.

Cândido estava deleitado com a atenção que o inspetor lhe dava. A solidão tornara-o num falador ainda mais compulsivo e a necessidade de ser ouvido crescera em grande medida.

— Repare, eu entendo que um miúdo de dezasseis anos não se queira ver com um bebé nos braços. É uma mudança enorme e um rapaz daquela idade não está preparado nem tem maturidade. Mas faz-me confusão que os pais do rapaz tenham apoiado o afastamento dele, em vez de o obrigar a assumir a paternidade. Entende o que estou a dizer? Que espécie de gente tem esta atitude? — questionou Cândido, indignado. — É muito, muito peculiar.

Houve um longo momento de silêncio. O vento voltou a soprar no largo e Bruno apertou os braços à volta do corpo com mais força, sentia-se enregelado. A questão que Cândido lançara tinha substância e deixou o inspetor a refletir na resposta. Talvez os pais de Francisco fossem tão irresponsáveis como ele? Com a agravante de serem adultos e, por isso, se

esperar da parte deles mais consciência e maturidade do que o filho. Se, de facto, tinham encorajado e ajudado Francisco a esquivar-se, era a prova provada de que o avançar da idade nem sempre se traduzia na evolução do sentido de responsabilidade.

Cândido tossicou, anunciando uma mudança de assunto. Pela forma como se sentira observado durante a conversa, Bruno intuiu qual seria a pergunta.

— O que lhe aconteceu para ter essas cicatrizes no rosto? Não me parecem marcas de nascença. Foi algum acidente?

Bruno levantou-se e disse apenas:

— Obrigado pelo seu tempo, Cândido. Tenha um bom dia.

Bruno deixou o largo e apressou-se até ao apartamento, o piso irregular exigindo-lhe um esforço físico maior e, conseqüentemente, aquecendo-lhe o corpo. A volta que dera pela aldeia e a conversa com Cândido tinham-no feito suprimir da mente a conversa com Carolina, mas, assim que chegou à rua onde estavam hospedados, as palavras dela surgiram outra vez como uma avalanche, atropelando-o com amargura.

Inspirou e expirou fundo, reorganizando a cabeça e o coração. Tinham um homicídio para resolver — era nisso que tinha de se concentrar. Assim que levou a mão ao bolso, percebeu que não se esquecera apenas do casaco: a chave também ficara lá dentro. Irritou-o a necessidade de tocar à campainha e esperar que Carolina viesse abrir.

— Liguei-te duas vezes — disse, assim que Bruno entrou.

— Desliguei as notificações do telemóvel.

Era mentira. Bruno sentira o aparelho vibrar com as chamadas mas não quisera atender.

— Era para falar sobre o caso — explicou, calculando o motivo pelo qual ele não atendera. — Já recebemos um *e-mail* com a resposta ao pedido sobre o Francisco Amaral.

— E então? O que descobriram?

Carolina sentou-se à mesa e fez-lhe sinal para se aproximar e ver o ecrã do portátil.

— Francisco Amaral é um nome muito mais comum do que eu pensava, encontraram um número grande de registos. Felizmente, a lista reduziu-se assim que colocaram Coimbra e Coja como hipóteses de moradas. Estive a passar a pente fino todas as correspondências e apareceu-me um homem

com esse nome e trinta e dois anos de idade. Nasceu no mesmo ano em que a Gabriela, mas faz anos em outubro, enquanto ela fez em janeiro. Creio que identificámos a pessoa certa.

— Vamos ter com ele a Coimbra, então. Qual é a morada?

— Coimbra? Eu não disse que ele morava lá.

— Mas disseram-nos que a família dele se mudou para Coimbra quando a Gabriela engravidou.

— Sim, e mudou, mas o Francisco já não mora lá. — Carolina apontou com o dedo para uma linha no ecrã, atraindo o olhar do inspetor. — Ele está a viver em Arganil há três meses.

Bruno leu a informação no portátil e depois encarou a inspetora. O ex-namorado de Gabriela estava desde janeiro a morar no sítio para onde ela se dirigia na manhã em que morrera. E nenhum dos inspetores estava disposto a acreditar que aquilo fosse apenas uma coincidência.



O prédio em Arganil onde Francisco morava ficava numa rua de acesso interdito a veículos. Era uma construção baixa, de três pisos, e depois de tocarem à campainha do rés do chão e de se apresentarem, a porta abriu-se e deram de caras com uma mulher que segurava um bebé ao colo. Aparentava trinta anos e olhou para eles com um ar amedrontado, apertando a filha nos braços como se receasse que lha tirassem.

— Porque é que querem falar com o meu marido?

— Apenas queremos fazer umas perguntas — sossegou-a Bruno. — Podemos conversar lá dentro?

Foram introduzidos no apartamento e sentiram de imediato um cheiro doce e suave que associaram a água-de-colónia de bebé.

— Pode chamar o seu marido, por favor? Prometo que seremos breves.

— Mas digam-me o que se passa, por favor — A voz dela tinha um tom de súplica e era evidente o quão assustada estava. — Ele fez alguma coisa no trabalho? O Francisco é tão correto, não pode ter sido ele. Talvez se tenham enganado?

Bruno ergueu a mão e garantiu que não se tratava de nada de grave. A ansiedade fizera-a apertar com mais força a filha no colo, resultando num ruidoso choro.

— Pronto, pronto... A mãe está aqui — sussurrou, embalando-a.

O barulho espalhou-se rápido pelo apartamento e pouco depois viram aparecer ao fundo do corredor um homem alto com os olhos franzidos e o cabelo espetado. Parecia ter estado a dormir até àquele momento. Assim que chegou, pôs o braço à volta da mulher e da filha.

— O que é que se passa? Quem são vocês?

Francisco tinha o rosto largo, coberto por barba escura e lábios finos. O nariz era estreito e no lado esquerdo da cara surgia uma linha vertical da marca da almofada. As mãos eram compridas e proporcionais à altura dele, parecia que lhe bastaria apenas uma delas para segurar a bebé.

— Inspetor Bruno Saraiva — apresentou-se, exibindo a identificação. — A minha colega, inspetora Carolina Camacho. Somos da Polícia Judiciária e queremos fazer-lhe umas perguntas.

Francisco manteve a postura de proteção à mulher e à filha e disse, num tom calmo:

— Vai lá para dentro e leva a menina contigo, eu já vou ter convosco.

A mulher assentiu e ele fez uma festinha na cabeça da bebé, apontando com a cabeça para o corredor para a incitar a desaparecer para o quarto. Francisco foi para a sala e os inspetores seguiram-no, questionando se aquela segurança era genuína ou se se tratava de uma enorme capacidade para esconder o medo. Os sofás de tecido tinham a cor de café com leite e havia um tabuleiro de plástico com fraldas, toalhas e cremes que Bruno afastou para se conseguir sentar. Carolina optou por começar com perguntas sobre a vida recente dele:

— Mudou-se para Arganil há quanto tempo?

— Como é que sabe que me mudei para cá?

Nenhum dos inspetores respondeu. Francisco sentara-se no sofá maior, de perna cruzada e braço esticado, obrigando-os a ficar no mais pequeno, com os joelhos colados ao do outro. Bruno pensou que, mesmo que a relação entre eles estivesse boa, teria sido constrangedor fazer um interrogatório naquela posição tão próxima.

— Estamos em Arganil desde o início do ano, viemos na primeira semana de janeiro.

— Viveu em Coimbra até essa altura?

— Sim, estive lá desde a minha adolescência. Fiz lá o secundário, licenciiei-me em Gestão e trabalhei durante vários anos numa consultora. Entretanto, fartei-me de dormir só três horas por noite e de passar mais horas a trabalhar do que a viver. Despedi-me no final do ano passado e agora sou *freelancer*, faço consultoria em gestão, sobretudo para empresas

em situação de insolvência.

— Foi por isso que saiu de Coimbra?

— Sim, fartei-me da cidade. Eu e a minha mulher queríamos um sítio mais calmo para a nossa filha crescer. Ela é daqui de Arganil e, como o meu trabalho agora é remoto, decidimos fazer as malas e vir para cá.

Francisco continuava confiante e sem questionar o verdadeiro motivo da visita dos inspetores. Parecia-lhe óbvio que não era para se informarem sobre o seu percurso profissional...

Carolina orientara aquela primeira parte da entrevista e Bruno pegou nas rédeas a partir dali. A ligação e confiança entre eles permitia-lhes gerir os interrogatórios sem precisarem de combinar previamente quem perguntava o quê. Bastava um olhar para perceberem as indicações do outro e o romper do namoro não os fizera perder essa conexão.

— Quando foi a última vez que conversou com a Gabriela Tavares? — quis saber o inspetor.

A inexistência de alterações na expressão e no corpo de Francisco deu-lhes a impressão de que ele sabia que a conversa iria chegar ali, à sua ex-namorada. Não havia um único vislumbre de surpresa.

— Foi há tantos anos que nem vos sei dizer.

— Pense um pouco. Não temos pressa.

— Sei lá. Talvez há quinze anos ou coisa parecida.

— Teve conhecimento de que a Gabriela morreu na terça-feira passada?

— Sim — respondeu, sem emoção. — A minha mulher ouviu no café que ela teve um acidente de carro.

— Não teve contacto absolutamente nenhum com a Gabriela nestes quinze anos?

— Já disse que não.

— Não voltou ao Piódão?

— Nunca mais lá pus os pés.

— Mas sabia que ela continuava a viver lá, não sabia?

— Sabia. Quer dizer, não tinha a certeza, mas calculei que ainda morava lá.

— Nunca tentou reatar a ligação? Nem para conhecer o seu filho?

Francisco franziu o olhar e reagiu com assertividade:

— Filho? Eu só tenho uma filha e está lá dentro no quarto com a minha mulher. Quem vos disse que eu sou o pai do Lucas? Foi a própria Gabriela? Ou o bronco do Raimundo? Eu não sou o pai daquele rapaz — declarou, agressivo.

— Não foi o que nos constou.

Francisco cerrou os olhos e expirou ruidosamente. Quando falou, a voz engrossara.

— Vou dizer isto pela última vez: o Lucas não é meu filho. Não há a mínima hipótese de ser pai dele. Sabem porquê? Por uma razão muito simples: eu e a Gabriela nunca fizemos sexo.

Bruno e Carolina ficaram em silêncio. Estava explícito que esperavam que Francisco detalhasse o que acabara de afirmar. Ele descruzou a perna e inclinou o tronco, apoiando os cotovelos nos joelhos. A expressão segura, quase arrogante, com que iniciara a conversa dera lugar a algo que se assemelhava a raiva. Bruno calculou que o exaspero era o efeito da quantidade de vezes que tivera de se justificar sobre aquele assunto anteriormente.

— Conhecemo-nos aos catorze anos na escola aqui em Arganil. Éramos de turmas diferentes, mas estávamos no mesmo ano, portanto, tínhamos os intervalos sempre à mesma hora. Começámos a namorar pouco depois, já estávamos no décimo. Havia vontade de experimentar coisas, claro, estávamos na idade em que se começa a ter desejos e impulsos. Como vivíamos com os nossos pais, não conseguíamos muito mais do que umas brincadeiras às escondidas na casa de banho da escola. A mãe dela não gostava nada de mim, dizia que eu a desencaminhava. Quando combinava encontrar-me com a Gabriela na aldeia, havia sempre alguém que depois ia fazer queixinhas à Dulce. Nós apenas andávamos de mão dada e beijávamo-nos, mas aquela gente achava aquilo um escândalo.

— Então, havia intimidade entre vocês — constatou o inspetor.

— Sim, como é natural entre dois adolescentes. Mas nunca houve penetração.

— Como explica a gravidez da Gabriela?

Francisco soltou uma gargalhada seca.

— Ainda não chegou lá, inspetor? A Gabriela traiu-me.

— Com quem?

Francisco expirou, com uma notória falta de vontade de reviver aquele tema.

— Estávamos no início do ano letivo, do décimo primeiro. A Gabriela já tinha dezasseis e eu ia fazê-los em outubro, por isso combinámos ter relações pela primeira vez no meu aniversário, para celebrar. Queríamos fazer o que faltava — explicou. — Eu já tinha arranjado preservativos e tudo. Até que, no final de setembro, saímos da escola numa sexta-feira à hora de almoço porque não tínhamos aulas à tarde, e fomos dar uma volta até Coja. Na altura, eu morava lá com os meus pais, e até pensei que ela queria antecipar o programa do meu aniversário. Seria um risco, porque a minha mãe trabalhava numa loja à frente do nosso prédio e ia ver-nos entrar — Francisco fez uma pausa. — Mas acabámos por ir dar um passeio junto ao rio Alva. E, de repente, ela desatou a chorar e contou-me que estava grávida.

A sala ficou imersa num silêncio pesado. Só se ouvia o ruído dos ponteiros no relógio de parede, avançando na mesma cadência, indiferentes à conversa que ali decorria.

— Primeiro, nem consegui dizer nada — relembrou ele. — Mas depois desatei aos berros. Sabia que aquele bebé não era meu. Se a Gabriela estava grávida, era porque se metera com outro gajo. Fiquei furo, gritei com ela até ficar rouco. Nesse momento comecei a juntar algumas peças e tudo fez sentido. Nas últimas semanas ela andava estranha, desligada. Sempre que tentava beijá-la ou agarrá-la, afastava-me, e depois dizia que era por causa do calor. Era o fim do verão e o tempo ainda estava muito quente, mas aquilo parecia-me estranho. Claro que percebi que ela já devia estar enrolada com o outro gajo há algum tempo, por isso é que me andava a rejeitar.

Bruno ponderou se aquele discurso não se trataria de uma história bem arquitetada para fugir à responsabilidade de assumir o filho. Será que os pais de Francisco o teriam ajudado, na época, a construir aquela narrativa? Ou será que aquilo correspondia mesmo à verdade?

— Ela explicou que estava grávida de quatro semanas. Não precisei de ser um génio para perceber que aquilo acontecera algures em agosto. Eu estive esse mês todo de férias em França, com os meus pais, fomos lá visitar os meus tios. Aquela cabra aproveitou eu estar longe para se meter com um gajo qualquer, ainda por cima sem se proteger. Foi estúpida ao quadrado.

— A Gabriela não lhe contou quem era o pai do bebé?

— Não. Eu perguntei várias vezes, mas ela não me respondeu. O pior é que acho que ela não sabia com certeza quem era o pai do miúdo. Deve-se

ter envolvido com mais do que um.

— E o que aconteceu a seguir a isso?

— Rebentou a bomba. Não se falava de outra coisa por estas bandas. Até que os meus pais decidiram transferir-me para outra escola e fomos viver para Coimbra. O filho da puta do Raimundo ainda foi fazer-me uma espera à porta de casa e deu-me uma sova. Como trabalhava na GNR, não lhe aconteceu nada. Os meus pais nem quiseram apresentar queixa, pegaram em mim e levaram-me de imediato para Coimbra.

— A Gabriela disse à família que o filho era seu?

— Sei lá, deve ter dito. Por isso é que o pai dela veio atrás de mim. Eu ainda tentei dizer que nunca tinha feito nada com ela, mas ele não acreditou. Só me chamava de cobarde, dizia que ia esfolar-me vivo. Quando eu lhe disse que quem merecia ser esfolada era a Gabriela, por me ter traído, atirou-se a mim. Cobarde foi ele, por agredir um puto de quinze anos.

— Portanto, depois disso, mudaram-se para Coimbra e nunca mais teve contacto com a Gabriela nem com os pais?

Francisco fechou os olhos e abanou a cabeça.

— Percebem por que razão nunca mais voltei ao Piódão? Todos eles acham que fui um filho da mãe e que abandonei a Gabriela e o meu filho, mas, na verdade, quem se portou mal foi ela. E por isso é que também nunca a procurei.

Bruno decidiu recuar a uma pergunta. Achava que Francisco ainda não lhes dissera tudo o que sabia ou desconfiava.

— Apesar do silêncio da Gabriela, você deve ter formulado uma suspeita, não? Em relação à pessoa com quem ela se envolveu.

Francisco ponderou durante um tempo antes de responder.

— É óbvio que sim — confirmou. — O meu primeiro pensamento foi que ela se metera com alguém durante as festas do Piódão, em agosto. A aldeia recebe muita gente nessa altura. Mas, uns tempos depois, soube que aquele amigo da Gabriela, o Miguel, deu o nome para ela o registar como pai do bebé. — Francisco fez uma pausa e o olhar alternou entre Bruno e Carolina, como se esperasse uma reação. — Sei que eles eram amigos desde miúdos, mas achei demasiada boa vontade. Que rapaz de dezasseis anos é que se oferece para uma coisa destas? Comecei a pensar se...

Não terminou a ideia. Não precisava. Os inspetores equacionaram aquela possibilidade — não era improvável. Gabriela e Miguel moravam na aldeia, eram praticamente vizinhos, quem sabe se numa daquelas noites

quentes de verão, talvez com uma cerveja a mais...?

Nesse momento, ouviram o ruído abafado do choro da bebé. Francisco levantou-se e encerrou a inquirição:

— Preciso de ir. A minha mulher não dormiu nada esta noite e tenho de tomar conta da miúda, a ver se ela descansa.

— Uma última pergunta — disse Bruno, interrompendo-lhe a saída da sala. — Onde esteve na segunda-feira à noite?

— Aqui em casa.

— De certeza? Pense com calma — retorquiu, dada a resposta rápida de Francisco.

— Sim, tenho a certeza. Desde que a bebé nasceu que não saímos, muito menos à noite.

— Obrigada pelo seu tempo — despediu-se a inspetora, assim que chegaram à porta. — Quando precisarmos, voltaremos a entrar em contacto.

— Já vos disse tudo o que sei e, muito honestamente, não me apetece voltar a falar sobre a Gabriela. Faz parte do passado e é lá que deve ficar. A minha vida seguiu.

— E a dela foi interrompida de forma premeditada — retorquiu Bruno.
— Por isso, enquanto não descobirmos o responsável, voltaremos a falar consigo sempre que acharmos necessário. Tenha um bom dia.

— Achas que isto é verdade? — perguntou Bruno, assim que entraram no carro a caminho do Piódão. — Será que eles nunca tiveram sexo?

— Eu acreditei nele — admitiu Carolina. — Aquela raiva por ter sido traído pareceu-me genuína. Já passaram dezasseis anos, mas, pelos vistos, a revolta ainda está muito presente.

— Mas, então, se ela se envolveu com outro rapaz, por que motivo é que disse a toda a gente que o Francisco é que era o pai do bebé?

— Não queria que se soubesse que o tinha traído. Ela deve ter-se sentido assustada com aquilo tudo, lembra-te que só tinha dezasseis anos — apontou a inspetora. — Uma gravidez na adolescência gera sempre muita conversa, quanto mais num sítio pequeno. Ainda por cima, a mãe dela era muito religiosa. Se a Gabriela contasse que o pai do bebé não era o namorado, imagina como seria a reação deles.

— Iria piorar ainda mais a situação. A Gabriela pode ter ficado com medo de que a expulsassem de casa ou algo assim.

— Preferiu ser *a coitada* que foi abandonada pelo namorado, em vez de ser a infiel.

— E achas que ela se terá envolvido com mais do que uma pessoa? O Francisco falou nessa hipótese.

— Nunca conhecemos a Gabriela, é difícil responder a isso. Mas temos de encarar essa possibilidade, claro.

Bruno fez um sinal de concordância e reduziu a velocidade ao chegar ao cruzamento. A placa de fundo branco e letras pretas indicava que o percurso para o Piódão era à direita. Quando olhou nessa direção para confirmar se podia avançar, o seu olhar foi atraído para o perfil de

Carolina. Fora precisamente aquela perspectiva lateral que o fizera sentir um formigueiro, quando procediam aos primeiros interrogatórios na biblioteca da Quinta das Lágrimas.

— Não avanças? — questionou ela, despertando-o da recordação. — Fiquei a pensar no que ele insinuou sobre o melhor amigo da Gabriela. Não me tinha passado pela cabeça, mas, realmente, o Miguel era muito miúdo e ofereceu-se para assumir a paternidade sem pestanejar.

— Não é assim tão estranho — contrapôs Bruno. — Se eles já eram muito amigos na época, faz-me algum sentido que ele tenha querido ajudar a Gabriela.

— Mas também não considero estranho eles terem-se envolvido. Já tivemos aquela idade, sabemos bem como são os sentimentos na adolescência. É fácil confundir amizade com algo mais. Por serem tão próximos, podem ter cedido a um impulso nalguma noite, se calhar com álcool a mais, e acabaram a fazer sexo. Não seriam os primeiros amigos a quem isto acontece.

— Ainda assim, acho que não foi isso que aconteceu. Quando o Francisco falou nessa ideia, confesso que até me pareceu bastante provável. Mas agora... — Bruno fez uma pausa para coordenar o pensamento com a fala. — Não acho que o pai do Lucas seja o Miguel, mas acredito que ele saiba quem é. Sendo o melhor amigo da Gabriela, ela há de lhe ter contado. Quando falou connosco, referiu-se ao Francisco como sendo o pai do Lucas, mas acho que foi apenas para manter a versão da Gabriela.

— Para ninguém saber que o pai é ele?

— Não — contrariou o inspetor. — Acho que ele quer evitar que se saiba que a Gabriela traiu o namorado na altura.

— Eu continuo na minha: a Gabriela envolveu-se com o Miguel e engravidou dele. Por isso é que não lhe custou disponibilizar-se para assumir a paternidade da criança.

Bruno torceu o nariz.

— Mantenho o que disse. Não acho que o Miguel se tenha envolvido com a Gabriela, mas acho que sabe bastante mais sobre este assunto do que nos disse.



Chegados à aldeia, estacionaram o carro e foram até à casa de Miguel.

Ficava numa rua estreita, perto do apartamento dos inspetores, e tinha um espanta-espíritos colorido junto à porta que produzia um tinido que embalava. Depois de pressionarem a campainha, ficaram alguns segundos à espera, pondo como hipótese que Miguel estivesse fora nalguma excursão, mas a porta lá se abriu.

— Boa tarde, gostávamos de conversar consigo — informou o inspetor.

— Entrem, estou a almoçar, mas podemos falar à vontade.

Levou-os até à cozinha, que cheirava intensamente a caril.

— São servidos? Acabei de fazer. Não? Então, sentem-se aí — disse, apontando para as cadeiras à volta da mesa. — De que é que querem falar?

Bruno e Carolina instalaram-se e os olhares foram atraídos para o prato de Miguel, onde os pedaços de frango e arroz estavam mergulhados num creme amarelado com aspeto delicioso.

— Falámos há pouco com o Francisco Amaral — introduziu o inspetor, esperando pela reação dele.

Miguel deteve-se com o garfo cheio no ar e baixou-o de novo para o prato.

— Conseguiram encontrá-lo? Onde é que ele está?

— Vive em Arganil com a mulher e a filha.

— Ah, casou? E é pai? Não fazia ideia.

— Arganil fica relativamente perto daqui, nunca se cruzou com ele?

— Não, nunca. Ou se calhar até aconteceu, mas talvez não o tenha reconhecido. Não o vejo há quinze anos. As pessoas podem mudar muito as feições com o passar do tempo.

— O Francisco falou-nos da relação dele com a Gabriela e agora temos uma imagem mais clara de como era a vida dela nessa época.

Miguel acenou afirmativamente e comeu mais um pouco de caril, parecendo desinteressado do que Francisco relatara aos inspetores.

— Ele explicou-nos, também, que você e a Gabriela já eram grandes amigos naquela altura.

— Sim, já vos tinha dito isso quando falámos a primeira vez.

Carolina deixou passar um tempo e apoiou os braços na mesa, inclinando-se sobre ela.

— Miguel, precisamos que seja absolutamente honesto. Estamos a investigar um homicídio e todas as perguntas que fazemos devem ser respondidas com verdade. Verdade total. Está a compreender o que estou a dizer?

Ele pousou os talheres na borda do prato e encarou os inspetores, mas

não evidenciava, nem por sombras, o mesmo à-vontade que Francisco.

— Estou.

— Houve algum momento em que a sua relação com a Gabriela tenha evoluído para algo mais do que uma amizade?

Miguel resfolegou, incrédulo, e não foi capaz de dizer nada.

— Alguma vez tiveram relações sexuais? — concretizou a inspetora.

— Não acredito no que acabei de ouvir.

Houve um silêncio longo. Miguel olhava para Carolina como se a pergunta constituísse uma ofensa.

— Eu e a Gabriela éramos amigos. Apenas amigos.

— E nunca houve uma aproximação física?

— Não! Mas que estupidez é essa? Um homem não pode ser amigo de uma mulher?

— O Francisco acredita que a sua relação com a Gabriela era mais do que uma amizade.

A revelação deixou Miguel perplexo, de olhos arregalados. De súbito, desatou-se a rir, levantando-se da mesa e encostando-se à bancada.

— O Francisco acha que eu e a Gabriela andámos enrolados? Essa é boa. É das coisas mais absurdas que já ouvi.

— Absurda? Porquê? Não seriam os primeiros amigos a ter um caso.

Miguel cruzou os braços e fixou o olhar na inspetora:

— Porque eu e a Gabriela tínhamos exatamente o mesmo gosto: homens.

—A Gabriela percebeu ainda antes de eu ter descoberto — comentou Miguel, de novo sentado à mesa. — Tinha catorze anos quando lhe contei que era *gay*. E lembro-me de ela sorrir, limpar-me as lágrimas, e dizer: *Está tudo bem. Eu já sabia*.

Bruno e Carolina não falaram durante um tempo, deixando-o desfiar o novelo de memórias sem pressa.

— Foi um grande apoio para mim nessa fase, eu tinha muito medo de que alguém descobrisse. Os meus pais morreram sem saber. Aliás, nunca lhes contei, mas acho que eles, no fundo, sabiam. Quando tive o primeiro namorado, aos vinte e um, e o levava lá a casa, apresentava-o como um amigo. Mas estávamos sempre juntos, viajávamos juntos, por isso acredito que os meus pais se tenham apercebido.

— Nunca quis contar-lhes? — perguntou a inspetora. Depois, abanou a cabeça e disse: — Desculpe, estou a intrometer-me.

— Não tem problema. Mas contar o quê? Que era homossexual? Os heterossexuais não precisam de contar aos pais qual a sua orientação sexual. Porque é que eu haveria de o fazer?

Carolina assentiu em concordância.

— Presumo que o Francisco não soubesse disto — disse Bruno.

— Não. A Gabriela jurou-me a pés juntos que não contaria a ninguém, nem sequer ao Francisco. Ele tinha ciúmes da nossa amizade, achava que eu tinha uma paixão platónica pela Gabriela. E, pelo que me vocês me acabaram de dizer, continua a acreditar nisso.

Miguel não comera o resto do caril e afastara o prato para o lado. Estava sereno e parecia disposto a abrir mais o jogo, pelo que Bruno

decidiu voltar a questioná-lo sobre o pai de Lucas.

— Com quem é que a Gabriela se envolveu naquela altura? O Francisco garantiu-nos que nunca teve relações sexuais com ela.

A resposta de Miguel demorou. Viram-no baixar a cabeça e fitar um ponto invisível na toalha de plástico aos quadrados azuis.

— A Gabriela não era esse tipo de pessoa.

— Miguel, ouça uma coisa: nenhum de nós quer perder tempo, e muito menos ter de o levar detido para a PJ, mas, se for preciso, garanto-lhe que o faremos. Portanto, a ver se nos entendemos: quem é o pai do Lucas?

Ele continuou de olhos postos na toalha e suspirou, contrariado.

— Não sei quem é o pai do miúdo. Juro que não sei — afiançou Miguel, erguendo o olhar para os inspetores.

— Tenho a certeza de que a Gabriela lhe contou. Para o resto das pessoas, pode ter mantido a versão de que era o Francisco, mas não acredito que lhe tenha mentido a si.

— Ela não me mentiu, inspetor. Mas também não disse a verdade.

— O que lhe disse, então?

Miguel ponderou antes de responder. Precisava de contextualizar certas atitudes dela.

— Não me sinto bem por estar a dizer isto... Mas tenho praticamente a certeza de que o Francisco não é o pai do miúdo. Acho que ela teve relações com outra pessoa, sim.

— Porque acha isso?

— Porque ela nunca me disse que teve sexo com o Francisco. Nós contávamos tudo um ao outro, não havia segredos de espécie nenhuma. Se eles tivessem feito sexo, garanto-vos que a Gabriela me teria contado. Além disso, eu sabia que havia uma combinação para que tivessem relações pela primeira vez no aniversário dele.

— A Gabriela descobriu que estava grávida no final de setembro.

— Exato, e creio que o aniversário dele era em outubro ou novembro. Quando ela me contou, desatou num pranto e só dizia: *O Francisco nunca mais vai querer olhar para a minha cara*. Primeiro, achei estranho, porque, apesar de não ser um bebé planeado, eles adoravam-se. Apesar do choque, o Francisco não iria zangar-se com ela, pensei eu. Mas depois, quando digeri melhor a frase da Gabriela, comecei a perceber que aquilo só poderia querer dizer que o pai não era ele. E desde o primeiro momento que o Francisco negou a paternidade. Ele disse sempre que era impossível a criança ser dele, porque nunca tivera relações com a Gabriela.

— Alguém acreditou nisso?

— Só os pais dele. Bom... E eu. Perguntei à Gabriela o que tinha acontecido, disse-lhe que sabia que talvez ela se tivesse envolvido com outra pessoa, mas nunca me respondeu. E, atenção, eu sempre afirmei que não a julgaria nem lhe viraria as costas, independentemente do que ela tivesse feito. Mas, mesmo assim, a Gabriela fugia sempre às perguntas. A certa altura, deixei de insistir, porque percebi que não queria falar sobre aquele assunto. — Miguel levantou-se e foi encher o copo com água. Bebeu-a de um trago e depois retomou o lugar à mesa. — Semanas depois, ela começou a ter ataques de raiva. Gritava, chorava, partia coisas, dava pontapés nas portas. Acho que se arrependeu tanto de ter traído o namorado que precisava de descarregar a fúria desta maneira.

— Quem acha que era esse rapaz? Algum colega vosso da escola?

Miguel suspirou e abriu as mãos com desalento.

— Não sei mesmo. Pensei muito sobre isso naquela altura, acreditem, mas não me ocorreu nada. Ela tinha amigos lá na secundária, mas, se foi algum deles, fizeram-no com a maior discrição, porque nunca me apercebi de nada.

— A Gabriela nunca lhe disse mesmo nada? — perguntou Carolina. — Nenhum comentário que ela tenha feito sobre algum rapaz, nem que fosse mais casual?

Miguel abanou a cabeça e respondeu que não.

— Ela não voltou a namorar com ninguém? — quis saber Bruno.

— Não. Houve quem se aproximasse, mas ela nunca lhes dava troco. Só queria saber do filho e do trabalho, mais nada. A Gabriela ficou mesmo traumatizada com a situação, acreditem. Quem quer que seja o pai do miúdo, abandonou-a. Abandonou-os — corrigiu. — E ela tinha tanto medo que lhe voltassem a fazer isso que nunca mais se entregou a ninguém. Muito sinceramente, acho que foi isto que se passou, ela não ultrapassou o facto de o pai do bebé a ter rejeitado.

— É compreensível — comentou o inspetor. Pensar que Gabriela vivera aquilo tudo com apenas dezasseis anos dava-lhe a volta ao coração. Que tormento para uma pessoa tão nova.

— Ultimamente, andava muito reativa, às vezes chegava a ser agressiva. Não era só pelo facto de o Raimundo ter arranjado uma namorada, era também porque o Lucas começara a fazer mais perguntas sobre o pai e a querer conhecê-lo. Era muito duro para ela ter de recordar aquilo tudo e ver o entusiasmo do miúdo em relação ao homem que a deixara. Tudo

bem, é o pai dele, mas não deixa de ser uma pessoa sem escrúpulos. — Miguel fez uma pausa e foi buscar mais água. — Se não sabem, vão ficar a saber: o Raimundo tem uma relação com a Elsa, mulher do Vicente Rocha.

— Já sabíamos. A Gabriela não gostava da Elsa?

— Não é bem *não gostar*. Era-lhe indiferente. Mas custava-lhe saber que o Raimundo fora tão pouco atencioso com a mãe dela, mas depois com a Elsa era só sorrisinhos e abraçinhos. E ele mimava demasiado o Lucas. Desautorizava a Gabriela à frente do miúdo... Enfim, era ela de um lado a tentar educar, e do outro, o Raimundo a facilitar tudo e a deixá-lo fazer o que lhe apetecia.

Os inspetores entreolharam-se.

— Vamos andando. Agradecemos o seu tempo e pedimos-lhe que, se se lembrar de alguma coisa útil para a investigação, nos ligue de imediato.

— Liguei. Também vou, tenho agora uma excursão até à praia da Foz d'Égua.

Saíram os três juntos em direção ao largo, Miguel para se encontrar com os turistas, os inspetores para almoçar.

Abel e a filha tinham acabado de levantar os últimos pratos dos clientes. Os almoços haviam terminado e o restaurante esvaziara em escassos minutos, sobrando-lhes algum tempo para pôr a cozinha em ordem e descansar um pouco.

— Vais continuar a dar aquelas aulas de Matemática ao Lucas?

Sofia encolheu os ombros e encostou-se ao balcão, comendo uma maçã.

— Não sei, tudo depende dele.

— Com isto da Gabriela, o puto ainda deve estar sem cabeça para as coisas da escola. Devias deixar passar umas semanas até voltares lá a casa, a ver se ele se recompõe da morte da mãe.

— Mas o dinheiro dá-me jeito... E até lhe faz bem voltar à rotina. Ele tem estado a ver as aulas em casa através do computador.

— Ah, é? Pareces tu, na altura da pandemia — recordou Abel, retirando o avental e sentando-se junto a uma das mesas. — Mas, agora sem a Gabriela, quem é que te vai pagar as explicações? O Raimundo?

— Deve ser ele, sim.

— Não me esqueci das coisas que ele te disse. Se voltar a armar-se em esperto, avisas-me logo. Ouve cá uma coisa, o teu irmão não te disse nada? Prometeu que aparecia cá este fim de semana, mas até agora, nada.

— O Telmo mandou-me uma mensagem no WhatsApp a dizer que teve um imprevisto — relatou Sofia, apontando para o telemóvel no balcão.

Abel resfolegou.

— Estou a imaginar esse imprevisto... Desde que se enfiou naquela garagem em Arganil, nunca mais quis saber da gente. Só quando a carteira

fica vazia é que se lembra de que tem um pai e uma irmã.

Telmo deixara a aldeia pouco depois da morte da mãe, e Sofia calculava que as ausências do irmão se deviam à incapacidade de lidar com as saudades dela. Na sua opinião, não se tratava de desleixo nem egoísmo, mas sim de uma fuga às memórias de quando a mãe era viva. Cada regresso ao Piódão revestia-se de uma nostalgia dolorosa para ele.

— Tanta conversa de que vinha cá todos os fins de semana, e depois é o que se vê. Achas que tem alguma companhia por lá? — questionou Abel. — Se calhar é por isso que nunca põe cá os pés.

— É capaz. Mas já sabes que o Telmo nunca me conta nada desses assuntos.

— Será que é a patroa dele? A mulher tem cinquenta anos mas está toda enxuta.

Sofia encolheu os ombros. Não sabia responder àquela pergunta e não tinha o menor interesse em saber com quem se deitava o irmão. Ele tinha trinta e quatro, mais quinze anos do que Sofia, e esse intervalo de idades fizera com que as partilhas entre ambos tivessem sido sempre escassas. Telmo era mais apegado à mãe, enquanto Sofia, desde pequena, se relacionara melhor com o pai.

A conversa foi interrompida pela chegada de Bruno e Carolina.

— Boa tarde, ainda podemos almoçar?

Abel levantou-se e anuiu com a cabeça, indicando-lhes a mesa junto à porta.

— Boa tarde, inspetores. Sentem-se aí e fiquem à vontade.

Analisaram a ementa e, depois de fazerem o pedido, repararam no recipiente dos guardanapos de papel em cima da mesa: tratava-se de uma casinha de xisto típica do Piódão, em miniatura. Assim que Sofia trouxe os pregos no pão com queijo da serra, a investigação da morte de Gabriela voltou à baila.

— A única maneira de tirarmos a limpo esta questão da paternidade do Lucas é recolhermos amostras de ADN — disse Bruno. — Do Miguel, já temos. Só nos falta do Francisco.

— Temos de obter uma ordem judicial para isso.

— Se ele fornecer o ADN de forma voluntária, não. E é o que vamos tentar, caso contrário, o processo nunca mais anda.

Carolina soltou um suspiro. O prego com queijo tinha um aspeto delicioso, mas a incerteza da investigação parecia condicionar-lhe o paladar, impedindo-a de desfrutar dele na totalidade.

— Será que esta questão da paternidade é mesmo relevante para a investigação? — questionou ela. — Às tantas, estamos a gastar tempo numa coisa sem interferência no homicídio da Gabriela.

— Neste momento, não conseguimos ter certeza disso, portanto temos de investigar possibilidades. Trata-se de uma questão marcante na vida da Gabriela e sobre a qual ainda há coisas por explicar. Até sabermos todos os contornos da gravidez dela, não podemos largar esta hipótese.

— Resumindo: o Francisco jura a pés juntos que nunca teve sexo com a Gabriela. O Miguel também garante que foram apenas amigos e nunca houve qualquer envolvimento físico — concluiu Carolina. — Ele afirma que é *gay*, mas talvez naquela altura tenha sentido vontade de se envolver com alguma rapariga? Sendo a Gabriela uma amiga tão próxima, pode ter acontecido algo entre eles.

— Não me parece — discordou de novo Bruno, dando um gole no *Ice Tea* de manga. — Não acredito que nenhum deles se tenha envolvido com a Gabriela, pareceram-me sinceros. Portanto, tem de haver uma terceira hipótese. Algum outro rapaz com quem ela se terá envolvido, o verdadeiro pai do Lucas. Talvez um colega de escola.

— Como é que vamos descobrir isso, tanto tempo depois? Passaram dezasseis anos.

— Temos de falar novamente com o pai dela e com o Miguel. Saber exatamente todos os sítios por onde a Gabriela andava para além da escola, se tinha atividades extracurriculares ou se pertencia a algum grupo, como escoteiros ou catequese.

— Mas o Miguel também nos disse que não fazia a mínima ideia de quem seria — relembrou a inspetora. — Ou seja, mesmo sendo tão amigos, a Gabriela conseguiu esconder dele quem era o pai do Lucas.

— Isso é que me deixa desconcertado. Como é que nem o melhor amigo tem a mínima suspeita de quem é a pessoa com quem a Gabriela se envolveu?

Carolina encolheu os ombros, revelando a mesma perplexidade perante aquela questão. Será que o melhor amigo de Gabriela continuava a não revelar a verdade toda? Como é que ela aguentara dezasseis anos sem nunca partilhar a identidade do pai do filho, nem sequer com Miguel?

— Talvez ele saiba, mas prometeu-lhe não contar a ninguém — propôs a inspetora. — E, com a Gabriela morta, deve sentir ainda mais pressão para honrar o compromisso.

De súbito, ouviram um zumbido na mesa. O telemóvel de Bruno

estava a vibrar e ele atendeu com rapidez, tendo visto que a chamada era de um dos peritos de tecnologias e informática. A ligação foi breve e o inspetor ouviu mais do que falou.

— O telefonema de ontem deu frutos — disse, com entusiasmo, assim que desligou. — Já temos os relatórios da análise ao computador da Gabriela, vão enviá-los agora para os nossos *e-mails*. A extração de informação do telemóvel ainda demora, só amanhã ou segunda-feira.

— O que descobriram?

— Muita coisa, mas o que lhes pareceu mais relevante foi o histórico de pesquisa da Internet na semana antes de a Gabriela morrer. Procurou no Google minutas de cartas de despedimento e copiou para o Microsoft Word o texto de uma delas — revelou Bruno. Inspirou fundo e concluiu o que o perito lhe dissera: — Na véspera do acidente, enviou um *e-mail* para a presidente da junta a formalizar o despedimento.

Cinco minutos depois, Bruno e Carolina deixaram o restaurante de Abel e apresentaram-se na casa de Verónica e Vasco. O dono do restaurante informara-os da morada e bastou-lhes caminhar durante um minuto para chegar até à vivenda de dois pisos com a porta de um azul muito vivo. Nem a presidente nem o tesoureiro da junta ficaram satisfeitos com a visita dos inspetores.

— É o primeiro sábado, em vários meses, que nenhum de nós trabalha — disse Verónica, num tom azedo. — Por isso, agradeço que sejam muito breves. É muito raro termos tempo ao fim de semana para estarmos os dois com o nosso filho.

A sala tinha mobiliário e decoração modernos, com o branco e o prateado como cores predominantes. Pedrinho estava sentado no meio dos pais e saltou do sofá assim que os viu, correndo para a inspetora e pegando-lhe na mão.

— Já têm pistas novas?

— Filho, larga a inspetora — repreendeu Vasco.

— Quem são os suspeitos principais? Conte-me, senhora inspetora! Prometo que não digo a ninguém.

Carolina sorriu, afável, e respondeu:

— O nosso trabalho é secreto, como tu sabes. Mas, quando tivermos resolvido este mistério, prometo que te conto como chegámos à verdade.

— Boa! — exclamou Pedrinho. — Um dia vou ser polícia como vocês e descobrir muitos mistérios.

— Pedro, vai até à cozinha preparar o lanche, que nós já lá vamos ter contigo — disse Verónica.

— Os inspetores também vão lançar connosco? — perguntou o rapaz, olhando, radiante, para eles.

— Não — respondeu Verónica com firmeza. — Faz o lanche para ti, para a mãe e para o pai. Os inspetores vieram cá ter uma conversa rápida e já se vão embora.

A presidente da junta falou sem tirar os olhos de Bruno e Carolina, garantindo que a mensagem era compreendida. Pedrinho fez um ar triste e foi para a cozinha.

— A rapidez da conversa só depende de vocês — começou Bruno. — Sabemos que a Gabriela formalizou o despedimento da junta na véspera de morrer. Queremos saber o motivo pelo qual ela se quis despedir e porque é que nenhum de vocês nos informou sobre isto. E escusam de dizer que não pensaram que fosse relevante para a investigação. Neste momento, tentarem fazer-nos de parvos é uma péssima opção.

Vasco olhou para Verónica, mas ela permaneceu fixada no inspetor. O olhar do marido expressava um nítido: *Eu avisei-te*.

— Como imaginam, a morte da Gabriela e a forma como sucedeu não trazem rigorosamente nada de positivo para a nossa junta de freguesia — disse a presidente.

— É essa a sua justificação? — atirou Bruno.

— Não lhe admito que me fale nesse tom.

— O que não é admissível é terem-nos escondido que a Gabriela se despediu no dia antes do acidente. Vou perguntar pela última vez: porque é que ela se quis ir embora?

Vasco continuava de olhos postos na mulher, como se esperasse uma indicação sobre como reagir. Era evidente que fora Verónica quem determinara que não iam contar nada sobre o despedimento de Gabriela.

— Motivos pessoais. Foram as palavras dela — relatou a presidente. — Ainda tentei saber se estava com algum problema ou precisava de ajuda, mas não me respondeu a nenhuma pergunta.

— Quando é que falaram? No dia em que ela enviou a carta de demissão?

— Sim, na segunda-feira.

— O senhor assistiu a esta conversa?

— Sim — respondeu Vasco.

— Pode descrever-nos o que disse a Gabriela?

— Assim de cor, não sei.

— Porque não? — questionou o inspetor. — Segunda-feira foi apenas há

cinco dias.

Vasco rodou a cabeça e agitou a mão no ar, tentando lembrar-se.

— Disse que queria ir-se embora da junta e para não lhe fazermos perguntas. Para além do *e-mail*, entregou-nos uma carta impressa.

— Só vos disse isso?

— A minha mulher perguntou se tinha que ver com o salário, mas a Gabriela respondeu que não. Disse, também, que não tinha recebido nenhuma outra proposta de emprego. Depois, perguntei se era algo relacionado com saúde, e ela voltou a falar nos motivos pessoais.

— Eu ainda insisti, para tentar perceber se estava sentida com algum de nós, por algo que tivéssemos dito, mas ela garantiu que não. A partir daí, a conversa terminou.

— Como estava a Gabriela nesse momento? Nervosa?

— Bastante — respondeu Vasco. — Achei que era uma decisão recente... Mas, ainda assim, ela pareceu-me bastante segura da escolha de se ir embora.

— O ambiente de trabalho era bom?

— Claro que era — afirmou Verónica. — Somos só três pessoas, por isso não havia como não ser um bom ambiente.

Durante um tempo, ninguém falou. Da cozinha, chegava-lhes o som de pratos e talheres, e Pedrinho cantarolava alegremente.

— E por que razão não nos disseram logo? — repetiu o inspetor.

— Porque o motivo do despedimento não está relacionado com a junta. Tão simples quanto isso. Caso tivéssemos falado sobre a saída da Gabriela, ainda por cima comunicada na véspera da morte, sabia que vocês desconfiariam de nós. E nós não tivemos nada a ver com o acidente.

— Pode ter a certeza que esconder essa informação não vos beneficiou nem um pouco.

— Talvez, inspetor. Mas se eu e o meu marido estamos agora a falar convosco, é porque não temos nada a esconder.

Nesse momento, Pedrinho surgiu na sala.

— O lanche está pronto! Ainda aqui estão? Então, afinal podem comer connosco!

Os olhos de Verónica chisparam de fúria e preparava-se para desfazer o convite do filho, mas a inspetora antecipou-se:

— Obrigada, Pedrinho, mas precisamos de nos ir embora. Há várias pistas que temos de seguir.

O rapaz abriu muitos os olhos e acenou afirmativamente, erguendo o

polegar como sinal de ter compreendido a urgência do trabalho deles. Bruno e Carolina despediram-se e saíram, certos de que a sua presença ali não podia ser mais indesejada.

—Foste um bocado agressivo com ela — disse Carolina, assim que chegaram lá fora.

Bruno ignorou-a e apressou o passo, distanciando-se. A rua começava a estreitar e as casinhas de xisto acastanhado pareciam cada vez mais próximas.

— Aquela gaja mentiu-nos à descarada.

— Mas isso não é razão para a tratares mal.

— Eu não a tratei mal! — retorquiu ele, erguendo a voz.

— Lá por estares irritado, não significa que tenhas de passar isso para os interrogatórios.

— Mas irritado com o quê? — Bruno voltou-se para a encarar. — Queres dizer-me alguma coisa, é?

Estavam junto a uma fonte de pedra, frente a frente, numa posição hirta. Carolina cruzou os braços e expirou. Sabia que Bruno não ia gostar do que ia ouvir, mas sentia que era seu dever chamá-lo à atenção, para que as frustrações pessoais não interferissem no trabalho.

— Estás furioso porque não te pedi para ficares em Coimbra.

Bruno resfolegou e cruzou igualmente os braços.

— E tu furiosa estás, porque queres que eu fique, mas não tiveste coragem para mo dizer. O teu orgulho não te permitiu.

— Estás tão enganado.

— Não estou — contrariou Bruno, aproximando-se dela. Ficaram a poucos centímetros um do outro. — Não acredito que, desde ontem à noite, não tenhas pensado na minha saída de Coimbra.

— Não pensei. Garanto-te.

— Não mintas, Carolina. Admite. Porque é que continuas a fingir que não te importas comigo? Se te sou assim tão indiferente, porque é que me beijaste hoje de manhã?

Ela queria afastar-se, mas o corpo não lhe obedecia. O corpo? Ou o coração? Vê-lo tão perto, sentir-lhe o cheiro, recordar-se da forma como ele a agarrava e a beijava, tudo isso a fazia vacilar na decisão que tomara. Fechou os olhos e forçou-se a lembrar o motivo da separação.

— Bruno, nós já falámos sobre isto. Acabou... Não vale a pena prolongarmos as coisas, só nos vamos magoar. Eu preciso de estar sozinha e não consigo corresponder àquilo que tu esperas de mim. Tens de aceitar isto. Segue com a tua vida, que eu já estou a fazer o mesmo com a minha.

— Como é que durante um mês e meio estiveste comigo como se fôssemos namorados e, de repente, mandas tudo isso para o lixo? Não entendo, Carolina. Continuo a não entender.

A mágoa andava a par e passo com a irritação, a mesma que deixara vir ao de cima durante o interrogatório com a presidente da junta. Nunca fora pessoa de se vitimizar, mas, naquele momento, era exatamente essa a postura que ia assumir. A vida já fora tão cruel com ele, tirara-lhe os pais de uma forma violenta aos nove anos, colecionara uma série de namoros nos quais tinha sido desrespeitado e maltratado, quase morrera no decorrer da última investigação em Lisboa e, como se não bastasse, graças a essa tragédia ficara com cicatrizes no corpo todo. Havia pessoas a passar por situações muito piores? Havia, claro. Mas Bruno esgotara a sua tolerância perante o sofrimento imposto pela vida. Tinha finalmente conhecido uma mulher interessante, inteligente, bonita, e que o cativara a ponto de querer construir uma família com ela. E, mais uma vez, a alegria fora-lhe destruída como uma pedra num vidro. Estilhaçada, em bocadinhos, e com uma difícil recuperação pela frente.

— Sinto que me usaste para preencher o espaço deixado pelo teu ex-namorado. E, agora que estás bem, deitas-me fora.

Carolina baixou a cabeça, incapaz de o enfrentar. As lágrimas assomaram-lhe aos olhos e enxugou-as com as mãos.

— Foi um erro ter-me envolvido contigo — murmurou, a voz por um fio. — Sabia que era provável que criasses expectativas...

— Um erro muito infantil, deixa que te diga. Para quem tem trinta anos.

— Não sejas injusto. Um adulto não pode errar? Desde quando há idades específicas para cometer erros?

— Já tens idade suficiente para não brincar com os sentimentos de

outra pessoa. És adulta, certo? Já tinhas vivido outras relações antes, certo? — Bruno continuava de olhos fixos nela. Soltou um longo suspiro e virou-lhe as costas. Esperou vários minutos até voltar a rodar o corpo na direção dela. — Sabes o que é que me deixa fodido no meio disto tudo? O teu egoísmo.

— Fui sincera contigo desde o primeiro momento — replicou Carolina. — Sabias que tinha terminado o meu namoro há meia dúzia de dias. Se achas que fui infantil, posso dizer exatamente o mesmo de ti. Quem te mandou criar expetativas mesmo sabendo que não tinha feito o luto da minha relação?

— As expetativas têm um botão para se ligar e desligar? Curioso, nunca me tinha apercebido.

— A responsabilidade é dos dois, Bruno. Somos ambos adultos. E atirares as culpas para cima de mim tem muito pouco de maduro.

Ele fitou-a por algum tempo. Naquele momento, consolidou-se a satisfação por ter concorrido na noite anterior à vaga fora de Coimbra. Não queria ficar mais ali, só lhe apetecia ir para longe. Abriu a boca para falar, mas acabou por desistir. Não valia a pena. Abanou a cabeça e virou costas, caminhando na direção oposta. O mais longe possível de Carolina.

Quando Bruno finalmente parou, deu por si a atravessar uma ponte de pedra e a chegar à praia fluvial do Piódão, que consistia numa piscina de xisto em forma de pentágono. Havia um edifício em xisto e madeira que servia de bar no verão, mas estava encerrado naquele momento. As duas comportas estavam fechadas, fazendo com que a água no tanque estivesse imóvel como um espelho. Bruno ainda tinha os olhos vermelhos quando se abeirou da piscina natural e viu a sua tristeza refletida na água. Não queria chorar nem mais uma lágrima, não ia prolongar aquele sentimento nem mais um segundo. Esticou o braço e molhou os dedos. A água era tão cristalina que, mesmo sendo primavera, convidava a mergulhar.

Descalçou as meias e os sapatos e, de seguida, arregaçou os *jeans* azuleiros. Sentou-se na borda e pôs os pés na água, sentindo os ossos enregelarem-se. Apesar da temperatura, sabia-lhe bem estar assim. Sempre se distraía da tristeza que lhe preenchia o corpo. Abanou os pés e ficou a ver as ondinhas agitarem-se à volta e propagarem-se por toda a extensão da piscina. Apoiou as mãos no chão de xisto e inclinou ligeiramente o tronco para trás, permitindo-se inspirar e expirar fundo, sem pressa.

A ideia de sair de Coimbra cada vez ganhava mais força e vontade. Por vezes, os processos de seleção eram demorados, mas o *e-mail* do dia anterior anunciara um prazo muito curto para as candidaturas, o que significaria que havia urgência em preencher a vaga. Bruno fechou os olhos e continuou a descrever círculos com os pés dentro de água.

Quando sentiu o telemóvel vibrar no bolso, ignorou-o. Devia ser Carolina. Apesar de terem trabalho em mãos, naquele instante não queria falar com ela, nem sequer sobre a investigação. Precisava de mais uns

minutos ali, sozinho e em silêncio. Deixara sempre que o trabalho tivesse ascendência sobre tudo o resto da sua vida, mas até isso iria mudar a partir de agora. Não comprometeria o rigor da profissão, mas também não permitiria que ela se sobrepusesse a todos os pontos da sua existência.

O telemóvel voltou a vibrar. Bruno estalou a língua, irritado, e tirou-o do bolso para desligar a vibração. Assim que viu o ecrã, reparou que a chamada não era de Carolina mas sim de um número que não estava atribuído a nenhum contacto. Hesitou, com o dedo sobre o ícone vermelho. Mas a hesitação durou pouco. Acabou por pressionar o ícone verde no ecrã e atender.

— Sim? É o inspetor Saraiva? — ouviu.

— Sou. Quem fala?

— Francisco Amaral. Estiveram hoje em minha casa.

— Sim, eu sei. — Bruno nem se lembrava de ter deixado um cartão com o seu contacto.

— Estou a ligar-lhe porque me lembrei de uma coisa sobre a Gabriela. Pode não ser importante, mas talvez o inspetor tenha outra opinião. Na altura, ainda falei com ela sobre isto, mas não me pareceu verdade. Estava tão furioso que disparei para todos os lados.

— Importa-se de explicar melhor? — interrompeu Bruno. — Não estou a entender nada.

— O que se passa é o seguinte: quando eu e a Gabriela começámos a namorar, ela tinha um trabalho aos fins de semana, para ganhar uns trocos. Servia à mesa no Solar do Abel, aquele restaurante na aldeia. Uns dias depois de me contar da gravidez, lembrei-me disso e fiquei a pensar se ela não se teria metido com algum cliente. Na altura do verão, iam lá vários estrangeiros e emigrantes. É provável que um deles se tenha encantado e a tenha levado na conversa dele. Eu bem via como ela sorria para eles. Fui lá uma vez almoçar com os meus pais e jurei para nunca mais.

— Talvez fosse apenas por cortesia. Quando somos bem atendidos, ficamos mais predispostos a dar uma boa gorjeta.

— Ou talvez fosse porque os queria seduzir.

Bruno não respondeu. Mais uma vez, o primeiro pensamento que lhe ocorreu foi o motivo pelo qual ainda ninguém os informara de que Gabriela trabalhara no Solar do Abel. É certo que fora há mais de quinze anos, mas tratava-se de uma informação a ter em conta.

Bruno reconsiderou. Estava a pensar naquele tema a partir da sua perspectiva de inspetor da PJ, alguém que está habituado a listar todos os

pormenores da vida das vítimas, mesmo aqueles que parecem irrelevantes. Na maior parte das vezes, o cidadão comum não se apercebia da importância de certos detalhes para a resolução de um homicídio.

— Até quando é que a Gabriela lá trabalhou?

— Eu acho que deixou o restaurante na altura em que engravidou. Já não me recordo com exatidão, mas acho que foi assim. Fomos para Coimbra pouco depois, portanto perdi-lhe o rasto.

Bruno anuiu.

— Obrigado pelo seu telefonema. Se se lembrar de mais alguma coisa, diga.

Desligou e manteve o telemóvel na mão. O seu olhar recaiu nos pés submersos e fitou-os enquanto analisava a informação que Francisco providenciara. Era mais uma peça do *puzzle* da vida de Gabriela, e precisava de saber como a encaixar na investigação do seu homicídio.

Nesse instante, ouviu passos atrás de si e voltou-se. Havia mais alguém que também descera até à praia fluvial do Piódão naquela tarde.



— Estou preocupado com o Lucas — desabafou Raimundo, sentado no cadeirão. Estava farto daquela posição com a perna esticada.

— Ele não quis ir falar com a tal psicóloga, pois não? — questionou Elsa.
— Fazia-lhe bem. Ele é muito novo e ficou sem mãe... Não o conseguiste convencer?

Trouxera umas fatias de bolo de iogurte e cobrira-as com doce de amora, e Raimundo deu-lhes mais uma dentada antes de responder.

— Está delicioso. Eu tentei que ele fosse, e o Miguel também, mas não conseguimos nada. O miúdo meteu na cabeça que não quer ir, e não vai mesmo. É teimoso como eu — confessou, com algum orgulho.

— Como vão ficar as coisas agora? O miúdo vem viver contigo ou com o Miguel?

— A assistente social disse que o mais provável é ele ficar comigo. O Miguel é bom moço, tem vindo cá todos os dias saber do miúdo, desde que a Gabriela faleceu. Mas não é o pai dele, apenas deu o nome para a documentação. O Lucas prefere ficar comigo, acho que isso vai pesar na decisão.

— Estás preocupado só em relação ao miúdo não querer falar com uma

psicóloga?

Raimundo deu a última trinca no bolo e pousou o prato na mesinha ao lado.

— Não é isso. Quer dizer, também tem que ver com a questão da psicóloga. Mas é outra coisa. Passa-se algo com ele. Há ali alguma coisa, tenho a certeza... Sempre foi muito agarrado ao telemóvel, mas agora está ainda mais. E anda sempre com pressa para sair depois do jantar, diz-me que é para ir jogar no computador com os amigos, mas não sei.

— Lembra-te de que o Lucas tem quinze anos. Os miúdos nestas idades têm tendência para se fechar. É muito duro para ele o que aconteceu, se para nós adultos é difícil de aceitar a morte dos que nos são próximos, imagina para um rapaz da idade dele. Dá-lhe tempo.

— Só quero que ele seja feliz.

Elsa aproximou-se da ponta do sofá e deu-lhe a mão.

— Eu sei — disse, sorrindo. — E ele também sabe. Tem-te a ti ao lado, é tudo quanto precisa para superar isto da mãe e voltar a estar feliz.

— Custa-me tanto vê-lo assim.

— Vá, ânimo. O Lucas precisa de te ver bem, é meio caminho para ele próprio também ficar animado outra vez.

Raimundo esboçou um sorriso triste.

— Obrigado, meu amor. Tens sido a melhor parte desde... disto tudo.

Elsa levantou-se do sofá e deu-lhe um beijo.

— Não agradeças — sussurrou ela, fazendo-lhe festinhas na cara. Beijou-o mais uma vez e consultou o relógio de pulso. — Tenho de ir andando. O Vicente saiu, deve ter ido ao café, mas não tarda está de volta a casa. Quero chegar antes dele, para não arranjar mais problemas.

— Amanhã passas aqui?

— Prometo. E, se te portares bem, trago mais bolo.

Raimundo sorriu e agradeceu-lhe. No meio daquelas angústias, dores e desconforto, sentia-se um privilegiado por ter Elsa na sua vida. Nem tudo era mau.



— Olá, inspetor.

— Olá, Lucas. Vieste dar um passeio?

O rapaz acenou com a cabeça.

— Fartei-me de estar em casa. Tenho um teste na próxima semana, mas não consigo ver mais aquela matéria.

— Queres fazer-me companhia? A água está gelada, mas depois habituas-te.

Lucas fez um ar desconfiado, porém acabou por aceitar o convite. Descalçou-se e sentou-se à beira do tanque, mergulhando os pés na água.

— Foda-se! ‘Tá fria!

Bruno soltou uma gargalhada.

— Eu avisei. Mas vai mexendo os pés, para se irem habituando à temperatura.

O rapaz assim fez, e passado um tempo, já estava a conseguir desfrutar da sensação dos pés na água límpida.

— O teste é de que disciplina? — perguntou o inspetor, ao fim de um tempo.

— É de Português. Uma seca... Estamos a dar *Os Lusíadas*. Não percebo nada daquilo. O Camões usa palavras que não lembra a ninguém.

— *Os Lusíadas* foram escritos há quinhentos anos, é natural que haja linguagem muito diferente da nossa.

— Qual era a tua disciplina preferida quando andavas na escola? Quer dizer, qual era a *sua* disciplina preferida?

— Podes tratar-me por tu, não há problema — descansou-o Bruno. — Era Português e História.

— A sério? Eu odeio Português. Mas o meu professor é bué chato, o que também não ajuda. Fazer cábulas nesta disciplina é fod... lixado. É tanta matéria. Tu fazias cábulas?

— Aqui que ninguém nos ouve... — disse Bruno, baixando a voz. — Sim, fazia. Para Geografia, que era a disciplina de que menos gostava. Decorar aquelas definições todas deixava-me doido, então, fazia cábulas no Microsoft Word, reduzia a letra para o tamanho mais pequeno e depois imprimia e guardava no estojo. Um dia, ia sendo apanhado, e não voltei a fazer.

Lucas arregalou os olhos, admirado com a confissão do inspetor.

— Isso é brutal!

— Mas olha, mais vale estudar do que fazer cábulas. Gastas o mesmo tempo, e corres menos riscos.

Lucas torceu o nariz. Já ouvira a mãe e o avô dizerem-lhe algo semelhante, mas ele não concordava. Ficaram uns minutos sem falar, apenas ouvindo o ruído dos pés a agitar a água. Nenhum se sentiu

desconfortável com o silêncio, bem pelo contrário. Estavam calmos e satisfeitos com a companhia.

— Lucas, sabias que a tua mãe tinha trabalhado no Solar do Abel? — questionou o inspetor, algum tempo depois.

O rapaz fez um ar admirado.

— Não sabia. Foi antes de eu nascer?

— Sim, pouco antes. Era um trabalho de fim de semana, para juntar algum dinheiro.

— Ela nunca me disse.

— Não tem problema — relativizou Bruno. — Era só um pormenor que te queria perguntar. Acho que a tua mãe esteve lá pouco tempo.

Lucas ficara com o semblante triste.

— Ela não me contou várias coisas. Nunca me disse quem era o meu pai...

As lágrimas surgiram, escorregando devagarinho pela cara. Bruno olhou durante algum tempo para o miúdo, sem saber se devia seguir o impulso ou se o mais acertado era permanecer onde estava. A fragilidade do rapaz comoveu-o e fê-lo ceder ao impulso, aproximando-se e pondo-lhe o braço à volta dos ombros. Assim que Lucas sentiu o abraço, o choro acentuou-se e o corpo soltou pequenos espasmos. Bruno encostou a cabeça à dele, mantendo-se em silêncio para não interromper aquele longo — e necessário — vale de lágrimas.

Vários minutos depois, Lucas desencostou-se e passou a manga da camisola pela cara, limpando-a. Permaneceram sentados lado a lado, os pés imersos na água fria. Devagarinho, numa voz calma, Bruno disse:

— Os meus pais morreram quando tinha nove anos. Num acidente de carro.

Lucas olhou para ele, surpreendido.

— Fizeram exatamente o mesmo que ao carro da tua mãe. Sabotagem. — Bruno fez uma pausa e engoliu em seco. — Foi tão difícil... Nunca chorei tanto como nessa altura. Compreendo o que deves estar a sentir neste momento.

O rapaz continuava fixo no inspetor e sem conseguir dizer nada.

— Sabes, Lucas, a vida às vezes prega-nos partidas. Acontecem-nos coisas muito más e ficamos com raiva por não conseguirmos perceber porque é que aconteceu connosco. O mais importante é não perdermos tempo a pensar na razão pela qual nos aconteceu isto ou aquilo, porque nem tudo na vida tem uma explicação. Há situações inexplicáveis. E não é

vergonha nenhuma chorar — acrescentou. — Os homens choram. E não é sinal de fraqueza, é sinal de força. É normal que durante uns tempos tenhas muita vontade de chorar. Não te sintas mal por isso, chora à vontade. É a melhor maneira de curarmos as nossas dores. E lembra-te que não estás sozinho, tens o teu avô e os teus amigos. E, se precisares, também me podes pedir ajuda.

Lucas acenou afirmativamente e nos lábios surgiu-lhe um sorriso. Sentia-se leve depois do choro e daquela conversa, uma sensação que desconhecia mas que o fazia sentir-se bem.

— Obrigado — disse, contente.

— Prometes que pedes ajuda, se precisares?

— Prometo.

Bruno dirigiu-lhe um sorriso e ergueu a mão, à qual Lucas correspondeu com a sua. Juntaram-nas no ar e os dedos entrelaçaram-se, firmando a promessa. Quando as baixaram, olharam em frente e ficaram de ombros unidos a observar a encosta povoada de verde e castanho. As copas das árvores oscilavam ligeiramente ao sabor do vento. Vários minutos depois, Bruno olhou para o miúdo e disse:

— Vamos andando, que está a ficar tarde. E parece-me que há alguém que tem de continuar a estudar as estrofes dos *Lusíadas*.

Lucas revirou os olhos.

— Que seca. Olha, podias-me ajudar a fazer cábulas para o teste.

Bruno inclinou a cabeça e franziu os olhos:

— Ajudar a fazer o quê? Acho que não ouvi bem.

— Nada, nada — respondeu Lucas, rindo-se.

Bruno chegou ao apartamento, e Carolina estava junto à bancada com um copo vazio na mão. Os olhares cruzaram-se, mas nenhum falou. Aquela hora e meia sem se verem fora útil para acalmar os ânimos de ambos, mas o silêncio continuava a ser mais desejado que o diálogo.

A inspetora encheu o copo com água da torneira e subiu para o mezanino, deixando-o sozinho no piso térreo. Bruno foi à cozinha buscar um pão e sentou-se no sofá a comer, enquanto refletia sobre o que acontecera na praia fluvial. A conversa com Lucas permitira-lhe resgatar uma alegria há muito desaparecida. Sentia-se feliz consigo mesmo por perceber que lhe dera algum conforto.

Acreditava que o seu trabalho era muito mais do que resolver homicídios e prender assassinos. Havia uma dimensão humana ampla, de proximidade com as pessoas, que ele não descurava. Quase toda a gente com quem se cruzava no desempenho do seu trabalho estava frágil, e Bruno tinha isso em consideração, aproveitando esse contacto para lhes dirigir palavras de apoio. Esforçava-se por ser mais do que uma figura de autoridade, disponibilizando-se para ajudar quem se mostrava vulnerável.

Uma hora mais tarde, Carolina desceu os degraus junto à parede. Vinha de rosto fechado e foi encher de novo o copo com água. Bruno aproveitou e pigarreou para lhe chamar a atenção, contando-lhe o telefonema que recebera de Francisco.

— A Gabriela trabalhava no restaurante do Abel na altura em que engravidou? — repetiu a inspetora. — Por que raio só estamos a saber disso agora?

— Foi exatamente o que me questionei. Encontrei o Lucas há pouco e

ele disse-me que não sabia que a mãe tinha servido à mesa lá.

— Ela nunca comentou isso com o filho? Estranho — Carolina bebeu o resto da água em goles pequenos. Pensou durante uns segundos e depois reconsiderou. — Bom, se calhar, nunca lhe disse nada porque não calhou. Pode ter sido uma experiência banal, sem importância.

— A aldeia não é grande, eles devem ter ido ao Solar do Abel várias vezes — apontou Bruno. — É esquisito ela nunca ter dito, nem sequer de passagem, que trabalhou lá quando era mais nova. Ainda por cima, engravidou nessa altura. O Francisco, inclusive, sugeriu que ela se teria envolvido com algum cliente.

— Talvez.

— Mas o mais estranho, para mim, é o Abel não nos ter dito nada. Já falámos com ele mais do que uma vez sobre a Gabriela, não acredito que se tenha esquecido de que ela trabalhou lá.

Houve um momento de silêncio. Carolina girava o copo vazio nas mãos, fitando-o com uma expressão indecifrável. Parecia ter-se alheado daquele assunto.

— Vou ligar ao Raimundo e ao Miguel a tentar saber se a Gabriela tinha atividades para além da escola e desse *part-time* no restaurante — informou o inspetor. — Daqui a pouco, podemos ir lá buscar o jantar e aproveitamos e falamos com o Abel.

A inspetora assentiu, distraidamente, e começou a subir os degraus.

— Depois diz-me o que descobriste.



— Boa tarde, Raimundo. Preciso de lhe fazer mais umas perguntas sobre a sua filha.

Do outro lado, chegava-lhe o ruído alto da televisão e Bruno teve de pedir ao pai de Gabriela para baixar o som.

— Desculpe lá, estou a ver o Benfica e queria ouvir melhor as barbaridades dos comentadores. Dizem com cada coisa, estes monos.

— A Gabriela tinha alguma atividade extracurricular?

— Hã?

— Quando andava na escola, fazia algum desporto depois das aulas? Ou ia à catequese?

— Ah, jogava voleibol na escola. Havia uma equipa feminina. Depois da

gravidez, teve de deixar os treinos, pois claro. Mas por que motivo quer saber isso?

— São perguntas de rotina.

— Inspetor, não se esqueça de que também fui militar. Para estar a fazer essa pergunta é porque tem alguma suspeita.

— Apenas queremos fazer um retrato fiel da vida da Gabriela e perceber com clareza em que sítios andava e com quem se relacionava.

— Hum... Ela também frequentava a catequese, por insistência da minha esposa. Era aos domingos de manhã, antes da missa, e reuniam-se ali na igreja do largo.

— Que idade tinha a Gabriela?

— Era pequena, devia ter uns sete ou oito anos.

— Quem orientava a catequese?

— Era o Cândido.

— Do posto de turismo?

— Que eu saiba, não temos mais nenhum Cândido por aqui. Ele e a falecida esposa eram muito devotos, então o padre Belmiro pediu-lhe para tomar conta do grupo da catequese.

Bruno anuiu.

— E em relação a trabalho, teve alguma experiência em miúda?

— Não.

Estás a mentir, ou não te lembras?, pensou o inspetor. Continuou a insistir:

— Nem daqueles trabalhos temporários, para ganhar uns trocos?

Houve silêncio do outro lado.

— Ah, espere, ela serviu à mesa no Solar, durante uns tempos. Queixava-se de que a mesada que lhe dávamos era muito pouca, e eu disse-lhe para arranjar um emprego e ver o que custava a ganhar o dinheiro. Decidiu ir bater à porta do Abel a pedir trabalho.

— Gostava de trabalhar lá?

— Acho que sim. Não era nada do outro mundo, mas sempre lhe garantia uns cobres na algibeira.

— Houve algum incidente enquanto ela trabalhou lá?

— Ouça uma coisa, a minha filha era uma pessoa correta. Nunca roubou nem enganou ninguém. Se o Abel agora anda a difamá-la, vai ter de se haver comigo.

— O Abel não disse nada sobre a Gabriela. Aliás, nem sequer nos informou de que ela trabalhou no restaurante.

– Bom, inspetor, é tudo?

Raimundo queria focar-se de novo no jogo de futebol.

– Sim, é tudo. Obrigado.

Desligou e marcou o número de Miguel. O melhor amigo de Gabriela não atendeu e Bruno esperou uns minutos até remarcar o número. Aí, a chamada foi atendida logo ao segundo toque. A voz de Miguel soava distante, parecia que pusera o telemóvel em altifalante enquanto realizava alguma tarefa.

– Atividades depois das aulas? Acho que... Ah, sim, ela fazia parte da equipa de voleibol da escola.

– E estava envolvida em mais algum grupo, para além desse? Ou tinha algum trabalho, daqueles para ganhar um dinheiro extra? Os jovens muitas vezes arranjam esse tipo de biscates.

Miguel não disse nada. Bruno percebeu que o amigo de Gabriela interrompera o que estava a fazer.

– Agora que fala nisso, estou a lembrar-me de que a Gabriela ajudava o Abel no restaurante, aos fins de semana.

– Há quanto tempo foi isso?

– Ui, há muitos anos. É capaz de ter sido quando estávamos no secundário, porque ela apenas lá ia aos sábados e domingos. Durante a semana não podia, por causa das aulas. Curioso, se o inspetor não tivesse perguntado, nem me lembraria disto.

– Ela gostava do trabalho? Dava-se bem com o Abel?

– Sim, tenho ideia de que ela gostava. Ganhava algum dinheiro. Naquela idade, meia dúzia de trocos são uma fortuna.

– Nunca se queixou de nada? Alguma coisa que tenha corrido mal?

– Não.

– Havia bom ambiente, então?

– Diria que sim.

– E, recentemente, a Gabriela costumava frequentar o restaurante? Era comum ir lá tomar refeições?

– Não, ela ia sempre ao outro, A Gruta. Não tenho grande memória de a ver no Solar do Abel ultimamente.

– Por que motivo?

– Por comodismo, acho. A Gruta fica mesmo ao lado da junta.

– Recorda-se de alguma outra atividade em que ela estivesse envolvida?

Miguel pensou durante algum tempo mas depois acabou por responder que não.

— Tal como lhe disse anteontem, a vida da Gabriela estava muito concentrada no trabalho e no filho.

— Obrigado pelo seu tempo.

Bruno desligou e permaneceu no sofá a remoer. O facto de Gabriela ter trabalhado no restaurante de Abel poderia ser apenas um detalhe da sua vida, mas parecia-lhe irregular que ninguém se tivesse lembrado disso. E ter acontecido precisamente na altura em que ela engravidara poderia ter um grande significado. Teria sido essa circunstância a desencadear a gravidez?

Eram sete da tarde quando os inspetores se puseram a caminho do Solar do Abel. O ar esfriara e ambos fecharam os casacos até cima assim que deixaram o apartamento. Desceram as ruazinhas em silêncio e todas as pessoas no largo os observaram enquanto caminhavam na direção do restaurante.

— Ora, boas tardes — saudou Abel, enquanto secava um copo alto. Pousou-o na bancada atrás e espreitou para o exterior. — É quase boa noite, na verdade. O que desejam?

Bruno e Carolina fizeram o pedido e esperaram em pé junto à montra refrigerada. Havia algumas mesas ocupadas e, a certa altura, viram Sofia entrar pela porta que ligava o restaurante à loja.

— Boa tarde, inspetores. Pai, queres ajuda? Acho que já não vai aparecer ninguém na loja hoje.

— Trata aqui do pedido dos senhores, fazes favor.

Sofia foi até ao balcão junto à parede e ocupou-se da preparação das sandes de chanfana, enquanto Abel escrevia números num bloco apoiado no balcão. Bruno aproveitou para introduzir o assunto.

— Porque é que não nos disse que a Gabriela trabalhou cá quando era mais nova?

Abel parou de escrever e ergueu a cabeça, fixando-se no inspetor. Apesar de estar de costas para eles, Bruno reparou que Sofia também estacara, parecendo atenta à conversa. O dono do restaurante voltou a baixar o olhar para o bloco e encolheu os ombros.

— Já nem me recordava. Foi há bastante tempo, que interesse tem isso agora?

— É curioso como ninguém se lembrou deste pormenor.

— Os anos passam e a gente esquece-se das coisas sem importância. Ela trabalhou cá pouco tempo, depois engravidou e deixou de aparecer. Despacha-te com as sandes, que já temos mais clientela a chegar — disse Abel, virando-se para a filha.

— Quem trabalhava aqui nessa altura, para além de si?

— A minha esposa. O meu filho, o Telmo, também dava uma ajuda quando terminava as aulas. A Sofia era uma garota, vinha para cá mas ficava aí sentada a fazer desenhos, ainda não tinha idade para ajudar.

— Foi sempre um negócio de família — constatou a inspetora. — Estava satisfeito com o desempenho da Gabriela?

— Nem satisfeito nem insatisfeito. Ela só ajudava aos fins de semana.

— O seu filho é da mesma idade da Gabriela?

— Não sei quantos anos ela tinha, mas sei que as idades eram parecidas. Nessa altura, Sofia voltou-se e interveio.

— O Telmo tem trinta e quatro anos.

— E a Gabriela tinha quantos? — questionou Abel.

— Trinta e três — respondeu Carolina.

— É como lhe disse, eu tinha ideia de que eram praticamente da mesma idade.

— E davam-se bem?

Abel encolheu novamente os ombros.

— Não tinham grande opção. Conheciam-se desde miúdos, eram poucos aqui na aldeia. Ela, mais o Miguel, brincavam com o meu Telmo quando eram crianças.

— Deviam andar todos na mesma escola, não?

— Sim, na secundária de Arganil. Mas, se bem me recordo, o Telmo estava um ano acima. Costumavam ir e voltar juntos, umas vezes era o Raimundo que os trazia, outras vezes era eu.

— Eram amigos, portanto.

— Não eram exatamente amigos. O Telmo relacionava-se com eles, sim, mas a Gabriela e o Miguel é que andavam sempre juntos. Até achei que... — Abel inclinou a cabeça de forma sugestiva. — Com o meu filho era mais uma amizade circunstancial, por morarem perto.

— Onde vive o seu filho atualmente?

— Em Arganil. Está lá há dois anos.

— É capaz de nos fornecer a morada e contacto telefónico dele?

Abel franziu o rosto com desagrado.

– O que querem do Telmo?

– Escreva aí nesse bloco – indicou Bruno, com firmeza.

O dono do restaurante dirigiu-lhe um olhar de desafio. Quando se preparava para responder, Sofia pousou dois sacos sobre o balcão de vidro.

– Aqui têm. Sandes de chanfana, duas doses de batatas fritas e uma de salada.

Abel indicou-lhes o preço e ficou à espera de que os inspetores pagassem. Depois de lhes dar o troco, gatafunhou, contrariado, e arrancou a folha do bloco.

– Passem bem.

Os inspetores agradeceram e saíram, caminhando, mais uma vez, envoltos em silêncio.



Durante os primeiros minutos do jantar, não houve qualquer troca de palavras. Havia outros assuntos sobre os quais poderiam falar, além *deles*, mas a vontade de interagirem continuava a ser nula.

– Amanhã devíamos falar com o tal Telmo – comentou o inspetor, ao fim de um tempo.

– Sim – concordou Carolina. – Mas não tenho grande expectativa, o Abel disse que a relação deles era circunstancial, não eram propriamente amigos.

– Mesmo assim, foi uma pessoa que conviveu de perto com a Gabriela na altura da infância e adolescência. Talvez nos possa dar alguma informação sobre a gravidez dela.

– Repara que o Miguel não nos falou sobre o Telmo.

– É estranho, sim, tendo em conta que o questionámos especificamente sobre rapazes que convivessem com a Gabriela na altura do secundário. Se às vezes iam os três juntos de boleia para a escola, pergunto-me por que motivo não referiu isso.

Mais um pormenor sobre a vida de Gabriela que o pai e o melhor amigo se tinham esquecido de contar. E, de novo, Bruno questionou se seria um dado relevante para a investigação. Na resolução de um homicídio, o mais árduo era explorar todas as hipóteses e separar o trigo do joio, identificando quais tinham relação direta com o crime.

Bruno pediu a Carolina para escrever o relatório daquele dia e ela

acedeu. Assim que a inspetora pegou no portátil e o levou para o mezanino, Bruno deitou-se no sofá-cama e adormeceu em poucos minutos. Estava exausto daquele dia, tanto a nível emocional como fisicamente.

DOIS DIAS DEPOIS

Segunda-feira

Durante todo o dia anterior, tentaram contactar Telmo através do telemóvel, mas sem sucesso. Talvez por ser domingo, as chamadas foram sucessivamente ignoradas, e os inspetores decidiram que na segunda-feira se deslocariam até à morada em Arganil a fim de conversarem com o filho de Abel.

Bruno e Carolina continuavam a evitar olharem-se nos olhos e os diálogos cingiam-se a questões relacionadas com a investigação do homicídio de Gabriela. Perto das dez e meia da manhã, fizeram uma última tentativa de chegar à fala com Telmo, mas a chamada foi direta para o correio de voz.

— Será que ele bloqueou o número? — questionou Bruno.

— Provavelmente. Olha a quantidade de vezes que lhe ligámos ontem. Não me espanta que o Abel ou a Sofia o tenham informado de que lhes pedimos o contacto dele.

— E ele não atende porquê? Quem não deve, não teme. Vamos embora — disse o inspetor, pegando no blusão e nas chaves do carro.

Carolina estava a ler algo no telemóvel e ergueu a mão.

— Espera aí. Acabámos de receber um *e-mail* da Perícia Tecnológica e Informática.

Bruno retirou de imediato o telemóvel do bolso e abriu a caixa de entrada do correio eletrónico. Pressionou o *e-mail* mais recente e leu rapidamente o conteúdo. Os peritos tinham enviado o relatório com os dados do telemóvel de Gabriela, havendo também um resumo da informação mais relevante. O inspetor fixou-se no parágrafo referente aos contactos feitos na semana antes do acidente.

— Várias chamadas para os telemóveis do filho, do pai e do melhor amigo. Nada surpreendente aqui.

— Mas há outro número para o qual ela ligou várias vezes na véspera — referiu Carolina.

Bruno apressou-se a ler a conclusão do parágrafo. Tratava-se de um número fixo com o indicativo 235, e os peritos tinham incluído no relatório a identificação daquele contacto.

— Pertence a um advogado chamado Orlando Garcia. E o número é do escritório, que fica em Arganil — resumiu a inspetora.

Bruno levantou os olhos do telemóvel, sentindo a pulsação acelerar.

— Acho que descobrimos finalmente aonde a Gabriela ia na manhã em que morreu.



Bruno conduziu com rapidez até Arganil, fazendo com que Carolina se agarrasse ao puxador por cima da janela. Optaram por conversar primeiro com o advogado e depois procurar Telmo na morada que Abel lhes dera. A inspetora consultou o GPS e viu que as localizações ficavam a poucos minutos de distância uma da outra.

O escritório de Orlando Garcia situava-se numa avenida no centro, num edifício moderno, cinzento, e com amplas janelas espelhadas. À entrada depararam-se com uma placa que indicava «Centro de Escritórios» e uma lista das empresas ali sediadas. O destino pretendido ficava no segundo piso.

Saíram do elevador e viraram à esquerda, e, assim que chegaram ao final do corredor, viram um retângulo de bronze na parede a indicar o nome da pessoa com quem queriam falar. Foram prontamente recebidos por um homem de fato azul-escuro que aparentava quarenta anos e tinha o cabelo penteado para trás com gel. Era baixo, tinha o rosto barbeado e a pele hidratada.

— Bom dia, posso ajudá-los?

Estavam numa pequena salinha com um sofá apenas, de tom azul gasto, e uma jarra com flores de plástico na mesa de centro. Quando Bruno e Carolina exibiram as identificações e se apresentaram, o sorriso com que o homem os recebera desapareceu de imediato.

— Polícia Judiciária?

— Gostávamos de falar com o doutor Orlando Garcia — informou o inspetor.

Viu pequenas gotas de suor aparecerem na testa do homem de fato, mas o rosto mantinha-se impassível.

— Sou eu. Vamos até ao meu gabinete — disse, indicando o caminho com o braço.

A divisão não era grande, mas tinha uma grande janela por detrás da secretária que trazia bastante luz. A mesa era oval no lado de Orlando, e reta do lado onde se sentaram os inspetores. Sobre ela via-se um computador fixo e um portátil, bem como um exemplar do Código Civil e outros livros de dimensão semelhante. Havia uma pasta aberta com várias folhas que Orlando fechou cuidadosamente e afastou para o lado.

— De que forma vos posso ser útil?

— Estamos a investigar o homicídio de Gabriela Tavares — começou Bruno.

Orlando rodou ligeiramente o pescoço e franziu o olhar, tentando identificar quem era aquela mulher.

— Gabriela Tavares... Esse nome é-me familiar, mas não o estou a conseguir associar a nenhum rosto.

— Trabalhava na Junta de Freguesia do Piódão e morreu na terça-feira passada num acidente de viação.

Poucos segundos depois, o advogado soltou uma exclamação e acenou afirmativamente com a cabeça.

— Já me lembro. A mulher da junta do Piódão. Ela ficou de vir cá reunir-se comigo, mas não chegou a aparecer. Estão a dizer-me que morreu num acidente? — perguntou, com alguma perplexidade.

— Sim. O veículo onde a Gabriela seguia foi alvo de sabotagem — respondeu Carolina. — Despistou-se pouco depois de sair do Piódão e caiu pela encosta abaixo.

Orlando emitiu um som de pesar enquanto abanava a cabeça.

— Nesse caso, presumo que queiram saber o motivo da vinda dela aqui.

— Exatamente. Sabemos que há uma conduta ética e sigilosa a que o vosso trabalho obriga, mas estamos a investigar um homicídio — disse Bruno, num tom duro. — A vítima estava a caminho daqui quando se despistou e morreu, pelo que...

— Inspetor — interrompeu Orlando. — Não se trata de manter a confidencialidade de uma cliente. Na verdade, nem cheguei a saber a razão pela qual a Gabriela me quis consultar. Ela ligou-me, creio que foi na

segunda-feira, há precisamente uma semana atrás, e estava muito agitada, todo o discurso dela era confuso. Fez-me várias perguntas, mas, a certa altura, tive de a parar, porque não dou pareceres por telefone. Sugeri marcarmos uma reunião, mas ela recusou, e eu propus falarmos por videochamada, mas ela também rejeitou. Acabou por desligar. Percebi que estava com receio de alguma coisa.

Bruno recordava-se de que tinham sido feitas duas chamadas do telemóvel de Gabriela para o escritório, com um intervalo de poucos minutos.

— Ela voltou a ligar-lhe, certo?

— Sim, e marcou uma reunião para o dia seguinte às nove da manhã. Por norma, só recebo pessoas a partir das dez, mas ela parecia-me tão aflita que concordei com o horário. Na terça-feira, esperei, esperei, e ela não apareceu. Fiquei furioso. Vim de propósito mais cedo para nada. Não só não veio, como nem avisou. Uma falta de respeito, foi o que pensei na altura. Agora, vejo que não foi nada disso.

— Que perguntas lhe fez ela ao telefone?

Orlando pensou durante uns instantes, tentando recordar a chamada.

— Primeiro, quis saber se era preciso ter um advogado para apresentar queixa. Eu respondi que era aconselhável, mas não era obrigatório. Perguntei-lhe que tipo de queixa era, mas não me respondeu. Depois, falou sobre os tribunais. Perguntou se deveria apresentar queixa na polícia ou diretamente no tribunal. Mais uma vez, pedi detalhes sobre a ofensa ou o delito, mas ela ignorou. E no fim queria saber quanto tempo demorava entre a apresentação da queixa e o julgamento. Disse-lhe que dependia de vários fatores, mas que havia processos que se arrastavam durante meses, às vezes anos, na justiça. E foi então que sugeri marcar um encontro.

— Diga-nos, sinceramente, o que lhe pareceu? Que tipo de queixa a Gabriela pretendia apresentar?

Orlando recostou-se na cadeira de pele preta e entrelaçou os dedos enquanto refletia.

— Atenção, o que vou dizer é puramente subjetivo, não quero que encarem como uma certeza. Pelo receio dela e a recusa inicial em reunir pessoalmente, pareceu-me que sofria de violência doméstica. É um comportamento comum nessas vítimas. Talvez o companheiro tenha descoberto que ela me ligou...

— A Gabriela era solteira — informou a inspetora.

O advogado abriu ligeiramente os olhos, surpreendido com a

informação. Desencostou-se e apoiou os cotovelos na secretária, alternando o olhar entre os inspetores.

— Sendo assim, acho que sei o que se passava. A minha outra suspeita é que a queixa estaria relacionada com o emprego dela.

Bruno e Carolina trocaram um olhar rápido.

— De que forma? — inquiriu o inspetor.

— Devia estar a sofrer algum tipo de pressão ou assédio. O assédio em contexto laboral é muito mais frequente do que as pessoas imaginam.

Durante um momento, ninguém falou. O ar no gabinete estava abafado.

— Houve mais algum detalhe que a Gabriela lhe tenha revelado? Falou sobre alguém do trabalho? — perguntou a inspetora.

— Não, nada — respondeu Orlando. — Mas reforço que este meu testemunho tem uma grande carga de subjetividade, dado que ela não me deu uma única indicação sobre a queixa. Aliás, nem sei se era a Gabriela quem queria apresentar queixa. Até pode ter sido outra pessoa a pedir-lhe para me contactar.

Os inspetores levantaram-se e agradeceram a disponibilidade do advogado, que fez questão de os acompanhar até lá baixo. O ar na rua estava fresco e foi um alívio sair do edifício e caminhar até ao carro.

Cinco minutos mais tarde, estacionavam o carro na rua onde morava Telmo.

— Aconteceu alguma coisa na junta — declarou a inspetora, soltando o cinto de segurança.

— Também me parece — admitiu Bruno.

— Repara: a Gabriela despede-se na segunda-feira. Nesse mesmo dia, liga para um advogado e marca uma reunião para o dia seguinte às nove da manhã. Na terça-feira, o carro despista-se a caminho de Arganil e ela morre. As duas coisas têm de estar relacionadas.

O inspetor pegou no telemóvel e consultou os *e-mails*, havia um detalhe que precisava de confirmar.

— De acordo com o relatório, os telefonemas para o advogado foram feitos na segunda-feira de manhã. Já o *e-mail* com a carta de despedimento foi enviado no período da tarde.

— Ela quis formalizar a saída da junta antes de apresentar queixa. E não me espanta que o Vasco a tenha molestado.

— Porque dizes isso?

— Há ali uma submissão à mulher que me faz pensar que ela descobriu que se passava algo entre ele e a Gabriela, e o ameaçou ou chantageou. A sensação que tenho é que a Verónica tem o Vasco na mão.

— Entendo. Ela exerce autoridade sobre ele, como se soubesse de algo que o pudesse comprometer.

— A Verónica deve ter descoberto que o Vasco assediava a Gabriela. O mais importante era manter a reputação deles enquanto representantes do poder local, pelo que a Verónica deve ter feito de tudo para que isso não se

soubesse.

— Talvez tenha sido ela a sabotar os travões do carro — sugeriu Bruno.
— Pode ter ouvido ou sabido do telefonema para o advogado, e receado que a Gabriela lhe fosse contar o que se passava.

— Sim. Como ela fez o telefonema durante a manhã, o mais provável era estar na junta. Tanto o Vasco como a Verónica conseguiriam ter ouvido a chamada. E bastou um deles sair de casa nessa noite, ir até ao estacionamento a seguir ao largo, cortar o tubo dos travões do *Peugeot* e depois retirar a bateria do *Opel* da Gabriela, para a obrigar a pedir o carro ao pai. Caso alguém perguntasse pelo paradeiro deles nessa noite, ambos confirmariam que tinham estado juntos em casa.

Bruno anuiu, era uma hipótese plausível. Mas, como sempre, decidiu apresentar outras possibilidades menos óbvias. Havia uma ideia que pairava com insistência na sua cabeça.

— Pensámos de imediato no Vasco como o agressor, mas pode não ser esse o caso — afirmou. — Temos de considerar a hipótese de a Gabriela ter sido assediada pela Verónica.

A inspetora não reagiu logo, mantendo-se em silêncio. A sugestão dele pareceu-lhe improvável, mas deteve-se por uns instantes a recordar o que Verónica lhes dissera nos interrogatórios. Sobretudo, o tom com que falara.

— Como vamos descobrir isso?

— Tenho uma ideia — disse Bruno. — Pode ser um tiro no escuro, mas vamos tentar na mesma.



O prédio de Telmo era uma construção baixa, cor de tijolo, e a porta estava entreaberta. De acordo com a indicação de Abel, o filho morava no rés do chão direito, e os inspetores tocaram duas vezes à campainha. Ouviram passos abafados junto à porta e, pela demora, deduziram que a pessoa no interior estaria a observá-los através do olho de boi.

— Somos da Polícia Judiciária, queremos falar com o senhor Telmo Jerónimo.

Do lado de lá, silêncio absoluto.

Tarde demais para fingires que não estás em casa, pensou o inspetor. Preparava-se para sacar da arma e emitir uma ordem, quando a porta se

abriu, devagar. Um homem de calções e *T-shirt* de alças olhou para eles com desconfiança. Era louro e as feições do rosto lembravam Sofia, mas numa versão um pouco mais velha.

— Porque é que querem falar comigo?

— Podemos entrar? — perguntou a inspetora.

— *Υα*, podem.

Telmo virou costas e foi para a cozinha, sem se preocupar se eles o seguiam ou se fechavam a porta. Sentou-se à mesa e continuou a comer os cereais de aveia.

— Hoje ‘tou de folga — explicou, assim que Bruno e Carolina entraram na divisão. — Tiveram sorte por me apanhar em casa.

O filho de Abel curvava-se de cada vez que enchia a colher, inclinando o tronco para chegar aos cereais. Tinha ombros e braços fortes e duas argolas douradas cintilavam-lhe nas orelhas.

— Queremos fazer-lhe umas perguntas sobre a Gabriela Tavares — anunciou Bruno.

Ele e Carolina permaneciam de pé, no meio da cozinha.

— *Υα*, já sabia.

— Foi por isso que não nos atendeu o telemóvel uma única vez? Ligámos-lhe várias vezes ontem.

Telmo fez um ar desentendido.

— Pá, não sei, eu ontem estive o dia todo a trabalhar e nem peguei no telemóvel. Só à hora de jantar é que reparei que tinha umas chamadas não atendidas, mas como era tarde e não conhecia o número, caguei. O carro dela despistou-se, não foi? O meu pai ligou-me a contar.

— Sabemos que eram amigos.

Telmo sorveu o leite e fez um esgar com a cara.

— A gente conhecia-se, mas não éramos amigos. Na altura em que éramos putos, sim, pode-se dizer que fomos amigos. Mas depois cada um foi para o seu lado.

— Frequentaram a mesma escola, certo?

— *Υα*, só que eu sou mais velho. Andava um ano à frente.

— O que costumavam fazer nessa altura? Iam juntos do Piódão até à escola, pelo que sabemos.

— O meu pai levava-nos e depois o Raimundo trazia-nos de volta, a nós e ao Miguel. Muitas vezes, quando chegávamos das aulas, íamos lá para baixo para a praia fumar às escondidas, ou então para a encosta perto da Foz d’Égua. Só que, quando ela arranjou aquele namorado, deixou de

alinhar nestas cenas.

— O Francisco Amaral?

— *Ya*, esse betinho. Um conas... Fez-lhe um filho e depois pôs-se na alheta.

— A sua amizade com a Gabriela mudou a partir do momento em que ela se juntou ao Francisco?

— Sim, ela afastou-se um bocado. Acho que o gajo não curtia de mim. Era um bocado possessivo. Lembro-me de que o Miguel um dia também me contou que o Francisco não ia à bola com ele. Era daqueles gajos que queria que a namorada só tivesse amigas, raparigas.

— O Francisco continua a afirmar que não é o pai do filho dela e que a Gabriela se envolveu com outra pessoa.

Telmo largou a colher com força, entornando uma parte do leite.

— Tretas! A Gabriela só tinha olhos para o gajo, fazia tudo o que ele queria. Ele é que nunca quis ter a responsabilidade daquela criança, por isso, inventou que ela o encornou.

— Manteve contacto com a Gabriela, ultimamente?

— Não. Às vezes cruzava-me com ela quando ia à aldeia, e falávamos um pouco, mas nada de especial.

— Há quanto tempo mora em Arganil?

— Dois anos — respondeu, limpando com a mão o leite na toalha.

— Sabe que o Francisco também vive cá?

— Em Arganil? Não fazia a mínima ideia.

— Mudou-se há três meses com a mulher e a filha.

— Olha, olha, com que então o betinho saiu de Coimbra. Qualquer dia ainda o apanho aí na rua. Gostava de ver se continua com a mesma bazófia depois deste tempo todo.

— Para além de si e do Miguel, havia algum outro rapaz com quem a Gabriela convivesse, na altura do secundário?

Telmo expirou, irritado.

— Isso são as ideias de merda do Francisco, já vos disse que a Gabriela não o encornou.

— Não lhe perguntei se ela se envolveu com outra pessoa, perguntei que rapazes andavam perto dela nesse período.

— Não é a mesma coisa?

— Responda — ordenou a inspetora.

— Pá, não me lembro de ninguém para além de mim e do Miguel.

Houve um momento de silêncio.

— Também sabemos que a Gabriela trabalhou no restaurante do seu pai.

— *Ya*, pois foi. Era bué porreira, os clientes gostavam dela. Mas depois engravidou e nunca mais apareceu.

— Trabalhavam juntos nessa altura?

— Ela só ia lá aos sábados, acho eu. E talvez aos domingos. Eu costumava ajudar os meus pais nos outros dias também, depois de estudar. Mas sim, ‘távamos juntos lá. Não dava era para falarmos, porque tínhamos sempre casa cheia aos fins de semana.

Depois de os inspetores trocarem um pequeno aceno de cabeça, Bruno perguntou:

— Onde estive na segunda-feira passada?

— Segunda-feira... É o meu dia de folga, devo ter estado por casa de manhã. E à tarde fui treinar. — Telmo fez uma pausa para pensar no que dissera. — *Ya*, foi isso.

— Esteve em Arganil o dia todo? O que fez à noite?

— Sim, estive aqui. À noite jantei e vi um filme. Já me lembro, era o *Missão Impossível*, estavam a fazer uma maratona da saga num desses canais de cinema.

— Estava sozinho?

— Estava. É tudo? — perguntou, consultando demoradamente o relógio de pulso.

— Só mais uma coisa — disse Bruno. — Estaria disposto a fornecer uma amostra do seu ADN para um teste de paternidade?

Telmo franziu o olhar e ergueu o queixo.

— Que merda é essa? Qual teste de paternidade?

— Como não temos um mandado, não o podemos obrigar, mas...

— Açam que fui eu quem engravidou a Gabriela?! — interrompeu, levantando-se. — Não me façam de otário, já percebi muito bem o vosso jogo. Não vou dar porra nenhuma. Querem o meu ADN? Tragam um papel do tribunal a dar a ordem! Sem isso, nada feito. Agora, saiam!

Telmo deixou a cozinha e fechou-se no quarto, deixando os inspetores sozinhos. Assim que chegaram à entrada, viram uma porta aberta e espreitaram. Era a casa de banho. Com rapidez, Bruno entrou e pegou nalgumas folhas de papel higiénico, aproximando-se do lavatório. Havia duas escovas de dentes num copo de plástico e ele agarrou na que tinha o aspeto mais gasto, embrulhou-a no papel e fez sinal a Carolina. Saíram de casa de Telmo e apressaram-se até ao carro. Oito anos na Polícia Judiciária

tinham ensinado a Bruno que havia momentos em que era necessário fechar os olhos aos procedimentos estipulados pela lei. Em muitas ocasiões, eram precisamente essas ações *não oficiais* que lhes permitiam identificar os culpados.

Aproveitando estarem em Arganil, dirigiram-se à morada de Francisco. Foi o próprio quem lhes abriu a porta, recebendo-os com um ar desagradado.

— Não façam barulho, a menina está a dormir e a minha mulher saiu. Sejam rápidos, tenho uma videochamada com um cliente daqui a dez minutos.

Na sala, Francisco manteve-se de pé, reforçando que a conversa teria de ser breve.

— Vimos perguntar-lhe se está disposto a fornecer uma amostra de ADN para um teste de paternidade?

O ex-namorado de Gabriela soltou uma exclamação, incrédulo, mas não disse nada.

— Conseguiremos obter um mandado judicial, mas levará bastante tempo — prosseguiu o inspetor. — Daí estarmos a apelar à sua colaboração voluntária. Todos ganhamos em esclarecer o mais rápido possível esta questão da paternidade do Lucas.

— Já vos disse que encerrei esse capítulo da minha vida. Não quero rigorosamente nada a ver com a Gabriela. Eu tenho uma família — lembrou, apontando na direção do quarto onde a filha dormia. — Não as quero arrastadas para esta situação, deixem-nos em paz.

— Se o resultado do teste for negativo, nenhum de vocês será arrastado para nada.

Para Bruno, a questão era simples: se Francisco, tal como afirmara, nunca se envolvera sexualmente com Gabriela, o resultado do teste de paternidade não traria qualquer espécie de consequência para a sua família.

O único impacto seria nele, e tratar-se-ia apenas da confirmação do que já suspeitava: Gabriela envolvera-se com outro rapaz durante o namoro.

Francisco ficou calado durante mais alguns segundos. Depois, suspirou, fatigado, e disse:

– Podem recolher uma amostra do meu ADN.

– Obrigado.

– Mas não quero que voltem aqui e muito menos que continuem a importunar-me com este assunto. Já não posso ouvir falar da Gabriela.

Pediram-lhe dois saquinhos de plástico e foram até à casa de banho. Francisco entregou-lhes a escova de dentes e Carolina pegou no pente e exibiu-o perto do candeeiro, recolhendo alguns fios de cabelo curto. De seguida, pediram-lhe para escrever e assinar um pequeno texto em que consentia a recolha de ADN. Não se tratava do documento oficial para aquele efeito, mas constituía uma salvaguarda, caso Francisco decidisse levantar problemas mais tarde.

– Agradecemos, mais uma vez, a sua cooperação – disse Bruno, antes de sair.

– Não tive grande escolha – respondeu Francisco, seco.

Os inspetores deixaram Arganil e seguiram com urgência para Coimbra.



Assim que chegaram ao laboratório, foram conduzidos ao gabinete da especialista forense com quem colaboravam naquele caso. Tendo recolhido uma das amostras sem consentimento, tornava-se necessário explicar em que contornos aquilo sucedera. A perita fez a conversa habitual sobre a importância do rigor na execução dos procedimentos, e que, naquele caso, o resultado do teste de paternidade não teria qualquer utilidade legal.

– Não havendo consentimento nem uma ordem judicial, não poderá ser usado como evidência.

Os inspetores sabiam daquilo, mas Telmo não. Bruno e Carolina tinham consciência de que o tempo corria contra eles e de que precisavam de apressar resultados, nem que fosse para excluir hipóteses.

A especialista tinha cabelo grisalho e olhos azuis, analisando-os com ativez. A bata branca estava imaculada e por baixo viam-se *Crocs* azuis.

– Já que aqui estão, aproveito para vos comunicar pessoalmente o que

identificámos há pouco. Estivemos a analisar as impressões digitais presentes no veículo acidentado, o *Peugeot 406*. Comparámo-las com as amostras fornecidas pelos habitantes do Piódão e verificámos que pertenciam ao Raimundo Tavares, que, segundo nos informaram, era o dono do carro. — Os inspetores confirmaram e ela prosseguiu: — Para além dele, também havia impressões pertencentes ao neto, Lucas, e à própria vítima, evidentemente.

— Só encontraram impressões digitais deles?

— Não, havia mais outro par. Na zona do capô, não encontrámos nada. O autor da sabotagem terá usado luvas. Mas no interior havia mais impressões para além da família Tavares, como referi. Fizemos várias comparações e encontrámos uma correspondência hoje de manhã. Pertencem a uma rapariga chamada Sofia Jerónimo.

A revelação deixou-os mudos. A filha de Abel estivera dentro do carro onde Gabriela morrera. Que significaria aquilo?

— É uma miúda, tem apenas dezanove anos — murmurou a inspetora. Teria sido Sofia a autora da sabotagem?

— Aos olhos da lei, já é maior de idade — apontou a especialista forense.

— Encontrámos impressões dela na maçaneta da porta do passageiro e também na janela traseira, do lado do condutor.

— Estranho — comentou Carolina. — Não encontrou vestígios dela nas maçanetas das portas traseiras?

— Não, nenhuma. Mas no vidro atrás do condutor, sim.

Bruno não considerou aquilo estranho. À primeira vista, parecia um cenário inusitado, mas rapidamente se formou na sua cabeça uma imagem do que eventualmente acontecera. Pediu à especialista para lhes enviar aqueles dados para o *e-mail* e fez sinal a Carolina para que o acompanhassem. Tinham de voltar o mais rápido possível para o Piódão.

Assim que puseram os pés na aldeia, foram diretos a casa de Raimundo. O neto estava lá e abriu-lhes a porta, estendendo a mão para cumprimentar Bruno.

— O teu avô está?

— Sim, entrem. Fiz-lhe o almoço e agora vou ter com o Miguel. Vai-me levar à escola para fazer o teste de Português.

Bruno ergueu as sobrancelhas e perguntou:

— E tens a matéria preparada?

— Sim, estudei tudo — respondeu Lucas, com um sorriso contido. Depois, baixou a voz e disse: — Zero cábulas, prometo.

O inspetor piscou-lhe o olho. Do cadeirão, Raimundo acenou para Bruno e Carolina e resmungou:

— Já lhe disse que na próxima semana tem de voltar à escola em definitivo, que isto de ver as aulas no computador não tem pés nem cabeça! Se bem o conheço, a maior parte do tempo está a jogar no telemóvel em vez de prestar atenção. E a mesma coisa em relação aos treinos, o futebol exige empenho e disciplina.

Lucas suspirou e revirou os olhos.

— Vou andando. Até logo.

Deixaram o rapaz sair e instalaram-se no sofá perto de Raimundo, que ainda tinha o tabuleiro com a comida no colo. Evidenciava um ar agastado que o fazia parecer mais envelhecido. Juntou os talheres, dando sinal de que não ia comer o resto, e pediu ao inspetor para levar o tabuleiro até à cozinha.

— Descobriram alguma coisa? — perguntou, assim que Bruno regressou.

— Amanhã já faz uma semana que...

Engoliu em seco. Parecia irreal que já tivesse passado uma semana desde a morte de Gabriela. A percepção do tempo alterava-se quando aconteciam eventos marcantes, sobretudo se fossem dolorosos.

— Recentemente, quem andou consigo no seu carro? — questionou Carolina. — Deu boleia a alguém?

— Só ao meu neto. Já sabem que era costume ir pô-lo e ir buscá-lo à escola.

— Mais ninguém? Pense com calma.

Raimundo deteve-se, a refletir, mas acabou por abanar a cabeça negativamente.

— Mais ninguém, tenho a certeza.

Bruno e Carolina entreolharam-se. O homem falara com convicção e estavam dispostos a acreditar nele. Mas as provas forenses eram dotadas da mesma certeza, pelo que não havia dúvida de que Sofia estivera dentro do *Peugeot* de Raimundo.

Os inspetores agradeceram e saíram. Estava na altura de confrontar a rapariga com o que a especialista forense descobrira.



O Solar do Abel estava à pinha quando chegaram e vislumbraram Sofia junto a uma mesa a registar o pedido num bloco. Aproximaram-se do balcão e o dono do restaurante cumprimentou-os, sem entusiasmo, com um aceno de cabeça. Depreenderam que Telmo já lhe teria relatado a visita que lhe tinham feito naquela manhã.

— Precisamos de falar consigo — disse a inspetora, quando Sofia passou por eles.

— Agora não dá, temos a casa cheia — interveio Abel. — Nem temos mesas livres, voltem mais tarde.

Carolina inclinou-se sobre o balcão e baixou um pouco a voz, o olhar fixo na rapariga.

— Ou fala connosco agora, ou seremos obrigados a algemá-la e a detê-la aqui mesmo.

Sofia olhou assustada para o pai, que cerrou os maxilares, furioso. Alguns dos clientes começavam a tentar descortinar o que se passava, e Abel fez um gesto com a mão a incitá-los a conversarem lá fora.

Já no exterior, os inspetores encaminharam Sofia para um dos cantos do largo, onde poderiam falar com mais privacidade. Ela sentia o coração martelar-lhe contra o peito e estranhou o som e tremor da própria voz, quando lhes perguntou:

— Porque querem falar comigo?

— A Sofia conduz? — perguntou Bruno.

— Não... Quer dizer, tenho carta de condução, mas é raro pegar no carro. Normalmente é sempre o meu pai que conduz.

— E costuma apanhar boleias de alguém? Quando precisa de sair da aldeia?

— Ah... Não.

— Tem a certeza?

— Tenho. Sempre que vou a algum lado, é com o meu pai.

Bruno e Carolina observaram-na com atenção.

— O Raimundo disse-nos que há uns dias lhe deu boleia — mentiu a inspetora.

— Disse o quê?! Eu nunca... — Sofia deteve-se e depois reconsiderou. — Ah... Sim, é verdade. Já não me lembrava, mas foi isso. Apanhei boleia no carro dele.

— E para onde foram? Estavam só os dois?

— Ah... Fomos a Arganil. O Lucas estava connosco.

— O que foram lá fazer?

— Era o dia em que ele ia ter teste de Matemática e... Fui com eles a rever a matéria durante o caminho até à escola.

— A Sofia foi sentada à frente, no banco do passageiro?

Ela hesitou antes de responder.

— Não. Fui no banco de trás.

— Interessante — comentou a inspetora.

A rapariga tinha as faces rosadas, como se tivesse acabado de fazer exercício físico.

— É muito curiosa a sua história — disse Bruno. — Sobretudo, porque o Raimundo nos garantiu, com toda a certeza, que não deu boleia a ninguém sem ser o neto. Portanto, gostávamos que nos explicasse como é que as suas impressões digitais foram parar ao *Peugeot* dele.

Os olhos de Sofia arregalaram-se e ela tentou responder, mas a única reação que conseguiu foi atropelar-se nas próprias palavras. Perante o discurso sem nexo, o inspetor ergueu a mão para a interromper.

— Tenha calma. Respire fundo e conte-nos o que se passou.

A filha de Abel tentou acalmar-se, mas as lágrimas começaram a descer em catadupa.

— Eu... Não sei... Eu nunca apanhei boleia dele...

— Então, porque é que inventou esta história?

— Não sei... Eu...

— Sofia, ou nos conta a verdade, ou vamos detê-la por suspeita de homicídio. Relembro-a de que era naquele *Peugeot* que a Gabriela seguia quando morreu.

O choro fez-se acompanhar de soluços e Sofia não conseguiu articular nem mais uma palavra. Os inspetores trocaram um olhar e concordaram na decisão. Não tinham alternativa. Bruno posicionou-se de frente para a rapariga e disse:

— Sofia Jerónimo, está detida por suspeita do homicídio de Gabriela Tavares. Vai ter de nos acompanhar à sede da Polícia Judiciária.

Sofia foi o percurso todo até Coimbra de lágrimas nos olhos. Sentada no banco traseiro, observava a paisagem esverdeada sem a ver realmente. Carolina voltara ao restaurante e chamara Abel à parte para o informar do sucedido. Enquanto a inspetora fora discreta a comunicar a detenção, o pai de Sofia reagira intempestivamente, saindo do estabelecimento aos berros, a exigir uma explicação para aquilo.

Jamais esqueceria a vergonha que sentira por ter toda a gente no largo a vê-la caminhar até ao carro com um inspetor de cada lado. Tinha a certeza de que a aldeia em peso já teria sabido da sua detenção e que, nos próximos tempos, não se falaria de outra coisa no Piódão. O rosto contorceu-se em mais um ciclo de choro e Sofia apertou as mãos no colo, uma sensação aterradora a preencher-lhe cada milímetro do interior. Não conseguia ter pensamentos positivos nem esperança, o medo sufocava-a e teve de inspirar fundo várias vezes até estabilizar a respiração.

Quando chegaram à sede da PJ, levaram-na para uma sala de interrogatório onde ficou sozinha durante vários minutos. As paredes eram cinzentas e havia um vidro espelhado retangular numa delas. Estaria alguém do outro lado a observá-la? Era o mais provável...

Bruno e Carolina regressaram à sala e fecharam a porta, sentando-se do outro lado da mesa.

— Vamos proceder a um interrogatório formal assim que chegar o advogado — anunciou a inspetora. — A lei obriga-nos a ter um advogado presente sempre que interrogamos alguém com menos de vinte e um anos, que é o seu caso. De qualquer forma, a Sofia foi constituída arguida, o que pressupõe a constituição de um defensor. E nestes casos,

independentemente da idade da pessoa, é sempre requerida a presença de um advogado.

Sofia fungou e limpou a cara com as costas da mão, mas não respondeu. O corpo tremia e a respiração continuava descompassada, incapaz de serenar os pensamentos que lhe ocorriam. Nunca sentira tanto medo como naquele momento.



Elsa chegou afogueada a casa de Raimundo. Saíra com tanta pressa que nem se lembrara de trazer as fatias de pão de ló para o lanche.

— Que se passa, meu amor? Sossega-te, parece que vens a fugir do diabo.

— Não vais acreditar no que acabei de saber — disse, sentando-se junto do cadeirão. Trazia um lenço na mão e utilizou-o para secar a testa e o pescoço. — A Inácia telefonou lá para casa a dizer que a polícia prendeu uma pessoa.

— O quê?! — berrou Raimundo. Fez um movimento para se levantar, mas o corpo cedeu perante a perna imobilizada e fê-lo gemer de dores. — Gaita!

— Queres ajuda? — perguntou Elsa.

— Não, não, conta-me mas é o que se passou — pediu, o rosto franzido de dor. — Quem é que a polícia prendeu?

— A Sofia.

— A Sofia? Mas porquê?! O que se passou?

— Não sei, a Inácia apenas me disse que estava no largo à hora de almoço e que viu os inspetores levarem-na pelo braço. Parece que o Abel fez um estardalhaço, gritou, disse impropérios, estava de cabeça perdida.

Raimundo ficou sem palavras. Imaginou que se fizessem o mesmo a Lucas, ele também teria perdido as estribeiras.

— Se a levaram detida, é porque descobriram algo que a incrimina — murmurou.

— Mas o quê? A Sofia não passa de uma miúda!

— Tem dezanove anos.

— Tudo bem, mas vimo-la nascer e crescer, para mim continua a ser uma garota — confessou Elsa, abanando a cabeça. — Achas que foi ela...?

O pai de Gabriela tinha o olhar preso na parede defronte, absorto em

pensamentos.

— Talvez.

— Deus do Céu, mas o que será que lhe passou pela cabeça? Tinha a vida toda pela frente... A polícia deve-se ter enganado — disse, mas sem convicção.

— Para a terem levado assim, é porque há alguma coisa muito forte contra ela. — Raimundo conhecia os procedimentos policiais. A partir daquele momento, surgiu uma preocupação dentro de si. — E o Lucas... Será que já sabe? O Miguel foi levá-lo à escola à hora de almoço, devem estar a chegar daqui a pouco.

— E as lições de Matemática com a Sofia? Vais ter de pôr fim a isso — advertiu Elsa, com o dedo indicador esticado. — Não podes deixar a rapariga aproximar-se de vocês. Bem, se calhar, ela já nem sai da prisão. Deus do Céu, que tragédia.

— Pergunto-me o que será que tinha contra a Gabriela. — A voz dele saía-lhe sem emoção.

— Elas relacionavam-se bem, pelo que me foi dado ver.

Uma recordação recente fez com que Raimundo desbloqueasse o olhar e encarasse Elsa, como se só tivesse dado pela sua presença naquele momento.

— Só se...

— Se o quê?

— Não pode ser... — continuou ele, voltando a fitar a parede.

— O que é? Explica-me.

— No dia antes do acidente, a Gabriela disse ao Lucas que ia acabar com as explicações de Matemática. Estava furiosa porque tinham discutido por causa da mota que ele queria receber no aniversário.

— Porque é que a tua filha queria terminar as explicações?

Raimundo abanou a cabeça com lentidão.

— Nem sei. Eu achei que era uma forma de castigar o miúdo pela indisciplina... Tentei convencê-la a não fazer isso, propus como alternativa que lhe tirasse o telemóvel, mas não me deu ouvidos.

— Pensas que a Sofia fez o que fez por causa disso das explicações? Para não perder esse trabalho?

— Apesar de ser absurdo, é o único motivo que encontro.

Elsa levantou-se e acorrou-se junto ao cadeirão, pegando-lhe na mão livre e afagando-a. Ficava de coração apertado ao ver Raimundo naquele desânimo. Já não bastava a perna e o braço partido.

— Continuo aqui, meu amor — sussurrou.

Já passava das sete e meia da tarde quando os inspetores deram início ao interrogatório. Bruno ligou o gravador e começou por referir a data e horas exatas, identificando de seguida as quatro pessoas presentes na sala.

O advogado aparentava cinquenta anos. Tinha o cabelo todo branco e usava um fato cinzento-escuro com uma gravata cor de vinho. Tinha algumas rugas vincadas na testa e na zona da boca, parecendo ser aquele tipo de pessoa que está permanentemente de sobrolho franzido. Conversara brevemente com Sofia, a sós, que tinha os olhos inchados e o cabelo louro num desalinho. A expressão assustada fazia-a parecer mais nova. O advogado estava sentado com os cotovelos apoiados na mesa e encarava os inspetores com altivez.

— A minha cliente está aqui há várias horas e não comeu — disse, num tom acusador. — Qualquer pessoa que seja detida tem direitos e não me parece que vocês estejam a cumprir com os vossos deveres. Quero saber por que razão ninguém lhe disponibilizou comida.

Começam as tentativas de adiar o interrogatório, pensou Bruno. Todos os advogados costumavam pôr em prática aquelas estratégias, encontrando sucessivos motivos para atrasar as perguntas.

— Vamos conversar primeiro e depois trazemos comida.

— Não, não vamos — declarou o advogado. — Vão trazer algo o mais rápido possível para a minha cliente comer. Caso contrário, apresento queixa ao Ministério Público por abuso de autoridade.

Na sua cabeça, Bruno chamou-lhe todos os palavrões de que se lembrou. Fez-lhe um sorriso amarelo e levantou-se para ir buscar comida.

Reentrou na sala com uma sanduíche e um sumo e pô-los à frente de

Sofia.

— Vamos então começar — declarou Carolina.

— Primeiro, a minha cliente vai comer.

— A sua cliente vai comer enquanto nós começamos o interrogatório — afirmou Bruno, erguendo um pouco a voz. Virou-se para Sofia e disse: — Encontrámos as suas impressões digitais no *Peugeot 406* que Gabriela Tavares conduzia quando se despistou e morreu, na passada terça-feira. O veículo pertence ao pai dela, Raimundo Tavares, que afirmou nunca lhe ter dado boleia. — Bruno empurrou na direção deles a folha que continha as imagens das correspondências entre impressões digitais. — Perante isto, explique-nos por que motivo as suas impressões estão no automóvel.

Silêncio. Nem ela nem o advogado reagiram, e a sanduiche e o sumo mantinham-se intactos sobre a mesa. Bruno calculou que ele a aconselhara a não dizer nada, para não se comprometer, e que seria melhor aguardar pelo julgamento. Até lá, teriam tempo de preparar uma defesa sólida.

— A perícia feita ao *Peugeot* revelou que o tubo de óleo dos travões foi cortado. Foi você a autora da sabotagem?

— Não.

Sofia poderia ter usado luvas, daí não terem encontrado impressões no capô, mas era inequívoco que estivera no interior do carro.

— Vou voltar a perguntar-lhe: quando é que esteve dentro do *Peugeot*, e porquê?

Novamente, não houve resposta. Sofia estava de cabeça baixa e evitava o contacto visual, não revelando abertura ao diálogo. O inspetor ficou a pensar se o silêncio se deveria à vontade de proteger outra pessoa.

— Alguém lhe pediu para sabotar o veículo? Aliciaram-na com dinheiro?

— Não fiz nada.

— Vai assumir as culpas sozinha? Quem foi que lhe pediu para mexer no *Peugeot*?

— Já lhe disse que não fiz nada.

— Sofia, olhe para mim — disse a inspetora. Só quando a rapariga ergueu a cabeça é que ela prosseguiu: — Temos uma prova que a associa ao crime. Em tribunal, conseguiremos muito facilmente que um juiz a condene pelo homicídio da Gabriela. No entanto, estou disposta a acreditar que você não agiu por vontade própria, mas sim por indicação de outra pessoa. Aliás, até digo mais: admito que não foi você quem sabotou o carro, mas que esteve presente no momento em que isso aconteceu. A cumplicidade também é crime, como deve saber. A pena é menor do que a

aplicada ao autor, mas, ainda assim, são uns bons anos de cadeia. Caso não nos diga quem foi o autor da sabotagem, vamos acrescentar-lhe mais uma acusação: obstrução à justiça. Pode contar com uns quinze, vinte anos dentro.

Sofia desviou de novo o olhar para a mesa e as lágrimas voltaram a descer-lhe pela cara.

— Se colaborar, o juiz terá isso em conta e poderá proceder a uma redução da pena — salientou Bruno. — Só depende de si. Conte-nos o que se passou.

— Já vos disse que não fiz nada... Não matei a Gabriela.

O advogado tocou-lhe no braço, advertindo-a para não dizer mais nada. Bruno apontou para a folha do relatório forense.

— Há aí uma questão curiosa, talvez a Sofia possa confirmar se a minha teoria está certa. Temos as suas impressões digitais na maçaneta da porta do passageiro, o que indica que se sentou nesse banco. No entanto, também encontrámos impressões suas na janela do banco traseiro. É estranho, dado que não havia nenhuma nas maçanetas das portas de trás — salientou o inspetor. — O que me faz pensar que a Sofia acedeu ao banco de trás através do interior do próprio carro. Muitas vezes, esse tipo de coisa acontece quando nos envolvemos fisicamente com outra pessoa dentro de um veículo.

— Inspetor, o que está a insinuar é de um mau gosto atroz — replicou o advogado.

— Estou a explicar o meu ponto de vista. A Sofia apanhou boleia do Raimundo, que deve ter parado o carro nalgum sítio isolado. Um dos dois ou ambos sugeriram ir para o banco de trás, para estarem mais à vontade, e a Sofia, sendo jovem e ágil, deve ter passado pelo espaço no meio dos bancos. Daí não termos encontrado as suas impressões nas maçanetas das portas traseiras. Estou certo?

Sofia preparava-se para dizer algo, mas o advogado fez-lhe sinal com a mão.

— Que provas tem do que acabou de dizer? A minha cliente envolvida com um homem com idade para ser avô dela, no banco de trás de um carro?! Isso é uma injúria sem qualquer espécie de fundamento. Relembro-o de q...

Nesse momento, bateram à porta da sala. O som fez com que os quatro se voltassem para lá, na expectativa de a ver abrir-se. Se havia alguém a interromper o interrogatório, é porque se passava alguma coisa grave.

Bruno levantou-se para abrir, dando de caras com um colega da secção de homicídios que lhe fez sinal para sair por breves instantes.

— Está uma pessoa na entrada que quer falar contigo.

— Impossível, estamos a meio do interrogatório.

— Acho que é mesmo importante. Ele insistiu que não saía daqui enquanto não falasse contigo. Disse que era urgente e que estava relacionado com a rapariga que vocês detiveram. Estava bastante agitado.

Bruno exalou, irritado.

— Mas quem é?

— É um miúdo, diz que se chama Lucas.

Bruno autorizou o colega a trazer Lucas, pedindo-lhe para o conduzir até à sala da brigada. Saber da agitação e urgência do rapaz fez com que surgisse uma nova hipótese relativamente ao motivo das impressões digitais de Sofia no *Peugeot*. Se o que suspeitava fosse verdade, a vida de Lucas ia sofrer, muito em breve, mais um embate violento. Antever o caminho doloroso que o miúdo iria atravessar, fez com que o inspetor desejasse estar enganado.

Entreabriu a porta da sala de interrogatórios e gesticulou para Carolina, que veio ter com ele ao corredor.

— Aguenta-os aí um bocadinho, por favor. O Lucas está cá e insistiu para falar comigo.

— O quê? Mas porquê?

— Acho que tem que ver com isto — respondeu, inclinando a cabeça na direção da sala de interrogatórios. — Pedi para o levarem até à nossa sala. Vou ser rápido.

Carolina anuiu e regressou para junto de Sofia e do advogado, que olhava insistentemente para o relógio de pulso.

Bruno foi até à sala da brigada e sentou-se à secretária, que estava bastante mais vazia e arrumada do que habitualmente. O computador e documentação haviam ficado no Piódão. Ponderou se o homicídio de Gabriela seria encerrado naquele mesmo dia.

O colega surgiu à porta, afastando-se para deixar Lucas entrar. O rapaz estava lívido e a vermelhidão no olhar indicava um choro recente. Aproximou-se da secretária de Bruno e estacou, de boca aberta, sem conseguir produzir nenhum som. O inspetor levantou-se e pôs-lhe a mão

no ombro.

— Senta-te aqui e respira fundo, já vamos conversar.

Foi-lhe buscar um copo de água e sentou-se do outro lado da mesa.

— O que me queres contar?

— A Sofia não fez nada... — disse, com a voz sumida. — Vocês prenderam-na...

— A Sofia foi detida por suspeita de homicídio. Está neste momento a ser interrogada porque descobrimos evidências que a incriminam.

— O que é que descobriram?

— Impressões digitais. Havia várias no *Peugeot* onde a tua mãe ia no dia em que morreu. — Bruno observou-o por uns momentos. O receio no olhar era o mesmo que vira na rapariga na sala de interrogatórios. — Tu e a Sofia envolveram-se. Estou certo?

Lucas corou e desceu os olhos para a secretária. Fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— E estiveram juntos dentro do *Peugeot*.

— Sim. O avô às vezes leva-me nele para um caminho de terra perto do Piódão, e põe-me a treinar a condução. Só que... Já aconteceu roubar-lhe a chave e ir guiar sozinho... Sei que não devo fazer isso.

— É muito perigoso, Lucas. Pior do que seres apanhado pela polícia, é teres um acidente e magoares-te ou atropelares alguém. Se houver um adulto contigo e for num caminho isolado, é ilegal, mas não haverá grande risco. Agora, pegares no carro sozinho e andares pelas estradas é uma irresponsabilidade, quero que prometas que não o voltas a fazer.

— Sim. Prometo.

— Quando é que estiveste com a Sofia no carro?

— Já fomos algumas vezes... A última foi no domingo da semana passada, à noite. Tirei a chave ao avô e fomos para aquela estrada de terra, fica a cinco minutos da aldeia.

— Quando é que isto começou?

— Há duas semanas. Foi no início de abril. Nós tivemos cuidado... Eu... Usámos sempre proteção. E ela não me obrigou, eu fiz porque me apeteceu. Dei-lhe um beijo a meio da explicação — lembrou-se. — Ela foi-se embora e eu depois pedi-lhe desculpa. Mas passado uns dias, aproveitei que a minha mãe não estava, inventei que tinha um teste-surpresa na segunda-feira e que precisava urgentemente que a Sofia me explicasse uma parte da matéria. Ela foi lá a casa e levei-a para o meu quarto. Bom... Depois saltei-lhe à boca e... Fizemos sexo.

Bruno levou as mãos à cabeça, esfregando as têmporas. Sofia tivera relações sexuais com o rapaz a quem dava explicações de Matemática. Um menor de idade. Apesar de Lucas estar prestes a completar dezasseis anos, a realidade é que a envolvimento física começara quando ele ainda tinha quinze. Mesmo com a afirmação dele de que fora consentido, dificilmente um juiz deixaria aquilo passar sem uma condenação.

— Eu sei que devíamos ter esperado até eu fazer dezasseis... Mas só faltam uns dias, que diferença faz? Eu gosto da Sofia... — disse, com a voz embargada e o rosto contorcido pela comoção. — Juro que gosto dela. E sei que ela também gosta de mim. Tens de acreditar nisto... Por favor...

O inspetor tinha um nó na garganta. Acreditava na declaração de Lucas, mas não seria ele quem julgaria aquela ocorrência no tribunal. Só lhe apetecia dizer: *Custava assim tanto terem esperado mais um mês?* Mas Bruno também conhecia a dificuldade em conter certos impulsos, sobretudo quando se estava na adolescência e havia afetos envolvidos. Nessas idades, esperar por alguma coisa é sempre um tormento. A passagem do tempo tem um peso muito diferente do que quando se é adulto.

— A tua mãe sabia disto?

— Sim... Descobriu no domingo da semana passada. Achei que ela já dormia quando saí, mas não. Quando voltei para casa, ela estava à minha espera e perguntou-me onde tinha ido. Disse-lhe que tinha ido dar uma volta de carro com o avô, mas ela percebeu que era mentira, porque foi lá a casa dele depois de me ouvir sair. Passou-se... Fartou-se de gritar comigo e perguntou com quem eu tinha estado... Não consegui esconder. Conte-lhe que tinha ido com a Sofia.

— Como é que reagiu?

— Passou-se ainda mais. Até achei que ia partir alguma coisa, estava furiosa. Disse logo que nunca mais ia ter explicações e que nunca mais queria que a Sofia fosse lá a casa. Obrigou-me a prometer que não a voltava a ver, mas eu mandei-a para aquele sítio... — Lucas calou-se durante uns instantes. — Eu amo a Sofia e não vou afastar-me. Sei que sou um miúdo... Mas isso não quer dizer nada, tenho a certeza de que gosto dela.

— Lucas, vêm aí tempos difíceis — anunciou, tentando soar calmo. — Mesmo que a Sofia não tenha qualquer ligação à morte da tua mãe, o mais provável é ser acusada de pedofilia.

Quis falar-lhe das repercussões que aquilo teria assim que a comunicação social soubesse, mas decidiu calar-se. Não havia uma forma

serena de apresentar aquela realidade.

— O que é que vai acontecer? Vão prendê-la? — questionou Lucas, com os olhos húmidos. As lágrimas desciam umas atrás das outras num choro doloroso e desamparado. — Eu já perdi a minha mãe... Não me tirem a Sofia, por favor... — suplicou, a voz por um fio. — Por favor...

Bruno esperou que Lucas acalmasse o choro e acompanhou-o à entrada do edifício. A meio do corredor, lembrou-se de um pormenor e parou, de repente.

— Como é que chegaste cá? — perguntou, de sobrolho franzido. — Diz-me que não vieste a conduzir...

— Não, o Miguel trouxe-me — descansou-o Lucas. — Quando voltei da escola e cheguei a casa, o avô contou-me o que tinha acontecido. Peguei no telemóvel e liguei para o Miguel, pedi-lhe para me trazer a Coimbra e ele disse que sim. Tínhamos acabado de vir de Arganil, por isso até pensei que me ia dizer que não.

O inspetor ficou aliviado e prosseguiu, mas percebeu que Lucas ficara parado no mesmo sítio.

— O que se passa?

— Antes de me ir embora, posso vê-la?

Bruno suspirou e voltou atrás.

— Não pode ser, Lucas. Lamento... A Sofia está detida, só pode receber visitas do advogado ou de um familiar direto, e tem de ser num horário específico.

— Eu só queria dar-lhe um abraço...

— Entendo, mas não é mesmo possível.

— Se voltar cá amanhã, já a posso ver?

O inspetor abanou a cabeça.

— Não dá, Lucas. Percebo que queiras muito falar com ela, mas as regras são claras e não podemos abrir exceções.

Foram o resto do caminho lado a lado, mas em silêncio. Miguel estava

sentado num banco comprido de madeira no átrio, levantando-se quando os viu chegar. Lá fora, já escurecera.

— Boa noite, inspetor.

— Leve-o com cuidado — disse, pondo a mão sobre o ombro de Lucas.

— Fique descansado. Se calhar jantamos aqui por Coimbra e seguimos para o Piódão depois.

— É o mais sensato — respondeu Bruno. Depois, voltou-se para o rapaz e entregou-lhe um cartão. — Tens aqui o meu número, se precisares de alguma ajuda, ligas-me. Combinado?

— Sim.

O inspetor deu-lhe uma palmadinha nas costas e apertou a mão a Miguel, acompanhando-os até à porta do edifício. Assim que se despediu, acelerou a passada até à sala de interrogatórios.



Bruno pediu a Carolina para vir até ao corredor e resumiu a conversa que acabara de ter com Lucas. A colega ficou surpreendida e, dada a impaciência do advogado de Sofia, sugeriu reentrarem de imediato na sala e confrontá-los com a nova informação.

— É capaz de me explicar por que motivo nos deixou aqui plantados este tempo todo?

— Recebemos uma informação nova sobre o caso.

— Que informação?

Bruno pousou os olhos em Sofia, que baixou os seus para o colo.

— O Lucas contou-me tudo.

A rapariga tapou a boca com a mão e começou a soluçar. A agitação da respiração fez com que o peito lhe comesse a subir e descer com rapidez.

— Acabe com as meias palavras, inspetor, e diga de uma vez a que se refere — vociferou o advogado.

— O Lucas disse-me que se envolveram sexualmente. E que um desses encontros se deu no *Peugeot* onde a Gabriela morreu, daí as suas impressões digitais estarem lá

O advogado pôs a mão em cima da mesa e virou-se para Sofia.

— Não precisa de responder.

— Eu...

— Não diga nada.

— Eu vou falar — disse Sofia, ignorando-o. Expirou fundo e remexeu as mãos no colo, procurando as palavras. — Nós estivemos juntos, sim. Estamos...

O advogado fechou os olhos por uns momentos. Depois daquela confissão, não poderiam esperar milagres da parte dele.

— Quando começou a vossa envolvimento físico?

— Há duas semanas. Comecei a dar-lhe explicações no início do ano letivo e, ao fim de um tempo, comecei a sentir que havia uma conexão... Era mais do que uma relação de professora e aluno. Conversávamos, ríamos, parecia que éramos amigos há muito tempo. Temos três anos e meio de diferença, mas não se notava, o Lucas é um rapaz maduro. A certa altura... Comecei a olhar para ele de maneira diferente — Sofia alterou a posição na cadeira, mas continuou com os dedos entrelaçados no colo. — Às vezes reparava no corpo, na cara... Apesar dos quinze anos, ele já tem um corpo atlético, chama a atenção.

— E sentiu o mesmo interesse da parte dele?

— Sim. Várias vezes, enquanto explicava a matéria, percebia que ele estava a olhar para o meu peito e que já não me estava a ouvir. Eu nunca tentei nada, nunca me fiz a ele. Juro. O Lucas começou a convidar-me para irmos passear e eu inventava sempre uma desculpa. Até que, há duas ou três semanas, ele beijou-me... — Sofia deteve-se durante uns segundos. Parecia estar a visualizar a memória na sua mente. — Estávamos a meio da explicação e eu bloqueei, não consegui dizer nem fazer nada. Depois, agarrei nas minhas coisas e saí a correr. Ele veio-me pedir desculpa no dia seguinte, mas, sinceramente, não precisava. Foi tão bom sentir que estava interessado em mim.

— Começaram o envolvimento físico nessa semana?

— Sim, foi no primeiro dia deste mês. Lembro-me bem porque era o dia das mentiras. Era fim de semana e o Lucas ligou-me a dizer que precisava de explicação, que a professora marcara um teste surpresa para a segunda-feira seguinte, e eu lá fui ter a casa da Gabriela. Ela estava num evento qualquer da junta, portanto ficámos sozinhos. Quando cheguei, ele levou-me até ao quarto, e estranhei, porque normalmente sentávamo-nos na mesa da cozinha a estudar. Entrámos e ele ofereceu-me uma rosa... Fiquei muito nervosa e disse-lhe que era melhor não perder tempo e começarmos logo a explicação. Ele abraçou-me... Deu-me um beijo e segredou-me ao ouvido: *feliz dia das mentiras*.

Sofia calou-se, comovida com a recordação. Os inspetores

entreolharam-se, equacionando se deviam fazer outra pergunta ou deixá-la falar livremente. Tendo em conta a disponibilidade dela, optaram por se manter em silêncio.

— Depois disso, deixei-me levar... Foi tudo tão natural, os beijos, os toques, estávamos os dois com vontade. Com a mesma vontade. A diferença de idades deixou de ter importância, parecíamos duas pessoas iguais.

Bruno sentiu no discurso de Sofia o mesmo carinho que transparecera na voz de Lucas ao falar dela. O desejo físico também estava evidente de ambos os lados, mas a ligação afetiva sobrepunha-se. Talvez o contorno proibido da relação aprofundasse ainda mas os laços entre Sofia e Lucas, pensou o inspetor.

— Tem consciência de que o que fez é suficiente para ser acusada de pedofilia? — questionou a inspetora.

— Eu não o obriguei a nada! Ele é que tomou a iniciativa. Sei que uma pessoa pode ter sexo a partir dos dezasseis anos, desde que haja consentimento. Podem perguntar-lhe. Juro que o Lucas consentiu em tudo. Ele faz dezasseis anos daqui a uns dias.

— Independentemente disso, você, enquanto adulta, tinha a obrigação de rejeitar os avanços dele — replicou Carolina. — Sabia que o Lucas era menor, logo só havia uma coisa a fazer: pôr um ponto final nas explicações e afastar-se.

— Eu e o Lucas gostamos um do outro — afirmou Sofia, com duas lágrimas grossas a escorrer pela cara. — Não fizemos nada de errado...

— Já chega — interveio o advogado. Depois de tudo o que Sofia dissera, não lhe restavam grandes opções em termos de defesa. Se a acusassem, também, do homicídio, o seu trabalho seria ainda mais difícil. — A minha cliente está aqui há várias horas e tem direito a descanso. Vão formalizar a acusação?

— Teremos de reunir com o inspetor-chefe primeiro — respondeu Bruno. — Dispomos de quarenta e oito horas para formalizar uma acusação, portanto, até lá, a sua cliente fica em prisão preventiva.

— Uma última pergunta antes de terminar — disse a inspetora. — A Gabriela descobriu tudo dois dias antes de morrer. Percebe que isto constitui um motivo forte para a querer ver morta, não percebe? Ela falou consigo quando soube da sua relação com o Lucas?

— Discutimos na segunda-feira, no dia antes do acidente, mas juro que não fiz nada. Não matei a Gabriela. Ela apareceu no restaurante depois de

almoço e fomos falar para as traseiras. Disse que eu era uma cabra, pedófila, chamou-me todos os palavrões e mais alguns e proibiu-me de voltar a estar com o Lucas. Disse-me, aos berros, que se tinham acabado as explicações e que nunca mais iria pôr os pés em casa dela.

– Ameaçou apresentar queixa contra si?

– Não, não disse nada sobre isso.

Bruno referiu a conclusão do interrogatório para o gravador, indicando a hora exata, e escoltou Sofia a uma cela. O advogado despediu-se apenas dela, saindo sem dirigir a palavra aos inspetores.

Quando Bruno e Carolina se reencontraram no corredor, ficaram uns minutos calados, assoberbados por tudo o que acontecera nas últimas horas. Inspiraram fundo e dirigiram-se ao gabinete do inspetor-chefe.

— Não podemos ignorar o facto de o rapaz ter quinze anos quando se envolveram — declarou o inspetor-chefe Vidal no fim do relato. — A idade legal para que um menor possa ter relações com um adulto, sem que haja relevância penal, é aos dezasseis anos. E tem de haver consentimento, como em qualquer outra idade, evidentemente.

— Parece-nos ser o caso — comentou Bruno. — As versões dela e dele coincidem, e o miúdo garantiu que gosta dela e que não foi obrigado a nada.

— Gosta dela... O que sabe um miúdo de quinze anos sobre isso? — lançou Carolina.

— Se recuares a essa idade, vais-te lembrar de que aos quinze anos todos conseguimos identificar o que é gostar de alguém. Podemos não ter consciência da profundidade do sentimento, mas sabemos reconhecer quando alguém nos desperta esse desejo.

— Temos dois dias para formalizar a acusação e apresentá-la ao Juiz de Instrução Criminal para aplicar as medidas de coação. — recordou Vidal.

Bruno debatia-se interiormente sobre qual seria a decisão mais acertada.

— Tendo havido consentimento, e juntando o facto de o Lucas fazer dezasseis anos dentro de dias, parece-me melhor não a acusarmos. O miúdo jamais irá depor contra ela. E, se querem saber, pela maneira como falou dela, não tenho dúvidas de que o sentimento é verdadeiro e que a Sofia o faz feliz. Para além disso, sabemos muito bem o que acontecerá assim que a imprensa souber da acusação. O Lucas está a passar por um momento terrível, perdeu a mãe e não sabe quem é o pai. Se a comunicação

social souber disto, vai trucidá-lo, a ele e ao avô, não os vão deixar em paz. Neste momento, ele precisa de tudo menos disso.

— Não podemos pensar assim — contrariou a inspetora. — A Sofia tem dezanove anos, é uma adulta. Apesar de parecer um pouco mais velho, o Lucas não passa de um miúdo. Um adolescente não consegue fazer os mesmos discernimentos que um adulto. E qualquer adulto que se aproveite dessa vulnerabilidade, está a proceder de forma errada. É tão simples quanto isto.

— Mas já percebemos que a Sofia não se aproveitou dele.

— Como é que sabes? Estavas lá?

— Bastou-me ver e ouvir a maneira como cada um falou sobre o outro. Miúdos destas idades não têm capacidade para dissimular ou falsear histórias destas. E repito: os relatos de um e outro foram exatamente iguais.

— Ele pode ter sido manipulado e, por estar tão obcecado com ela, nem se apercebeu.

— Não acredito nisso — contrapôs Bruno.

— A Carolina tem razão — interveio o inspetor-chefe. — Além de que não podemos ignorar o que está estipulado no código penal.

— Concorde, mas todos sabemos que a vida não é apenas preta ou branca. Há muitas zonas cinzentas. E, neste caso, evitamos um mal maior se não a acusarmos. Já fechámos os olhos a certas regras, por um bem maior, e não nos arrependemos. Acho que devíamos fazer o mesmo neste momento, para que o Lucas não sofra mais ainda. Pensem no tamanho do Piódão... O caos que vai ser naquela aldeia quando se souber. — Bruno fez uma pausa para os deixar imaginar a situação. — Mas, acima de tudo, lembrem-se de que o miúdo consentiu. Inclusive, foi ele quem tomou as iniciativas.

Houve um momento grande de silêncio. Carolina e o chefe ponderavam, com dificuldade, sobre o que fazer. Concordavam com Bruno num ponto: a vida tinha muitas zonas cinzentas, em que a subjetividade dificultava as escolhas e as decisões.

— Há ainda um detalhe que me faz hesitar — admitiu Carolina. — Ela tem dezanove, ele tem quase dezasseis. Apenas três anos de diferença. Se ela tivesse quarenta anos, por exemplo, mesmo que ele dissesse que consentira, eu formalizaria a acusação sem pestanejar.

Bruno concordou. Se a diferença de idades fosse maior, ele também não hesitaria em acusar a pessoa mais velha. O inspetor-chefe pigarreou e

assentou os cotovelos na secretária.

— A rapariga tinha uma excelente razão para querer a morte da Gabriela. Pode ter ameaçado apresentar queixa contra a Sofia. Acreditam que foi ela quem sabotou o veículo?

— Não me parece — respondeu Bruno.

Ao fim de algum tempo, Carolina acabou por dizer:

— Também não estou tentada a acreditar que foi ela. Por muito que tivesse um motivo para fazer desaparecer a Gabriela, não imagino a Sofia a premeditar um homicídio.

— O Lucas disse-me uma coisa que confirma que a sabotagem foi feita na segunda-feira à noite — relembrou o inspetor. — Ele e a Sofia foram dar uma volta no *Peugeot* no domingo à noite e voltaram sãos e salvos, portanto, nessa altura, ainda não deviam ter cortado o tubo dos travões. O Raimundo foi buscá-lo a Arganil na segunda-feira à tarde e o carro também continuava a funcionar normalmente.

— Só pode ter sido nessa noite, então.

— Há outra questão que me surgiu durante o interrogatório. A Gabriela soube do envolvimento entre a Sofia e o Lucas no domingo à noite. E fez os telefonemas para o advogado no dia seguinte, mas não chegou a dizer o motivo pelo qual queria apresentar uma queixa. Terá sido sobre isto da Sofia?

— É o mais provável — respondeu Carolina. — Achas que não?

— O mais óbvio parece-me isso, sim.

O inspetor-chefe pegou no casaco nas costas da cadeira e levantou-se. Já passava das nove da noite.

— Temos até quarta-feira para decidir se acusamos a rapariga ou não, mas, entretanto, amanhã quero que voltem para o Piódão. E que descubram de uma vez por todas quem matou a Gabriela. Quero este caso encerrado até ao final desta semana. Fui claro?

Bruno e Carolina emitiram um aceno de concordância.

Desceram juntos e despediram-se à porta da sede, cada um seguindo numa direção diferente. Enquanto caminhavam pelas ruas quase desertas de Coimbra, ambos sentiam o mesmo alívio de, por uma noite, poderem estar sozinhos nos respetivos apartamentos.

NO DIA SEGUINTE

Terça-feira

O dia amanheceu claro e luminoso, mas frio. Bruno disfrutou com prazer do silêncio e café junto à janela das águas-furtadas, sentindo-se revigorado. Soube-lhe tão bem o regresso àquela rotina que deu por si a desejar não ter de voltar ao Piódão.

Entrou na sede da PJ às oito em ponto e serviu-se de mais café assim que chegou à sala da brigada. O piquete informara-o de que não houvera nenhum incidente com Sofia durante a noite e que já lhe tinham servido a refeição da manhã. Carolina chegou pouco depois e também ela parecia renovada, apresentando-se com um semblante menos rígido.

Levaram Sofia para a sala de interrogatórios e procederam a uma nova inquirição, mas a rapariga não acrescentou nada ao testemunho do dia anterior. Relatou de novo o envolvimento com Lucas e manteve a afirmação de inocência relativamente ao homicídio de Gabriela.

Pelas nove e meia, Bruno e Carolina puseram-se a caminho do Piódão.

— Vamos ter de informar o Raimundo sobre isto — disse o inspetor.

— Não achas que o Lucas já lhe terá contado?

— É provável, mas é nossa obrigação conversar com ele na mesma.

— Pergunto-me como será que vai reagir — murmurou Carolina. O arvoredo que ladeava a estrada atraiu-lhe o olhar. — Ontem não me pareciste convencido em relação àquilo do advogado. Não achas que a Gabriela o tenha contactado para apresentar queixa da Sofia?

Bruno rodou ligeiramente o volante e virou para a estrada à esquerda.

— Acho que essa hipótese é a mais provável, mas continuo a achar importante considerar outras possibilidades menos óbvias.

— Tais como?

— Alguma coisa relacionada com a junta. Ou até pode ter marcado a reunião com o advogado por outro motivo que nos escapa e que não tem que ver nem com o trabalho nem com a Sofia.

— E de que forma vamos descobrir isso? Ninguém sabia, sequer, que ela ia encontrar-se com um advogado.

— Tenho a certeza de que não foi por acaso que a Gabriela morreu no dia em que ia reunir com o advogado — garantiu Bruno. — Portanto, há pelo menos uma pessoa que sabia desse encontro e que precisava de o evitar a todo o custo.

— Ela fez os telefonemas durante a manhã — lembrou Carolina. — Ou seja, mais uma vez, voltamos à junta. A essa hora ela deveria estar lá. Ontem disseste que tinhas uma ideia para descobrir se houvera algum tipo de assédio sobre a Gabriela.

— Sim, verdade. Não garanto que fiquemos a saber de algo, mas também é possível que tenhamos uma surpresa. Depois de falarmos com o Raimundo, vamos até à junta.

Devagarinho, por entre os ramos e folhas, viram surgir ao longe um amontoado de casinhas castanhas com apontamentos azuis. Estavam de regresso ao Piódão.



Bateram à campainha de Raimundo e viram Elsa abrir-lhes a porta.

— Bom dia. Hum... Vim ver se o Raimundo precisava de alguma ajuda — justificou, apressando-os a entrar. Baixou a voz e sussurrou: — Está bastante em baixo, hoje. Tentem não o incomodar.

Os inspetores cumprimentaram-no e perceberam de imediato, pela expressão vazia, que Raimundo estava abatido.

— Queremos falar consigo por uns minutos — anunciou Bruno. — Sozinhos, por favor.

— Eu vou andando — disse Elsa, vestindo o casaco de lã. — Vim só mesmo confirmar que estava tudo bem. Se precisares, telefona-me.

Apertou os botões até cima e saiu. Nesse momento, os inspetores sentaram-se perto de Raimundo e perguntaram-lhe como se sentia.

— Vêm falar sobre o meu neto? — perguntou, em voz baixa.

Bruno e Carolina entreolharam-se.

— Sim — respondeu a inspetora.

— Ele contou-me ontem à noite, quando chegou com o Miguel.

Instalou-se um silêncio pesado.

— Desconfiava de alguma coisa?

— Não. Como poderia desconfiar de uma situação destas? O meu neto partilha muita coisa comigo, mas jamais abordou este assunto.

— Sabia que ele costumava tirar-lhe a chave para conduzir o seu *Peugeot*?

— Sim — admitiu, fechando os olhos por um momento. — Eu tenho o sono leve, acordo ao mínimo ruído, e várias vezes ouvi barulho aqui em baixo. Quando espreitava pela janela do meu quarto, via o Lucas a sair com a chave na mão. Calculei que queria dar umas voltas sozinho, faz parte da idade quererem independência e sentirem que têm autonomia.

— Nunca desconfiou que poderia ser uma estratégia para se encontrar com alguém às escondidas? Afinal, essas situações tinham sempre lugar durante a noite.

Raimundo hesitou antes de responder.

— Passou-me pela cabeça, uma vez ou outra. Mas nunca pensei que fosse a Sofia, como é evidente. Ela era apenas a explicadora dele e tinha idade para... Enfim, era mais velha do que o Lucas. Pensei que talvez tivesse arranjado uma namoradita nalguma aldeia aqui perto.

— Sabe que a Gabriela descobriu o que se passava pouco tempo antes de morrer?

— O Lucas disse-me. Agora entendo por que razão andava tão enervada ultimamente. E o motivo pelo qual quis acabar com as explicações.

— O que disse ao seu neto quando ele lhe contou isto?

Raimundo abanou a cabeça, parecendo arrependido.

— Levantei-lhe a voz... Não o devia ter feito, mas aquilo apanhou-me desprevenido e fiquei cego. Uma situação destas pode estragar-lhe o resto da vida. Ele veio cá há pouco fazer-me o pequeno-almoço, e pedi-lhe desculpa pela maneira como falei, mas ainda está arreliado comigo. Tem de entender a minha preocupação, sou avô dele.

— Disse-lhe para se afastar da Sofia?

— É evidente. Não faria o mesmo? No que depender de mim, essa rapariga não voltará a ter qualquer contacto com o meu neto — garantiu Raimundo. Utilizou o braço livre para ajustar ligeiramente a posição no cadeirão. — Depois a conversa azedou. O meu neto apercebeu-se de que eu e a Elsa estamos juntos. Nunca comentou nada, mas, quando lhe disse que a relação com a Sofia era indecente, ele respondeu que andar com uma mulher casada também não era propriamente decente.

— O senhor sabia que a sua filha tinha uma reunião marcada com um advogado para o dia em que morreu?

Raimundo enrugou a testa.

— Um advogado? Mas porquê?

— Não sabemos. Pensámos que talvez nos pudesse elucidar sobre esse assunto. Ela confidenciou-lhe alguma coisa? Estava com algum problema?

— Que eu tenha conhecimento, não. A Gabriela andava irritada, um pouco agressiva, mas agora sei que era por isto da Sofia.

— E sabia que ela se despediu da junta na véspera do acidente?

O pai de Gabriela olhou embasbacado para eles.

— Não tinha ideia nenhuma. O que se passou?

— Ainda é uma incógnita.

— Não sei que vos diga, estou perplexo. Sempre me pareceu que ela gostava de trabalhar lá.

Os inspetores deram a conversa por terminada e agradeceram a Raimundo o tempo dispensado. Mal saíram, depararam-se com uma pessoa à espera deles mesmo em frente à casa.



— Bom dia, inspetores.

Rita cumprimentou-os com um aceno, menos efusiva do que das vezes anteriores. Bruno calculou que ela não esquecera a forma como Carolina lhe falara uns dias antes no apartamento. Aplicara batom vermelho e o cabelo louro caía em canudos até aos ombros. Usava um vestido azul-turquesa sem alças e os habituais saltos altos brancos, não parecendo nem um pouco incomodada com o andar no piso de pedra irregular. Nem com o frio.

— Já soube que prenderam a Sofia... Que situação terrível. O Abel hoje nem abriu o restaurante.

Bruno tinha reparado nisso quando haviam passado pelo largo uma hora antes. O estabelecimento tinha portas e janelas fechadas e a esplanada recolhida.

— Ela já confessou? Estive a noite toda a pensar o que será que lhe passou pela cabeça para fazer uma coisa daquelas. Foi um surto psicótico? Vi um caso desses, noutro dia, numa série do...

— Se não se importa, nós temos trabalho a fazer — interrompeu

Carolina, impulsinando o corpo para a frente.

— Só um momento. Vim aqui porque tenho uma informação para partilhar convosco. Não precisa de revirar os olhos, inspetora, prometo que vou ser rápida. Ontem à noite fui ao vosso apartamento mas percebi que não estavam, e há bocado vi-vos a sair do largo nesta direção. Calculei que vinham a casa do Raimundo ou do Lucas.

— Que informação é essa? — perguntou Carolina, de braços cruzados. Imaginou que se tratava apenas de mais um pretexto dela para atrair a atenção de Bruno.

Rita rodou o pescoço para os lados a fim de confirmar que não havia ninguém por perto, agitando os canudos com o movimento. A rua encontrava-se deserta e as janelas das casas estavam fechadas, mas ela gesticulou com a mão e levou os inspetores para uma zona mais acima, sem edifícios, os saltos a matraquear na pedra. Carolina cerrou os maxilares, irritada com aquele teatro. *Será que nos vai revelar o quarto segredo de Fátima?*, pensou. Acercaram-se de um muro de pedra comprido, e Rita sentou-se.

— É uma questão um pouco difícil. Espero que não me interpretem mal.

— Fale à vontade — disse Bruno.

— Obrigada — respondeu ela, sorrindo. — No sábado, recebi um telefonema da Verónica. Nós somos amigas há alguns anos, conheço-a bem, mas estranhei a conversa desse dia. Não parecia um telefonema normal, senti que estava a falar com a presidente da junta e não com uma amiga.

— O que foi que ela lhe disse?

— Fez-me perguntas estranhas. Ela sabia que vocês tinham reservado o meu apartamento e quis saber até quando iam ficar lá. Perguntou-me se tinha ouvido alguma conversa ou visto alguma coisa. E no fim ainda questionou se havia alguma chave suplente.

— Há?

— Há, claro, mas não a dou a ninguém, inspetor! P’la alma da minha mãe, garanto-lhe que sou a única com acesso a essa chave.

— A Verónica estava interessada em saber detalhes sobre a investigação, é isso?

— Exato. Mas achei um tanto esquisito o interesse dela. No fim, disse-me que, enquanto presidente da junta, sentia-se na obrigação de zelar pelo bem-estar das pessoas e que queria ajudar a resolver este caso.

Carolina deu por si a admitir — internamente — que afinal a conversa de Rita tinha importância. Ainda assim, perguntou-lhe:

— Por que motivo só nos está a contar isso agora? Devia ter falado connosco logo no sábado. Obstrução à justiça é crime.

— A Verónica é minha amiga. Fiquei dividida sobre o que era mais acertado fazer — justificou Rita. — Não a quero prejudicar. Até porque não acho que tenha feito alguma coisa. Foi a Sofia, não foi? Por isso é que a prenderam ontem.

— A Sofia foi *detida* — corrigiu a inspetora. — E não foi acusada de nada. Ainda.

Rita levou a mão ao pescoço e um rubor subiu-lhe à face.

— Nesse caso... Não foi ela quem matou a Gabriela?

— Nunca afirmámos semelhante coisa. Apenas detivemos a Sofia para averiguações.

— Achei que tinha sido ela — comentou. — Então, quer dizer que ainda não terminaram a investigação?

— Ainda não.

— Entendo. A vossa reserva é até quinta-feira, mas podem prolongar a estadia, se desejarem. É só dizerem.

— Não devemos ficar mais tempo. Vamos apanhar o responsável pela morte da Gabriela muito em breve — declarou Carolina, fixando os olhos em Rita.

— Vou andando — anunciou, levantando-se do muro. Dirigiu mais um sorriso a Bruno. — Adeus, inspetor.

Rita desapareceu pela rua, mantendo um equilíbrio surpreendente tendo em conta o calçado e o chão de pedra. Bruno voltou-se para Carolina e disse:

— Vamos imediatamente ao apartamento. Foi muito má ideia termos ausentado durante a noite de ontem.

Bruno foi o percurso inteiro assolado por uma sensação de arrependimento. O afastamento da aldeia durara algumas horas, nem chegara a um dia, mas fora o tempo suficiente para alguém se aproveitar disso e lhes vasculhar as coisas.

Entraram e acenderam as luzes de imediato, percorrendo as divisões à procura de evidências de assalto. A prática fê-los concluir a vistoria em poucos minutos e confirmaram, com alívio, que nada fora remexido e que os computadores estavam exatamente no mesmo sítio.

— Ninguém entrou aqui — afirmou Carolina.

— Fomos pouco cuidadosos. Devíamos, pelo menos, ter levado os computadores connosco.

— Não adivinhávamos que íamos sair tão tarde da sede.

Bruno consultou o relógio de pulso prateado e deu-lhe um toque com o dedo indicador.

— Vamos para a junta. Lembra-te do que combinámos.

— Espero que resulte — comentou a inspetora.

Deixaram o apartamento e desceram as ruazinhas até ao largo, que estava com bastante gente distribuída pelos bancos e alguns turistas junto às bancas de vendas de artigos regionais. O ar continuava frio, apesar do sol, e ambos se tinham socorrido dos casacos antes de saírem. A porta da junta estava entreaberta e, ainda no corredor, ouviram ao longe duas vozes adultas a conversar, entrecortadas por outra mais aguda a cantarolar.

— Muito bom dia — cumprimentou Bruno, à porta da sala.

Verónica e Vasco estavam debruçados sobre uma cartolina grande com uma planta de um edifício e Pedrinho estava sentado à secretária outrora

ocupada por Gabriela, olhando fixamente para um ecrã de telemóvel. Assim que reparou na presença deles, largou o aparelho e foi até à porta, pegando na mão de Carolina.

— Olá inspetora! Ontem prenderam a criminosa, não foi? Sabem que tenho quase a idade da Sofia? Ela tem dezanove, mas eu dezoito. Tem de me contar tudo, não se esqueça do que prometeu.

— Ontem fizemos uma detenção — confirmou a inspetora. Percebeu que Verónica ficara incomodada pelo filho lhe ter dado a mão, mas não a largou. — No entanto, ainda não identificámos a pessoa que matou a Gabriela.

— Oh... — comentou, desanimado. — Quando é que vão prender o assassino?

— Pedro, já chega, os inspetores querem falar connosco — disse Verónica.

— Não há problema — descansou-a Carolina. — Vou dar uma volta com o Pedrinho, assim podem falar mais à vontade com o inspetor.

— Boa! Podemos comer um gelado?

— Não é necessário — interveio Vasco. — Pedrinho, os inspetores estão aqui em trabalho, têm de estar concentrados. Depois, mais tarde, levamos-te ao café e podes escolher um gelado.

— Não custa nada — respondeu a inspetora, vendo a tristeza no olhar do rapaz. — Conversem à vontade, já voltamos. — Pôs-lhe o braço à volta dos ombros e caminharam juntos até à saída do edifício da junta.

— É assim tão importante o que tem para falar connosco? — perguntou Verónica, num tom áspero.

Estavam os três de pé, Verónica e Vasco encostados ao tampo da secretária, na mesma posição, de braços cruzados.

— A presença do Pedro poderia condicionar o vosso testemunho. Quero saber o verdadeiro motivo pelo qual a Gabriela se despediu.

Verónica exalou, irritada.

— Outra vez esse assunto? Já lhe contámos tudo o que sabíamos. A Gabriela apenas nos disse que se queria ir embora por motivos pessoais.

Bruno perscrutou-os demoradamente. Vasco, mais uma vez, estava em segundo plano, observando a mulher pelo canto do olho, como se esperasse uma indicação.

— O que é que estava a causar desconforto à Gabriela aqui na junta?

— Desconforto? Que conversa vem a ser essa?

— Sabemos que havia algo a atormentar a Gabriela ultimamente. De tal

forma, que contactou um advogado poucos dias antes de morrer.

— Muita gente faz isso, não significa que houvesse alguma questão com o trabalho dela — retorquiu Verónica.

— Sabe o que é curioso? É que o contacto com o advogado foi feito na segunda de manhã e a Gabriela entregou a carta de despedimento nessa mesma tarde. Na manhã de terça, quando estava a caminho da reunião com o advogado, o carro despistou-se e o resultado foi o que sabem. Não acredito nem por um segundo que não tenha havido algum problema aqui na junta.

— Está enganado — declarou a presidente.

— Talvez o seu marido saiba mais do que você? — lançou Bruno, fitando Vasco.

— Não sei rigorosamente nada. Já repetimos várias vezes que o ambiente de trabalho aqui sempre foi positivo. Se ela quis falar com um advogado, não foi por nossa causa.

— Querem que acredite que não a ouviram fazer o telefonema nessa segunda-feira de manhã?

— Não fazemos ideia a que telefonema se refere — respondeu Verónica.
— E não temos por hábito escutar as chamadas das outras pessoas. Há mais gabinetes aqui no edifício, a Gabriela pode ter telefonado num deles.

Vasco ergueu a mão.

— Espere. Estou a lembrar-me de uma coisa. Nessa segunda, a Gabriela saiu durante uns minutos a meio da manhã. Tinha-se esquecido do iogurte e da fruta que costumava comer a essa hora, e foi a casa buscar.

— Ausentou-se por quanto tempo?

— Pouco tempo, talvez dez, quinze minutos. Ela mora muito perto daqui.

Bruno sentiu o telemóvel vibrar no bolso. Era uma mensagem de Carolina a pedir para ir ter com ela lá fora.

— Volto já — disse, virando costas.



Quando chegou ao exterior, a inspetora chamou-o à parte. Pedro estava entretido a comer o gelado, sentado num dos bancos do largo.

— Resultou? O que descobriste?

— Não lhe consegui perguntar nada relativamente a assédio. Não é um

tema fácil de introduzir com um rapaz de dezoito anos... Mas comecei a falar das séries policiais e referi que às vezes as vítimas têm discussões com as pessoas próximas, e perguntei-lhe se ele tinha assistido a alguma com a Gabriela.

— Assistiu?

Carolina acenou afirmativamente.

— Houve um dia em que a Gabriela e a Verónica estavam a gritar muito alto uma com a outra. Foram as palavras dele. Insisti para perceber em que dia fora, mas ele não consegue identificar. Disse que tinha sido há pouco tempo e que foi quando ele estava na copa a lanchar.

— Conseguiu perceber o que diziam?

— Infelizmente, não.

— Afinal, houve mesmo alguma coisa — comentou Bruno. — Eu sabia que eles nos estavam a mentir.

Reentraram na junta e voltaram à sala que fazia de gabinete. Verónica e Vasco calaram-se abruptamente assim que os viram.

— O meu filho? — perguntou ele.

— Está no largo a acabar o gelado. Disse que preferia comer lá fora.

Ficaram calados a olhar para os inspetores, na expectativa.

— O Pedrinho acabou de me contar que você e a Gabriela tiveram uma discussão há pouco tempo. — Carolina aproximou-se do casal e articulou as palavras com dureza: — Como não acredito que esteja a mentir, vou pedir-lhe que nos explique, de uma vez por todas, o que foi que se passou.

Verónica e Vasco permaneceram calados durante longos segundos. Ele foi o primeiro a ceder, soltando um suspiro e sentando-se atrás da secretária.

— Fala, Verónica. Já chega disto...

A presidente mantinha-se de pé, com os braços cruzados e o rosto fechado. O olhar de Verónica descera para um qualquer ponto no chão, dando a entender que, apesar da posição rígida, ia começar a explicar.

— Daqui a quatro meses, em agosto, vamos ter as festas do Piódão. E todos os anos se costuma homenagear um ou dois habitantes da aldeia. Este ano, como forma de agradecimento pela vigilância voluntária que fez na época dos assaltos, escolhemos o Raimundo. Trata-se de uma pequena cerimónia no largo, na qual pedimos a algum familiar ou amigo próximo que se junte a mim e diga algumas palavras sobre a pessoa. No fim, entregamos uma medalhinha com uma imagem da aldeia.

— Escolheram a Gabriela para fazer o discurso?

— Sim. Mas ela não queria, porque era muito envergonhada e não gostava de falar à frente de outras pessoas. Eu insisti, disse que seria um momento muito marcante para o Raimundo, mas recusou sempre. Assumo que, a certa altura, comecei a ficar irritada com ela. Não lhe estava a pedir nada do outro mundo, era só para dizer umas palavrinhas sobre o pai, algo que durasse um ou dois minutos apenas. Acabámos por discutir uns dias antes do acidente, deve ter sido isso que o Pedro ouviu.

— E por que razão não nos contou isto antes? — quis saber Carolina.

Verónica hesitou, e depois deu meia-volta e sentou-se na sua cadeira de braços em couro.

— Nesse dia em que discutimos, fiquei de tal forma exasperada com a recusa dela que disse que, enquanto presidente da junta, a obrigava a ir falar na cerimónia e que o assunto estava encerrado. Na sequência disso, a Gabriela ameaçou-me.

— Ameaçou-a? — reagiu a inspetora.

Verónica engoliu em seco. Quando falou, fê-lo com calma e ergueu o queixo de forma a encarar Carolina.

— Disse que se eu a obrigasse a discursar, ela mostraria a toda a gente os extratos bancários da junta.

A sala ficou imersa em silêncio.

— O que há nesses extratos bancários? — perguntou Bruno.

— Compras e pagamentos que não estão relacionados com trabalho — respondeu a presidente, secamente. — As aulas de equitação do Pedro são pagas com o cartão da junta, assim como o combustível do nosso carro particular, refeições, entre outros. — Verónica fez uma pausa grande e pigarreou para aclarar a garganta. — Este é o motivo pelo qual não tinha falado sobre a discussão com a Gabriela.

— A mentira é incompreensível — disse Bruno, olhando-a nos olhos.

— Poupe-me o discurso moralista. Todos sabemos que há momentos na vida em que é mais fácil mentir.

— É — concordou o inspetor. — Mas as pessoas com carácter não fazem o que é mais fácil, fazem o que está certo.



Verónica começou a gritar, furiosa, com o inspetor, obrigando Vasco a intervir para a acalmar.

Minutos mais tarde, a presidente disse, num tom ácido:

— Espero que o que vos contei não saia desta sala.

Os inspetores não responderam, e Vasco decidiu acrescentar:

— A minha mulher nunca prejudicou a aldeia, bem pelo contrário, dedica-se a ela como nenhum outro presidente fez. Melhorou todas as infraestruturas públicas e turísticas e, graças a isso, todos os habitantes do Piódão ganharam qualidade de vida. O número de visitantes tem aumentado exponencialmente desde que a Verónica foi eleita. Esta gente tem muito que lhe agradecer.

— Neste momento, é a pessoa com mais motivos para querer que a Gabriela desaparecesse — apontou o inspetor.

— Dou-lhe a minha palavra em como não a matei. Eu sou mãe, inspetor — afirmou Verónica, com um brilho no olhar. — Nunca faria nada que pudesse impedir-me de estar com o meu filho.

— Antes de acusar a minha mulher do que quer que seja, mostre-nos as provas — disse Vasco, com aspereza. Tinha-se sentado, e nesse momento chegou-se à frente na cadeira e apoiou-se na secretária. — Não têm nada que incrimine a Verónica, pois não?

Nem Bruno nem Carolina reagiram. O que tinham era circunstancial e não servia para sustentar a acusação de homicídio, mas talvez fosse apenas uma questão de tempo até conseguirem. Não havia crimes perfeitos.

Bruno e Carolina almoçaram num restaurante ligeiramente afastado do largo chamado O Fontinha. Era uma casa típica e tinha, em cima da porta azul, uma placa de madeira envernizada com o nome do estabelecimento em letras brancas. No lado direito da porta havia um quadro de giz com a indicação dos pratos do dia. Percorreram a ementa com o olhar e a chanfana e o bucho recheado atraíram-lhes de imediato as atenções.

Terminaram a refeição às duas da tarde e dirigiram-se à praça. Viram Cândido a consultar o relógio de pulso e a apressar o passo na direção do posto de turismo. Deveria ter ultrapassado um bocadinho o horário de almoço estipulado. Emitiu um breve aceno quando os viu e desapareceu pelo edifício adentro.

— Acabámos por não falar com ele sobre o assunto da catequese — recordou Carolina. — É certo que a Gabriela era bastante mais nova quando a frequentou, mas talvez fosse bom questioná-lo sobre esse período.

Bruno concordou.

— O Cândido e a mulher tiveram uma relação próxima com os pais da Gabriela. Lembras-te do que me contou? — perguntou o inspetor. — Durante os primeiros anos de casados, não conseguiam ter filhos.

— Mas depois o Raimundo e a Dulce tiveram a Gabriela.

Nesse momento, Lucas chegou junto deles. Vinha com as mãos nos bolsos das calças e o olhar vazio.

— Olá.

— Olá, Lucas. Como te sentes?

O rapaz encolheu os ombros e baixou a cabeça, fitando os atacadores dos ténis. A detenção de Sofia acontecera na véspera, pelo que seria

estranho se Lucas surgisse sorridente e animado.

— Queres ir um bocadinho à praia fluvial, para conversar? — sugeriu Bruno.

— Pode ser.

O inspetor fez sinal a Carolina, que anuiu e apontou para o posto de turismo.

— Vou falar com o Cândido. Até já.

Bruno e Lucas desceram até à zona da piscina natural.

— Hoje acho que não me atrevo a pôr os pés de molho — disse o inspetor, num tom leve. — Está mais frio. Não tens aulas?

— Hoje é o dia em que só tenho aulas da parte da tarde. A explicação de Matemática com a Sofia costumava ser de manhã.

Bruno afagou-lhe o ombro.

— Vais assistir às aulas através do computador? A que horas começam?

— Às duas e meia.

— Ui, faltam poucos minutos. Hoje, excecionalmente, talvez possas esquecer as aulas.

Lucas ficou satisfeito por o inspetor não o obrigar a voltar para casa. Apesar de os lábios se terem alongado, a tristeza no olhar mantinha-se.

— Correu bem o teste de Português? Foi ontem, certo?

— Sim, acho que correu. Pelo menos, consigo ter positiva.

Havia um banco corrido todo em pedra por baixo do edifício do bar e foi lá que se sentaram, com a piscina natural em frente. Do lado direito viam-se duas pequenas pontes de pedra cobertas de musgo e, por baixo, corria a água muito límpida da nascente que enchia o tanque em forma de pentágono.

— Posso perguntar-te uma coisa?

— Podes — acedeu Bruno.

— Tu e a inspetora namoram?

Bruno ficou surpreendido com a questão, e depois houve uma amálgama de sentimentos. Num primeiro instante, achou piada ao interesse do miúdo, mas a memória do que tinham sido as conversas com ela nos últimos dias sobrepôs-se, provocando-lhe uma angústia dolorosa.

— Não.

Lucas não pareceu convencido com a resposta.

— Eu achei que vocês andavam.

— Damo-nos bem, mas somos colegas de trabalho.

— Eu acho que gosta de ti. E tu também. Já te vi a olhar para ela.

Bruno calou-se por um momento. Para quê disfarçar? Para quê fingir que não gostava de Carolina? O inspetor-chefe advertira-os para não se envolverem, mas que importância tinha isso agora? Tinham deixado de estar juntos e passado a ser apenas colegas de trabalho.

— Vocês não podem namorar, pois não? Uma vez, o avô disse-me que não era bom namorar com pessoas do trabalho, porque acabava sempre mal.

— Tem alguma razão, mas há exceções, claro.

— Porque é que não lhe dizes que gostas dela?

Bruno deu por si a sorrir. Havia tanto para dizer sobre aquele tema. E tanto que gostava de lhe explicar, mas sabia que havia aprendizagens que só se concretizavam com o avançar da idade. Há lições que só se aprendem com a passagem do tempo.

— Às vezes, ser adulto é tramado. A vida deixa de ser simples quando crescemos.

— Só tens de dizer: Carolina, gosto de ti. É simples.

Bruno desejava aquela simplicidade. Mas, infelizmente, a realidade pautava-se por contornos complicados, difíceis de gerir. E a fonte dessas complicações eram os egos e os feitios, não as emoções. Essas mantinham-se exatamente iguais em adulto: simples, óbvias.

— Quando é que posso ver a Sofia?

— Não te consigo dizer, Lucas. Enquanto estiver detida, não vai ser possível. Mas, caso seja libertada, tudo dependerá do teu avô, que é o teu tutor legal.

— Nós discutimos ontem. Estava furioso comigo, nem me ouviu explicar.

— Tenta compreender: ele está debilitado fisicamente, triste com a morte da tua mãe, e deve ter ficado preocupado por saber da tua história com a Sofia. É muita coisa difícil de gerir ao mesmo tempo.

— Mas a Sofia não me fez mal! Eu é que quis estar com ela. Se nós gostamos um do outro, qual é o problema de não termos a mesma idade?

Quando somos miúdos é tudo tão simples, constatou Bruno novamente. Lucas resumira com clareza a situação, e, apresentada daquela forma, não havia nada de negativo a apontar. Eram duas pessoas que gostavam uma da outra, ponto final. Mais claro era impossível.

— Eu acredito no que dizes, Lucas. Mas há leis sobre este assunto e nós não podemos fingir que não existem.

— Mas têm sempre de seguir as leis?

Bruno não respondeu logo. A conversa da noite anterior com Carolina e o inspetor-chefe ecoou pela sua mente.

— Teoricamente, sim, temos de cumprir as leis. Mas há situações em que ficamos indecisos, nem todas são óbvias. Há momentos em que é difícil tomar decisões — afirmou. — Mais uma vez, digo-te: ser adulto é tramado. Temos de fazer escolhas e nem sempre é fácil.

Durante uns minutos, nenhum falou. Da direita chegava-lhes o murmúrio suave da água a correr pelas pedras em direção à piscina.

— Eu e a minha mãe discutimos tanto nos dias antes de ela morrer... — contou, em voz baixa. Os olhos azuis estavam marejados. — Faço anos no fim deste mês e tinha-lhe pedido uma mota, mas ela não ma queria dar porque tinha medo que eu tivesse um acidente. Quando descobriu isto da Sofia, foi pior ainda.

— Não lhe podes levar a mal, Lucas — Bruno ficou indeciso sobre o tempo do verbo, mas acabou por optar pelo presente. — É tua mãe, não há ninguém que goste mais de ti do que ela. Se ralhou contigo, é porque estava preocupada com o teu bem-estar.

— Se gostasse de mim, não me tinha proibido de ver a Sofia — replicou, com mágoa. — A partir daquele momento pensei: *não vou obedecer a nada do que ela disser*. Na noite antes do acidente, acabei por sair de casa às escondidas para me encontrar com a Sofia. Estava cheia de medo, porque a minha mãe foi ter com ela nessa tarde e discutiram.

Bruno rodou o corpo e encarou o miúdo nos olhos.

— Tu e a Sofia encontraram-se na segunda-feira à noite?

— Sim. Conversámos e eu até sugeri fugirmos os dois no dia a seguir.

— Onde é que conversaram?

— Aqui, na praia fluvial.

— A que horas?

— Foi depois de ela e o Abel fecharem o restaurante, já devia ser meia-noite.

Bruno sentiu a pulsação acelerar.

— Viram alguém por aqui ou no largo?

— Não vimos ninguém.

— A que horas voltaram para casa?

— Acho que ficámos juntos até à uma e tal. Já não me lembro bem.

— Tens a certeza de que não viram ninguém a essa hora? Nem quando regressaram?

— Não, nada. Lembro-me de estar irritado com a minha mãe, não a

queria ver mais. Nesse dia, mesmo antes do jantar, discutimos outra vez por causa da mota e o avô apareceu. Tentou acalmá-la, mas foi impossível — recordou Lucas, a voz mantendo a mesma nota de tristeza. — Disse que no dia seguinte, quando voltasse do trabalho, íamos ter uma conversa muito séria.

— Sobre a mota?

— Não. Acho que era por causa da Sofia. Se calhar, ia obrigar-me a falar com o Abel e contar tudo.

— A tua mãe disse que ia fazer isso?

— Não. Mas talvez fosse o que queria, para conseguir afastar a Sofia de mim. Por isso é que, quando fui ter com ela nessa noite, disse para fugirmos da aldeia. Mas ela respondeu que era melhor não, que só íamos arranjar mais problemas. — Lucas fez uma pausa e recolheu as pernas, cruzando-as sobre o banco de pedra. — Noutro dia, comecei a pensar que se calhar a conversa da minha mãe até nem era sobre isto. Ela estava com tanta raiva que parecia que era por causa de outra coisa.

Bruno redobrou a atenção, registando cada palavra do filho de Gabriela.

— Que outra coisa?

Lucas abanou a cabeça.

— Não sei... Mas fiquei a pensar nisso, talvez o assunto fosse outro. Até achei que se calhar ela queria levar-me daqui. Irmos viver para outro lugar.

Bruno esperou que ele desenvolvesse o pensamento, mas ficou por ali. Uma ideia ínfima começou a surgir-lhe no horizonte, ganhando nitidez à medida que juntou outros factos. Acasos? Coincidências? Ou evidências concretas que revelavam, finalmente, o que estava por detrás da morte de Gabriela? Havia uma hipótese que nem ele nem Carolina tinham considerado. E que, por um momento, Bruno desejou com toda as forças que não fosse verdade.

Bruno regressou ao largo e foi ter ao posto de turismo. Carolina estava sentada no banco junto à porta e levantou-se assim que o viu chegar. Afastaram-se um pouco para falar mais à vontade, sentando-se nos degraus de acesso à igreja.

— Não descobri nada de relevante — comentou, desapontada. — A Gabriela era frequentadora assídua da catequese, mas aos doze anos deixou de ir. Por vontade própria.

— Descobriste se o Miguel e o Telmo, o filho do Abel, também andavam na catequese nessa altura?

— Sim, andavam.

Bruno abriu a boca mas deteve-se, vendo uma senhora sair da igreja. Esperou que ela passasse por eles e descesse a escadaria e só depois relatou a conversa com Lucas.

— Recapitulando, a ver se percebi — começou Carolina. — Na segunda, a Gabriela marca uma reunião com o advogado para o dia seguinte. Depois despede-se. Nessa noite, discute com o filho e diz-lhe que no dia seguinte vão ter uma conversa muito séria. Na manhã a seguir, morre.

— Exatamente. E o Lucas acha que o assunto não tinha que ver com a mota nem com a Sofia, era outra coisa.

— Será que lhe ia comunicar o despedimento?

— Não me parece — respondeu o inspetor. — Acho que estava relacionado com a reunião com o advogado.

— Pois, mas continuamos sem saber o motivo dessa maldita reunião.

— Já dei voltas e voltas à cabeça, não sei como vamos conseguir descobrir isso. — Bruno percorreu o espaço com o olhar, certificando-se de

que não havia ninguém por perto. — Há pouco apercebi-me de uma possibilidade que não equacionámos.

Carolina fitou-o com atenção. O inspetor falara num tom pesado.

— O que se passa?

Bruno explicou-lhe em poucas palavras a sua linha de pensamento. O coração pesou-lhe ao verbalizar aquilo que lhe ocorrera na conversa com Lucas. Havia situações cujo horror não se suavizava mesmo que se empregassem palavras mais subtis na sua descrição.

No fim, a inspetora assumiu uma expressão de perplexidade que a surpreendeu a si própria. Já contava alguns anos na PJ e tinha visto o pior de que o ser humano era capaz. Aprendera que a maldade se poderia revelar de várias formas diferentes. Ainda assim, a hipótese que o inspetor apresentara deixou-a com um nó na garganta.

— Perante isto, vou ligar agora ao laboratório.

— Liga. Sim... — disse Carolina, ainda com dificuldade em falar.

Bruno pegou no telemóvel e procedeu à chamada, baixando a voz ao fazer o pedido. Não havia ninguém por ali, mas o largo estava demasiado próximo. O telefonema foi curto e, assim que desligou, guardou o aparelho no bolso.

— Vão tentar dar-nos uma resposta amanhã — informou. — Vamos para o apartamento, precisamos de rever a pente fino a documentação do caso. E quero ligar ao chefe.

— Sim, é melhor dizermos-lhe já o que se passa.

Contornaram a igreja pela direita e encaminharam-se na direção do apartamento.

— Entretanto, temos até amanhã para decidir se levamos a Sofia à presença do Juiz de Instrução Criminal ou se a libertamos — lembrou Bruno.

Carolina levou as mãos à cabeça, irritada.

— Ainda mais essa.

— Expliquei à perita forense que tínhamos mesmo urgência. Se nos der notícias, talvez consigamos resolver tudo amanhã.

— Só espero que tenhas razão.



Abel estivera o dia todo de pijama em casa e não comia nada desde a

noite anterior. Pela primeira vez em muitos anos, não abriu o restaurante ao público. Arrastara-se do quarto para a sala, e da sala para o quarto, incapaz de ficar parado mais do que uns minutos.

Não conseguia aceitar nem digerir que a sua filha fora detida pela polícia. E, ainda pior, era a aldeia em peso ter visto Sofia ser escoltada pelos inspetores. Abel tinha a certeza de que não se falava de outra coisa no Piódão, por isso é que nem tivera coragem para abrir o Solar. Não queria falar no assunto, e sabia que todos lhe cairiam em cima mal abrisse a porta do estabelecimento.

Espreitou várias vezes pelas janelas, que tinham vista direta para o largo, observando as pessoas agrupadas em círculos, num frenesim, com certeza a conversarem sobre a filha e o porquê de ter sido detida. Ligara a Telmo na noite anterior e contara-lhe o sucedido. O filho ficara em choque e exclamara uma torrente sem-fim de palavras, prometendo que no dia seguinte iria ter com o pai à aldeia.

Abel consultou o relógio da sala pela enésima vez. Eram cinco da tarde e continuava a não haver sinal de Telmo.

— Sacana de merda...

Incapaz de estar quieto, percorreu mais uma vez todas as divisões da casa, atormentado pela imagem de Sofia a ser levada pelos inspetores. Estava cravejada tão fundo na sua cabeça, que jamais se esqueceria.

Eram quase seis da tarde quando ouviu o som da campainha. Espreitou primeiro pelo vidro e, assim que viu Telmo, abriu a porta e fê-lo entrar com rapidez.

— Então, pai.

Não houve qualquer contacto físico entre eles. Abel virou costas e regressou à sala, levando o filho a segui-lo. Telmo tinha o cabelo louro despenteado e largou o blusão no sofá, sentando-se nele. Usava umas calças de fato de treino pretas e uma *T-shirt* de alças cor de vinho.

— É preciso a tua irmã ser presa para te dignares a aparecer — comentou, num tom seco.

— Ando cheio de trabalho.

— Deixa-te de merdas. Se precisasses de dinheiro, vinhas logo a correr a pedinchar.

Telmo exalou, arrependido da visita. O pai recebia-o sempre com aquele discurso.

— Já sabes mais alguma cena da Sofia?

— Ligou-me logo de manhã, tem direito a um telefonema por dia. O

advogado esteve com ela ontem e disse-me que a polícia tem até amanhã para a acusar, caso contrário, são obrigados a soltá-la.

— Ainda bem — disse, aliviado. — Vais ver que é isso que vão fazer.

— Ah, sim? Que garantias tens tu disso, explicas-me?

— Pá, ‘tou a tentar ser positivo.

— E isso serve-me de quê? É com isso do *positivo* que vou abrir o restaurante amanhã e enfrentar esta gente?

— Caga nesta gente! Eles que se lixem. São todos uns santinhos, é? Deviam era ‘tar calados, que também têm telhados de vidro. Olha, a presidentezinha ainda a semana passada foi deixar o carro lá na oficina e depois bancou tudo com o cartão da junta.

Abel sentou-se no outro sofá e passou a mão pela careca. Já antevira na sua mente as perguntas e comentários que lhe iam fazer assim que pusesse o pé fora de casa. Por um lado, não queria, mas, por outro, sabia que continuar fechado em casa não jogava a seu favor. Tinha de sair, enfrentar aquelas pessoas e mostrar-lhes que não estava escondido. A filha ia ser libertada em breve, regressar à aldeia de cabeça erguida, e aí de quem se atrevesse a dizer-lhe alguma coisa. E Telmo até tinha razão no que dissera: todas as pessoas dali tinham telhados de vidro, portanto seria melhor pensarem duas vezes antes de lhe apontarem o dedo.

Telmo pegou no telemóvel e abriu o Instagram, enquanto Abel decidiu ligar a televisão para se tentar abstrair. Permaneceram vários minutos calados, cada um atento ao respetivo ecrã.

— Já sei que remodelaram o barracão da praia fluvial — comentou Telmo.

— Sim, arranjaram o telheiro e puseram janelas novas.

— Há bué tempo que aquilo precisava de umas obras.

— Conseguiram ter tudo pronto antes do verão. Até parece mentira. Passaste por lá agora?

— Não, vim direto para aqui.

Abel desviou a atenção da televisão.

— Então, como é que sabes isso? Só o remodelaram na semana passada e tu não pões cá os pés há mais de um mês.

Telmo estacou e sentiu os olhos do pai fixarem-no.

— Pá... Vi no perfil da Sofia — disse, apontando para o telemóvel. — Acho que ela meteu uma foto do barracão do bar no Instagram há uns dias. Tens aí alguma cena para trincar? Não lanchei, ‘tou com fome.

— Vai à cozinha e procura.

Ele levantou-se e foi até lá, preparando duas sandes com atum e ovo cozido que trouxe para a sala num prato. Ao fim de algumas dentadas, o pai perguntou-lhe:

— A polícia não voltou a falar contigo?

— Népia. Foram mesmo chatos, só a fazer perguntas sobre a altura em que andava na escola com a Gabriela. Ela nem era da minha turma, estava no ano abaixo.

— Estranho.

— Também achei. Para além de que foi há bué tempo, já ninguém se lembra de nada. Nem sei o que jantei ontem — disse, dando mais uma trinca na sandes. — Mas os gajos estavam mesmo interessados em saber coisas dessa fase. Fartaram-se de falar naquele beto que andava com a Gabriela, o Francisco. Lembras-te dele?

— Lembro.

— Sabes o que me disseram? Que o gajo veio viver para Arganil há uns meses.

— E então? — perguntou Abel, com segura.

— Deve ser meu vizinho. Qualquer dia ainda o encontro na rua.

— E então? — repetiu o pai. — Que eu saiba, nunca foste à bola com ele.

— Pois não, o gajo tinha a mania que era melhor que nós, só porque os pais tinham guita. E depois atrofiou-se todo porque eu e a Gabriela íamos juntos para a escola no teu carro.

— Pois.

— Lembras-te se houve alguma cena? Eu contei-lhes que tu e o Raimundo iam pôr-nos e buscar-nos à escola, e eles também ficaram interessados nisso. Mas nunca aconteceu nenhum problema, pois não?

O pai exalou, irritado.

— Não aconteceu nada.

— E não te lembras de alguma coisa de grave que tenha acontecido com ela e o Francisco?

— Posso ouvir a televisão? — berrou Abel, apontando para o ecrã.

— Pá, calma, só ‘tou a comentar contigo o que me disseram.

— A tua irmã está presa! Achas que neste momento quero saber do tipo que engravidou a Gabriela e depois se pôs a andar?!

— Foda-se, ‘tás insuportável. — Telmo levantou-se e foi para a cozinha.

Abel pressionou com brusquidão um botão do comando e o ecrã mudou para um canal de notícias. No entanto, o seu foco estava noutro lado. As letras no rodapé anunciavam uma informação de última hora, mas

não lhe deu a mínima importância. Só conseguia pensar na filha e na reabertura do restaurante. Fechou os olhos por uns instantes e expirou fundo. O dia seguinte ia ser decisivo.



Lucas foi sem vontade servir o jantar ao avô. Decidira que ia levar-lhe o tabuleiro com a comida e depois voltaria para casa. Não queria estar com ele nem conversar. Raimundo agradeceu-lhe e, quando o viu afastar-se em direção à porta, pediu-lhe para esperar.

— Não vás, Lucas. Senta-te aí.

— O que é que queres?

O avô olhou-o com dureza.

— Não falas assim comigo! — Depois abanou a cabeça, suavizando a voz. — Vá lá, filho, fica só um pouco para podermos conversar. Não quero que continues arreliado comigo.

Lucas ponderou durante uns instantes, mas depois acabou por ceder e sentou-se junto do cadeirão de Raimundo. Por ter o braço direito engessado, demorava uma eternidade a comer.

— Sei que ficaste zangado com o que te disse — murmurou o avô. — Mas estou apenas a pensar no que é melhor para ti. A Sofia não tem idade para estar contigo, é muito mais velha.

— Só tem mais três anos do que eu.

— Mesmo assim, tu ainda és um miúdo. Há tantas raparigas na tua escola, porque é que não escolheste uma delas?

— Porque nenhuma me interessa. E eu não escolhi gostar da Sofia. Simplesmente aconteceu, nem eu nem ela temos culpa.

— Ela tem muita culpa. Já é adulta, sabia muito bem que não se devia ter metido com um miúdo.

Lucas suspirou, enervado. Raimundo estava a repetir tudo o que lhe dissera no dia anterior.

— Olha, avô, se queres que as coisas entre nós fiquem bem, vais ter de aceitar o meu namoro com a Sofia. Eu não vou deixar de estar com ela.

— Lucas... Tu não entendes mesmo. Como é que te posso fazer perceber que essa relação não tem futuro? Vocês não têm nada que ver um com o outro e estão em fases da vida muito diferentes.

— Só estás preocupado com o que as pessoas vão dizer.

— Garanto-te que não estou.

— Claro que estás, toda a gente aqui fala da vida uns dos outros! Só se preocupam com as aparências. Mas eu não quero saber das pessoas. Gosto da Sofia e ninguém vai mudar isso. Se queres saber, é muito pior o que tu fazes com a Elsa!

Raimundo fechou os olhos e obrigou-se a respirar fundo para não voltar a levantar a voz ao neto. Não podia estragar a relação com ele, era a única família que restava. Irritou-se sobremaneira ao perceber que se ia justificar com o mesmo argumento que Lucas acabara de utilizar: não escolhera gostar de Elsa, simplesmente acontecera. O que dizer, então? Não tinha forma de refutar a acusação que o neto fizera.

— A situação com a Elsa é totalmente diferente.

— Diferente porque? Por ela ser casada? Ao menos a Sofia estava solteira.

— Não te admito! Eu sou teu avô, exijo respeito!

— ‘Tou farto desta conversa! — respondeu Lucas, levantando-se. — Vou para casa.

— Espera. Ouve... — Raimundo expirou e levou os dedos à testa. Não queria dar o braço a torcer, mas também não queria perpetuar a zanga com o neto. — Vamos falar com calma. Não podemos ficar assim, Lucas, só nos temos um ao outro. Chega aqui...

O neto ficou parado em pé.

— Já te disse a minha condição. Ou aceitas o meu namoro com a Sofia, ou então nada feito.

A resposta do avô demorou. Lucas fartou-se da espera e caminhou, decidido, na direção da porta. Não precisava do apoio dele. Raimundo era teimoso, mas Lucas ainda era mais. Quem estivesse contra aquela relação, não tinha lugar na sua vida.

No momento em que rodou a maçaneta, a voz atrás de si interrompeu-lhe o movimento.

— Tudo bem.

Retirou a mão da porta e voltou-se para o avô. Percebeu pela sua cara que estava furioso.

— Tudo bem, o quê?

— Podes estar com ela.

Para confirmar de forma inequívoca aquilo que acabara de ouvir, Lucas perguntou:

— Aceitas mesmo?

Com muito esforço e contrariedade, Raimundo assentiu com a cabeça. Não era uma afirmação convicta, mas o amor por Lucas sobrepunha-se a tudo o resto. Sempre fora assim, desde que nascera. Não apoiaria aquela relação, apenas toleraria a sua existência. E seria uma tolerância temporária. Assim que recuperasse a mobilidade, faria tudo para pôr fim àquele namoro completamente desadequado.

— Obrigado, avô — disse, regressando ao sofá.

— Fica sabendo que continuo a achar isso um disparate.

Lucas ignorou o comentário. Não lhe importava o que o avô achava, apenas queria que ele não se opusesse. E, com sorte, talvez Raimundo ainda o conseguisse ajudar com uma outra questão...

— Gostava de te pedir uma coisa.

— Mau! Não achas que já me pediste que chegue? O que é?

— Consegues... — O neto hesitou. — Consegues pedir para libertarem a Sofia? Por favor. Fala com algum colega da GNR, devem poder fazer alguma coisa.

— Não posso. Aliás, não consigo. Foi a Polícia Judiciária quem a deteve.

— Mas vocês devem ter contactos uns com os outros, ou não? Vá lá, avô, peço-te...

— As coisas não funcionam assim, Lucas. Já disse que não te vou proibir de veres a Sofia, mas não posso fazer mais do que isso. Não se pode ter tudo, filho.

O rapaz fez um ar desapontado. Tinha esperança de que o cargo que o avô desempenhara na Guarda pudesse facilitar a saída de Sofia. Acabou por se resignar com o facto de ter a tolerância dele para continuar o namoro. Olhou para o tabuleiro no colo do avô, a comida permanecia intocada.

— Queres que volte a aquecer? Já deve estar fria.

Raimundo tocou com um dedo no arroz.

— Sim, vai lá, por favor.

Lucas pegou no prato e levou-o até à cozinha. O avô sorriu, satisfeito com a reconciliação. Desde que Lucas continuasse pacificado com ele, estava disposto a engolir — temporariamente — aquele namoro sem pés nem cabeça.

NO DIA SEGUINTE

Quarta-feira

As nuvens amontoavam-se, formando uma cortina espessa e cinzenta. Chovera durante a noite e a manhã no Piódão começara fria.

Bruno acordara às sete e enchera a chávena, abrindo a porta para a rua. O degrau estava húmido, pelo que bebeu o café em pé, despertando os sentidos e o raciocínio a cada gole. Pequenas gotas de água caíam dos telhados de ardósia, outras escorriam pelas folhas muito verdes das plantas junto às janelas.

Tinham feito uma videochamada com o inspetor-chefe na noite anterior, explicando com detalhe a última hipótese sobre o homicídio de Gabriela. Referiram o pedido urgente feito ao laboratório e explicaram que era fulcral conseguirem um mandado de busca o mais rápido possível. O chefe responsabilizou-se por fazer esse requerimento ao Ministério Público, havendo esperança de que o conseguissem naquela quarta-feira.

Bruno foi buscar mais café e voltou para se encostar à ombreira da porta. As casas de xisto da rua tinham as portadas fechadas e não se ouvia viva-voz. Infelizmente, a tranquilidade que observava naquele momento não tinha capacidade de o contagiar. O coração estava inquieto e o pensamento atormentado, não conseguindo, sequer, desfrutar da bebida quente.

Além do desenvolvimento da investigação, recebera um *e-mail* no dia anterior informando-o de que fora aprovado na primeira fase de seleção da candidatura interna. Marcaram-lhe uma entrevista por videochamada para quinta-feira, mas a convicção de Bruno em mudar de cidade sofrera um abalo. Aceitara na mesma o horário proposto para a entrevista, só que, nesse instante, fora assolado por remorsos. Não sentia que estivesse a

abandonar Carolina. Já começara a aceitar a separação.

A imagem de Lucas continuava a surgir-lhe várias vezes na mente, alertando-o para que esses remorsos talvez estivessem relacionados com ele. Ganhara afeição por aquele miúdo, isso era indiscutível. Via-o desamparado, carente e em sofrimento, e não conseguia ficar indiferente a essa dor. A existência de Lucas, naquele momento, espelhava o mesmo inferno que Bruno atravessara depois da morte dos pais. Sair de Coimbra significava afastar-se mais ainda do miúdo e percebeu que não queria isso.

Terminou o café e voltou para dentro. Enquanto lavava a chávena, Carolina desceu e começou a preparar o pequeno-almoço. Tomaram a refeição sentados à mesa, perspetivando o que fariam assim que tivessem as respostas do laboratório e do inspetor-chefe.

Quando terminaram, cada um se dedicou a folhear a documentação referente ao caso, debruçando-se com atenção sobre os relatórios.

Eram onze e meia quando Bruno fez uma pausa e pousou os papéis. A sensação era de que o relógio estava parado. Sabiam que a qualquer momento os telemóveis poderiam tocar e, apesar de estes não estarem no modo silencioso, não tiravam os olhos deles. Precisavam desesperadamente de notícias do Laboratório e da sede. Enquanto não chegassem, não podiam fazer nada.

Bruno consultou mais uma vez as horas. Onze e trinta e três. Parecia que o tempo não passava.



Almoçaram umas sanduíche de presunto com salada e voltaram a concentrar-se nos documentos da investigação. Bruno estava de volta das transcrições dos *e-mails* de Gabriela na última semana de vida, a vista cansada a obrigá-lo a reler cada frase. Quanto mais lia, menor era a capacidade de concentração.

De súbito, o toque do telemóvel dele irrompeu pela sala do apartamento, fazendo-os saltar.

— Finalmente. Estou? Boa tarde. Sim... Pode dizer.

Carolina viera ter com ele junto ao sofá, ansiando por saber a mensagem do telefonema. O inspetor tinha o rosto sério.

— Muito bem. Entendido. Obrigado.

A ligação chegara ao fim e Carolina depreendeu qual o significado da

expressão pesada dele.

— Confirma-se? — perguntou.

Bruno não conseguiu dizer nada, apenas acenou afirmativamente. A inspetora levou as mãos à cabeça, antevendo o que teriam de fazer a partir dali e o que aquilo iria desencadear naquelas pessoas. A verdade ia tomá-los de assalto sem ter havido sequer um vislumbre de pré-aviso, e a onda de choque e horror espalhar-se-ia pela aldeia com a mesma força e velocidade de um maremoto. Ninguém estava preparado para o que aí vinha. Mas, em boa verdade, jamais alguém estaria preparado para ouvir uma notícia daquelas. Era o tipo de coisa que não se esperava que acontecesse, muito menos num local recatado como o Piódão.

— Logo que recebermos o mandado, vamos até lá.

Bruno foi mudo até ao computador para imprimir a informação que a perita forense lhe enviara. Agrupou as folhas com um clipe e deixou-as ao seu lado no sofá.

Um quarto de hora mais tarde, foi a vez de o telemóvel de Carolina tocar. O inspetor-chefe foi breve na chamada e confirmou o pedido que lhe tinham feito no dia anterior. Perguntou se era necessário enviar reforços, mas a inspetora respondeu que não.

— Temos o mandado — anunciou ela, ao desligar. — Vai enviá-lo agora por *e-mail*.

O documento emitido pelo Ministério Público foi impresso. Pegaram na documentação, em dois pares de luvas de látex e nas armas, deitando um último olhar ao apartamento antes de saírem.

Caminharam lado a lado pelas ruas estreitas, sabiam de cor o percurso. O céu continuava cinzento-escuro, e a qualquer minuto começaria a cair uma carga de água. Inspiraram fundo assim que chegaram à frente da casa e entreolharam-se, certificando-se de que ambos estavam preparados. Carolina pressionou o botão da campainha e aguardaram.

Não aconteceu nada durante uns minutos. Carregaram de novo na campainha, mas ninguém abriu. Começaram a surgir os primeiros sinais de impaciência.

— Talvez não esteja — murmurou a inspetora.

No entanto, mal ela falou, a porta abriu-se. Miguel estava de pijama e tinha um ar estremunhado, como se tivesse acabado de acordar. Pareceu desconfortável com a presença deles. Ou não esperava visitas, ou não esperava que as visitas fossem os inspetores.

— Sim?

— Queremos falar consigo — anunciou Bruno. — Podemos entrar?

Miguel hesitou e olhou para trás, na direção do interior.

— Eu... Estava a descansar. Comecei a ficar maldisposto na visita guiada que fiz há pouco.

— O assunto que queremos discutir consigo é prioritário. Precisamos mesmo de conversar.

— Ouçam, estou de rastos, tomei agora um comprimido e só quero deitar-me. Estou com uma enxaqueca horrível. Não podemos deixar isto para mais tarde?

— Se pudéssemos falar mais tarde, acha que teríamos vindo aqui agora? — disse Carolina.

— O motivo que nos trouxe aqui é muito importante. Podemos? — insistiu o inspetor, apontando para a casa. Naquele instante, ponderou se Gabriela teria ido muitas vezes ali. Sendo o seu único amigo, era provável que sim. Imaginou-a a sair disparada de casa depois das discussões com o filho e o pai, e a refugiar-se na casa de Miguel para desabafar. Que confissões teria ele ouvido, além das angústias de Gabriela sobre o filho?

— Digam rápido, então.

— Podemos falar lá dentro?

Miguel estalou a língua, irritado, e acabou por ceder. Os inspetores seguiram-no para o interior.

Nenhum deles reparou que, segundos antes, Lucas dobrara a esquina daquela rua, detendo-se assim que vira Bruno e Carolina a conversar com Miguel. O miúdo escondera-se atrás de uma casinha térrea e reparara que os inspetores levavam alguns papéis na mão. No instante em que os viu entrar, algo se aquietou dentro de si. Rodou sobre os calcanhares e apressou-se a sair dali.



Meia hora mais tarde, os inspetores saíram com Miguel e puseram-se a caminho. Tinham-lhe dado tempo para trocar de roupa e seguiam lado a lado em silêncio. Quando chegaram ao destino, pararam por um momento e trocaram um olhar, confirmando que todos sabiam o que deveriam fazer. Assim que Bruno e Carolina entrassem naquela casa, Miguel iria até ao edifício ao lado.

Pressionaram a campainha e aguardaram. Miguel tremia dos pés à

cabeça e sentia que não era pela enxaqueca. A conversa que acabara de ter com os inspetores ressoava-lhe de forma insistente na mente, e ainda não fora capaz de assimilar o que lhe tinham dito.

Voltaram a pressionar a campainha e Bruno bateu também na porta. Não ouviam qualquer ruído no interior mas tinham a certeza de que estaria lá alguém. Não poderia ser de outra forma.

Carregaram mais uma vez no interruptor.

Esperaram, mas nada aconteceu.

Voltaram-se para o edifício ao lado. A casa de Gabriela tinha as cortinas das janelas fechadas, mas por baixo da porta viram luz. Bruno pressionou a campainha. Tinha a garganta completamente seca e o coração batia cada vez mais rápido.

Não esperaram muito até a porta se abrir, revelando um par de olhos ansiosos.

— Boa tarde, Lucas — começou o inspetor. — Queremos falar contigo.

O rapaz não disse nada. Tinha os olhos presos em Miguel, como se lhe quisesse fazer alguma coisa.

— Lucas? — chamou Bruno.

Ele estremeceu e fixou-se no inspetor. Ponderou durante uns momentos, mas depois chegou-se para trás e deixou-os entrar. Ficaram os quatro em pé, especados, e Bruno tomou a dianteira na direção da cozinha. Deixou que o miúdo se sentasse à mesa e acenou com a cabeça para Miguel, que fez o mesmo.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Lucas, afastando ligeiramente a cadeira para longe do amigo da mãe. — Eu vi-vos entrar em casa dele com umas folhas. O que era?

Miguel olhou com aflição para os inspetores.

— Antes de te explicarmos, precisamos de saber se o teu avô está sozinho em casa? — questionou Bruno. — Fomos lá agora mas ninguém abriu a porta.

— Sim, acho que sim. Quer dizer... Eu estive lá há bocado e contei-lhe que vos tinha visto em casa do Miguel. Ele ficou um bocado estranho, meio nervoso, e começou a mexer no telemóvel. Mandou-me embora assim à pressa. Acho que estava a ligar à Elsa... Devia querer que fosse ter com ele. Mas se ninguém vos abriu a porta, é porque ela ainda não deve estar lá. O avô não se consegue levantar sozinho.

— Ouviste-o falar com ela?

— Não, ele disse-me para vir para aqui rápido, portanto não ouvi o

telefonema.

— Há quanto tempo foi isso?

— Há pouco mais de vinte minutos.

— Estiveste na sala desde que voltaste aqui para casa? Não viste ninguém passar na rua?

Lucas abanou a cabeça.

— Não, estava aqui na cozinha. Ia lanchar agora.

Percebeu que Bruno e Carolina ficaram desapontados.

— Não viste ninguém aproximar-se da casa do teu avô esta tarde?

— Não. Eu tenho a chave. Querem que vá lá convosco?

Os inspetores trocaram um olhar rápido.

— Dás-me a chave, por favor? — pediu Bruno. — O Miguel fica aqui contigo.

Lucas acedeu. Tirou-a do bolso das calças e entregou-lha. Bruno e Carolina precipitaram-se para a rua e empunharam as armas, aproximando-se da porta da casa de Raimundo. Bruno rodou a chave na fechadura e aguardou antes de abrir. A inspetora fez um aceno com a cabeça, esticou a perna e empurrou a porta com o pé. Apontaram as armas ao interior, que estava às escuras, mas não ouviram nenhum som. Entraram, lentamente, e pressionaram os interruptores no corredor da entrada. As luzes acenderam-se e Bruno avançou, espreitando cautelosamente pela entrada para a sala. A divisão encontrava-se vazia e o cadeirão cor de vinho onde Raimundo se sentava estava derrubado, com as costas no chão.

— Merda. Chegámos tarde demais.

— Despacha-te! — vociferou Raimundo, com o rosto vermelho.

— Tem calma, não vês que isto está pesado? — queixou-se Elsa, que segurava um saco pesado com uma mão e amparava o corpo ferido dele com o outro braço.

Estavam a contornar o largo da aldeia pelo canto junto ao posto de turismo, tentando passar despercebidos, mas todos os que ali estavam naquele momento focaram a sua atenção naquela dupla.

— Olha além, não é o Raimundo?

— É. Parece que vai de braço dado com a mulher do Vicente Rocha.

— Isto vai dar caldinho, ai vai, vai.

— Mas onde é que eles vão com aquela pressa toda? O homem está quase desfeito, mal se aguenta em pé. Se o Vicente o apanha, vai desta para melhor.

— Ela podia pedir ajuda, em vez de carregar sozinha com o Raimundo mais o saco. Ainda se espatifam os dois no chão...

Raimundo telefonara a Elsa com uma ordem muito clara: *Traz as chaves do teu carro e vem IMEDIATAMENTE para cá!*, e ela nem questionara. Pusera-se a caminho com rapidez, assustada com o tom de voz dele. Algo de grave se passara. Elsa nunca o ouvira falar daquela forma. Assim que chegara, ele mandara-a retirar algo que estava escondido debaixo do seu cadeirão e colocá-lo dentro de um saco. O objeto estava envolto num pano escuro com farrapos, e, pelo contorno, parecia ser um objeto de formas retilíneas, uma espécie de caixa. *Não faças perguntas!*, gritara Raimundo, pedindo-lhe a muleta e fazendo sinal para o ajudar a erguer-se do cadeirão. Apoiou o braço esquerdo na muleta e Elsa agarrou-o por baixo do braço

direito, saindo de casa num desequilíbrio vertiginoso. Elsa nem ousou questionar o perigo daquela movimentação. Qualquer um poderia cair no espaço de um segundo, arrastando o outro para o chão.

Raimundo só queria chegar ao carro dela e desaparecer dali quanto antes. Sentia a perna engessada a latejar e as dores eram excruciantes. Não era suposto estar levantado, muito menos a andar àquele ritmo, e o corpo já se estava a ressentir daquele esforço prematuro. O carro de Elsa encontrava-se estacionado a escassos metros do largo, faltava muito pouco para que lá chegassem. Estavam ambos ofegantes e a suar, e Elsa forçou-o a parar por breves instantes.

— O que estás a fazer?! — Berrou Raimundo, tentando puxá-la pelo braço. — Anda!

— Espera... Estou... Não consigo... — disse, a arfar. — Deixa-me só...

— Não podemos esperar. Anda, rápido!

De súbito, ouviram ao longe o ribombar de um trovão e começaram a cair gotas grossas de água.

— Não aguento mais, Raimundo, os meus braços...

— Não sejas piegas, vamos! — Gritou, de rosto vermelho.

— Ao menos, explica-me...

— Não há tempo! Anda!

A chuva intensificou-se e começou a cair em bátegas sobre Elsa e Raimundo, que ficaram encharcados. As pessoas no largo dispersaram e começaram a correr para os restaurantes, a fim de se abrigarem.

— Mas o que se... — recomeçou Elsa, mas foi interrompida.

Nesse momento, ouviram um berro do outro lado da praça, e viram os inspetores a correr de arma em punho na direção deles. Tinham os cabelos colados à nuca e a roupa ensopada, mas avançavam com rapidez, indiferentes à chuva. Raimundo incitou Elsa a continuar, mas ela ficou imóvel, assustada.

— Anda!

Mas ela não se moveu um centímetro. Bruno e Carolina encurtavam cada vez mais a distância entre eles. Raimundo, desesperado, soltou-se de Elsa e tentou fugir na direção do carro.

— Quietos! — Ordenou o inspetor, de longe.

O homem conseguiu dar dois passos atabalhoados, com a perna direita a arder cada vez mais. Franziu o rosto de dor e forçou-se a continuar, mas, assim que avançou com a muleta para dar mais um passo, ela escorregou no piso molhado, fazendo-o perder a força, desequilibrar-se e cair no alcatrão

frio. Os berros agoniantes de Raimundo fizeram-se ouvir por toda a praça. Elsa largara o saco e começara a chorar, tapando a cara com as mãos, horrorizada com o que estava a acontecer. Assustada com o que lhe iria acontecer assim que o marido soubesse.

Bruno e Carolina estavam agora de volta do corpo caído de Raimundo, que sangrava e se contorcia em pequenos espasmos. O rosto estava coberto de arranhões e viram lágrimas sujas escorrer por entre eles. Ligaram para o 112 e receberam instruções para manter o homem deitado e imóvel até à chegada da ambulância.

Elsa aproximou-se a medo. Naquele momento, não sabia se o maior receio era o seu marido ou a possibilidade de ser acusada de alguma coisa pela polícia. O inspetor foi buscar o saco e trouxe-o para junto deles, tentando proteger da chuva o que se encontrava lá dentro.

— O que está aqui?

Elsa abanou a cabeça.

— Não sei... Ele apenas me pediu para pôr isso aí dentro.

Com o coração a martelar contra o peito, Bruno calçou as luvas de látex e retirou o objeto embrulhado no pano escuro, pousando-o no alcatrão. Raimundo continuava a gritar com dores, mas, assim que viu o que o inspetor estava a fazer, começou a gemer de raiva. A impotência e impossibilidade de fugir fizeram-no arfar com mais força e ranger ainda mais os dentes. Bruno destapou o objeto, revelando uma caixa retangular cinzenta e preta. Estava coberta de pó. Retirou o casaco e estendeu-o sobre ela para a proteger da chuva. Depois, rodou-a ligeiramente de forma a que Raimundo a visse.

— É capaz de nos explicar por que razão estava a fugir com a bateria do carro da Gabriela?

Raimundo inspirou fundo várias vezes e obrigou-se a suplantar as dores que se acumulavam pelo corpo todo. Sentia as pedrinhas de alcatrão pressionarem-lhe as costas e a queda fizera com que a pele das mãos e da cara lhe ardesse. Tinha várias feridas em carne viva nessas zonas, com fios de sangue a escorrer. A chuva que caía sobre si era o menor dos incómodos naquele momento.

— Quem lhe disse que essa bateria era do carro dela? — rosnou.

Bruno envolveu de novo a bateria com o pano e guardou-a dentro do saco. Ele e Carolina continuavam de pé, ladeando o corpo deitado de Raimundo.

— Sabe tão bem como nós que vamos conseguir provar num instante que esta bateria foi retirada do *Opel* da Gabriela — afirmou. — Para além de que ninguém foge desta forma, a não ser que tenha algo a esconder.

— Não tenho nada a esconder.

— Pelo contrário, Raimundo. Tem, e muito.

— Não tenho.

Bruno ficou calado a olhar para ele durante vários minutos, conjecturando sobre até quando iria ele continuar a negar. As gotas continuavam a escorrer-lhe pela cara e esfregou os olhos para as afastar.

— A sua relação com a Gabriela estava longe de ser pacífica. De início, atribuímos isso ao desacordo que havia sobre a forma de educar o Lucas, mas descobrimos, também, que se devia ao desprezo e agressividade com que o Raimundo tratara a sua mulher Dulce. A Gabriela ressentia-se dos maus-tratos que a mãe sofrera e, depois de ela morrer, a vossa relação piorou. — O inspetor deteve-se, analisando-o. — Houve um dia em que os

maus-tratos não se ficaram apenas pela sua esposa. Estou certo?

Naquele momento, Raimundo não mexia um único músculo da cara. O olhar adquirira uma frieza cortante.

— Porque é que a sua filha, depois de estar com o Francisco, nunca mais se envolveu com outras pessoas? Nunca voltou a namorar... É muito estranho. Sobretudo, considerando que era nova. Não acredito que não tenha havido outros pretendentes depois dele.

— Ela desligou-se dessas coisas dos namoros. Só queria saber do trabalho e do filho.

— E porque é que ela se *desligou dessas coisas dos namoros*? Porque é que o único homem com quem ela se conseguia relacionar de perto é homossexual? — Bruno fez uma pausa e agachou-se, aproximando-se do rosto de Raimundo. — Porque é que o Lucas tem tantas parecenças físicas consigo, e nenhuma com a Gabriela? — O inspetor fez silêncio outra vez e viu-o ficar de olhos húmidos. Não era a chuva, eram novamente lágrimas. E o que estava na sua origem não eram as dores no corpo. — Porque é que a Gabriela nem sequer conseguia chamar-lhe pai?

O lábio inferior de Raimundo tremia. Estava incapaz de articular palavras com voz sustentada, evadira-se qualquer resquício de firmeza.

— Eu respondo por si — disse Bruno. — Você abusou sexualmente da sua filha quando ela tinha dezasseis anos, e engravidou-a. O Lucas é seu filho.

As lágrimas soltaram-se e desabaram de novo pela cara de Raimundo, que fazia um esforço sobre-humano para controlar os soluços. O ar pesava sobre eles, cobertos pelo manto penoso daquela verdade cruel, revoltante. Entre a indignação por haver um pai capaz de fazer uma atrocidade daquelas à própria filha, e o aperto no coração ao imaginar a tormenta pela qual Gabriela passara, os inspetores não identificavam o que os corroía mais por dentro.

— Aproveitou-se da autoridade que o seu cargo na GNR lhe conferia para abafar o que se passara. Não tenho dúvidas de que intimidou a sua filha a ponto de a deixar incapaz de revelar a verdade a alguém. Nem sequer ao melhor amigo ela foi capaz de contar. Por sua causa, o Francisco achou que a Gabriela o traía e abandonou-a. Não só a violentou física e sexualmente, como deixou que toda esta gente achasse que a sua filha tinha sido infiel ao namorado e irresponsável — disse Bruno. — Você é miserável. O que fez à sua filha é monstruoso.

— Só conseguimos imaginar a vergonha e o medo com que a Gabriela

ficou ao perceber que engravidara. Daí ter-se afastado de todos. Nem ao Miguel conseguiu dizer o que acontecera — comentou Carolina. — Mas afirmou sempre, sempre, que não traía o Francisco. E era verdade.

— Por ser tão religiosa, a sua mulher não permitiu que a Gabriela abortasse, e a gravidez seguiu em frente. A sua filha escondeu a verdade do Lucas durante toda a vida, afirmando que o pai dele a abandonara. Um gesto de proteção notável em relação ao filho. A ligação entre si e o miúdo era enorme, e tenho a certeza de que a Gabriela quis poupar o Lucas ao desgosto de saber que o avô violara-lhe a mãe.

Raimundo continuava de cara molhada e olhos raiados de sangue.

— Mas os anos passaram, o Lucas cresceu e começou a sentir mais curiosidade sobre o pai. As perguntas sucediam-se e a Gabriela cada vez tinha menos capacidade para perpetuar aquela mentira. Acredito que também não fosse fácil ver o Lucas a adorar e idolatrar o homem que a violou. Enquanto ela, que fazia tudo pelo filho, não era valorizada. — Bruno fez uma pausa antes de prosseguir. — Acho que a Gabriela atingiu o limite na semana antes do acidente. Dezasseis anos de mágoa e mentira deram cabo dela. Entre as discussões em que você se metia, desautorizando-a em frente ao Lucas, e a descoberta da relação com a Sofia, tudo isto esgotou a Gabriela. Além disto, a presidente da junta obrigou-a a discursar sobre si na cerimónia de homenagem que teria lugar no verão. Acredito que a gota de água tenha sido esta imposição de fazer a Gabriela elogiar publicamente o homem que abusara sexualmente dela. Decidiu que não ia ficar mais calada e que ia fazê-lo pagar pelo que lhe fizera.

— Na segunda-feira, contactou o advogado em Arganil, que nos disse que ela estava aflita e muito nervosa. Sabia que, ao fazer queixa contra si, a vida dela e a do filho seriam totalmente devassadas. Não ia ser um processo fácil nem suave, mas decidiu marcar uma reunião com ele para o dia seguinte — disse a inspetora.

Um clarão preencheu o céu cinzento naquele momento, e pouco depois ouviu-se mais um trovão. O som começou por ser um murmúrio grave, mas rapidamente rasgou o ar e ecoou durante vários segundos. A tempestade aproximava-se a passos largos da aldeia.

— O Raimundo terá sabido disto e percebeu que tinha de agir o quanto antes. Estava muita coisa em jogo. Planeou sabotar o carro dela, mas depois deve ter pensado que era muito melhor se conseguisse dar a entender que era você a vítima pretendida. Então, na noite de segunda,

cortou o tubo de óleo dos travões do seu próprio carro e retirou a bateria do *Opel* da Gabriela. Sabia que o carro não ia pegar e que o mais provável seria ela pedir-lhe o *Peugeot* emprestado. Foi o que aconteceu, como sabemos. A Gabriela seguiu no seu carro e despistou-se numa das primeiras curvas, morrendo com o impacto da queda. Tal como o Raimundo previra, a investigação começou a ser feita em torno de si, incidindo sobre quem queria vê-lo morto — continuou Bruno. — Mas, aqui, a vida encarregou-se de fazer alguma justiça. Na manhã do acidente, você caiu na rua, ficando imobilizado. Por um lado, aproveitou isso a seu favor, deixando no ar a impressão de que alguém o tinha empurrado e que corria mesmo perigo. Por outro, prejudicou-o em grande medida, porque impediu-o de voltar a pôr a bateria no carro da Gabriela. Para o seu plano funcionar e continuarmos a acreditar que ela morrera por engano, a bateria do *Opel* teria de ser reposta o quanto antes. Você foi GNR, sabe muito bem como se processam estes casos, e calculou que alguém poderia mandar fazer uma peritagem ao carro da Gabriela, para perceber por que motivo não pegara. Ao voltar a pôr a bateria, garantia que, quando avaliassem o *Opel*, não encontrariam uma causa humana para o carro não ter pegado, continuando a acreditar que o alvo do assassino era o Raimundo.

— Considerámos um grande descuido o facto de o assassino não ter repostado logo a bateria do *Opel* — comentou Carolina. — Tivera tempo para o fazer, desde a terça-feira em que morreu a Gabriela. Nós chegámos à aldeia na quinta e o carro dela foi rebocado nesse dia. Portanto, por que motivo não tinham voltado a colocar a bateria?

— Então, percebemos que a única justificação para isso seria a pessoa estar imobilizada fisicamente. E quem era a única pessoa perto da Gabriela que estava nessa condição? O Raimundo. De perna e braço partidos, apenas conseguindo movimentar-se com ajuda. Acredito que tivesse planeado pôr a bateria no *Opel* na própria terça à noite, mas a sua queda nessa manhã estragou tudo. Até poderia pôr alguém a fazer isso por si, mas seria um risco enorme. Como justificaria esse pedido à pessoa sem levantar suspeitas?

— Outro detalhe que nos chamou à atenção foi o facto de, na altura em que a Gabriela engravidou, você não ter exigido ao namorado dela que fizesse um teste de paternidade. Ainda por cima, trabalhando numa força de segurança, o Raimundo conseguiria muito facilmente mover um processo e exigir que o Francisco assumisse a paternidade da criança. Você foi ter com ele e deu-lhe uma sova, como se o rapaz estivesse a fugir à

responsabilidade, no entanto sabia muito bem que o Francisco não era o pai daquele bebé. Mas era essencial que todos acreditassem que o pai era ele. Se o Francisco fizesse o teste, daria negativo, e aí começariam a questionar: *quem é, então?* Obviamente que o Raimundo queria tudo menos isso. Se se descobrisse que tinha abusado sexualmente da sua filha, seria preso e, lá dentro, dificilmente sobreviveria. Sabe muito bem o que lhe fariam assim que soubessem o motivo da sua condenação. Ainda por cima, sendo militar. Isto, claro, se as pessoas da aldeia não fizessem justiça pelas próprias mãos primeiro — apontou a inspetora.

— Disseram-nos que, na manhã do acidente, quando o Raimundo caiu e o levaram para o posto médico, fartou-se de insistir para que não o encaminhassem para o hospital. Não era por não querer dar parte fraca, mas sim porque precisava de ficar na aldeia e repor a bateria do *Opel* o quanto antes. Coisa que não conseguiu, como já referimos. — Bruno pegou na folha que imprimira e virou-a para que ele conseguisse ler o conteúdo. As gotas começaram a humedecer o papel. — Foi feita uma comparação entre os vossos ADN e confirmámos a nossa suspeita. O resultado do teste de paternidade deu uma probabilidade de noventa e nove vírgula nove por cento, confirmando que o Raimundo é o pai biológico do Lucas.

Ele observou o relatório que o inspetor segurava e fechou os olhos, fazendo as lágrimas correr em direção ao vazio. Fisicamente, não tinha qualquer hipótese de reagir ou retaliar. Queria refutar e desfazer as afirmações dos inspetores, mas as capacidades cognitivas e emocionais estavam reduzidas a destroços. A memória do percurso na Guarda fê-lo optar pelo silêncio, que sabia que não o iria beneficiar, mas, pelo menos, também não o prejudicaria mais. Não piorar já era uma vitória.

Bruno guardou o documento e inspirou fundo, olhando-o de cima. Aquela figura espelhava fragilidade em todos os membros do corpo. No entanto, era a figura de um homem que abusara sexualmente da filha e, anos depois, a matara. Não havia lugar para qualquer espécie de pena, compaixão ou atenuante.

Raimundo estendeu o braço na direção de Elsa, que o ignorou e desapareceu pelo largo na direção de casa. Ao longe, chegou-lhes o som contínuo da sirene da ambulância.

— Raimundo Tavares — disse o inspetor, com a voz grave. — Está detido por abuso sexual e homicídio da sua filha, Gabriela Tavares.

Agosto de 2006

Raimundo levantou-se do sofá para ir buscar mais uma garrafa. A noite ia longa e o calor aumentara-lhe a sede, levando-o a encher copo atrás de copo. Os cubos de gelo que pusera na taça já tinham derretido, tendo bebido as últimas doses de *whisky* sem o prazer do líquido fresco.

Assim que se ergueu, ficou ligeiramente zozinho, apoiando a mão na parede para recuperar o equilíbrio. Foi até à cozinha ao armário onde guardava o álcool, e reparou que estava vazio. A primeira reação foi de espanto, tinha a certeza de que ainda haveria uma ou duas garrafas de *whisky*. Esticou o braço e bateu, na esperança de que estivessem encostadas ao fundo do armário, mas nada.

— Merda! — praguejou, atirando com a porta do armário. A maçaneta de madeira soltou-se com a força do movimento e caiu no chão. Raimundo deu-lhe um pontapé e a peça foi embater na parede.

Tudo correria mal naquele dia. Estava de férias, mas fora chamado de urgência ao Posto da GNR para colmatar a ausência de dois militares feridos numa operação de detenção. Apenas conseguira voltar para a aldeia pelas dez da noite, falhando o jantar que combinara com amigos. As festas de verão do Piódão decorriam nessa semana e fora um tormento para conseguir estacionar o carro, o único cantinho disponível ficava a dez minutos a pé.

Chegara ao largo cansado, irritado e a transpirar por todos os poros. A praça estava cheia e animada, com várias bancas de comida e música popular portuguesa a ecoar por cima das conversas. Havia um cheiro a carne grelhada no ar e Raimundo furou por entre as pessoas com brusquidão, só queria entrar em casa o mais rápido possível e tomar banho.

Nem Dulce nem Gabriela estavam lá quando chegou. A mulher decidira visitar a irmã que vivia em Serpa, no Alentejo, deixando-o sozinho com a filha durante o mês todo de agosto. A recordação da ousadia de Dulce fizera-o cerrar as mãos e pontapear a perna da mesa da cozinha.

— Cabra nojenta... Sei muito bem o que foste lá fazer...

Raimundo não acreditava nem por um momento que o motivo da estadia de um mês em Serpa fosse as saudades da irmã. Dulce não gostava assim tanto dela. Apenas fora para lá porque estava embeijada pelo vizinho da irmã, um tipo ligeiramente mais novo que enviudara anos antes. Raimundo percebera tudo no Natal anterior, aquando da ida ao Alentejo. Tinham-se cruzado à chegada à casa da irmã e o homem metera conversa. Cumprimentara Dulce com um beijo na mão, armado em finório. Raimundo fizera questão de lhe apertar a mão com força e ficara agradado ao ver o outro contorcer ligeiramente o rosto de dor. Nos dias seguintes, encontravam-se constantemente, parecia que ele adivinhava sempre o horário em que Dulce e Raimundo saíam e voltavam para casa. A mulher desfazia-se em sorrisos e corava, como uma rapariguinha adolescente e idiota. A cortejar outra pessoa, como se não tivesse marido... Ele não iria deixar passar isso em branco. Seduzir outro homem à sua frente era inaceitável e teria uma consequência. Enquanto estivessem em Serpa não lhe tocaria com um dedo, mas, assim que voltassem para o Piódão, ia dar-lhe uma sova das antigas, daquelas que deixavam marcas. Para que Dulce não se esquecesse.

No dia em que regressaram à aldeia, Raimundo cumpriu o que prometera a si mesmo. Nem dera tempo à mulher para desfazer as malas. Retirara o cinto mal entraram em casa e açoitara-a sem parar no chão da sala, perante Gabriela, que se encolhia a um canto e chorava compulsivamente. Tinha apenas quinze anos, mas era da maneira que aprendia rapidamente que as mulheres tinham a obrigação de respeitar o marido. E que havia consequências quando não o faziam. Não explicou o motivo do castigo. Dulce sabia muito bem o que estava na sua origem. Dessa vez, Raimundo só parou quando viu um fio de sangue escorrer pela boca dela. Segurou o cinto com as duas mãos e esticou-o, satisfeito. Se sangrava, é porque a lição estava aprendida. A sorte dela é que Raimundo estava cansado e queria dormir, caso contrário ainda a teria obrigado a satisfazê-lo.

Dulce tinha de ser lembrada regularmente de quem mandava ali em casa. Era a única maneira de a manter na linha. Raimundo não admitia que

lhe desobedecessem ou lhe faltassem ao respeito, nem na família nem no trabalho. Tinha um prazer especial ao ouvir a forma reverente, quase submissa, como alguns camaradas falavam com ele no posto, sobretudo os mais novos. Satisfazia-se quando passava por eles e as conversas cessavam. Sabia que era admirado pelos colegas, mas, acima de tudo, o que o deixava orgulhoso era a consciência de que era temido. A melhor forma de demonstrar a superioridade de um homem era através do medo que conseguia impor aos outros. E Raimundo conseguia isso sem pestanejar.

Os pensamentos voltaram ao presente. Aquele agosto estava a ser irritantemente quente. Abriu o frigorífico na esperança de encontrar mais álcool, nem que fosse o vinho de pacote que Dulce utilizava em cozinhados, mas não havia. Aquela cabra... Fora-se embora mesmo sem ele a autorizar e nem sequer lhe deixara uma porra de um vinho. Bateu com a porta do frigorífico e voltou à sala, deixando-se cair no sofá com uma perna esticada em cima dele.

— Vais ver o que te espera quando voltares...

Raimundo proibira-a de ir, mas Dulce fora teimosa e matraqueara-lhe a cabeça durante vários dias a insistir que queria visitar a irmã. Devia ter-lhe feito queixas, porque a cunhada telefonara-lhe entretanto a fazer-se de coitadinha, que estava muito sozinha e precisava de companhia, e que a estadia tinha de ser de um mês porque quase não se viam durante o ano. Raimundo mandara-a para um determinado sítio e desligara-lhe o telefone na cara. De seguida, encostara Dulce à parede e dissera, enquanto lhe apertava o pescoço:

— Sei muito bem o que queres ir fazer a Serpa e estás proibida de ir. Nem te atrevas a voltar a falar neste assunto.

Dulce contorcia-se e as lágrimas desciam-lhe pela cara, que começava a adquirir um tom avermelhado. Quando o marido a largara, caíra no chão de joelhos e a arfar, aflita, a tentar recuperar a respiração.

Raimundo ficara certo de que a mensagem tinha ficado esclarecida.

Qual não fora o seu espanto quando, no primeiro dia de agosto, acordara e dera por si sozinho na cama. De início, pensara que a mulher já se levantara e estaria a preparar o pequeno-almoço. Mas assim que descera e não a vira, tivera um pressentimento. De novo no quarto, abrira as gavetas e reparara que faltavam várias peças de roupa de Dulce. Quando percebera que a mala e os documentos dela também não estavam por ali, dera um berro que fizera a casa tremer. Os dentes rangeram de raiva e pontapeara o armário castanho de tal forma, que as dobradiças tinham

cedido e a porta caíra.

A recordação fê-lo saltar do sofá. A velocidade com que o fizera, aliada ao álcool que ingerira, levaram-no a sofrer uma tontura e perder o equilíbrio, acabando no chão.

— Merda!

A cabeça latejava e Raimundo gemeu ao erguer o corpo. Os joelhos e os braços doíam, mas conseguiu caminhar pela sala. O movimento aliviou ligeiramente as dores. Cabra da Dulce... Era por causa dela que estava naquele estado. Naquele momento devia andar lá por Serpa a meter-se debaixo do outro filho da puta... Como é que ela tivera coragem de lhe desobedecer e ir para lá na mesma?! Deitar-se com outro homem e entregar-se a ele, e ainda tentar fazê-lo de parvo! A ele, Raimundo! Como se isso fosse possível. Ainda estava para nascer quem o conseguisse tomar por parvo. Dulce ia arrepender-se de uma forma que nem imaginava. Ia implorar a Deus para reverter o tempo e voltar atrás na escolha que fizera. Não ia ser apenas o corpo dela que seria castigado. Porque o corpo, mais semana, menos semana, recuperava sempre das sovas. Não. Desta vez, para além do castigo físico, Dulce ia sofrer um tormento do qual nunca conseguiria recuperar. Uma dor que a destruiria por dentro e tornaria o resto dos seus dias num inferno.

Ergueu o olhar na direção do piso superior. Gabriela chegara há meia hora e murmurara apenas um som como cumprimento, subindo de imediato para o quarto. Raimundo começou a subir os degraus de pedra lentamente, apoiando o braço na parede para se equilibrar. O ideal era Dulce estar ali para assistir... A imagem de Gabriela ficar-lhe-ia cravada na memória com muito mais nitidez. Paciência. Talvez imaginar o que a filha teria passado fosse mais poderoso do que assistir ao vivo. Mais doloroso. Surgiriam muito mais hipóteses na sua cabeça e cada uma seria mais agonizante do que a outra.

Chegou à porta do quarto e deteve-se com a mão na maçaneta. Não ouviu qualquer som no interior, pelo que calculou que Gabriela já estivesse a dormir. Melhor assim. Mais fácil de a imobilizar. Soltou um soluço e o sabor amargo do *whisky* regressou à boca por instantes. Levou a mão até às calças e esfregou-a para cima e para baixo, avolumando-se com o movimento. Há vários dias que não se satisfazia e o órgão endureceu rapidamente. Rodou a maçaneta e empurrou a porta devagar, fechando-a atrás de si. O quarto estava na penumbra e Raimundo tateou à procura da fechadura. Assim que identificou a chave, girou-a, trancando a porta.

Aproximou-se da cama e a respiração regular confirmou-lhe que Gabriela dormia. A cabeça continuava a latejar e o corpo oscilava ligeiramente enquanto esperava que os olhos se habituassem à pouca luz na divisão. Recuperou o pensamento que o levara até ao quarto da filha. Dulce a escapar-se durante a noite para conseguir fugir para o Alentejo. Como fora possível ele não se ter precavido em relação àquilo? Porque nunca supusera que a mulher lhe desobedecesse. E isso ainda o enervava mais. Subestimara Dulce. Ela não se teria atrevido a fugir a meio da noite se o motivo fosse apenas visitar a irmã. Não correria um risco tão grande por ela, isso era certo. Só o fizera porque se queria meter debaixo daquele homem. Filhos da puta... Raimundo imaginou-os agarrados um ao outro e a raiva perfurou cada milímetro da sua carne. As mãos fecharam-se e cravou as unhas na pele, abafando um berro. A respiração acelerou e tornou-se ruidosa. Gabriela rodou o corpo debaixo do lençol fino e continuou a dormir profundamente. O pai estava junto à cama mas a única coisa que via era a imagem da mulher na cama com o outro homem. Aquela era a maneira certa de castigar Dulce. Era exatamente o que ela merecia.

— Cabra nojenta... — rosnou, entredentes.

O coração disparara e parecia querer sair-lhe do peito. A mão tocou no meio das pernas e estimulou-o mais uma vez até ficar duro. Nesse momento, Raimundo pegou no lençol fino que cobria a filha atirou-o para trás com força. Gabriela despertou, estremunhada, e levou uns segundos a adaptar a visão, mas nem teve tempo para se conseguir aperceber do que estava a acontecer. Houve uma mão a tapar-lhe a boca com força e sentiu o peso de alguém mais forte deitado em cima de si. Um bafo a álcool impregnou-lhe as narinas e esbracejou para se tentar soltar, mas sem sucesso. Raimundo era bastante mais alto e mais pesado do que ela. O corpo dele impulsionava-se para a frente para trás e ela gemeu de horror ao sentir a mão áspera do pai a mexer-lhe no meio das pernas. Fez uma última tentativa para se libertar e sair de baixo de Raimundo, mas ele ergueu a mão e assentou-lhe uma chapada na cara.

— Quieta!

As lágrimas desceram-lhe a ferver pelo rosto e o pai voltou a tapar-lhe a boca. A última coisa de que Gabriela teve consciência foi de tentar gritar quando sentiu a invasão ao seu corpo.

NO DIA SEGUINTE

Quinta-feira

A detenção de Raimundo na tarde anterior pusera Piódão num alvoroço. A revelação da verdade sobre a morte de Gabriela abatera-se sobre todos os habitantes, deixando-os horrorizados.

Carolina seguira na ambulância com Raimundo, enquanto Bruno se juntara a Miguel para conversarem com Lucas sobre o sucedido. O inspetor fizera um esforço inimaginável para falar com calma e escolher as palavras mais adequadas para comunicar o que se passava. Hesitara e ponderara cada frase, mas como é que alguém conseguiria suavizar uma monstruosidade daquelas? Mentalizou-se que o embate seria duro e que não haveria forma de o evitar.

Lucas ficara petrificado, não falando nem se mexendo. Quase parecia não ter ouvido a explicação de Bruno. Quando o inspetor se sentara do lado dele e repetira tudo numa voz serena, o rapaz olhara-o nos olhos e desatara a chorar compulsivamente. Bruno pusera-lhe o braço à volta dos ombros, e assim ficaram durante minutos até Lucas conseguir estabilizar a respiração. Miguel garantira que ficaria ali com ele, e Bruno deixou-os.

Raimundo fora direto para o hospital. Depois de ser observado pelo médico e feitos os curativos necessários, levaram-no para um quarto privado, onde ficaram dois agentes da PSP de guarda.

Ainda na noite anterior, ao fim de uma longa conversa com o inspetor-chefe, ficara decidido que não iam acusar Sofia e que a libertariam ainda nesse dia. Pesara na decisão o argumento de que seria uma forma de proteger Lucas, minimizando um pouco a calamidade que rebentaria mal a comunicação social soubesse da prisão de Raimundo e do que motivara o homicídio de Gabriela.

Nessa manhã, os inspetores foram ter com o assassino ao hospital. Raimundo estava deitado, com a perna direita engessada e erguida, o braço direito igualmente engessado, e várias ligaduras no rosto, nas mãos e no pescoço. Tinha círculos escuros à volta dos olhos azuis e vários pelos brancos no queixo. O rosto estava mais magro e a pele vincada fazia parecer que envelhecera bastante nas últimas horas. O olhar já não espelhava frieza, mas sim um vazio profundo.

Bruno pediu-lhe para descrever os dias antes do homicídio e quais tinham sido as interações com Gabriela. Raimundo estava fixado num qualquer ponto da parede e parecia nem ter ouvido o inspetor. Este esperou mais um pouco e, quando se preparava para repetir o pedido, Raimundo começou a falar bastante baixo e lentamente.

— Na segunda-feira ao fim da tarde, ouvi a Gabriela e o Lucas a discutirem, algo que se tornara recorrente. Fui até lá e percebi que estava bastante alterada. Ultimamente, depois de algumas discussões que tivemos por causa do miúdo, ela ameaçou que iria falar com um advogado para apresentar queixa contra mim. Fiquei com medo. Nestes anos todos, a Gabriela nunca fizera tentações de desenterrar aquele assunto. De repente, já era a segunda vez que fazia uma ameaça daquelas. Conheço-a, sei que não era da boca para fora. Se ela dizia que ia apresentar queixa, é porque ia mesmo.

— Como soube do telefonema dela para o advogado? — inquiriu Bruno.

— Na segunda de manhã, ela deixou a junta e foi a casa. Eu estava a sair e encontrei-a à porta, ela assustou-se quando me viu. Perguntei-

-lhe se estava tudo bem e ela começou a gaguejar, acabou por dizer que tinha vindo buscar algo para comer. Percebi de imediato que me estava a mentir e, pelo salto que deu quando me viu, fiquei desconfiado de que havia ali alguma coisa. Ela entrou e eu voltei à minha casa. Há uma parede em comum, mal isolada, através da qual se consegue ouvir o que se passa no outro lado. Não é muito claro o som, mas é suficiente. Percebi que estava a fazer uma chamada e ouvi-a perguntar qualquer coisa sobre como apresentar uma queixa, e se deveria fazê-lo na polícia ou num tribunal. Não precisei de pensar muito para perceber o que estava a acontecer. A certa altura, ficou calada durante um tempo, mas depois ouvi-a dizer que no dia seguinte estaria lá logo às nove da manhã.

Houve um momento de pausa em que ele fechou os olhos, cansado.

— Nessa noite, quando os ouvi a discutir e fui lá, a Gabriela disse ao Lucas que no dia seguinte iam ter uma conversa muito séria. Ela falou com

os olhos postos em mim, e percebi que lhe ia contar sobre... — Raimundo calou-se. Engoliu em seco e depois continuou. — Não podia passar daquela noite. Não podia deixá-la falar com ninguém sobre aquilo.

— Foi aí que decidiu cortar o tubo de óleo dos travões.

— Sim.

— E fez questão de ir ao Solar do Abel e dizer, para que todos ouvissem, que sairia de manhã cedo no dia seguinte para uma consulta, sustentando a teoria de que alguém aproveitara essa oportunidade para lhe sabotar o carro — disse Bruno. O plano revelava inteligência e antecipação, bem como o conhecimento de como se processava uma investigação policial. — Várias pessoas o ouviram e ficaram a saber que utilizaria o carro na manhã seguinte, constituindo uma possibilidade muito forte para apresentar à polícia assim que investigassem quem teria meios e conhecimentos para o matar.

Raimundo remeteu-se ao silêncio por longos minutos. Voltou a fechar várias vezes os olhos e parecia estar com dificuldade em inspirar.

— Se a Gabriela falasse, eu perdia tudo — murmurou, em voz baixa. — O Lucas, a Elsa...

Os olhos ficaram brilhantes e duas lágrimas grossas escorreram-lhe pelo rosto. Raimundo perdera, de facto, tudo. Lucas dissera que nunca mais o queria ver e Elsa recusara-se a falar com ele, afirmando que nunca mais lhe dirigiria a palavra. O choro dele surgia da consciência de que nunca mais estaria com eles, as únicas pessoas que amara. O que mais lhe doía e perfurava o coração era isso. Havia arrependimento, mas não pelo mal que fizera a Gabriela. Arrependia-se, sim, mas porque essas ações tinham afastado de forma irreversível as duas únicas pessoas de quem gostara, as únicas por quem fora capaz de sentir afeto. E, por isso, sentia uma raiva excruciante de Dulce. Se a mulher não tivesse fugido para o Alentejo naquele verão dezassete anos antes, nada daquilo teria acontecido. A culpa fora toda dela.

Ao final da manhã, Bruno foi para uma sala de reuniões a fim de proceder à entrevista da segunda fase do concurso interno. Levou o computador e auriculares e esqueceu, por momentos, tudo o que acontecera nas últimas vinte e quatro horas, concentrando-se nas perguntas. Estavam duas pessoas do outro lado: um elemento dos recursos humanos e a inspetora-chefe daquela brigada de homicídios.

Começaram por fazer perguntas técnicas, sobre procedimentos, e depois apresentaram três situações diferentes e pediram-lhe que explicasse de que forma procederia em cada uma delas. Bruno respondeu de forma ponderada, mas com assertividade. Apesar da expressão dos entrevistadores se ter mantido neutra o tempo todo, sentiu-se satisfeito com o desempenho. No final, pediram-lhe para falar sobre o seu percurso, desde que entrara na Polícia Judiciária em Lisboa até à transferência para Coimbra. Calculou que a pergunta não era inocente e que talvez pretendessem ouvir detalhes sobre o caso do Teatro da Passagem, que ocorrera no ano anterior, mas Bruno abreviou a explicação o máximo que conseguiu.

Ao fim de uma hora, deram a entrevista por concluída e prometeram dar-lhe uma resposta o mais brevemente possível, dado que, se ficasse selecionado, precisaria de alguns dias para tratar da mudança de cidade.

Depois de almoço, Bruno e Carolina foram ao Piódão para buscar os seus pertences. A investigação estava concluída e era tempo de regressarem em definitivo a Coimbra. Arrumaram as malas num ápice e ligaram a Rita, de forma a poderem entregar-lhe a chave do apartamento.

— Foi um gosto conhecê-los — disse, com os canudos louros a oscilar,

assim que chegou. Virava a cabeça para um e para outro, e havia uma comoção evidente no olhar. — Estou ainda em choque com isto do Raimundo. Estou? Estamos... Esta aldeia não vai voltar a ser a mesma depois disto. Como é que ele foi capaz de... — As palavras morreram-lhe na garganta.

Os inspetores esperaram uns segundos até ela se recompor.

— O Piódão não é o Raimundo — disse Bruno. — Há muita gente boa por aqui e é disso que se devem lembrar.

— Mas é tão terrível o que aconteceu. Como é que cabe tanta maldade dentro de uma pessoa? Ela era filha dele! A própria filha...

Nem Bruno nem Carolina conseguiram responder. A maldade não lhes era desconhecida, a crueldade também não. No cumprimento das suas funções conviviam diariamente com ambas. Tinham aprendido a distanciar-se emocionalmente delas, por uma questão de sobrevivência, mas havia momentos em que não conseguiam fazê-lo. Era essencial para a sua sanidade construírem uma barreira que lhes permitisse encarar com naturalidade homicídios, agressões ou violações. O dia a dia pautava-se pela resolução de ocorrências desse tipo, pelo que seria insustentável ficarem impressionados de cada vez que se confrontavam com um crime.

— Temos de ir — anunciou Carolina.

Rita ergueu o dedo indicador e estacou, de boca entreaberta.

— Desculpe. Gostava de trocar umas palavras consigo, inspetor. Se for possível... — acrescentou, hesitante. — Prometo que serei rápida.

Carolina agarrou na mala com brusquidão e foi até à porta.

— Estou lá fora à espera. Não demores.

Rita deixou a inspetora sair do apartamento e retorceu as mãos uma na outra, pensando na melhor forma de expor o assunto. Bruno pigarreou, baixinho, e cruzou os braços. Queria apressar aquela conversa, mas não pelo facto de Carolina estar à sua espera. Ainda iam falar com outras pessoas antes de deixar a aldeia.

— Precisa de alguma ajuda?

— Não, inspetor. Quer dizer... Sim — disse, esboçando um sorriso nervoso. — Não sei bem por onde começar, não quero ser mal interpretada.

— Fale à vontade.

— Acho que lhe devo um pedido de desculpa. A si e à sua colega. Percebi que as minhas visitas nem sempre foram bem-vindas. Não quis ser intrometida, apenas quis ser prestável.

— Não se preocupe. Está tudo bem — descansou-a Bruno. Pegou no

puxador da mala e pigarreou mais uma vez, impulsionando o corpo para a frente.

— Espere. Não era só isto que lhe queria dizer.

Bruno aguardou que ela prosseguisse, mas Rita estava de cabeça baixa e não articulava nenhum som.

— Tem algo que ver com a morte da Gabriela?

— Não, não. Bem, um pouco. Mas não diretamente.

— Então? Fale à vontade — repetiu o inspetor.

— Sei que talvez tenha sido insistente com as minhas visitas, mas não foi por mal. Na verdade, eu apenas queria fazer-lhe um convite. E não sabia bem se devia... Ou como fazê-lo. Por estarem a investigar a morte da Gabriela, achei que poderia ser mal interpretada.

O inspetor franziu ligeiramente o olhar.

— Um convite?

— Sim.

Como Rita não prosseguiu, Bruno viu-se obrigado a perguntar:

— Que convite?

— Eu tenho um podcast chamado *Conversas à Braz*, em que entrevisto pessoas sobre o seu trabalho e os seus triunfos na vida. São conversas sobre histórias de sucesso, e tento sempre que as experiências dos convidados inspirem e motivem quem nos ouve. Comecei-o há três anos, na altura da pandemia, e tenho conversado com algumas pessoas importantes, mas ainda não tive assim ninguém muito conhecido. Mande mensagens a atores e apresentadores nas redes sociais, mas, como vivo aqui neste cantinho, eles não ficaram muito interessados em ser entrevistados. Quando o vi aqui na aldeia, reconheci-o por causa daquelas notícias do crime no teatro, e pensei que seria bom entrevistá-lo. — Rita aguardou uns instantes, mas Bruno não disse nada. — Achei que talvez não lhe apetecesse falar sobre o assunto, ou que pudesse achar que eu estava a usar a entrevista como desculpa para tentar saber informações sobre a investigação. Daí não lhe ter dito nada até agora.

A expressão do inspetor foi-se suavizando à medida que ela falava. Considerou que Rita fora sensata em só o ter abordado depois da conclusão do caso.

— Entendo a curiosidade e agradeço o seu interesse. Nunca dei uma entrevista e tudo o que aconteceu à minha volta na altura desse caso deixou-me com ainda menos vontade de me expor.

— Percebo. Não consigo mesmo convencê-lo a participar? — perguntou

ela, com um sorriso. — Era tão bom para o *podcast*. Tenho a certeza de que ia ser um sucesso. Se preferir, podemos não falar do crime no teatro e focamo-nos apenas na investigação do Piódão.

Nem um nem outro, pensou Bruno. Entendia o interesse que o trabalho da polícia despertava, mas não seria legal nem ético partilhar publicamente detalhes sobre investigações. E a razão pela qual se mudara de Lisboa para Coimbra fora precisamente para se afastar do circo mediático que o caso do teatro espoletara. Sair da capital tinha sido uma tentativa de resgatar o anonimato perdido — bem-sucedida, de certa forma. Havia quem o reconhecesse, mas pelo menos já não tinha fotografos a seguir-lhe os passos ou jornalistas a subornar os vizinhos e amigos para fazerem declarações sobre si.

— Agradeço novamente o seu convite, mas prefiro não ser entrevistado. O meu trabalho está sujeito a confidencialidade, como deve saber.

— E se utilizarmos um nome fictício?

Bruno abanou a cabeça. Mesmo com um nome falso, assim que comessem a conversar sobre aquelas duas investigações, os ouvintes iriam facilmente identificá-lo. Rita ficou desanimada com a recusa, mas pouco depois surgiu-lhe outra ideia.

— Acha que a sua colega aceitava? Sei que ela não me pode ver nem pintada. Mas talvez faça as pazes se perceber que quero entrevistá-la? Ia ser tão excitante ter alguém da polícia no *podcast*!

Bruno exibiu uma expressão divertida, antevendo qual seria a reação de Carolina. Duvidava que o convite despertasse uma resposta positiva por parte da inspetora.

— Talvez seja melhor não lhe perguntar. A Carolina também não gosta de se expor e muito menos de falar sobre o nosso trabalho.

Rita suspirou novamente.

— Já vi que não consigo nada de vocês. Bom, pelo menos tentei! — Exclamou, encolhendo os ombros. — Muito prazer em conhecê-lo, inspetor. Se mudar de ideias, já sabe. O *Conversas à Braz* teria o maior gosto em recebê-lo como convidado.

— Obrigado.

Rita deu-lhe dois beijos repenicados e Bruno deixou o apartamento, reparando que Carolina se sentara num banco de pedra um pouco mais abaixo. A inspetora olhou demoradamente para o relógio de pulso enquanto ele se aproximava e não abriu a boca durante o caminho até ao carro. Guardaram as malas mas não se foram embora. Ainda havia dois

sítios aonde queriam ir.



Foi Miguel quem lhes abriu a porta de casa de Gabriela. Tinha olheiras profundas e um ar prostrado, arrastando os pés enquanto os levava até à cozinha.

— O Lucas está lá em cima a descansar, não dormiu nada esta noite. Eu também não, para falar verdade.

Sentaram-se de roda da mesa.

— Ele desabafou alguma coisa? — perguntou Bruno.

— Nada. Silêncio total desde que vocês saíram ontem. A miúda do Abel, a Sofia, veio cá há pouco para o ver. Estiveram aí abraçados, a chorar, e eu aproveitei para ir a casa buscar o computador, tinha uma excursão hoje mas cancelei. Acabei por reagendar as de amanhã também, não tenho cabeça. Entretanto, parece que a miúda se vai hoje embora para casa de uma tia que mora na Guarda. O Abel achou melhor tirá-la daqui durante uns tempos.

Bruno e Carolina entreolharam-se. Era uma decisão sensata afastar Sofia da aldeia naquele momento. Calcularam que a rapariga viria procurar Lucas assim que saísse da Judiciária. Tinham-na advertido que a libertação dela se tratava de uma situação absolutamente excecional, e que, até Lucas cumprir os dezasseis anos, seria melhor não estar com ele. Faltavam apenas uns dias, pelo que sugeriram que o contactasse apenas por telemóvel, de forma a conseguirem esconder o envolvimento dos habitantes da aldeia durante mais algum tempo. Pelos vistos, a rapariga ignorara por completo a advertência. Por outro lado, Bruno refletiu que o que acontecera a Lucas no dia anterior também se tratava de uma situação absolutamente excecional. Descobrira que o avô era, na verdade, seu pai. E que fora ele quem cometera o homicídio.

— Não paro de pensar porque é que a Gabriela nunca me contou nada...

— Provavelmente, por medo — respondeu a inspetora. — E vergonha. É um sentimento comum nas vítimas de abusos sexuais.

Miguel abanava a cabeça, consciente de que levaria bastante tempo a deixar de estar incrédulo com a situação.

— O Raimundo é um filho da puta.

Os inspetores não reagiram, mas concordavam.

— Nunca desconfiou de nada? — perguntou Carolina. — Nem quando ela tinha aqueles ataques de raiva?

— Não. Para mim, isso era arrependimento por ter traído o Francisco. Raiva dela própria.

— Nunca questionou a má relação com o pai?

— Achei que era por ele tratar mal a Dulce. Agora entendo de onde vinha aquela tristeza da Gabriela. Aquele vazio. Tornou-se uma pessoa apagada, não procurava ninguém, afastou-se dos amigos. Acabei por me habituar a vê-la sempre nesse estado e não questionei o porquê de ela ser assim, mas consigo olhar para trás e ver que tudo mudou quando ela ficou grávida. A Gabriela bem-disposta e feliz morreu nessa altura.

— Quando alguém passa pelo que ela passou, é impossível manter-se igual — afirmou a inspetora. — Há algo que se perde de forma irreversível.

Miguel acenou em concordância. Parecia impossível aceitar e digerir que a melhor amiga sofrera aquilo tudo, vítima do próprio pai. Eram tão próximos e ele nunca se apercebera. Mas tratava-se de uma situação tão inóspita, tão nojenta, que Miguel nem sequer a considerara.

— Coitado do miúdo. Dá dó olhar para ele. Depois disto tudo, já decidi que vou ficar responsável por ele.

— A Segurança Social vai enviar alguém para formalizar esse acompanhamento.

— É o meu nome que está no cartão de cidadão do Lucas — lembrou.

— Mas mesmo que não estivesse, pela amizade à Gabriela eu ficaria encarregue dele.

Ouviram uma porta a abrir-se no piso de cima. Pouco depois, passos na escada, e viram Lucas entrar na cozinha. Estava descalço e vestia umas calças de fato de treino cinzentas e uma *T-shirt* azul escura. Os olhos estavam vermelhos e a expressão de desalento pesou-lhes no coração. Bruno reparou, com um baque, que o vazio no olhar dele era exatamente igual ao que observara em Raimundo nessa manhã. A consciência das parecenças físicas entre ambos tinha-se tornado ácida, cada expressão lembrando-os da circunstância que originara a vida de Lucas. O inspetor levantou-se e abraçou-o.

— Vou um bocadinho até lá fora — anunciou Miguel, levantando-se.

Carolina fez um sinal de agradecimento.

— Queres comer alguma coisa? — perguntou Bruno, quando se sentaram.

— Não tenho fome.

Lucas tinha a voz apagada, desprovida de emoção, e os inspetores deram-lhe espaço para conduzir a conversa.

— Nunca mais quero falar com ele.

— Ninguém te vai obrigar — garantiu Bruno.

— Não o quero ver — murmurou, com raiva. Os olhos ficaram mais uma vez cheios de lágrimas. — Espero que fique preso o resto da vida.

— Durante muitos anos não vai sair, podes ter a certeza.

Houve um momento de silêncio grande. Lucas fungou e limpou o nariz com as costas da mão.

— Foste tu que soltaste a Sofia?

— Foi uma decisão do nosso inspetor-chefe. Mas com alguma insistência da minha parte — assumiu Bruno.

— Ela agora vai para a Guarda durante uns dias. Ou semanas... Disse que não sabia bem por quanto tempo ia, mas que quer continuar a falar comigo.

Os inspetores optaram por não comentar. Depreenderam que a estadia de Sofia na Guarda talvez se prolongasse por bastante mais do que ela e Lucas pensavam. Assim que a notícia do seu envolvimento se espalhasse pelo Piódão, o mais provável era ela não conseguir voltar a viver lá. Se numa cidade já seria difícil, quanto mais numa aldeia do interior. Ao fim de um tempo, Lucas disse:

— O Miguel disse que a partir de agora ia viver comigo.

Perceberam, pelo tom, que a situação lhe causava alguma estranheza.

— Estás bem entregue, Lucas — sossegou-o Carolina. — A tua mãe adorava-o, eram grandes amigos. Tenho a certeza de que ficaria feliz com esta decisão.

— Pois...

— Vai ser bom — incentivou o inspetor. — Ele é jovem, tem um trabalho dinâmico e faz atividades ao ar-livre. Vais ver que se vão dar bem.

— Sim. Pelo menos, nunca fez mal à minha mãe.

Bruno e Carolina ficaram mudos, sem saber como reagir. Foi como se tivessem levado um soco no estômago. Instantes depois, Lucas perguntou:

— Vou ter de ir ao tribunal?

— Sim, terás de testemunhar. Mas eu e a Carolina também estaremos lá nesse dia e explicamos-te tudo com calma, não te preocupes.

— Vou ter de o ver nessa altura?

— Sim, o Raimundo estará presente na sala. Mas vai estar algemado e, caso não queiras, não terás de falar com ele.

— Ainda bem. Ontem percebi que conversa é que a minha mãe queria ter comigo naquele dia. Ia contar-me sobre o meu pai.

Lucas fizera um esgar com a cara ao dizer a palavra *pai*. Nunca chamara *pai* a ninguém e, desde o dia anterior, tomara consciência de que nunca o iria fazer. Pai era quem amava e cuidava. Raimundo amara-o e cuidara dele, mas o que fizera a Gabriela apagara tudo isso. Lucas decidira que ia esquecer todo o carinho e afeto que Raimundo lhe dera, como forma de respeitar a mãe. Um tributo ao sofrimento que Gabriela aguentara, calando a mágoa para proteger o filho. Haveria maior gesto de amor do que esse?

Bruno esticou o braço e afagou-lhe o ombro.

— Nós vamos voltar agora para Coimbra, mas continuamos disponíveis se precisares de alguma ajuda. Tens o meu número, portanto ligas-me quando quiseres. Combinado?

— Sim — respondeu, com um sorriso triste. — Achas que... Hum. Um dia posso ir ver-te a Coimbra?

Bruno anuiu com a cabeça.

— Claro. Vais lá ter connosco e mostro-te melhor o nosso local de trabalho.

— Fixe — reagiu, mais animado.

Quando chegaram à entrada de casa, Lucas apertou a mão a Carolina. Depois, virou-se para Bruno e fitou-o durante algum tempo, hesitante sobre a forma de se despedir. Instantes depois, abraçou-se a ele com força.

— Obrigado — disse, com a voz embargada. Encostou a cabeça ao peito do inspetor e deixou-se ficar assim.

— Estou aqui, Lucas.

O abraço prolongou-se por bastante tempo, adiando o momento da despedida. Nenhum se queria afastar do outro.

— Posso mesmo ir ter contigo quando me apetecer? — perguntou Lucas, limpando os olhos.

— Claro que sim. Promessa de inspetor — sorriu Bruno, erguendo a mão. Lucas juntou a dele e entrelaçaram os dedos.

Ao fim de uns minutos, abriram a porta e saíram, acenando-lhe pela última vez. Assim que começaram a descer a rua, Carolina olhou para Bruno e viu-o lavado em lágrimas.

Antes de chegarem ao largo, pararam junto a uma fonte de pedra. Carolina estendeu-lhe um lenço de papel e Bruno agradeceu, enxugando os olhos.

— Ele vai ficar bem — disse Carolina, pondo-lhe a mão nas costas. — O Miguel é um tipo como deve ser, vai tomar bem conta dele.

— Espero que sim. O Lucas é tão novo — murmurou, com um nó no estômago.

— Tu ainda eras mais novo quando perdeste os teus pais. O miúdo é rijo, não te preocupes — disse Carolina. — Vai sofrer bastante, mas há de ultrapassar isto tudo.

— Só que eu tinha os meus avós comigo. O Lucas nem mãe, nem pai, nem avós.

Carolina juntou o corpo ao dele e abraçou-o.

— Vá... Não fiques a remoer nisto. Anda, vamos até lá baixo ver se encontramos o Pedrinho.

Desceram o resto do caminho até à praça central e entraram na casa que acolhia o escritório da junta de freguesia.

— Olha a minha inspetora favorita! — exclamou Pedrinho, assim que os viu entrar no gabinete principal.

Vasco e Verónica levantaram-se e cumprimentaram os inspetores.

— Obrigada pelo vosso trabalho — disse a presidente. — Foi muito importante para todos nós ver esta situação esclarecida.

— Apenas cumprimos a nossa obrigação — devolveu Carolina.

— Há uma coisa que ainda não conseguimos entender — afirmou Vasco. — Afinal, o que levou a Gabriela a despedir-se? Tinha que ver com o

Raimundo?

— Acreditamos que sim.

— Mas apenas pelo facto de não querer discursar sobre ele na cerimónia?

— É provável que a Gabriela estivesse com um esgotamento — justificou Bruno. — Num estado de ansiedade muito grande. E isso talvez lhe tenha afetado o discernimento. Mas, tendo em conta que ia apresentar queixa contra o Raimundo, também é provável que se tenha despedido para se poder afastar do Piódão o mais rapidamente possível.

Vasco acenou, em concordância.

— É capaz. Duvido que quisesse ficar por aqui depois de se saber o que o pai lhe fez.

— Agora já me podem contar tudo? — pediu Pedrinho, ansioso. — Não se esqueçam do que prometeram!

— E se formos lá fora buscar um gelado? Assim conto-te tudo pelo caminho — sugeriu Carolina.

— Sim! Posso?

Verónica acedeu e Pedrinho pegou na mão da inspetora e saíram.

— É um miúdo incrível — comentou Bruno.

— Obrigada — agradeceu ela. — Há momentos muito difíceis, mas os outros compensam tudo.

Vasco aproximou-se e rodeou-lhe a cintura com o braço.

— Temo-nos um ao outro e isso faz toda a diferença. Funcionamos como uma equipa em tudo: em casa e aqui na junta.

— Isso nota-se. O Pedrinho é um privilegiado por vos ter.

Pela primeira vez, Bruno viu Verónica sorrir. A expressão da presidente suavizara-se, fazendo-a parecer mais atraente. Mais humana.

— O nascimento dele foi a maior alegria das nossas vidas. E pensar que houve tanta gente a aconselhar-nos a interromper a gravidez. A nós, nunca nos passou pela cabeça — confessou ela. — E nem tem que ver com questões religiosas, somos ambos ateus. Quando a médica nos disse que o bebé tinha trissomia, ficámos sem chão. Não conhecíamos ninguém nem tínhamos informações sobre o assunto, mas a partir desse momento começámos a amá-lo ainda mais. Era um filho nosso, uma vida gerada pelo nosso amor. Só queríamos que nascesse para o podermos conhecer e abraçar.

Bruno sorriu-lhe. Esperava um dia também conseguir ser pai. Admitiu para si próprio que não sabia qual seria a sua reação perante um cenário

semelhante.

— Há dias muito difíceis, evidentemente — comentou Vasco. — Quem afirma que ter um filho com trissomia é igual a ter um filho *normal*, está errado. Não é igual, claro.

— É mais desafiante — concordou a mulher. — Mas não é pior.

— Exato. O único ponto em que é igual é no sentimento. Tenho a certeza de que o amor que sentimos pelo nosso filho é exatamente o mesmo que os outros pais sentem.

— O que é mais difícil? — perguntou o inspetor. Continuava a equacionar aquela hipótese e a tentar identificar que decisão tomaria.

— O Pedrinho exige muita atenção. E não é nem nunca conseguirá ser totalmente independente. Sempre o estimulámos bastante, mas, apesar de ser relativamente desenvolvido, não terá autonomia para viver sozinho. No entanto, nunca, em momento algum, nos arrependemos de ter prosseguido com a gravidez. Só de imaginar a nossa vida sem ele... — disse Vasco, abanando a cabeça.

— Se me permitem, gostava de vos fazer uma pergunta — começou Bruno. Tratava-se de uma curiosidade e esperou que nenhum deles levasse a mal. — O que lhe acontecerá quando vocês já cá não estiverem?

— Já ponderámos várias vezes isso — respondeu Verónica. — Se tivéssemos mais filhos, a perspetiva era mais tranquilizante, eles responsabilizar-se-iam pelo Pedro após a nossa morte. Mas não é o caso.

— Felizmente, há associações que estão despertas para este tipo de casos. O mais provável é ele ficar à guarda de uma delas.

Alguns minutos depois, Bruno pigarreou e mudou ligeiramente o tom. Independentemente da conclusão da investigação, havia uma advertência que tinha de ser feita.

— Daqui em diante, aconselho-vos a serem mais rigorosos com as despesas da junta. A nossa unidade de combate à corrupção irá fazer-vos passar um mau bocado, caso haja uma denúncia.

Verónica e Vasco não disseram nada, limitando-se a acenar em sinal de compreensão.

— Não é difícil descobrir o rasto do dinheiro, sobretudo num país pequeno como o nosso. Numa zona como esta, ainda mais fácil será.

— Certo — respondeu Verónica, assumindo de novo uma expressão rígida.

Passado um tempo, Carolina surgiu com Pedrinho.

— Já sei tudo! Logo ao jantar vou contar-vos. E quando for crescido,

também vou investigar crimes.

Foi ter com os pais e encaixou-se no meio deles, olhando para um e para outro. A alegria dele era contagiante, e foi de sorriso nos lábios que os inspetores se despediram da família Falcão.

Quando regressaram ao largo, havia várias pessoas por ali, e repararam que a esplanada do Solar do Abel estava à pinha. Era bom sinal. A detenção de Sofia não estava ter repercussões no negócio.

Cândido viu-os através da janela do posto de turismo e veio ter com eles.

— Estão de partida?

— Sim.

— Que dia... Nenhum de nós se irá esquecer do que vimos ontem. Pensar que o Raimundo, que era tão nosso amigo, fez aquilo...

— Há coisas incompreensíveis.

— Que expressão tão acertada: incompreensível. O ser humano é assim, verdade? Difícil de entender — murmurou Cândido. — Às vezes, não é mesmo possível compreender as pessoas. O que as leva a fazer determinadas coisas. Tenho refletido bastante sobre isso.

— Temos de ir. Cuide de si — despediu-se Carolina, estendendo a mão.

— Ó minha cara inspetora, dê cá dois beijos. Foi um prazer conhecê-los, embora o motivo seja lamentável. Será que alguma vez os voltaremos a ver por aqui?

— Talvez — respondeu Bruno. — É uma aldeia magnífica.

— Ah, se é. Se é... Vão com Deus e sejam felizes.

Cândido ficou a acenar-lhes da porta do posto de turismo e os inspetores pararam assim que chegaram à estrada, voltando-se para observar pela última vez o Piódão. As casinhas acastanhadas e azuis dispostas pela encosta constituíam um retrato pitoresco e acolhedor, como se fizessem parte do cenário de um filme. Os crimes de Raimundo não poderiam manchar aquela imagem, a beleza da aldeia suplantava todo o horror perpetrado por ele. Foi com este pensamento que Bruno e Carolina entraram no carro e partiram em direção a Coimbra.



Foram calados durante grande parte do caminho. As memórias do Piódão estavam coladas bem fundo no seu íntimo, impedindo-os de

dialogar, como se aquele tempo fosse um luto necessário para tudo o que acontecera naquela semana.

Quando já estavam quase a chegar à cidade, Carolina comentou, casualmente:

— Gostava de ter sabido quem foi o responsável pelos tais roubos no verão passado.

— Acredito que tenha sido algum veraneante. Se ocorreram apenas durante esses meses...

— Ainda pensei, por uns momentos, que o Raimundo pudesse estar envolvido nisso, como cúmplice.

— Não me parece descabido. Se fez o que fez à própria filha, não me parece que tivesse grandes problemas em roubar.

Chegaram a Coimbra e estacionaram em frente à sede, nos lugares reservados aos funcionários.

— Como correu a entrevista hoje de manhã? — perguntou ela, retirando o cinto de segurança.

— Correu bem. Pelo menos, pareceu-me que sim, mas não me deram *feedback*. Agradeceram a disponibilidade e ficaram de me dar uma resposta em breve.

A inspetora assentiu.

— Apetece-te mesmo ir?

— Sim. Preciso de sair daqui.

— Podes tirar uns dias de férias.

Bruno sabia que não era suficiente. Precisava de um distanciamento maior.

— Férias não é sinónimo de mudança.

— Mas dão-nos discernimento e uma perspetiva mais clara sobre as coisas — argumentou Carolina.

— Ir de férias não vai alterar a minha vontade. Neste momento, tenho a certeza disso.

— Não podes ter a certeza, Bruno. Estás condicionado pelo cansaço e pelo desgaste emocional desta última semana, não se trata de uma decisão isenta.

— Tenho a certeza de que quero sair de Coimbra.

— Há fases assim, em que estamos menos motivados, e não é bom tomar decisões nessas alturas.

— Ouve, não vale a pena insistirmos neste assunto. Nem sei se vou passar no processo de seleção. Logo se vê.

Bruno seguiu a pé até casa, desejoso de se reinstalar nas suas águas-furtadas. Carolina alterara o discurso relativamente à possibilidade de ser transferido para outra cidade, já não parecia tão segura de que a mudança dele seria a melhor hipótese. Abanou a cabeça e afastou aquele pensamento. Não valia a pena utilizar o seu tempo com o que Carolina sentia ou acreditava em relação àquele tema. A sua decisão estava tomada: caso o aceitassem, aceitaria a transferência. Ponto final.

Deixou a mala na entrada e foi até à janela da sala, permitindo-se ficar ali encostado a ver Coimbra iluminada. Foi percorrido por um sentimento de despedida, como se se tratasse de uma das últimas vezes em que observaria aquela vista. Algo no seu interior lhe sussurrou que se anunciava uma mudança para breve e Bruno abriu os braços e sorriu, pronto a acolher o que aí vinha.

UMA SEMANA DEPOIS

Quinta-feira

O dia amanheceu quente e solarengo, um dia luminoso de primavera. Tinham chegado os primeiros dias de maio.

Bruno acordou às sete e sentou-se defronte da janela com a chávena de café na mão. Dormira profundamente e levantara-se da cama sem dificuldade. A perspetiva de poder sair de Coimbra num futuro próximo acrescentara-lhe ânimo à rotina.

O enterro de Gabriela decorrera uns dias antes, em Arganil, e tanto ele como Carolina tinham feito questão de estar presentes e de dar apoio a Lucas. Fora uma cerimónia curta e com pouca gente, e no final o inspetor conversara com o rapaz à porta do cemitério. Lucas regressara presencialmente às aulas e aos treinos de futebol, e aceitara ser acompanhado por uma psicóloga durante uns tempos. Tomara a decisão com bastante relutância e notava-se a descrença no efeito positivo que as consultas lhe poderiam trazer, mas havia uma vontade clara de reagir perante o que lhe acontecera. Bruno anunciara-lhe que talvez se fosse embora para outra cidade, mas que manteriam o contacto e poderiam visitar-se sempre que quisessem.

— É muito longe? — perguntara-lhe o miúdo.

— Não — descansara-o Bruno. — Fica a cerca de uma hora de Coimbra.

Tomou o pequeno-almoço, saiu do prédio com o blusão na mão e realizou, com agrado, que não precisaria de o vestir. A temperatura estava amena. Havia uma leveza a acompanhá-lo no percurso até à sede da PJ, como se nem chegasse a tocar com os pés na calçada.

A meio da manhã, quando se levantou para ir buscar mais um café, sentiu o telemóvel vibrar no bolso das calças. Quando viu o contacto no

ecrã, o coração disparou. Deixou a sala e foi até ao corredor para conseguir falar à vontade.

— Inspetor Saraiva?

— Sim, sou eu.

Bruno reconheceu a voz da inspetora-chefe que o entrevistara na semana anterior.

— Muito bom dia, espero que se encontre bem. Estou a contactá-lo para o informar de que foi selecionado para preencher a vaga de inspetor.

— Obrigado!

— Fizemos uma análise muito rigorosa de todos os candidatos e o inspetor pareceu-nos ser a pessoa com o perfil mais indicado. Já entrei em contacto com o seu chefe, que vai formalizar ainda esta semana o consentimento de transferência.

— Certo — respondeu Bruno. — Quando é que querem que comece?

— Como referi, temos bastante urgência em preencher este lugar. Gostávamos que se apresentasse ao serviço daqui a duas semanas. É suficiente para tratar da mudança?

— Sim, parece-me suficiente.

— Ótimo, se precisar de alguma informação, ligue-me. Podemos facilitar o seu alojamento nos primeiros tempos.

— Obrigado.

— Vemo-nos daqui a duas semanas, inspetor Saraiva. E seja muito bem-vindo à Polícia Judiciária do Porto.

AGRADECIMENTOS

Escrever este livro foi uma viagem que durou um ano e meio.

Foi um caminho longo, difícil, com sangue, suor e lágrimas, mas no qual me estruturei enquanto escritor e enquanto pessoa. Muita coisa mudou (para melhor!) durante a escrita deste livro.

Quero começar por agradecer ao médico-legista Ricardo Mendes, que voltou a responder com muita disponibilidade e generosidade a todas as minhas dúvidas.

Agradeço ao José Conceição Lopes, presidente da Junta de Freguesia do Piódão, por me ter recebido com tanta simpatia na aldeia.

Agradeço à minha querida amiga Catarina Félix por me ter acompanhado na primeira visita ao Piódão e por todo o carinho e generosidade que coloca na nossa amizade. Obrigado por me permitires dizer e *ser* tudo aquilo que quero!

Obrigado ao Diogo Morais, por me ter esclarecido (com sotaque do Norte!) em relação às hierarquias e procedimentos da GNR.

Próxima paragem: Cultura Editora! Obrigado, do fundo do coração, João, Miguel, Ana, António e Carolina, por serem um suporte tão importante e reconfortante neste caminho literário. Estou-vos mesmo muito agradecido por todo o esforço que dedicam aos meus livros e por continuarem a dar-me tanto entusiasmo e motivação. Faço um agradecimento especial ao Miguel Cardoso Pereira pelas imprescindíveis sugestões que em muito elevam a qualidade dos meus livros.

Agradeço de igual forma a todos os criadores de conteúdos que têm divulgado os meus livros, seja no Instagram, YouTube, Facebook ou TikTok. Sei que é graças a vocês que as minhas histórias chegam a tanta

gente e estou-vos profundamente agradecido por isso. É absolutamente notável o apoio e entusiasmo que vocês dão aos autores portugueses. Muito obrigado!

Quero agradecer à Vera Braga por continuar a desenhar as melhores capas do mercado literário português. Espero que a nossa colaboração se mantenha por muito tempo!

Obrigado, também, a todos os leitores que me têm contactado com mensagens tão positivas sobre os meus livros. É com muita alegria que leio os vossos comentários, não imaginam o quanto isso me motiva. Muito obrigado! Espero que as minhas histórias e personagens vos façam sempre ótima companhia.

Devo um agradecimento muito grande aos meus amigos, por continuarem a ser a melhor companhia e por nunca me cobrarem as ausências a que o meu trabalho me sujeita. Nem sempre consigo estar tão presente como desejaria, mas saibam que isso não altera nem um bocadinho o quanto eu gosto de vocês. Muito obrigado!

Mais uma vez, faço um agradecimento infinito aos meus pais, irmãos, cunhados e sobrinhos, por serem uma fonte inesgotável de amor, afeto e sentido de humor. E por continuarem a ser os leitores mais entusiastas! Dificilmente encontrarei alguém que vibre tanto com os meus livros como a minha família.

Por fim, chego a ti, querido Bernardo. Os nossos caminhos cruzaram-se na reta final da escrita deste livro, e que bom que tem sido partilhar a minha vida contigo. Estas páginas e palavras não são suficientes para conseguir descrever o quanto te amo. Obrigado pelo teu carinho infinito, pela tua serenidade e por seres tão compreensivo. Mas, acima de tudo, obrigado por me amares da forma que sempre sonhei ser amado.

Lourenço
Lisboa, 25 de fevereiro de 2024

Contents

1. [NOTA DO AUTOR](#)
2. [1](#)
3. [2](#)
4. [3](#)
5. [4](#)
6. [No dia seguinte](#)
7. [5](#)
8. [6](#)
9. [7](#)
10. [8](#)
11. [9](#)
12. [10](#)
13. [11](#)
14. [12](#)
15. [13](#)
16. [14](#)
17. [15](#)
18. [16](#)
19. [17](#)
20. [No dia seguinte](#)
21. [18](#)
22. [19](#)
23. [20](#)
24. [21](#)
25. [22](#)
26. [23](#)
27. [24](#)
28. [25](#)
29. [26](#)
30. [27](#)
31. [28](#)
32. [No dia seguinte](#)
33. [29](#)
34. [30](#)
35. [31](#)
36. [32](#)
37. [33](#)
38. [34](#)
39. [35](#)

40. 36
41. 37
42. 38
43. 39
44. 40
45. DOIS DIAS DEPOIS
46. 41
47. 42
48. 43
49. 44
50. 45
51. 46
52. 47
53. 48
54. 49
55. NO DIA SEGUINTE
56. 50
57. 51
58. 52
59. 53
60. NO DIA SEGUINTE
61. 54
62. 55
63. 56
64. 57
65. NO DIA SEGUINTE
66. 58
67. 59
68. 60
69. UMA SEMANA DEPOIS
70. 61
71. AGRADECIMENTOS

Landmarks

1. Cover